



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

VALESKA GRACIOSO CARLOS

**O PORTUGUÊS DE CÁ E DE LÁ:
VARIÉDADES EM CONTATO NA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL E PARAGUAI**

Londrina
2015

VALESKA GRACIOSO CARLOS

**O PORTUGUÊS DE CÁ E DE LÁ:
VARIEDADES EM CONTATO NA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL E PARAGUAI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C284p Carlos, Valeska Gracioso.

O Português de cá e de lá : variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai / Valeska Gracioso Carlos. – Londrina, 2015.
292 f. : il.

Orientador: Aparecida Negri Isquerdo.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Variação – Brasil – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação – Paraguai – Teses. 3. Topodinâmica – Teses. 4. Fronteiras – Teses. 5. Dialetoлогия pluridimensional – Teses. 6. Migração – Teses. 7. Línguas em contato – Teses. I. Isquerdo, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(81)-087.9

VALESKA GRACIOSO CARLOS

**O PORTUGUÊS DE CÁ E DE LÁ: VARIEDADES EM CONTATO NA
FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri
Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
UFMS

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina -
UFSC

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 23 de março de 2015.

AGRADECIMENTOS

A Deus que guia e orienta meus caminhos.

A minha família que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, em especial a minha mãe, Irene e ao meu marido, Guilherme.

Aos meus amigos, verdadeiros tesouros, que encontramos nessa jornada.

A Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo pelas valiosas orientações, pela paciência e pelos ensinamentos de vida.

Aos professores Vanderci Andrade Aguilera, Cléo Vilson Altenhofen e Felício Wessling Margotti por toda contribuição na concretização deste estudo.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, por ter permitido meu afastamento e aos colegas do Departamento Línguas Estrangeiras que me substituíram durante minha ausência.

A CAPES e a Fundação Araucária pela bolsa concedida.

Aos informantes, pois sem eles esta tese não se concretizaria.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta tese.

CARLOS, Valeska Gracioso. **O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai.** 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

O Oeste do estado do Paraná caracteriza-se por uma peculiar diversidade linguística, resultado do contato do português com as línguas dos descendentes de imigrantes europeus, oriundos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul na década de 60, e do contato com as línguas faladas na região da fronteira. Tendo em vista que nessa época muitos brasileiros migraram para o Paraguai, em busca de terras propícias para a agricultura, hoje existem cidades cuja maioria absoluta da população é formada por brasileiros. A pesquisa teve como objetivo descrever a língua portuguesa falada na região da fronteira do Brasil com o Paraguai, mais especificamente em duas localidades do Estado do Paraná: Terra Roxa e Missal, e duas do Departamento de Alto Paraná: San Alberto e Santa Rosa del Monday, buscando apurar, não só a questão do contato entre grupos sociais da fronteira, mas também a interinfluência da variedade linguística de migrantes do Sul do Brasil (variante sulista) contrastando com os que vieram das outras regiões como a Sudeste e a Nordeste (variante nortista). Portanto, entrevistamos não apenas informantes nascidos e criados nas localidades, como era de praxe em pesquisas da Dialetoologia Tradicional, ao contrário, interessou-nos documentar também a fala dos grupos móveis, ponderando a recente formação das localidades em questão. O estudo segue os pressupostos teóricos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, que busca aliar a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Para a seleção dos informantes considerou-se a dimensão diassexual (homens e mulheres), a dimensão diastrática (escolaridade até o ensino fundamental e com o ensino superior completo), a dimensão diageracional (18 a 30 e 50 a 65 anos), a dimensão diatópico-cinética (jovens nascidos da localidade e os mais velhos oriundos de outras regiões), ainda mulheres e homens jovens, paraguaios, das duas escolaridades, nascidos nas localidades paraguaias. Além da dimensão diatópica (variação atribuída a distintas localidades), e o perfil do informante, a análise dos dados foi contraposta à dimensão dialingual (duas ou mais línguas/variedades em contato), à dimensão diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres), à dimensão diarreferencial (modo de falar do informante contrastado à sua consciência linguística). A coleta de dados foi realizada *in loco*, por meio de questionários previamente definidos conforme os objetivos da pesquisa, e cartografados em cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas. Os resultados apontam que não há grandes interinfluências das línguas espanhola e guarani na fala dos brasileiros, contudo, a língua portuguesa se manifesta pelo contato e pela mídia na fala dos paraguaios. A manutenção dos traços linguísticos sulistas está diretamente ligada à geração topodinâmica e mais velha, enquanto os jovens apresentam uma preferência ao uso de variantes nortistas.

Palavras-chave: Dialetoologia Pluridimensional. Topodinâmica. Contato linguístico. Fronteira. Migrações. Português. Brasil. Paraguai

CARLOS, Valeska Gracioso. **O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai.** 2015. 292 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

The west of the state of Paraná is characterized by a peculiar linguistic diversity, which is a result of the contact of the Portuguese with the languages of the descendants of European immigrants who came from the states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul in the 1960s, as well as contact with the languages spoken in the border regions in the south of Brazil. Considering that many Brazilians migrated to Paraguay in search of land suitable for agriculture, today there are cities in Paraguay where the majority of the population is made up of Brazilians. This research aimed to describe the Portuguese language spoken in the region on the border between Brazil and Paraguay, more specifically in two locations in the state of Paraná (Terra Roxa and Missal) and two in the Department of Alto Paraná (San Alberto and Santa Rosa del Monday). The intention was to discuss not only the issue of contact between social groups on the border, but also the linguistic interconnections between migrants from southern Brazil (southern variant) in contrast to those who came from other regions such as the southeast and the northeast (northern variant). Analysis is provided not only of people who were born and raised in the localities, as is the preferred research method of traditional dialectology. In contrast, it was considered important to document the speech of mobile groups, considering the recent formation of the localities in question. This study follows the theoretical assumptions of pluridimensional and relational dialectology, which seeks to combine the diatopical variation (horizontal) with the diastratic variation (vertical), converting the traditional study of two-dimensional surface into a three-dimensional space study of linguistic variation. For the selection of the interviewees, the following were considered: the dissexual dimension (men and women); the diastratic dimension (education up to primary education and with a university degree);, the diagenational dimension (18-30 and 50-65 years), the diatopic-kinetic dimension (young people born in the locality and older people from other regions); as well as Paraguayan young women and men with both levels of education who were born in the localities. Apart from the diatopic dimension (the variation assigned to different locations), and the profile of the interviewees, the data analysis was opposed to the dialingual dimension (two or more languages/varieties in contact), the diaphasic dimension (differentiation between answers to questionnaires and free conversations), and the diareferential dimension (the way in which interviewees talk compared to their linguistic consciousness). Data collection was carried out on site by means of questionnaires, which were previously defined regarding the research objectives, and mapped in phonetic, semantic-lexical and morphosyntactic maps. The results showed that there were no major interconnections between Spanish and Guaraní in the speech of the Brazilians; however, the Portuguese language manifested itself by contact and through the media in the speech of the Paraguayans. The maintenance of southern linguistic traits was directly linked to the topodynamic and older generation, while the young people preferred to use northern variants.

Keywords: Pluridimensional dialectology. Topodynamics. Linguistic contact. Frontier. Migration. Portuguese. Brazil. Paraguay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Localização da Mesorregião Oeste-Paranaense | 19 |
| Figura 2 – Departamento del Alto Paraná | 20 |
| Figura 3 – Fronteiras do Brasil | 24 |
| Figura 4 – Mesorregião Oeste-Paranaense | 27 |
| Figura 5 – Repasse de royalties segundo municípios limítrofes ao lago de Itaipu – 2008 | 31 |
| Figura 6 – Usina Hidroelétrica Binacional Itaipu | 34 |
| Figura 7 – Fronteiras do Brasil | 35 |
| Figura 8 – Antigas Rotas Migratórias dos Luso-brasileiros | 71 |
| Figura 9 – Carta I – Rede de pontos | 73 |
| Figura 10 – Imagens de Terra Roxa – Paraná – Brasil | 75 |
| Figura 11 – Imagens de Missal – Paraná – Brasil | 77 |
| Figura 12 – Imagens de San Alberto – Paraguai | 79 |
| Figura 13 – Imagens de Santa Rosa del Monday – Paraguai | 81 |
| Figura 14 – Carta II – Perfil dos informantes | 90 |
| Figura 15 – Sistematização por meio da cruz – pluridimensional | 107 |
| Figura 16 – Perfil social dos homens nas localidades brasileiras | 107 |
| Figura 17 – Perfil social das mulheres nas localidades brasileiras | 108 |
| Figura 18 – Perfil social dos homens nas localidades paraguaias | 108 |
| Figura 19 – Perfil social das mulheres nas localidades paraguaias | 108 |
| Figura 20 – Fronteira Brasil-Paraguai | 110 |
| Figura 21 – Rodovia Supercarretera Itaipu – Paraguai | 111 |
| Figura 22 – Estrada vicinal de acesso a Santa Rosa del Monday, a partir de Los Cedrales | 113 |
| Figura 23 – Iguarias paraguaias: vori vori, mbeju, chipa so’o, sopa paraguaia | 114 |
| Figura 24 – Fronteira Paraguai/Brasil | 115 |
| Figura 25 – Localização de Missal | 116 |
| Figura 26 – Casa da Cultura e Igreja Matriz de Missal | 117 |
| Figura 27 – Terra Roxa | 118 |
| Figura 28 – Carta 001 – Ditongação em AY..... | 123 |
| Figura 29 – Carta 002 – Ditongação em EY..... | 126 |

| | |
|--|-----|
| Figura 30 – Carta 003 – Ditongação em UY | 129 |
| Figura 31 – Carta 004 – Palatização de [□□] | 132 |
| Figura 32 – Carta 005 – Palatização de [□□] | 134 |
| Figura 33 – Carta 006 – [r] em coda externa | 137 |
| Figura 34 – Carta 007 – [r] em coda interna | 139 |
| Figura 35 – Carta 008 – [r] em início de palavra | 142 |
| Figura 36 – Carta 009 – [r] forte em início de sílaba | 144 |
| Figura 37 – Carta 010 – CÓRREGO | 147 |
| Figura 38 – Carta 010a – CÓRREGO | 150 |
| Figura 39 – Carta 010b – RIACHO | 152 |
| Figura 40 – Carta 010c – SANGA | 154 |
| Figura 41 – Carta 011 – ORVALHO | 157 |
| Figura 42 – Carta 011a – ORVALHO | 159 |
| Figura 43 – Carta 011b – SERENO | 161 |
| Figura 44 – Carta 012 – NEBLINA | 163 |
| Figura 45 – Carta 012a – NEBLINA | 165 |
| Figura 46 – Carta 012b – CERRAÇÃO | 167 |
| Figura 47 – Carta 013 – MEXERICA | 171 |
| Figura 48 – Carta 013a – MEXERICA | 173 |
| Figura 49 – Carta 013b – BERGAMOTA | 175 |
| Figura 50 – Carta 014 – URUBU | 178 |
| Figura 51 – Carta 014a – URUBU | 180 |
| Figura 52 – Carta 014b – CORVO | 182 |
| Figura 53 – Carta 015 – CHIFRE | 184 |
| Figura 54 – Carta 015a – CHIFRE | 186 |
| Figura 55 – Carta 015b – GUAMPA | 188 |
| Figura 56 – Carta 015c – ASPA | 190 |
| Figura 57 – Carta 16 – CALCANHAR | 193 |
| Figura 58 – Carta 016a – CALCANHAR | 195 |
| Figura 59 – Carta 016b – GARRÃO | 197 |
| Figura 60 – Carta 017 – CUECA | 199 |
| Figura 61 – Carta 017a – CUECA | 201 |
| Figura 62 – Carta 017b – ZORBA | 203 |
| Figura 63 – Carta 018 – GELEIA | 205 |

| | |
|--|-----|
| Figura 64 – Carta 018a – GELEIA..... | 207 |
| Figura 65 – Carta 018b – DOCE | 209 |
| Figura 66 – Carta 018c – CHIMIA | 211 |
| Figura 67 – Carta 019 – LOMBADA | 213 |
| Figura 68 – Carta 019a – LOMBADA | 215 |
| Figura 69 – Carta 019b – QUEBRA-MOLAS | 217 |
| Figura 70 – Carta 020 – BOLINHA DE GUDE | 219 |
| Figura 71 – Carta 020a – BOLINHA DE GUDE | 222 |
| Figura 72 – Carta 020b – BOLITA | 224 |
| Figura 73 – Carta 020c – BOLICA | 226 |
| Figura 74 – Carta 020d – BURQUINHA | 228 |
| Figura 75 – Carta 021 – PIPA | 230 |
| Figura 76 – Carta 021a – PIPA | 232 |
| Figura 77 – Carta 021b – PANDORGA | 234 |
| Figura 78 – Carta 021c – PAPAGAIO | 236 |
| Figura 79 – Carta 022 – EU x MIM | 239 |
| Figura 80 – Carta 023 – Tu x Você | 241 |
| Figura 81 – Carta 024 – Menos x Menas | 243 |
| Figura 82 – Carta 025 – Índice de ocorrência de variantes lexicais | 247 |
| Figura 83 – Carta 026 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas]..... | 250 |
| Figura 84 – Carta 027 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Nortistas] | 253 |

LISTA DE QUADROS

| | | | |
|------------------|---|---|-----|
| Quadro 1 | – | Dados espaciais e populacionais do Brasil e do Paraguai..... | 21 |
| Quadro 2 | – | Descrição da rede de pontos da pesquisa | 72 |
| Quadro 3 | – | Perfil do informante nas localidades brasileiras | 88 |
| Quadro 4 | – | Perfil do informante nas cidades paraguaias (brasileiros e brasiguaios) | 89 |
| Quadro 5 | – | Perfil do informante nas cidades paraguaias (paraguaios) | 89 |
| Quadro 6 | – | Origem dos informantes e línguas faladas por eles nas localidades brasileiras..... | 96 |
| Quadro 7 | - | Origem dos informantes e línguas faladas por eles nas localidades paraguaias | 97 |
| Quadro 8 | – | Estrutura do Questionário Linguístico | 102 |
| Quadro 9 | – | Variáveis fonéticas cartografadas | 104 |
| Quadro 10 | – | Variáveis lexicais e variantes cartografadas | 105 |
| Quadro 11 | – | Variantes morfossintáticas cartografadas | 106 |
| Quadro 12 | – | Realização dos róticos por localidade | 145 |
| Quadro 13 | – | Ocorrências da variante arroio | 155 |
| Quadro 14 | – | Ocorrências das variantes nevoeiro e névoa | 168 |
| Quadro 15 | – | Ocorrências da variante corno | 191 |
| Quadro 16 | – | Variantes lexicais | 244 |
| Quadro 17 | - | Ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas] e [+Nortistas] na fala dos paraguaios..... | 252 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E SOCIAIS EM ÁREA DE FRONTEIRA | 18 |
| 1.1 CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS E FORMAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO DE PESQUISA | 21 |
| 1.1.1 O Oeste Paranaense | 27 |
| 1.1.2 O Alto Paraná | 31 |
| 1.2 A FRONTEIRA: TERRITÓRIO GEOGRÁFICO E SOCIAL | 34 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 39 |
| 2.1 LINGUAGEM LÍNGUA E FALA | 39 |
| 2.2 LÍNGUA E DIALETO | 43 |
| 2.3 LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO | 45 |
| 2.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 49 |
| 2.4.1 Sob a Perspectiva da Dialectologia | 51 |
| 2.4.2 Sob a Perspectiva da Sociolinguística | 60 |
| 2.4.3 Dialectologia Pluridimensional | 63 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 68 |
| 3.1 DIMENSÃO DIATÓPICA: A DEFINIÇÃO DA REDE DE PONTOS | 69 |
| 3.1.1 Terra Roxa (Br01) | 74 |
| 3.1.2 Missal (Br02) | 76 |
| 3.1.3 San Alberto (Py01) | 78 |
| 3.1.4 Santa Rosa del Monday (Py02) | 79 |
| 3.2 PERFIL DOS INFORMANTES: DIMENSÕES DIASSEXUAL, DIASTRÁTICA, DIAGERACIONAL DIATÓPICO-CINÉTICA E DIALINGUAL | 81 |
| 3.2.1 Dimensão Diassexual | 82 |
| 3.2.2 Dimensão Diastrática | 83 |
| 3.2.3 Dimensão Diageracional | 84 |
| 3.2.4 Dimensão Diatópico-Cinética | 85 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 3.2.5 | Dimensão Dialingual | 86 |
| 3.3 | QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO, DIMENSÃO DIAFÁSICA, DIARREFERENCIAL..... | 98 |
| 3.3.1 | Questionário Fonético-Fonológico | 98 |
| 3.3.2 | Questionário Semântico-Lexical | 99 |
| 3.3.3 | Questionário Morfossintático..... | 100 |
| 3.3.4 | Dimensão Diafásica (QFF, QSL, QMS, Narrativas e Leitura) | 101 |
| 3.3.5 | Dimensão Diarreferencial (Questionário de Atitudes Linguísticas)..... | 101 |
| 3.4 | ENTREVISTAS E TRATAMENTO DOS DADOS | 102 |
| 3.5 | EXPERIÊNCIA DE CAMPO E O PERCURSO DA COLETA DE DADOS..... | 108 |
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS | 120 |
| 4.1 | VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS | 122 |
| 4.2 | VARIÁVEIS SEMÂNTICO-LEXICAIS | 146 |
| 4.3 | VARIÁVEIS MORFOSSINTÁTICAS | 237 |
| 4.4 | ÍNDICE DE OCORRÊNCIA DAS VARIANTES SEMÂNTICO-LEXICAIS COM MARCAS +NORTISTAS E + SULISTAS..... | 244 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 254 |
| | REFERÊNCIAS | 258 |
| | APÊNDICE | 256 |
| | APENDICE A - Ficha do Informante – ALF-BR PY | 266 |
| | APENDICE B - Questionário fonético-fonológico - QFF | 268 |
| | APENDICE C - Questionário Semântico-Lexical - Qsl | 272 |
| | APENDICE D - Questionário Morfosintático – Qms | 289 |
| | APENDICE E - Questionário Atitudes Linguísticas | 291 |

INTRODUÇÃO

Ser capitã desse mundo
 Poder rodar sem fronteiras
 Viver um ano em segundos
 Não achar sonhos besteira
 Me encantar com um livro,
 que fale sobre vaidade
 Quando mentir for preciso,
 poder falar a verdade

Maria Gadú

O homem, ao construir suas relações sociais na e pela linguagem, favorece o exame das relações entre língua e sociedade, entre língua e pensamento e, ainda, o contato entre línguas (SILVA-CORVALÁN, 1995).

Dos 12 países da América do Sul¹, o Brasil faz fronteira com nove, dos quais apenas dois (Guiana e Suriname) não têm a língua espanhola como língua oficial. Ao contextualizar o Brasil no cenário latino americano, sob a perspectiva geográfica, devemos considerar os contatos linguísticos que se fazem por meio dessas fronteiras. Esses espaços, delimitados historicamente, expressam tensões sociais, negociações e interações diárias. Se o homem é um ser social, as fronteiras também são sociais, pois nelas convivem diferentes grupos sociais.

A natureza da fronteira, ainda que seja prioritariamente para delimitar geográfica e politicamente territórios, é, por vezes, contraditória. Sob um ponto de vista, ela é limitadora; sob outro, remete ao contato territorial. Por isso, pode-se definir uma fronteira como um espaço de contatos entre grupos sociais, entre línguas e entre culturas, como pondera Sturza (2006, p.26),

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive, muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações.

Brasil e Paraguai são países fronteiriços que compartilham aspectos da mesma história e, conseqüentemente, se assemelham pela colonização, por

¹ A América do Sul está constituída por 12 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Ressalte-se que a Guiana Francesa é um departamento ultramarino da França e o arquipélago conhecido como Ilhas Malvinas ou Falkland Islands é um território ultramarino que pertence a Grã-Bretanha.

conflitos, pela mestiçagem e pelo contato linguístico entre as variedades do guarani, do espanhol/castelhano², do português e das línguas de imigração.

Para a compreensão dessa realidade linguística, é preciso que sejam recuperados, historicamente, aspectos do modo como a fronteira Brasil/Paraguai foi se consolidando. Originalmente, a região era habitada por índios da etnia guarani e, a partir do século XVII, passou a ser disputada pelas Coroas Espanhola e Portuguesa. As delimitações territoriais da região foram se definindo ao longo de dois séculos. Como se configura atualmente, a fronteira internacional do Brasil com o Paraguai se estabeleceu após a Guerra do Paraguai (1864-1870) com o Tratado de Paz firmado entre Brasil e Paraguai, em 1872, e estende-se de Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, até Corumbá, no Estado do Mato Grosso do Sul.

As relações sociais nessa fronteira, desde o descobrimento da América, foram pautadas no contato entre variedades de muitas línguas, sobretudo, entre as variedades das línguas do colonizador (português, espanhol) e do colonizado (guarani) e, posteriormente, entre as variedades das línguas de imigração (alemão e italiano) ainda presentes na região, e suas respectivas variedades. Na atualidade, a fronteira entre o Brasil e o Paraguai configura-se por movimentos migratórios, circuitos comerciais e pela miscigenação dos grupos sociais que habitam suas cercanias.

Nesse contexto, o contato linguístico que se opera na região é um fenômeno que merece atenção, se considerado o fato de que “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (BRANDÃO, 1991, p.5). Além disso, é preciso ponderar que uma fronteira geográfica nem sempre coincide com a fronteira linguística ou cultural, pois a língua e os costumes de um grupo social são adquiridos inconscientemente no contato com o outro e, conseqüentemente, não podem ser abordados pelos limites de natureza administrativa.

Para este estudo fez-se um recorte da faixa da fronteira internacional que divide o estado do Paraná com o Paraguai, mais especificamente a mesorregião Oeste do Paraná e o departamento del Alto Paraná. A área selecionada cobre aproximadamente 170 quilômetros de fronteira e tem como divisa o rio Paraná.

² Castelhana e espanhol são nomenclaturas utilizadas para designar a mesma língua.

Com o intuito de compreender as relações linguísticas na região, fez-se necessário conhecer o processo de colonização e de ocupação dessa região de fronteira³. A região Oeste do Paraná foi efetivamente colonizada no século XX fomentada pelo movimento “Marcha para o Oeste” durante o primeiro período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Pode-se afirmar que foi povoada basicamente por duas frentes: a cafeeira, composta por paulistas e mineiros, vindos pelo Norte do Paraná e a agropecuarista, representada pelos gaúchos, vindos do Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina. De acordo com o exposto, a mesorregião Oeste do Paraná teve ao norte influências nortistas⁴, como a cidade de Terra Roxa e, ao sul, influências sulistas, como a cidade de Missal. De forma muito semelhante, no Paraguai, o Departamento del Alto Paraná foi colonizado durante o governo de Getúlio Vargas, período em que o governo paraguaio cria uma política de colonização denominada de *Marcha hacia el Este* (Marcha ao Leste) que foi fundamental para o povoamento dessa área, assim como a intensiva colonização agrícola iniciada nos anos 60 do século XX, e o incentivo da ida de brasileiros para a região.

É importante, também, ponderar que essa parte da fronteira apresenta algumas características próprias. Muitos brasileiros, que tiveram suas casas desapropriadas, devido à construção da usina Hidrelétrica de Itaipu, adquiriram terras mais baratas no país vizinho. Em decorrência das diversas emigrações na região, surgem os chamados “brasiguaios⁵”, ou seja, filhos de brasileiros e de imigrantes europeus que emigraram para a faixa da fronteira do lado paraguaio. Já nascidos no Paraguai, que, por diversas razões, ao retornarem ao Brasil, não são aceitos pelos brasileiros e acabam se tornando um problema social na região (WAGNER, 1990; ALBUQUERQUE, 2005; DALINGHAUS, 2009). A miscigenação é muito intensa nessa fronteira onde é comum a presença de brasileiros com mãe paraguaia e pai brasileiro, ou paraguaios cuja mãe é brasileira e o pai é paraguaio. Outro fator característico é a busca de escolas por brasileiros no Paraguai e a de assistência médica por paraguaios no Brasil. Em suma, o fluxo entre

³ O detalhamento dos aspectos sócio-históricos da região consta do Capítulo 1.

⁴ Neste trabalho considera-se sulista as influências vindas do sul do Brasil, sobretudo do estado do Rio Grande do Sul e nortista, as oriundas das demais regiões do Brasil.

⁵ Há muitas outras definições para brasiguaios. A apresentada refere-se à denominação empregada pelos habitantes da região Oeste do estado do Paraná para nomear os filhos dessa categoria de emigrantes, nascidos no Paraguai.

os dois países é abundante. É a fronteira mais movimentada do país⁶. Estima-se que 20 mil pessoas utilizam a Ponte da Amizade⁷ por dia. Dessa forma, devido ao tipo de colonização do Oeste paranaense, convivem, na região, além das variedades da língua portuguesa, da língua espanhola e da guarani, as línguas de imigração, sobretudo, o italiano e o alemão.

O interesse pela realização deste estudo surgiu da experiência desta pesquisadora (CARLOS, 2008; 2009; NIESCIORUK; CARLOS, 2010) com pesquisas sobre atitudes linguísticas na região fronteira entre Guaíra (Paraná) e Salto de Guairá (Paraguai) e em Barracão (Paraná) e Bernardo de Irigoyen (Argentina). Durante a realização dessas pesquisas verificamos que nessas faixas fronteiriças havia situações de bilinguismo, interinfluências linguísticas e culturais e concluímos que paraguaios e argentinos apresentam um maior domínio da língua portuguesa, enquanto os brasileiros, em sua maioria, não falam o espanhol. Assim, com o intuito de aprofundar estudos acerca das relações linguísticas nessa região de fronteira, nasceu a ideia de pesquisar a língua portuguesa falada nessa área, o que deu origem a esta tese.

Duas hipóteses embasaram este trabalho, sendo a primeira a de que a variedade da língua portuguesa falada na região de fronteira apresenta influências da língua espanhola. A segunda hipótese está pautada na crença de que a variedade da língua portuguesa falada nas localidades ao norte (Terra Roxa e San Alberto) se assemelha às variedades encontradas no Norte paranaense e na região Sudeste do Brasil, assim como a variedade da língua portuguesa falada nas localidades ao sul (Missal e Santa Rosa del Monday) se assemelham às variedades registradas no estado do Rio Grande do Sul, devido à mobilidade espacial gerada por meio das rotas de migração e da colonização da região.

Centrando-se nas relações sociais que se realizam neste tipo de região, e por meio das hipóteses desta pesquisa, foram elaboradas as seguintes perguntas de pesquisa: 1) O que acontece com a língua portuguesa ao entrar em contato com o espanhol e o guarani? 2) São mantidas as variedades da língua portuguesa trazidas pelos imigrantes no século passado? 3) A geração jovem

⁶ <http://bandnewsfmcuritiba.com/mais-movimentada-do-brasil-triplice-fronteira-no-parana-tem-um-dos-piores-esquemas-de-seguranca-do-pais/>
<http://www.afronteira.com/br/noticias/cidade/pesquisa-vai-revelar-perfil-humano-na-fronteira%20entre-brasil-e-paraguai>

⁷ A Ponte da Amizade, construída entre 1959 a 1965, sobre o rio Paraná, liga a cidade de Foz de Iguaçu, Brasil, à Ciudad del Este, no Paraguai.

também as mantêm? 4) A variante da língua portuguesa falada no Paraguai é a mesma falada do outro lado da fronteira, no Brasil? 5) Qual é o *status* dessas variedades, sejam em contato com o espanhol e com o guarani ou com as línguas de imigração? 6) Os brasileiros da região de fronteira falam o espanhol e o guarani? 7) Será que todos os paraguaios são bilíngues, ou seja, falam o espanhol e o guarani? 8) Ou são plurilíngues, falando ainda o português? 9) Homens falam diferentemente de mulheres? 10) Em quais situações? 11) A escola pode influenciar a fala desses imigrantes?

Em busca de respostas e para aprofundar o estudo das relações linguísticas na fronteira, eleita como espaço de pesquisa, esta tese objetiva contribuir para descrição das variedades da língua portuguesa em contato nesse cenário fronteiriço, mais especificamente na área que abrange o Oeste do estado do Paraná/Brasil e o Leste do departamento del Alto Paraná/Paraguai.

Como objetivos específicos, pretendemos (i) identificar a natureza de fatores que podem favorecer ou inibir a inovação e a conservação de traços linguísticos, considerando as dimensões diatópica e sociocultural dos fenômenos descritos e (ii) registrar as interinfluências culturais e linguísticas latentes na área investigada.

Para a realização da pesquisa foram selecionadas quatro localidades, duas no Paraguai e duas no Brasil, respeitando o eixo Norte/Sul, ou seja, uma localidade ao norte da fronteira no Paraguai: San Alberto (PY01), e uma ao norte da fronteira no Brasil: Terra Roxa (BR01); uma localidade ao sul da fronteira no Paraguai: Santa Rosa del Monday (PY02), e uma ao sul da fronteira no Brasil: Missal (BR02). Partimos da hipótese de que as localidades ao norte (San Alberto-PY e Terra Roxa-BR) apresentam variedades linguísticas semelhantes, assim como apresentam semelhanças entre si as localidades ao sul (Santa Rosa del Monday-PY e Missal-BR), devido às rotas de migração e à colonização da região.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, que se seguem à introdução.

No primeiro capítulo, apresentamos dados geográficos, históricos e sociais da área investigada. Inicialmente, traçamos um comparativo entre os dois países para delimitar a área de estudo. Partimos da região como um todo, pontuando de forma geral os aspectos da colonização portuguesa e espanhola na região no século XVI. Em um segundo momento, abordamos separadamente o

povoamento e a formação dos municípios da região Oeste do Paraná e da região leste do departamento del Alto Paraná. Finalizamos o capítulo discorrendo sobre os conceitos de fronteira adotados no âmbito deste estudo.

No segundo capítulo, trazemos princípios teóricos que embasam as pesquisas de cunho dialetológico, geossociolinguístico, perpassando aspectos que envolvam o contato linguístico e o bilinguismo.

O terceiro capítulo contém a descrição dos percursos teórico-metodológicos que guiaram a pesquisa, tais como a rede de pontos, o perfil dos informantes, o instrumento e a trajetória para a coleta de dados, e o tratamento do *corpus*.

Na sequência, no quarto capítulo, encontram-se a descrição e a análise dos dados, que são ilustrados com cartas linguísticas.

Finalmente, apresentamos as conclusões da pesquisa. Seguem-se as referências utilizadas e os apêndices.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E SOCIAIS EM ÁREA DE FRONTEIRA

As fronteiras da minha linguagem são
as fronteiras do meu universo.

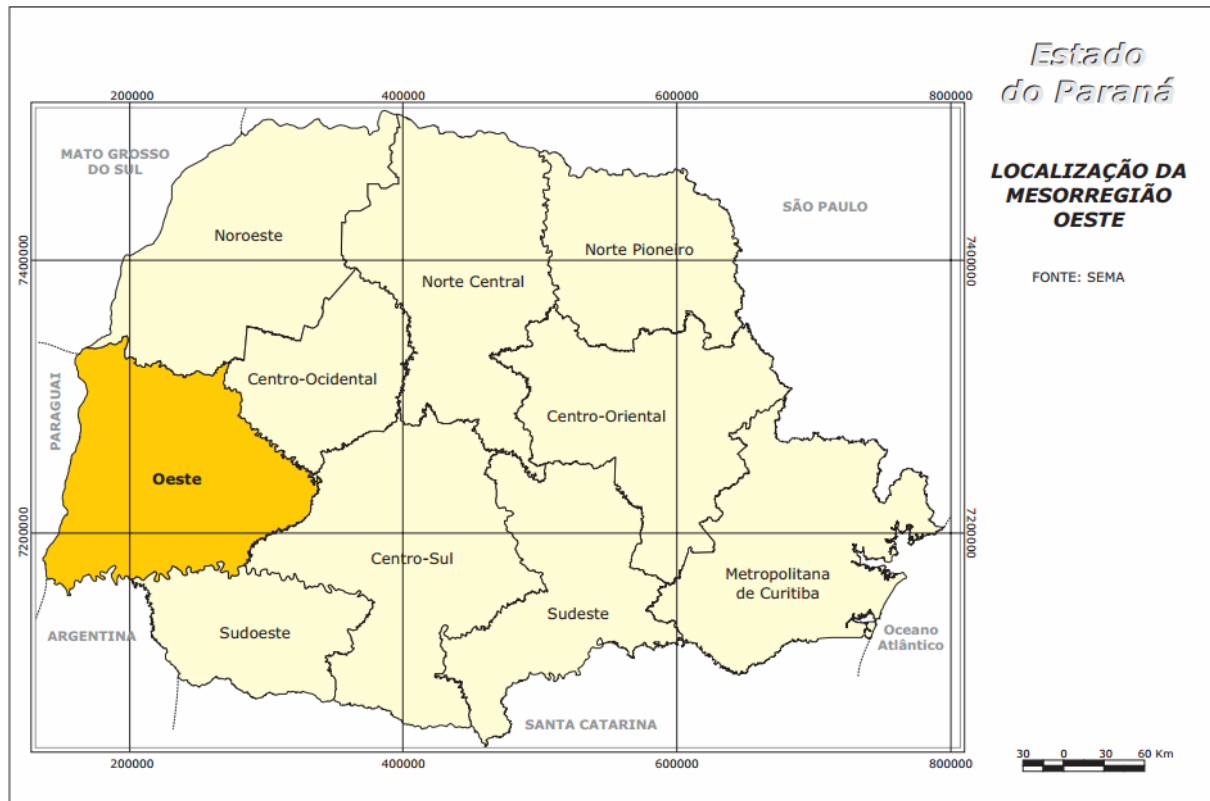
Ludwig Wittgenstein

Este capítulo trata dos processos de ocupação e da formação do território de pesquisa, que engloba parte do estado do Paraná, Brasil, e parte do departamento del Alto Paraná, Paraguai.

O Paraná é um dos 27 estados brasileiros e pertence à região Sul do país, limitando-se a Noroeste com o estado do Mato Grosso do Sul, ao Norte e a Leste com o estado de São Paulo e ao Sul com o estado de Santa Catarina. O Paraná ainda faz divisa com dois países: Argentina a Sudoeste e Paraguai a Oeste. Ademais é banhado pelo oceano Atlântico a Leste. O Estado do Paraná divide-se em 39 microrregiões e 10 mesorregiões, subdivididas em 399 municípios (IBGE, 2014).

Este estudo foi realizado na mesorregião Oeste, destacada na figura 1.

Figura 1 – Localização da Mesorregião Oeste Paranaense

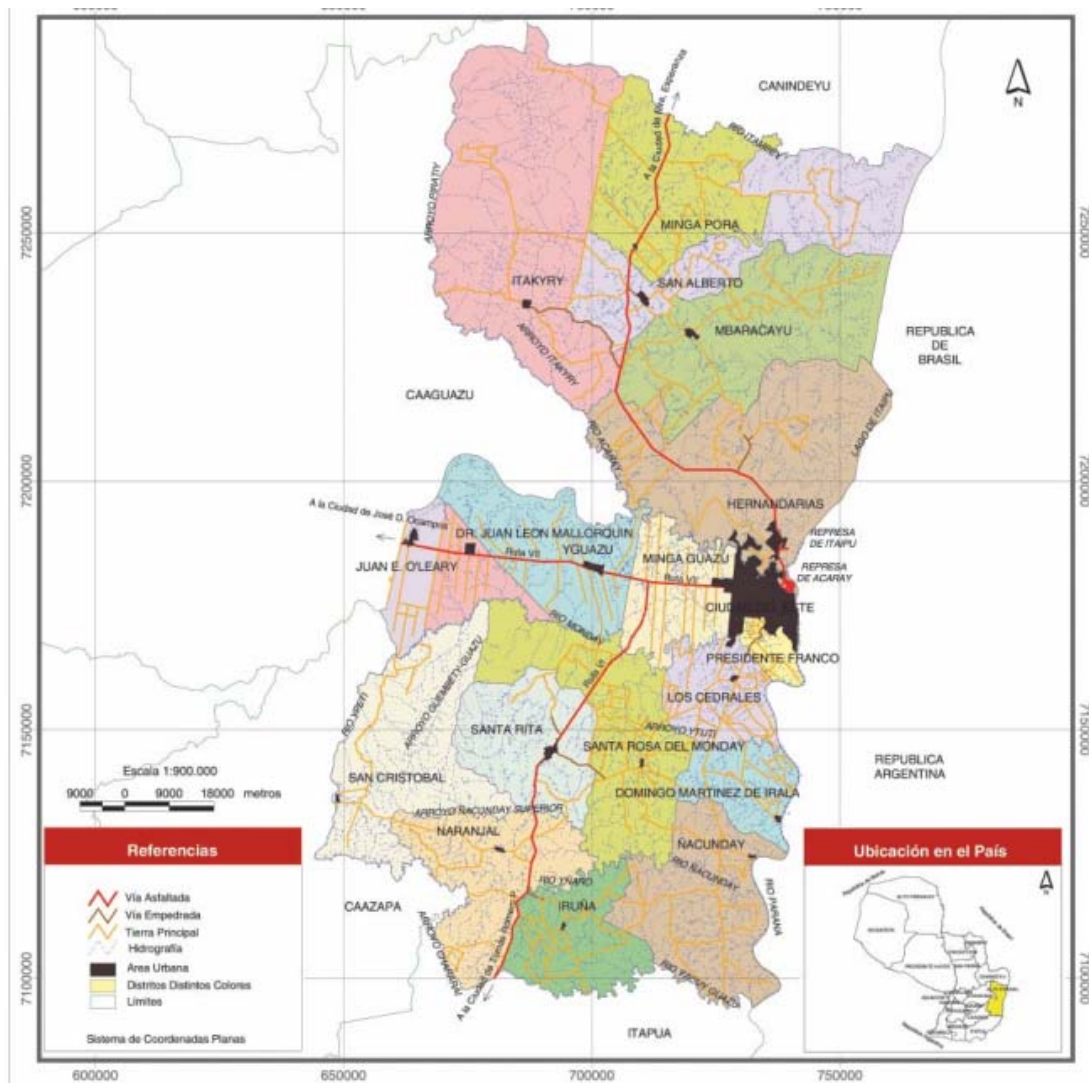


Fonte: IPARDES

http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_sumario_executivo.pdf

O Alto Paraná é um dos 17 departamentos do Paraguai, limitando-se ao norte com o departamento de Canindeyú, com o Brasil e a Argentina a leste, ao sul com o departamento de Itapúa, ao sudeste com o departamento de Caazapá e a oeste com o departamento de Caaguazú. O Departamento del Alto Paraná divide-se em 22 distritos (DGEEC, 2014). Na figura 2, pode ser observado o mapa do Departamento del Alto Paraná.

Figura 2 – Departamento del Alto Paraná



Fonte: DGEEC

<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Atlas%20Censal%20del%20Paraguay/13%20Atlas%20Alto%20Parana%20censo.pdf>

A divisão política do Brasil e do Paraguai apresenta estruturas distintas no que diz respeito às terminologias e valores político-administrativos. Primeiramente, deve-se considerar a dimensão continental do território brasileiro, cuja área equivale a 8.515.767,049 Km², enquanto a extensão territorial do Paraguai representa 406.750 Km², e poderia ser comparada à área do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul (357.145,532 Km²). O Brasil está dividido em 26 estados e um distrito federal. Os estados, por sua vez, estão divididos em municípios e estes podem estar ou não divididos em distritos⁸. O Paraguai está dividido em 17

⁸ Distrito Federal é a unidade onde tem sede o Governo Federal, com seus poderes: Judiciário, Legislativo e Executivo. Estados em número de 26 constituem as unidades de maior hierarquia

departamentos e uma capital federal, e cada departamento se subdivide em distritos. Em termos de divisão político-administrativa pode-se comparar um estado brasileiro a um departamento paraguaio, ou mesmo um município brasileiro a um distrito paraguaio, no entanto, se comparadas a dimensão territorial e a população dessas áreas, concluímos que essa seria uma comparação imprudente, conforme demonstra o quadro na sequência com os dados espaciais e populacionais do Brasil e do Paraguai e suas divisões.

Quadro 1 – Dados espaciais e populacionais do Brasil e do Paraguai.

| Divisão política | Área | População |
|-------------------------|-------------------------------|------------------------|
| Brasil | 8.515.767,049 Km ² | 199.242.462 habitantes |
| Paraguai | 406.750,000 Km ² | 6.682.943 habitantes |
| Estado do Paraná | 199.307,922 Km ² | 10.444.526 habitantes |
| Depto. del Alto Paraná | 14.895,000 Km ² | 558.672 habitantes |
| Mesorregião Oeste do PR | 22.864,702 Km ² | 1.219.558 habitantes |

Fonte: Elaboração da autora⁹

De acordo com os dados apresentados e, para melhor situar os dados histórico-geográficos da área de investigação em pauta, optamos por focalizar, em momentos distintos, o processo de ocupação do espaço e, conseqüente, a formação do território da mesorregião Oeste no estado do Paraná e do departamento de Alto Paraná, que passamos a discorrer a seguir.

1.1 CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS E FORMAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO DE PESQUISA

As terras que fazem parte de toda a região Sul do Brasil pertenciam, no século XV, à Coroa Espanhola conforme o Tratado de Tordesilhas que, firmado em 7 de junho de 1494, traçava uma linha imaginária de Norte a Sul que dividia

dentro da organização político-administrativa do Brasil. A localidade que abriga a sede do governo denomina-se Capital; Os municípios constituem as unidades de menor hierarquia dentro da organização político-administrativa do Brasil. A localidade onde está sediada a Prefeitura Municipal tem a categoria de cidade; Distritos são unidades administrativas dos municípios. A localidade onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais, tem a categoria de Vila (<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/divisao-politico-administrativa-e-regional>). Acessado em 30 março 2014.

⁹ Quadro baseado nos dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social: <http://www.ipardes.gov.br/>. Acessado em 30 março 2014.

entre Espanha e Portugal as terras americanas. Deste modo, a história da ocupação das Colônias no Paraná tem início com o domínio das expedições espanholas em terras indígenas. Na mesma época os portugueses que vinham do litoral começaram também a explorar a região em busca de riquezas, assim, a região Oeste do Paraná estava sendo disputada por espanhóis, portugueses e indígenas nativos. Durante esse período de exploração e reconhecimento das terras, chegam à região os religiosos católicos, os missionários da Companhia de Jesus, com o intuito de catequizar os indígenas. A fim de evitar confrontos com os espanhóis, os missionários jesuítas fundam aldeamentos em meio à mata, que ficaram conhecidos como Reduções Jesuíticas (ALBUQUERQUE, 2005). Conforme Colodel (2002, p. 10), essas ações não ocorreram de forma pacífica.

É fácil percebermos que tanto aventureiros como religiosos exerciam atitudes de exploração e opressão. Os primeiros exerciam-nas de maneira mais violenta, brutal. Já os religiosos procuraram adotar mecanismos mais sutis, mas nem por isso mesmo diferentes. A cruz e a espada, nesse sentido, caminhavam passo a passo. A conquista espiritual ou corporal era o que se pretendia! Foi o que se fez!

Como os escravos provenientes da África não eram suficientes para a demanda de mão de obra em terras paulistas, a solução foi invadir a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas em busca de escravos indígenas. Os portugueses não somente dominaram os indígenas, mas também as reduções jesuíticas e povoações espanholas. O mesmo autor ainda pondera:

A presença das bandeiras paulistas na porção ocidental do território paranaense teve como contrapartida o surgimento de novos delineamentos políticos e econômicos em toda essa imensa região, até então controlada exclusivamente pelos interesses espanhóis (COLODEL, 2002, p.15).

Em 1750, por meio do Tratado de Madri, as terras americanas foram redistribuídas e a região do Oeste do Paraná passou a pertencer a Portugal. No entanto, naquele momento, como o único interesse dos portugueses era escravizar indígenas e levá-los para as lavouras paulistas, não povoaram essa nova área e, conseqüentemente, essa parcela do território permaneceu desabitada.

Com o território abandonado, no século XIX (GREGORY, 2002; COLODEL, 2002; DEITOS, 2004), os espanhóis retornaram à região atraídos por novos interesses: a extração da madeira e da erva-mate. A madeira nativa era

retirada das matas e escoada via Rio Paraná e Estuário do Prata¹⁰, principalmente para a Argentina para atender à construção civil e para a Europa para a reconstrução dos estragos causados pela Primeira Guerra Mundial. A erva-mate¹¹, nativa na região e já utilizada pelos índios guaranis, também começou a ser extraída com vistas à exportação e transportada ilegalmente assim como a madeira. Segundo Gregory (2002, p.88), “os empreendimentos e suas ações exploratórias, produtivas e comerciais não obedeciam a limites de fronteiras nacionais”.

Na sequência, pela figura 3, pode-se observar a formação das fronteiras brasileiras.

¹⁰ A Bacia do Prata ou Bacia Platina é formada pelas sub-bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai e por seus respectivos afluentes, ocupando áreas argentinas, bolivianas, brasileiras, paraguaias e uruguaias. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_rio_da_Prata. Acessado em abril de 2014

¹¹ Na época, a erva-mate era consumida em grande escala na Bacia do Prata. Hoje, a erva-mate é mundialmente conhecida não só pelo seu sabor, mas também por suas propriedades medicinais, ademais pode ser consumida quente, em forma de chá, chimarrão, ou fria como tereré. Veja Parque Histórico do Mate em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>. Acessado em 30 março 2014.

Figura 3 – Fronteiras do Brasil



Fonte: Revista Nossa História, Ano 3, n. 25, novembro de 2005, p. 16.

O fim da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança¹² (1864-1870) ressalta a necessidade de um novo olhar para a região Oeste. Preocupados com a exploração dos recursos naturais brasileiros, com a povoação dessas terras e com a segurança das fronteiras, em 1889, o Tenente Antônio Batista

¹² A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança foi um conflito bélico entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). As principais causas da disputa paraguaia foram a expansão territorial em terras brasileiras e a tentativa de buscar uma saída para o mar através da Argentina. A derrota do Paraguai resultou no extermínio de 70% de sua população e no atraso econômico do país (JARA GOIRIS, 1999)

da Costa Júnior e o Sargento José Maria de Brito, vindos de Guarapuava, fundaram a Colônia Militar que deu origem à cidade mais antiga da região: Foz do Iguaçu. Contudo, o isolamento da Colônia Militar e o descaso com a região fizeram com que prevalecesse na localidade a exploração estrangeira (argentinos e paraguaios). É necessário ponderar que, até então, os únicos caminhos ou trilhas conhecidas até o Oeste do Paraná eram as picadas indígenas e que o rio Paraná era uma importante conexão até o Estuário do Prata. Conforme Colodel (2002, p. 23),

As poucas famílias de colonos que haviam se instalado nos lotes cedidos pela Colônia estavam pouco a pouco abandonando a atividade agrícola e se voltando para a extração da erva-mate nativa – este sim o grande negócio da região, o mais lucrativo. Era extraída em quantidade, sem quaisquer escrúpulos. As próprias autoridades policiais faziam muitas vezes *vista grossa* ao que estava acontecendo, recebendo em troca algum incentivo pecuniário (grifo do autor).

Esse contexto de exploração da erva-mate e da madeira no Oeste do Paraná marca um período conhecido como *obrages*. Nesse particular, reiteramos as palavras de Colodel (2002, p. 16):

[...] a presença estrangeira no Oeste paranaense terá como consequência a estruturação de um universo social típico, com formas de exploração e dominação específicas; alicerçadas no mandonismo local e tendo como polo irradiador verdadeiros impérios agrários – as *obrages* (grifo do autor).

As *obrages* eram um tipo de extração ilegal da madeira e resultaram na destruição de grande parte da mata nativa da região, pois, quando se esgotavam as reservas vegetais, a *obrage* era abandonada em busca de uma nova fonte de extração. O sistema obragero estava pautado em grandes latifúndios de terra e na exploração da mão de obra paraguaia, pois os paraguaios trabalhavam braçalmente sob um regime de quase escravidão. Esses trabalhadores eram conhecidos como *mensus*, uma vez que eram pagos mensalmente pelos serviços prestados. É válido ressaltar que esse sistema não ocorria única e exclusivamente no Brasil, mas também na Argentina e no Paraguai. Sendo assim, corroboramos as palavras de Wachowicz (1987, p. 44):

A chamada obrage foi uma propriedade e/ou exploração, típica das regiões cobertas de matas subtropicais, em território argentino ou paraguaio. O interesse fundamental de um obragero não era a colonização em regime de pequena ou média propriedade, nem o povoamento de suas vastas terras. Seu objetivo precípua era a extração da erva-mate, nativa da região, bem como da madeira em toros, abundante na mata nativa, subtropical. A obrage, portanto, estava ligada ao binômio extrativista: mate madeira [...] Como o controle geoeconômico da navegação do sistema do Prata pertencia à Argentina, foram os obrageros desta nação, os principais responsáveis pela introdução desse sistema em território brasileiro, ou mais especificamente: paranaense e matogrossense.

As *obrages* não tinham interesse pela terra e, portanto, quando as riquezas naturais de uma área se esgotavam, essa era vendida para a realização de outras atividades. O sistema obragero durou até a década de 20 do século XX, quando começou a enfraquecer.

Em meados desse mesmo século com a passagem pela região dos revolucionários militares¹³, as terras foram apropriadas e muitos *mensus* foram libertados. Uma nova visão começou a ser instaurada na região. De acordo com Gregory (2002, p. 90):

Uma das bandeiras do Tenentismo era o nacionalismo que encontrou elementos que o justificassem quando da sua marcha pelo interior do Brasil. Por isso, essa região deveria receber a devida atenção das autoridades para garantir a sua integração à nação brasileira, tendo sido desencadeadas diversas ações.

Dessa maneira, a partir dessas iniciativas governamentais nacionalistas, dá-se início ao processo de colonização do oeste paranaense, assim como o controle das fronteiras e de estrangeiros (espanhóis, argentinos e paraguaios), por meio da campanha da *Marcha para o Oeste*. Se até o começo do século XX não era possível discernir a história e a ocupação do Brasil e do Paraguai, no que diz respeito à área pesquisada, uma nova perspectiva surge a partir da década de 30 do século XX.

¹³ Trata-se de movimento militar denominado “A revolução de 1924” desencadeado por revolucionários paulistas que estavam descontentes com a situação do Brasil após o regime republicano de 1889.

1.1.1 O Oeste Paranaense

O Oeste do Paraná, esquecido durante séculos, teve sua ocupação efetivamente iniciada pelo movimento fomentado durante o governo de Getúlio Vargas conhecido como *Marcha para o Oeste*. Recordemos que a ocupação do Brasil e, conseqüentemente dos Estados, começou pelo litoral. Deste modo, tal empreendimento contribuiu para a ocupação de um espaço dominado naquele momento, em sua maioria, por estrangeiros. Em se tratando do interior, para que se tenha uma ideia, no Oeste do Paraná, até meados da década de 1930, predominavam, entre a população de Foz de Iguaçu, os idiomas guarani e castelhano (REOLON, 2007). A figura 4 demonstra as subdivisões da mesorregião Oeste paranaense.

Figura 4 – Mesorregião Oeste-paranaense



Fonte: IPARDES

http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_sumario_executivo.pdf

Com a política governamental da *Marcha para o Oeste* e o objetivo de nacionalizar o Oeste do Paraná e tirá-lo de mãos estrangeiras, a região começou, por fim, a ser colonizada efetivamente. Os latifúndios das *obrages* começaram a ser

vendidos às companhias colonizadoras para um novo fim: a agricultura. Conforme Deitos (2004), a colonização do oeste do Paraná pode ser dividida em três frentes.

A primeira diz respeito às famílias que se instalaram no período da fundação da Colônia Militar de Foz de Iguaçu em 1889. Essa frente pioneira de ocupação era procedente de Guarapuava e de Curitiba. Conhecida também como frente cabocla, essa frente enfrentou várias dificuldades, pois, durante essa época a região estava sob o domínio das *obrages*.

A segunda, chamada também de frente sulista, originou-se dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, durante as décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Com o intuito de expandir as fronteiras agrícolas, as velhas colônias de imigrantes europeus, sobretudo descendentes de italianos e alemães, chegam ao oeste do Paraná dispostos a cultivar a nova terra. Neste século, a partir da década de 40, essa migração se intensifica. Da sua ação povoadora vários municípios foram se formando, dentre eles, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Matelândia, Céu Azul e Foz do Iguaçu (COLODEL, 2002).

A frente cafeeira¹⁴ é considerada a terceira frente de colonização. Vinda do Norte do Paraná, na década de 70, constituiu-se de migrantes provenientes dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e da Região Nordeste do país. São formados, a partir dessa frente, os municípios Guaíra, Palotina, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Formosa do Oeste, Nova Aurora, Vera Cruz do Oeste, Ouro Verde do Oeste, Cafelândia, Tupãssi, Corbélia, Braganey, dentre outros (COLODEL, 2002).

De acordo com o exposto, pode-se concluir que o Oeste do Paraná foi colonizado por vários grupos sociais, o que, conseqüentemente, trouxe à região uma variedade de costumes e proporcionou o contato entre as diferentes variantes da língua portuguesa, as línguas de imigração e as línguas indígenas. No entanto, a corrente migratória que mais se destacou nessa região foi a de agricultores, em sua maioria descendente de alemães e de italianos, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Conforme o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2008, p.16), essa população “possuía algumas características

¹⁴ A terceira frente de colonização, denominada de cafeeira, cujos colonizadores são oriundos das Regiões Sudeste e Nordeste, apresenta-se fundamental para esta tese, à medida que esses imigrantes levaram à região Oeste do Paraná aspectos culturais e linguísticos. Essa frente colonizadora foi responsável pelo falar nortista, uma das variantes linguísticas descrita neste estudo.

comuns que lhes conferiam certa homogeneidade, importante fator para a conformação econômica e a identidade cultural desta porção do território paranaense”. Na verdade, esses migrantes levaram consigo, para o Oeste paranaense, seus conhecimentos sobre a lida com a terra, pois já tinham experiência com a agricultura na sua região de origem, os seus costumes, dentre outros, o hábito de tomar chimarrão, além da língua de imigração.

Ainda dentro do contexto da *Marcha para o Oeste*, observam-se outros fatores contribuíram para a colonização do Oeste do Paraná, pois nessa época se inicia a construção da rodovia BR-277 (1941-1949)¹⁵ que liga Paranaguá à Foz do Iguaçu, ou seja, é a via que corta o Estado de leste a oeste. Desta forma, aquele território, ao qual só se conseguia chegar por meio das picadas indígenas, começa a ser integrado ao resto do Estado.

Outros fatores foram fundamentais para o crescimento populacional da região Oeste do Paraná, a saber: a construção da Ponte Internacional da Amizade que liga a cidade de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, na década de 50 e 60 do século XX sobre o rio Paraná; a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional (1975-1982), também no Rio Paraná, na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, e por fim, a edificação da Ponte Ayrton Senna (1994-1997), sobre o rio Paraná, que liga as cidades de Guaíra-PR e Novo Mundo-MS e, conseqüentemente, a cidade paraguaia de Salto del Guairá.

De todos esses empreendimentos o que causou maior impacto em termos populacionais foi a construção da Hidroelétrica de Itaipu:

A região começa a transformar-se num “formigueiro” humano. Entre 1975 e 1978, mais de 9 mil moradias foram construídas nas duas margens para abrigar os homens que atuam na obra. Até um hospital é construído para atender os trabalhadores. À época, Foz do Iguaçu era uma cidade com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil habitantes, em dez anos, a população passa para 101.447 habitantes (www.itaipu.gov.br).

Em 1982, o fechamento das comportas da usina interfere na vida de milhares de pessoas que habitam os 170 quilômetros nas margens do rio Paraná entre Foz do Iguaçu e Guaíra, no lado brasileiro, e entre Ciudad del Este e Salto del Guairá, no lado paraguaio. Com as terras desapropriadas e as lavouras inundadas, essa população se viu a uma migração forçada. Santa Helena, Marechal Cândido

¹⁵ Dados obtidos do Departamento de Estradas e Rodagem (DER-Paraná). Disponível em: <http://www.der.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Acesso em abr. de 2014.

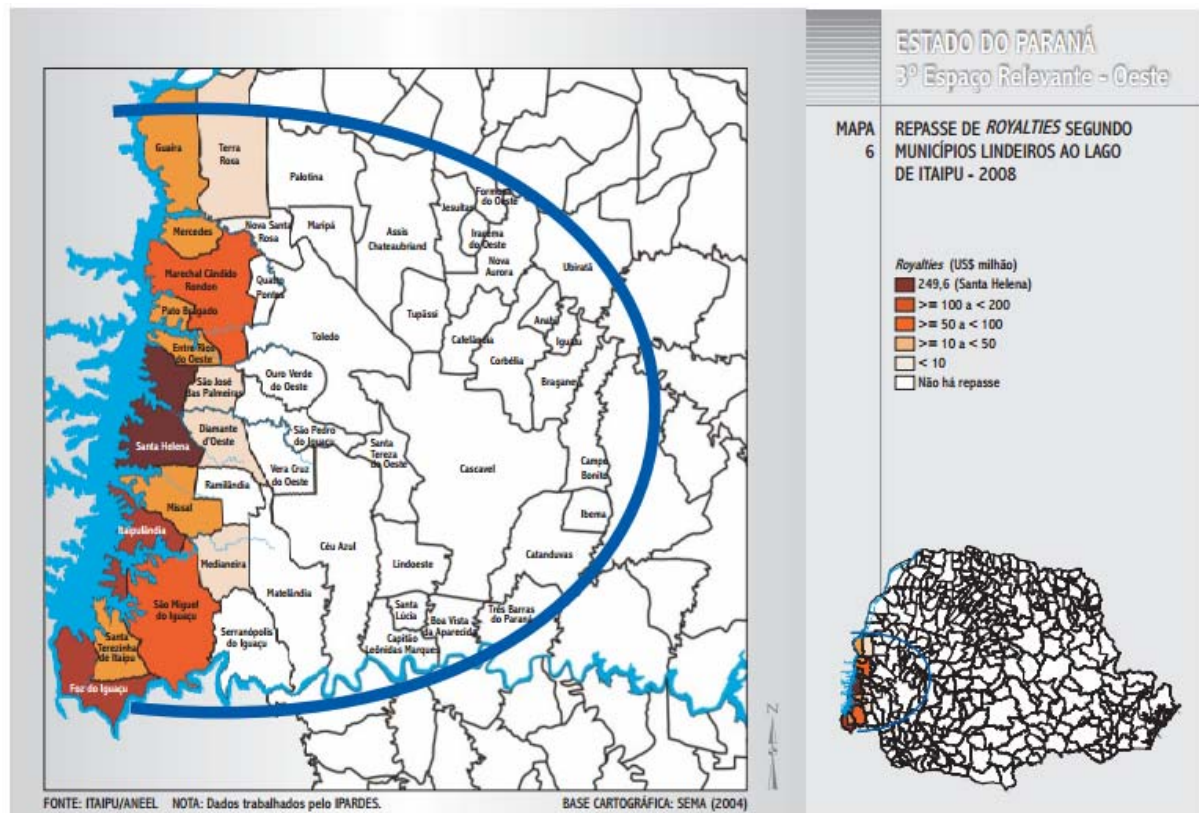
Rondon, Terra Roxa, Guaíra, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Foz do Iguaçu, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Itaipulândia, Mercedes, Missal, Pato Bragado, São José das Palmeiras, Santa Terezinha de Itaipu e Mundo Novo (este último no Estado do Mato Grosso do Sul) recebem os chamados *royalties*, ou seja, uma compensação financeira proporcional à extensão de áreas submersas pelo lago formado após o fechamento das comportas. Conforme Gregory (2002, p. 235),

Foram desapropriados 6.913 estabelecimentos rurais e 1.606 propriedades urbanas, totalizando 8.519 propriedades e 101.092 ha de área mobilizando, desta forma, um grande número de pessoas, uma vez que se tratava de desalojar famílias nessas mais de 8.500 desapropriações. Vê-se, pois, que se trata de uma situação de repulsão populacional numa região que há duas décadas era uma região de forte atração populacional. Mudanças tão expressivas do comportamento migratório mostram a relação entre disponibilidade de terra e grau de ocupação.

Pode-se, pois, dizer que dificilmente poderemos medir o impacto causado pela construção da usina. Segundo Colodel (2002), essa foi a última grande modificação geográfica e demográfica que teve efeitos socioeconômicos duradouros sobre toda a região. Alguns municípios tiveram suas terras alagadas, outros, como Guaíra, perderam ainda um importante atrativo turístico (as Sete Quedas) e parte do Parque Nacional. Além disso, como consequência das perdas, alguns agricultores atingidos pela cheia desencadearam um processo de luta pela terra. Apesar disso, não podemos esquecer que a Usina Binacional de Itaipu é a segunda maior geradora de energia do mundo, responsável por milhões de empregos tanto no Brasil como no Paraguai.

Na sequência, para exemplificar o exposto, apresentamos um mapa extraído do IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social), figura 5, que demonstra a distribuição dos *royalties* conforme a porcentagem de área atingida pelas águas durante a formação do lago de Itaipu.

Figura 5 – Repasse de *royalties* segundo municípios lindeiros¹⁶ ao Lago de Itaipu - 2008



Fonte: IPARDES

http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_sumario_executivo.pdf

O Oeste do Paraná teve um dos maiores crescimentos em comparação com as demais regiões do Estado nas últimas décadas, seja no setor agropecuário, seja no setor industrial, o que se reflete em um número significativo de empregos formais.

1.1.2 O Alto Paraná

A história do Departamento del Alto Paraná pode confundir-se, muitas vezes, com a do Oeste do Paraná. Vale ressaltar que os nativos guaranis viviam no atual território paraguaio por pelo menos um milênio antes dos espanhóis conquistarem a região no século XVI. As primeiras povoações foram fundadas por espanhóis na região de Guairá no século XVII. Foram estabelecidas vilas e

¹⁶ Municípios lindeiros é o mesmo que municípios que fazem divisa, no caso, com o Lago de Itaipu.

numerosas missões de catequização de índios guaranis na região. Esses aldeamentos ficaram conhecidos como reduções jesuíticas. No entanto, devido às pressões e aos ataques das bandeiras paulistas, as vilas foram destruídas, os indígenas foram mortos ou escravizados e os que conseguiram fugir se embrenhavam na mata e escaparam descendo o rio Paraná. Essa instabilidade resultou no esvaziamento do território até meados do século XVII e começo do século XVIII quando ali se instalaram centros de exploração da erva-mate e da madeira. Após a Guerra do Paraguai (1864-1870), as terras passaram às mãos de estrangeiros, cuja preocupação era apenas explorar os recursos naturais e não a de se estabelecer na região, assim como aconteceu nas terras brasileiras¹⁷.

Se, por um lado, a colonização do Brasil começou pelo litoral, do leste ao oeste, a do Paraguai foi iniciada através do rio Paraguai, uma vez que o país não possui litoral. Deste modo, às margens do rio Paraguai foi fundado um forte que deu origem à cidade de Assunção, capital do país. Durante a época de reconhecimento e exploração das riquezas naturais da América, Assunção foi um ponto estratégico de descanso para aqueles que chegavam da bacia do Prata em busca de prata e ouro.

O território nacional do Paraguai começou a se organizar no século XX, ainda sem uma organização geográfica definida. Em julho de 1945, a partir do Decreto de División Política del Territorio de la República, cria-se o departamento del Alto Paraná, e sua capital, a cidade de Hernandarias. Entre as políticas de povoamento, o governo paraguaio, influenciado pelo governo de Getúlio Vargas, cria uma política de colonização denominada de *Marcha hacia el Este*. Esse incentivo foi fundamental para a colonização da região, assim como a intensiva colonização agrícola iniciada nos anos 60 do século passado. Em 1973, a capital departamental passa a ser a *Ciudad del Este*, localizada a 327 km de Assunção, hoje a segunda maior cidade do país.

Ainda outros fatores levaram o Departamento del Alto Paraná a se tornar, atualmente, o segundo mais populoso do Paraguai, como a construção da Ponte da Amizade sobre o Rio Paraná, a abertura dos mercados mundiais por meio do porto franco para o Paraguai sobre o Oceano Atlântico e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O Paraguai teve um grande crescimento em sua economia: o

¹⁷ Atlas Censual del Paraguay (DGEEC, 2004).

PIB, que havia aumentado 5% em 1975, cresce 10,8% em 1978¹⁸. Atualmente, devido à agricultura, o país encontra-se em desenvolvimento. Em 2013, o país cresceu 13,7%, o terceiro maior crescimento do mundo, conforme demonstram as reportagens¹⁹ da UOL, da BBC, e da revista Exame.

Com a criação do lago de Itaipu devido ao fechamento das comportas da usina, em 1982, o país também recebe os *royalties*. Enquanto no Brasil essa compensação financeira foi dividida entre o Estado e os municípios atingidos, no Paraguai, o país recebe essa indenização de forma integral.

Outro dado de grande importância é o fato de as indenizações aos brasileiros não terem sido suficientes para que alguns agricultores comprassem novas terras na região. Deste modo, sendo mais acessível a compra de terras no Paraguai, esses agricultores brasileiros imigraram para o país vizinho. Segundo ALBUQUERQUE (2005, p. 13),

A mecanização da agricultura e a concentração fundiária na sociedade brasileira foram os principais fatores de “expulsão” de arrendatários, posseiros e pequenos agricultores brasileiros, enquanto que o baixo preço da terra e dos impostos e as facilidades de créditos agrícolas no Paraguai foram alguns dos mecanismos de “atração”.

O autor esclarece, ainda, que há estimativas de que hoje vivem no Paraguai cerca de 450 mil imigrantes brasileiros, a maioria nos departamentos que se localizam nas proximidades da fronteira com o Brasil, como Alto Paraná, Canindeyú, Amambay, Itapua, Caaguazu e Caazapá (ALBUQUERQUE, 2005).

A figura 6 ilustra a grandiosidade da Usina Hidroelétrica Binacional Itaipu.

¹⁸ www.itaipu.gov.br

¹⁹ <http://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2014/01/23/paraguai-descola-do-brasil-e-tem-3-maior-crescimento-do-mundo-em-2013.htm>;
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140119_paraguai_economia_pai_mc.shtml
<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/paraguai-e-a-economia-mais-aberta-da-america-latina>;
acesso em setembro de 2014

Figura 6 – Usina Hidroelétrica Binacional Itaipu



Fonte: www.radioculturafoz.com.br3898

Pretendeu-se, até o momento, traçar o perfil sócio-histórico da região estudada como um todo. Neste momento, seguem-se as reflexões sobre a fronteira.

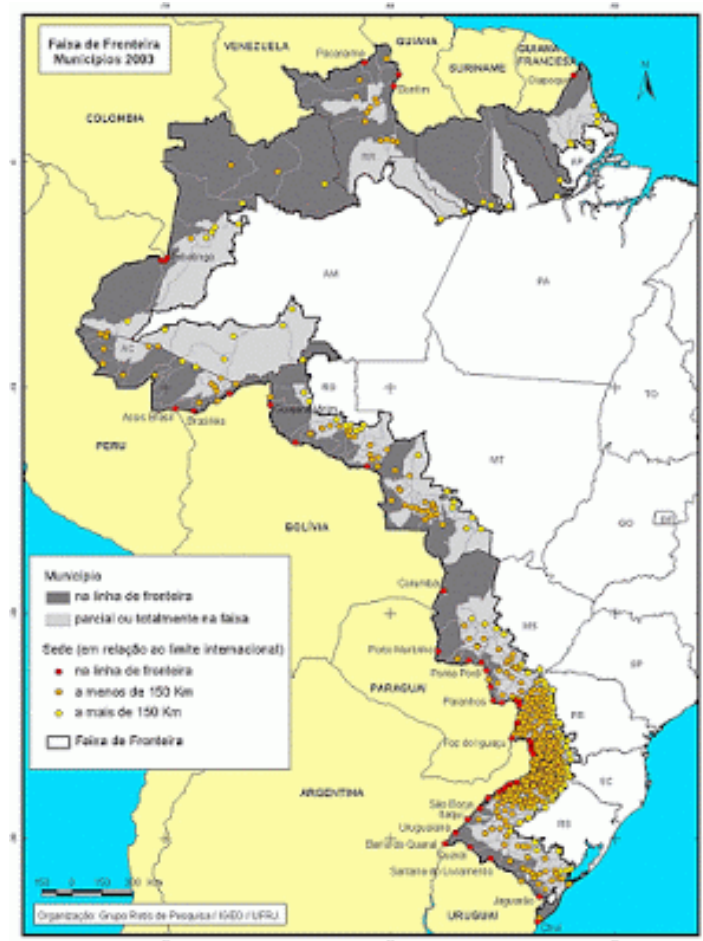
1.2 A FRONTEIRA: TERRITÓRIO GEOGRÁFICO E SOCIAL

O território brasileiro, como mencionado anteriormente, possui uma área quase continental, faz fronteira com nove dos 12 países que formam a América do Sul e apresenta como território fronteiriço de 15.719 km de extensão, o equivalente a 27% do território nacional²⁰. A figura 7 demonstra o explanado:

²⁰ A região da Faixa de Fronteira caracteriza-se geograficamente por ser uma faixa de até 150 km de largura¹ ao longo de 15.719 km da fronteira terrestre brasileira, que abrange 588 municípios de 11 Unidades da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina. Essa área corresponde a 27% do território brasileiro e reúne uma população estimada em dez milhões de habitantes. O Brasil busca a ocupação e a utilização da Faixa de Fronteira de forma compatível com sua importância territorial estratégica. Disponível em: Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira.

http://www.integracao.gov.br/pt/c/document_library/get_file?uuid=cd8c9e6a-a096-449b-826e-6ecb49744364 Acesso em maio de 2014.

Figura 7 – Fronteiras do Brasil



Fonte: <http://www.integracao.gov.br>

A fronteira é uma área que separa duas regiões, dois estados ou países. O dicionário Aurélio (2004) assim define o termo fronteira:

s.f. Limite que separa dois Estados. / Limite, confin, o extremo de uma terra ou de uma região, a parte de um país que confina com outro. / Sociol. Região avançada onde vai chegando a civilização, o desbravamento. // Fronteira natural, fronteira formada por um acidente geográfico.

Muitas vezes, são utilizados de forma inadequada os termos fronteira, limite e divisa como sinônimos. Albuquerque (2005), por exemplo, ressalta a necessidade de serem definidos de formas distintas. O autor, retomando os clássicos da Sociologia, esclarece que,

A **fronteira** é uma zona, uma faixa ou região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite e que não tem extensão precisa e varia em cada situação específica. [...] O **limite** é abstrato e invisível, fruto de um tratado jurídico internacional ou delimitação. A **divisa** representa a visibilidade na paisagem geográfica deste limite invisível. Ele é percebido através da construção de marcos visíveis, a demarcação, e da criação de controles alfandegários e de instituições militares que fiscalizam a saída e entrada de mercadorias e pessoas (MARTIN, 1998; GOLIN, 2002 *apud* ALBUQUERQUE, 2005, p. 44).

Para exemplificar, tomando como referência a fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, poderíamos afirmar que o limite entre o Brasil e o Paraguai seria o rio Paraná, que a divisa equivaleria aos postos fiscais (lado brasileiro e paraguaio) e a fronteira englobaria toda essa região.

Diante do exposto, reitera-se que o conceito de fronteira, por ser paradoxal e complexo, exige reflexões. Num primeiro momento pensamos a fronteira como um limite, uma barreira, ou seja, como o fim do território nacional, em que o que vem antes da fronteira é nosso, é nossa identidade, é o que conhecemos e o que está do outro lado não nos pertence, não nos identificamos com ele porque é um novo território, é o começo do alheio, do outro.

Contudo, essa separação não é tão estanque como se pensa. A linha da fronteira, seja imaginária, seja delimitada por acidentes geográficos, na realidade é um espaço de ir e vir, de contato entre um “eu” e um “outro”.

A fronteira tratada nesta tese refere-se aos 170 quilômetros divididos pelo rio Paraná, cujos limites no Brasil vão da Cidade de Foz de Iguaçu a Guaíra, e, no lado paraguaio, da Cidade do Leste até a cidade de Salto del Guairá. Em toda essa região há grande mobilidade humana por aqueles que atravessam as pontes diariamente devido ao trabalho no outro país e que retornam a suas casas no final do dia; ou por aqueles motivados pela oportunidade em realizar compras livres de impostos, ou pela busca de escolas e universidades ou pela necessidade de trabalhar no país vizinho. Outro dado relevante quanto a essas mobilizações decorre do fato de as nações modernas serem constituídas por diversos movimentos migratórios que, por consequência, modificam os padrões políticos e culturais dos indivíduos (ALBUQUERQUE, 2005).

Nesse contexto, deve-se entender os conceitos de fronteira viva e de fronteira em movimento. O primeiro começou a ser utilizado para a região de fronteira Brasil/Paraguai no século passado com a ida dos primeiros imigrantes

brasileiros ao Paraguai, após a construção da Ponte da Amizade, e culminou no formigueiro humano que se formou durante a construção da Usina de Itaipu e o conseqüente fluxo de imigrantes brasileiros que se estabeleceram na região. As fronteiras vivas

[...] constituem zonas onde o contato entre povos diferentes é intenso, onde uma grande soma de interesses perfeitamente definidos e de forças divergentes se defrontam, em concorrência ou oposição surda ou em luta aberta, como acontece durante as guerras (AZAMBUJA, 2008, p. 47).

Advindo da geopolítica, o conceito de fronteira viva identifica determinada área como espaço de poder de uma nação. Portanto, pondera-se que esse conceito está ligado a interesses políticos, econômicos e militares, cujo objetivo é o de garantir a expansão e a unidade de um território nacional. Logo, as fronteiras vivas estão submetidas à pressão do Estado mais poderoso, nos âmbitos econômico e cultural, tendendo a influenciar o lado mais fraco (RIQUELME, 2005).

A partir dessas reflexões pode-se inferir que as fronteiras estão em movimento, fomentadas pelos fluxos migratórios, por estratégias geográficas, políticas, sociais, econômicas e culturais, e assim surge o segundo conceito que embasa esta abordagem teórica sobre fronteiras, o de fronteiras em movimento. De acordo com essa teoria, “as fronteiras deixam de ser analisadas apenas na perspectiva da geopolítica e passam a ser vistas como espaços privilegiados de integração social, econômica e cultural” (ALBUQUERQUE, 2005, p.53). Conforme esse ponto de vista, essas interações não são estáticas e, portanto, estão em constante redefinição e renegociação.

O conceito de fronteira em movimento é fundamental para esta pesquisa à medida que percebemos a fronteira não como um limite geopolítico fixo, mas sim como móvel e permeada pela mobilidade populacional, o que acarreta uma integração entre os grupos sociais que ali se estabelecem. Também se faz necessário compreender que os limites políticos não coincidem com os limites linguísticos e culturais, uma vez que esse espaço, constituído socialmente, é um lugar de trocas, de aceitação ou de refutação da cultura e da língua do outro.

Assim sendo, essas interações sociais na região de fronteira originam o contato linguístico e cultural entre seus habitantes e, eventualmente, propiciam a variação linguística nessas regiões.

Realizada uma breve descrição sobre a sócio-história da região pesquisada e feitas as considerações sobre conceitos de fronteira, passemos ao capítulo 2, no qual tratamos da fundamentação teórica necessária ao estudo em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sem ela (a linguagem), o homem não pode conhecer-se nem conhecer o mundo. Sem ela não se exerce a cidadania, porque ela possibilita influenciar e ser influenciado. Sem ela não se pode aprender. Sem ela não se podem expressar sentimentos. Sem ela, não se podem imaginar outras realidades, construir utopias e sonhos. Sem ela não se pode falar do que é nem do que poderia ser.

Fiorin

Neste capítulo, refletimos acerca das teorias que subsidiaram esta pesquisa. Partimos dos conceitos de linguagem, língua, fala, dialeto, línguas em contato e bilinguismo. Como esses conceitos são bastante complexos e podem ser definidos sob diferentes pontos de vista, é normal não haver consenso entre os estudiosos da linguagem quanto ao assunto. Tratamos desses conceitos de acordo com alguns autores específicos, seguindo uma ordem cronológica de obras publicadas e destacando de forma mais pontual as concepções que mais se aproximam dos objetivos deste trabalho.

2.1 LINGUAGEM LÍNGUA E FALA

A linguagem humana é resultado de uma necessidade histórico-social, pois, por meio dela, o homem exprime seu pensamento, se comunica e interage com seus semelhantes. Essa capacidade inata o diferencia dos outros animais, faz com que obtenha e compartilhe o conhecimento.

Já no começo do século passado, o fundador da linguística moderna, Ferdinand Saussure, apresentou os conceitos de linguagem, língua e fala, que são resumidas em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*²¹. Para o autor,

²¹ A primeira edição do livro data de 1916. O exemplar utilizado é a 34ª edição, 2012. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein.

[...] a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológicas e psíquica, ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012 [1916], p.41).

Conforme o autor, podemos entender a linguagem como heterogênea e com características singulares, interdependente de fatores biológicos (aparelho fonador), psíquicos (estímulos) e físicos (ondas sonoras). Ainda, ela é individual, pois faz parte das características de cada indivíduo, e social porque esse indivíduo se relaciona com outros, em certa rede de relações sociais.

Saussure estabelece a dicotomia língua e fala (*langue/parole*), considerando a fala como fenômeno heterogêneo por ser de natureza física, fisiológica e individual, portanto, não pode ser objeto formal de uma disciplina científica. Dedicar-se ao estudo da língua, unitária e homogênea, espécie de faculdade ou de capacidade que os seres humanos têm de comunicarem-se uns com os outros mediante a utilização da palavra.

A língua, segundo o autor (2012 [1916], p. 41), é “ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Considera como unitária e homogênea, como uma espécie de faculdade ou de capacidade que os seres humanos têm de comunicarem-se uns com os outros mediante a utilização da palavra. O autor pensa a língua como uma das manifestações da linguagem, contudo, pondera que não se deve confundir língua com linguagem, pois apenas a língua “parece susceptível de uma definição autônoma” (p.41). Ainda afirma que “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua” (p.42). Se pensarmos a linguagem como uma atividade de comunicação em qualquer escala da vida animal, podemos conceber a língua como exclusivamente a capacidade de comunicação humana. A língua é um conjunto de signos utilizados para expressar ideias.

Com respeito à fala, o autor a considera como parte individual da linguagem, como fenômeno heterogêneo por ser de natureza física, fisiológica e social. Na fala está presente a coletividade, pois é uma ação individual combinatória determinada pela escolha e a expressão sonora de códigos (SAUSSURE, 2012 [1916], p.51). Isso porque quando falamos temos a capacidade de escolha seja das palavras ou do tom de nossa voz conforme a quem nos dirigimos, ou seja,

normalmente não falamos sozinhos e sim para interagirmos com o(s) outro(s) dentro de um determinado contexto social.

Assim a língua e a fala são interdependentes: a língua é necessária para que a fala se torne inteligível e produza sentidos, uma vez que uma é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da outra (SAUSSURE, 2012 [1916], p.51).

Contudo, ainda que as ideias do autor sejam base para a Linguística Moderna, as concepções de língua e fala não contemplam os fenômenos relativos à variação linguística.

Outro estudioso da linguagem aqui retomado é Edward Sapir que, em seu livro *A Linguagem: introdução ao estudo da fala* (1971 [1921])²², concebe a linguagem como uma capacidade que não é biologicamente herdada, mas sim, em primeira instância, como uma função cultural que se adquire por meio dos usos sociais. Nas palavras do autor, a linguagem “é um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos” (SAPIR, 1971 [1921], p.22). É um sistema funcional completo (auditivo, motor, psíquico) que pertence à constituição psicofísica do homem.

Em seu livro *Linguística como ciência* (1969)²³, o autor define a língua como um sistema simbólico, ou seja, um método de referência para expressar todos os tipos de experiências possíveis (SAPIR, 1969, p.33-39). Toda língua possui plenitude formal, está composta por um sistema fonético, um conjunto de expressões e por regras. Porém, toda língua é variável, pois sendo um produto cultural é (des)construída, durante o ato de falar, de acordo com a necessidade de seus falantes no decorrer da história de um grupo social. Diante do exposto, nas palavras do autor, falar:

[...] é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado. Varia como variam todos os esforços criativos – não tão conscientemente talvez, mas pelo menos tão evidentemente quanto às religiões, as crenças, os costumes e as artes dos diferentes povos (SAPIR, 1971, p.18).

²² Esse livro teve sua primeira edição em 1921. O exemplar utilizado na tese é a 2ª edição brasileira e data de 1971.

²³ Livro organizado por Mattoso Câmara em 1969, a partir de trabalhos selecionados por David Mandelbaum, discípulo de Sapir, de título original *Selected writings of Edward Sapir on language, culture and personality*, 1949.

Deste modo, a fala é uma atividade complexa, que envolve o cérebro, o sistema nervoso, os órgãos de articulação e audição, culminando na comunicação das ideias. Possui função significativa, e, portanto, é definida pelo linguista como um sistema auditivo do simbolismo linguístico provido de significado (SAPIR, 1971 [1921], p.32), ou seja, o som simples da emissão vocal não é considerado como um elemento linguístico da fala.

Diante do exposto, podemos inferir que as concepções de língua e fala, segundo Sapir, já não são tão dissociadas, além disso, vê a língua como um produto histórico-social e, conseqüentemente, passível de variação.

Considerando a importância de sua contribuição aos estudos da linguagem, língua e fala, trazemos os aportes teóricos de Eugenio Coseriu. No primeiro capítulo de seu livro *O homem e sua linguagem* (1982a [1977])²⁴, o romeno recapitula as teorias já propostas acerca da linguagem e conclui:

A linguagem é um fato social e a língua simplesmente “se impõe” aos falantes. Na verdade a linguagem é antes fundamento e, ao mesmo tempo, manifestação primária do social, do “ser com o outro” do homem, e a língua não é obrigatória como imposição externa, mas como obrigação livremente assumida [...]. A linguagem, portanto, é também expressão da intersubjetividade e, precisamente, no duplo sentido da solidariedade com uma tradição histórica da solidariedade “contemporânea” com uma comunidade falante, que também é histórica. E a liberdade da linguagem é liberdade histórica, liberdade do homem como ser histórico [...]. Isso nos esclarece porque a linguagem se apresenta sempre como língua, ou seja, como linguagem que se desenvolveu e que se realiza historicamente. A linguagem é apreensão do ser, mas não por meio de um sujeito absoluto, nem do indivíduo empírico, e sim por meio do homem histórico que, precisamente por isso, é ao mesmo tempo um ente social (COSERIU, 1982a, p. 29-30).

Segundo o autor, “a linguagem como falar é um falar com o outro”, ou seja, para ele “a essência da linguagem está no diálogo” e “está intimamente vinculada àquilo que os interlocutores têm em comum” (COSERIU, 1982a, p.18). Assim sendo, a linguagem sempre se apresenta como língua e se realiza por meio de um sujeito determinado por um grupo social, em um determinado momento histórico.

A língua, por sua vez, é (re)construída a cada situação social em dado momento histórico. Concordamos com o autor, pois assumimos que a língua “não é uma “coisa feita”, um produto estático, mas um conjunto de “modos de fazer”,

²⁴ A edição utilizada nesta tese data do ano de 1982, enquanto a primeira, em espanhol, *El Hombre y su Lenguaje* é de 1977.

um sistema de produção, que, a todo instante, somente em parte surge como já realizado historicamente em produtos linguísticos” (COSERIU, 1982a, p.23).

Já a fala é a realização individual da língua e por meio dela o falante “se revela como pertencente a uma comunidade determinada historicamente ou, pelos menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática dessa ou daquela comunidade” (COSERIU, 1982a, p.19). Partindo do princípio que o homem é um ser social, a linguagem, a língua e a fala também são atividades sociais, livres e criativas.

Deste modo, para o autor, a variação linguística também é resultante de fatores históricos e sociais refletidos nas línguas por meio da fala. Ainda, afirma que língua e fala não podem ser dissociadas, uma vez que “por un lado, el habla es la realización de la lengua, y, por otro lado, la lengua es condición del habla, se constituye sobre la base del habla y se manifiesta concretamente solo en el habla²⁵” (COSERIU, 1967, p. 41).

Assumimos neste trabalho a postura de Coseriu para esses conceitos, por julgá-lo os mais pertinentes para o trabalho proposto. Passamos, a seguir, à discussão sobre língua e dialeto.

2.2 LÍNGUA E DIALETO

Na seção anterior discutimos alguns conceitos de linguagem, língua e fala. No entanto cabe a questão: qual a diferença entre língua e dialeto? Ambos são “falares” ou “modos de falar” capazes de cumprir suas funções linguísticas?

Conforme o senso comum, dialeto é uma forma desprestigiada, desprovida de escrita ou inferior de uma língua cujo *status* é superior. Contudo, não podemos assumir essa visão simplista, pois a definição desses termos deve ser relativizada, uma vez que nem mesmo entre os estudiosos da linguagem há posições unânimes.

Segundo Coseriu (1982b), a palavra dialeto (*δίαλεκτος*) procede do grego e significa “modo de falar”. Nas palavras do autor (1982b, p. 10), “un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico”²⁶. Sob essa

²⁵ por um lado, a fala é a realização da língua, e, por outro lado, a língua é condição da fala, se constitui sobre a base da fala e se manifesta concretamente somente na fala.

²⁶ Um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e léxico.

concepção não há diferenças propriamente linguísticas substanciais entre dialeto e língua.

De modo geral, podem-se definir os dialetos como subdivisões de uma língua em particular, isto é, são evoluções histórico-culturais independentes da mesma língua (ELIA, 1989). No entanto, essa definição não é satisfatória à medida que pensamos no latim e suas subdivisões históricas como o francês, o português, o italiano, por exemplo, que são línguas e não dialetos. Outra posição seria a de que os dialetos são línguas regionais que apresentam características linguísticas comuns. Seria então o português brasileiro um dialeto do português peninsular? No caso da Espanha, cujo idioma oficial em todo o Estado nacional é o castelhano/espanhol, o que faz o catalão ser uma língua e o leonês um dialeto? Por que o *Received English*, que é a fala padrão do jornalismo da BBC de Londres, não é uma língua?

A definição de Alvar (2010 [1996], p.12) sobre língua tenta responder a essas questões. Para o autor, língua é “un sistema lingüístico caracterizado por su fuerte diferenciación, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos del mismo origen²⁷”. Já para Elia (1989, p. 13), o que diferencia língua de dialeto é a função histórico-social, pois “as línguas são instrumento de expressão da vontade soberana dos Estados nacionalmente organizados e por isso gozam de maior *prestígio social*” (grifo do autor).

Deste modo, podemos deduzir que a diferença entre língua e dialeto também perpassa por questões políticas, pois a língua é legitimada pelo Estado, enquanto o dialeto não é reconhecido como forma de comunicação em suas relações, por ser considerado inferior e imperfeito comparado à língua nacional.

Para Coseriu (1982b), todo dialeto é uma língua, porém, nem toda língua é um dialeto. Nessa perspectiva, uma língua se difere de dialeto pelo reconhecimento histórico por parte de seus falantes e por parte de falantes de outras línguas. Deste modo,

²⁷ “um sistema linguístico caracterizado por sua forte diferenciação, por possuir um grau elevado de nivelamento, por ser veículo de uma importante tradição literária e, em ocasiões, por se ter imposto a sistemas linguísticos da mesma origem.

Un “dialecto”, sin dejar de ser intrínsecamente una “lengua”, se considera como subordinado a otra “lengua”, de orden superior. O, dicho de otro modo: el término dialecto, en cuanto opuesto a lengua, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una lengua histórica (un “idioma”). Una lengua histórica –salvo casos especiales– no es un modo de hablar único, sino una “familia” histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor²⁸ (COSERIU, 1982b, p.11-12).

Ainda, o autor salienta que a essas definições de dialeto, modos de falar subordinados a uma língua histórica, deve-se acrescentar a delimitação do espaço em que se é falado. Desta maneira, uma língua não pode ser reduzida a apenas um modo de falar, pois, ela só se realiza por meio de suas variedades.

Para designar as diferentes formas individuais de falar, Chambers e Trudgill (1994) adotam variedade como um termo neutro e desprovido de conotações. Assim, podemos citar como exemplos a variedade nordestina, a variedade caipira, a variedade carioca, a variedade sulista, entre tantas outras.

A partir do exposto e dos propósitos deste estudo, adotamos a perspectiva de Coseriu (1982b) para a definição de língua e dialeto e optamos pelo uso do termo variedade de uma língua, por evitar juízos de valores evocados pelo termo dialeto.

Passemos às considerações sobre línguas em contato e bilinguismo.

2.3 LÍNGUAS EM CONTATO E BILINGUISMO

Pode parecer redundante e até óbvio falar sobre línguas em contato, pois, se existe uma língua e se ela é falada, é falada para/com o outro. Quando falamos em contato linguístico, nos referimos à prática da oralidade. Sob este ponto de vista, qualquer língua falada está em contato com outra, ou seja, desde que o homem, fala existe o contato linguístico.

Estima-se que na América, antes da chegada dos europeus, havia cerca de 200 famílias linguísticas (MELLO et al., 2012). Conforme o antropólogo

²⁸ Um “dialeto”, sem deixar de ser intrinsecamente uma “língua”, é considerado como subordinado a outra “língua”, de ordem superior. Ou, em outras palavras: o termo dialeto, em oposição à língua, designa uma língua menor distinguida dentro de (ou incluída em) uma língua maior, isto é, precisamente, uma língua histórica (‘idioma’). Uma língua histórica - exceto em casos especiais - não é um único modo de falar, mas uma “família” histórica de modos de falar relacionados e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro dessa família maior.

espanhol, radicado no Paraguai, Bartomeu Melià, "La experiencia de encontrarse con hombres y mujeres que hablan otra lengua diferente de la propia, era en el siglo XV más común entre los habitantes de América de lo que podía ser en Europa" (MELIÀ, 2010, p.17)²⁹

A história da América é uma história de contatos linguísticos, pois ali conviveram e se misturaram diferentes grupos sociais, conseqüentemente, diferentes culturas e diferentes línguas. Sendo assim, a principal característica da formação da população brasileira é a mestiçagem de etnias, culturas e línguas. Inicialmente era composta de indígenas e europeus (portugueses e espanhóis), posteriormente chegaram os povos africanos e, por fim, imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses, ucranianos, entre outros) e asiáticos (japoneses, chineses e coreanos).

A língua portuguesa do Brasil ou o português brasileiro se consolidou a partir da diversidade, adquirindo influências das línguas indígenas, das línguas africanas e das línguas de imigração, conforme expõe Mello et al.:

O contato com outras variedades linguísticas, entre as quais, sobretudo a língua oficial, o português, e o plurilinguismo decorrente desse contato surgem como resultado natural da transposição de um contexto sociocultural e político a outro (MELLO et al., 2011, p. 38).

Não podemos desconsiderar que muitas dessas línguas continuam sendo faladas, ainda que existam posicionamentos monolinguistas, isto é, que no país se fala uma única língua: a portuguesa. Estima-se que no território brasileiro são faladas cerca de 270 línguas, sendo 219 línguas indígenas e 51 línguas de imigração, conforme dados do IPOL - Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (2008).

Diante do exposto, pode-se afirmar que, a par da língua nacional, a portuguesa, existem diferentes tipos de contato linguístico conforme as diferentes variedades de línguas utilizadas na interação. Normalmente, fala-se de contatos linguísticos quando uma língua X entra em contato com uma língua Y. Preferimos aqui utilizar os pressupostos de Altenhofen (2008, p. 130) acerca do contato linguístico:

²⁹ A experiência de se encontrar homens e mulheres que falam outra língua diferente da própria, era no século XV mais comum entre os habitantes da América do que podia ser na Europa.

Para focar mais adequadamente o olhar sobre relações importantes da dinâmica de variação e uso da língua, parto do ponto de vista de que o que, enfim, entra em contato são antes de tudo modos de falar individuais (idioletos) identificados com variedades lingüísticas. Sem mergulhar em um nível excessivamente microlingüístico, para não comprometer o reconhecimento de tendências coletivas, e tampouco adotar categorias amplas demais, que pequem pela generalização excessiva, o que quero analisar, neste recorte, são, acima de tudo, **variedades em contato**. Com isso, abarca-se uma gama de relações sócio-culturais e lingüísticas muito maior do que sugere a denominação “línguas em contato” (*languages in contact*, Weinreich 1970), pois, como afirma Coseriu (1982: 16), ninguém fala “O português”, “O espanhol”, “O alemão”; “lo que se habla es siempre alguna forma determinada del [português], del [alemán].” (grifos do autor).

Deste modo, para esta tese, pensamos ser mais pertinente adotar a abordagem de variedades em contato para referir-nos a modos individuais de falar, pois tratamos aqui de variedades da língua portuguesa em contato com variedades do espanhol e do guarani faladas no Paraguai, além das línguas de imigração.

Devido à região pesquisada pertencer a um contexto plurilíngue, faz-se necessário diferenciar os tipos de contatos lingüísticos presentes no país e salientar quais tipos se manifestam na área que abrange a pesquisa.

Altenhofen (2008, p.137) sugere pelo menos seis tipos de contatos lingüísticos, a saber:

- 1) português e línguas autóctones (indígenas);
- 2) português e línguas afro-brasileiras;
- 3) português e línguas alóctones (de imigração);
- 4) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
- 5) português e línguas co-oficiais em contato (p.ex. Tukano, Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro);
- 6) contatos lingüísticos de fronteira com países vizinhos; e
- 7) contatos entre falantes de variedades regionais do português.

Na pesquisa em questão, encontramos cinco tipos de contatos lingüísticos: o contato do tipo 1 em Terra Roxa; o contato do tipo 3 em Missal e Santa Rosa del Monday; o contato do tipo 4 em San Alberto e em Santa Rosa del Monday; e os contatos do tipo 6 e 7 nas quatro localidades. Contudo, podemos afirmar que essas divisões não são tão estanques o quanto parecem, uma vez que os contatos na região analisada englobam o português em contato com as variedades das línguas de países vizinhos (espanhol e guarani), variedades da língua portuguesa (nortista e sulista), além das variedades das línguas de imigração

(sobretudo o alemão) resultante das ondas migratórias provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Esses contatos provenientes de interações socioculturais e históricas resultaram em situações de bilinguismo. O conceito de bilinguismo é amplo e relativo. Appel e Muysken (1996, p. 11), por exemplo, chamam a atenção para duas vertentes extremas, a de Bloomfield (1933) que propunha que um indivíduo bilíngue deveria dominar duas ou mais línguas tal qual que um nativo, e a de Macnamara (1969) que sugeria que alguma das quatro habilidades na segunda língua (falar, escrever, compreender ou ler).

No entanto, resulta o indivíduo bilíngue seria aquele que, além das habilidades da sua primeira língua, possuísse arbitrário ou impossível medir as habilidades ou a competência linguística de falantes. Mackey (1972, p. 554) postula que “Bilingualism is not a phenomenon of language; it is a characteristic of its use. It is not a feature of the code but of the message”³⁰. Para o autor, dessa forma, o bilinguismo está relacionado ao uso de duas ou mais línguas em situação de interação. Outra definição que corrobora a posição de Mackey é a de Weinreich (1979 [1953], p. 1), para quem: “The practice of alternately using two languages will be called BILINGUALISM, and the persons involved, BILINGUAL”³¹ (grifos do autor).

O uso de uma variedade linguística em detrimento de outra está relacionado a múltiplas situações, sejam de ordem psicológica, linguística ou social. Para Mackey (1972, p.555-556), o bilinguismo é um padrão comportamental que envolve práticas linguísticas mutuamente modificadas, variando conforme o grau de conhecimento de duas ou mais variedades, a função que exerce cada uma dessas variedades no seu meio social, a alternância de usos e a interferência de uma variedade em outra.

O bilíngue será capaz de utilizar uma ou outra variedade dependendo do conhecimento que apresenta de cada variedade, isto é, falar, compreender, ler e escrever (grau). Ainda, pode alternar de uma variedade a outra conforme o contexto em que se encontra, ou seja, ele pode utilizar uma variedade em casa, outra na escola, uma no trabalho e outra na igreja, por exemplo, conforme a finalidade do uso da variedade (função).

³⁰ O bilinguismo não é um fenômeno da linguagem; é uma característica do seu uso. Não é uma característica do código, mas da mensagem.

³¹ A prática alternada do uso de duas línguas pode ser chamada de BILINGUISMO, e as pessoas envolvidas, BILÍNGUES.

Nos contextos bilíngues é também comum ocorrer o *code switching* ou alternância de códigos, no qual o bilíngue usa na mesma fala duas ou mais variedades alternadamente. Esse fenômeno é típico, por exemplo, no Paraguai que tem duas línguas como oficiais, o espanhol e o guarani, cuja alternância é conhecida como *jopará*³² (alternância).

Além disso, uma variedade em contato com outra pode resultar em um fenômeno conhecido como interferência, que pode ocorrer em diferentes níveis: fonéticos, gramaticais e lexicais (interferência).

Deste modo, dificilmente se pode afirmar que esse falante possui o mesmo grau de fluência em ambas as variedades. Dado isso, não podemos aceitar o conceito generalizado de bilinguismo como domínio de duas línguas, pois faz-se necessário aprofundar os vários aspectos desse fenômeno dentro da complexidade da área a ser estudada. Além disso, o uso de uma variedade pode estar relacionado ao prestígio que essa variedade goza dentro da sociedade, pois dificilmente duas variedades possuem o mesmo prestígio nos diferentes contextos em que são faladas. Também, uma variedade pode ser avaliada e utilizada de forma distinta dependendo do grau de instrução, do sexo, da idade, da localidade, entre outras características do falante.

O que expusemos até aqui nos permite refletir sobre as questões que fazem do contato linguístico um ponto crucial para a dinâmica da variação por meio de usos de diferentes variedades linguísticas.

2.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O interesse pela linguagem sempre foi inerente ao ser humano, seja pela literatura e poesia, seja pela religião, pela filosofia, pela história, pelo estudo das línguas, pela sua organização, pela descrição, pela variação etc. No entanto, esse interesse tampouco tem sido única e exclusivamente uma preocupação dos linguistas.

Os estudos da variação linguística são relativamente recentes enquanto ciência. Todavia, a diversidade linguística já é relatada em trechos do Antigo Testamento, conforme Chambers & Trudgill (1994, p. 35-36):

³² O Jopará é uma variedade linguística resultante da alternância da língua espanhola e guarani, assim sendo uma variedade linguística específica do Paraguai.

Una de las muestras más venerables y quizás la más sangrienta de una diferencia dialectal aparece en el Antiguo Testamento, cuando los galaaditas combatían con los efraimitas en el Jordán. Algunos efraimitas habían infiltrado en las líneas galaaditas y se hacían pasar por aliados. Un jefe galaadita inventó un medio de detectar a los impostores: llamaba a un sospechoso y le hacía pronunciar el nombre dado a la espiga de trigo, que los galaaditas denominaban *shibboleth*. Según el relato bíblico (Jueces 12, 6), <<decía *sibboleth* porque no podía pronunciarlo correctamente. Entonces lo agarraban y lo degollaban>>³³.

Outro linguista que traz contribuições nesse sentido é Camacho (2013) quando cita a passagem bíblica do Gênesis (11:1-9) que relata o mito da torre de Babel³⁴, segundo o qual, antes o mundo era harmônico, pois só havia uma língua, porém, ao desafiar a autoridade de Deus, os homens receberam como punição “a diversidade linguística” (CAMACHO, 2013, p.17).

Em ambos os casos bíblicos citados, a referência à diversidade linguística é apresentada como algo negativo. No entanto, para a Linguística, toda língua, todo dialeto, toda variedade é um sistema de signos estruturados capaz de transmitir a realidade histórico-social de uma comunidade.

O caráter variacionista da língua é inerente à sua estrutura, ou seja, ela muda porque se concretiza na interação linguística delimitada por um tempo e um espaço definidos socialmente. Conforme Coseriu (1988, p 69),

³³ Uma das mais veneráveis e talvez sangrenta da diferença dialetal aparece no Antigo Testamento, quando os galaaditas lutavam contra os efraimitas no rio Jordão. Alguns efraimitas tinham se infiltrado nas linhas galaaditas e se faziam passar por aliados. Um chefe galaadita inventou um meio de detectar aos impostores: chamava o suspeito e lhe fazia pronunciar o nome dado a espiga de trigo, que os galaaditas denominavam de *shibboleth*. Segundo o relato bíblico (Juizes 12, 6), “dizia *sibboleth* porque não podiam pronunciar-lo corretamente. Então o agarravam e o degolavam”.

³⁴ “E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra”. Disponível em: (<https://www.bibliaonline.com.br/>)

La lengua cambia justamente porque no está hecha sino que se hace continuamente por la actividad lingüística. En otros términos, cambia porque se habla: porque sólo existe como técnica y modalidad del hablar. El hablar es actividad creadora, libre y finalista, y es siempre nuevo, en cuanto se determina por una finalidad expresiva individual, actual e inédita. El hablante crea o estructura su expresión utilizando una técnica y un material anterior que le proporciona su saber lingüístico. La lengua, pues, no se impone al hablante, sino que se le ofrece: el hablante dispone de ella para realizar su libertad expresiva³⁵.

Nessa perspectiva, há variação porque a língua é viva e dinâmica. Se por um lado ela é social e coletiva, por outro, ela é individual, psicológica e dependente do sujeito para se concretizar (SAUSSURE, 2012 [1916]).

Para aprofundar os estudos de variação linguística, julgamos necessário passar pelos ramos da Linguística que, no decorrer da história, têm se dedicado à busca de respostas para os problemas da variação e da mudança linguísticas: a Dialetoлогия e a Sociolinguística.

2.4.1 Sob a Perspectiva da Dialetoлогия

Os primeiros trabalhos de cunho dialetológico, ou seja, que se preocupavam com o estudo da linguagem pelo viés da variação e da diversidade dos usos, surgem no final do século XIX. Chambers e Trudgill (1994, p. 39-45), por exemplo, esclarecem que as primeiras tentativas para sistematizar as diferenças dialetais surgiram em resposta às leis fonéticas, que postulavam que as mudanças ocorriam de forma regular e para todas as línguas, simplesmente motivadas pela configuração fonética das palavras. Nesse contexto, a Dialetoлогия configurou-se como o ramo da Linguística que busca identificar diferenças dialetais de falantes da mesma língua. Um dos principais objetivos dessa área de investigação é o de determinar isoglossas³⁶. Contudo, a representação das variantes regionais, em mapas, mostrou que os limites espaciais para a variação linguística não eram tão

³⁵ A língua muda justamente porque não está pronta e acabada, mas sim se fazendo continuamente pela atividade linguística, em outros termos, muda porque se fala: porque só existe como técnica e modalidade de falar. O falar é uma atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto determinado por uma atividade expressiva individual, atual e inédita. O falante cria ou estrutura sua expressão utilizando uma técnica e um conhecimento anterior que lhe proporciona seu saber linguístico. A língua, deste modo, não se impõe ao falante. Mas sim lhe é imposta, pois o falante se dispõe dela para realizar sua liberdade expressiva.

³⁶ Entendemos por isoglossa “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.12-13).

nítidos como se esperavam. Além disso, as respostas do mesmo informante podiam variar até de um dia para outro.

Esses primeiros estudos mostraram que os dialetos não estavam enquadrados em barreiras intransponíveis e, se as isoglossas para cada palavra envolvida numa mudança sonora fossem coincidentes, a hipótese dos neogramáticos teria sustentação. Em consequência disso, se desenvolve um conjunto de métodos de coleta sistemática de dados das diferenças dialetais: a Geografia Linguística.

A primeira tentativa foi realizada por Wenker, na Alemanha, em 1876, por meio de inquiritos enviados a professores por correspondência. Os resultados foram publicados em dois volumes, feitos a mão, em 1881, sob o título de *Sprachatlas des Deutschen Reichs*. Com o intuito de aprimorar os métodos de Wenker, Gilliéron escolheu apenas um inquiridor, Edmond Edmont, para realizar a tarefa de recolha dos dados *in loco*. Treinado pelo próprio Gilliéron para empregar adequadamente a transcrição fonética, Edmont percorreu 639 localidades e coletou aproximadamente 700 entrevistas. Os dados deram origem ao *Atlas Linguistique de la France* (ALF), publicado entre 1902 e 1912. Esse foi o primeiro estudo geolinguístico que cartografou fenômenos morfológicos e lexicais, além dos fonéticos³⁷. A eficácia do projeto de Gilliéron incentivou novos estudos na área da Dialetoлогия e consolidou uma nova metodologia de recolha de dados: a Geografia Linguística ou Geolinguística (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Os princípios metodológicos da Geografia Linguística foram se aprimorando e tornando-a o método de pesquisa e de coleta de dados específica da Dialetoлогия. Segundo Radtke e Thun (1996, p. 32), a chamada crise do método geolinguístico se deu basicamente pelo seu distanciamento em termos de descrição da realidade linguística, principalmente por não levar em conta o mundo moderno refletido pela mobilidade populacional e com os meios de comunicação em massa. Os estudos geolinguísticos que recebiam destaque somente pela descrição das línguas em seu espaço areal foram aos poucos incorporando aspectos extralinguísticos, inerentes aos falantes, assim, unindo, à perspectiva diatópica, o enfoque sociolinguístico.

³⁷ Cf. García Mouton (2010 [1996], p. 64)

Desse modo, a Dialectologia tem por objetivo “estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2010, p. 45).

A perspectiva diatópica é essencial para recriar a partir do estado sincrônico da língua a sua história em determinado local. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, num primeiro momento, a individualidade geográfica e, conseqüentemente, a linguística, estavam, de algum modo, mais salvaguardadas pela dificuldade de comunicação e interação entre as comunidades de fala, pela dificuldade de locomoção, ou mesmo pela falta de meios tecnológicos. Atualmente, os avanços tecnológicos, a facilidade de locomoção, as mudanças ocorridas nos papéis sociais devem ser considerados para a pesquisa dialetológicas. Essas mudanças de cunho social se refletem na língua falada por uma comunidade e, portanto, também é tarefa da Dialectologia apurar diferenças entre falas de homens e mulheres, entre diferentes classes sociais, entre diferentes faixas etárias. Ademais, não se pode negar que a população é cada vez menos estática, o que atribui um caráter dinâmico e mais passível de variação à língua.

Se num primeiro momento os estudos dialetológicos estavam pautados na busca da língua de uma época passada, uma fala pura e sem interferências e, por isso, pautou-se na escolha de informantes homens, adultos, rurais e sedentários, contudo, essa opção foi alvo de críticas nas últimas décadas.

Conforme Ramírez (2010, p. 40), um dos maiores problemas dos métodos de investigação da Dialectologia (tradicional/monodimensional) foi o da seleção dos informantes: idosos, que tendem a utilizar as formas vernáculas mais tradicionais e menos contaminadas pelo contato com outras variedades linguísticas. No entanto, tais respostas podem distorcer a realidade linguística da região, pois é possível que alguns adultos da mesma zona apresentem variantes diferentes em seu repertório linguístico.

Frente do exposto, é inegável que a sociedade contemporânea trouxe muitos desafios às pesquisas dialetológicas.

Esse tipo de pesquisa está embasado em alguns princípios essenciais, a saber: a rede de pontos (área a ser submetida à investigação dialetal), os informantes (número estatisticamente representativo de falantes da língua na área de estudo, selecionados segundo o perfil previamente definido, considerando

as variáveis como sexo, idade e escolarização) e o questionário linguístico (instrumento de recolha de dados), cada qual definido e elaborado de acordo com os objetivos estabelecidos para o estudo.

No entanto, mesmo com tantos trabalhos dialetológicos realizados em âmbito nacional e internacional, não há um consenso com relação ao número ideal de pontos, de informantes, ou com relação à extensão do questionário, pois estes variam de acordo com os objetivos da pesquisa (SILVA-CORVALÁN, 1989). Porém, podem-se seguir orientações para a seleção do informante como a utilização de parâmetros sociais, como por exemplo, sexo, idade e escolaridade.

A escolha da área geográfica da pesquisa está diretamente relacionada à rede de pontos, que deve ser reveladora dos fenômenos de variação. A seleção das localidades deve estar embasada na relação entre a extensão territorial e a população da área do estudo. Ainda, devem-se considerar aspectos históricos (povoamento, migrações), econômicos e sociais de cada localidade.

A seleção dos informantes é de fundamental importância para a representatividade da fala da localidade, portanto, o controle de variáveis deve ser considerado, tais como: naturalidade, idade, escolaridade, profissão, domicílio, viagens efetuadas, estado civil, naturalidade dos pais e do cônjuge, entre outros. Ainda, essa seleção deve ser realizada com vistas a dois parâmetros, que por vezes estão relacionados: o número de informantes por localidade e o perfil dos mesmos. A escolha das variáveis sociolinguísticas acaba por definir esse número. Por exemplo, se incluirmos a variável sexo, automaticamente teremos dois informantes, um homem e uma mulher; se incluirmos à variável sexo duas faixas etárias, teríamos quatro informantes, ou seja, uma mulher da primeira faixa, uma mulher da segunda faixa, um homem da primeira faixa, um homem da segunda faixa e assim, sucessivamente, conforme o acréscimo das variáveis sociolinguísticas.

A preparação do questionário linguístico está também pautada nos objetivos da pesquisa. Deste modo, deve ser elaborado com vistas a extrair as variantes a que o estudo se dedica. Assim, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.30),

O questionário que se destina a uma investigação de natureza dialetal convém que tenha a sua elaboração regida pelos objetivos que se pretende atingir. Se trata de um levantamento geral das características do dialeto da região, o questionário precisará ser amplo e abrangente, tocando nas diferentes áreas semânticas que informam o mundo bio-social.

Uma vantagem dos trabalhos dialetais produzidos atualmente é que, com a publicação de vários atlas regionais e outros trabalhos dialetais, muitos dados podem ser comparados, se houver a utilização, na coleta de dados, de questões e de perfil de informantes similares. Essa conduta permite a comparabilidade dos dados e com isso identifica pistas de que caminho seguir para que o trabalho seja produtivo e retrate com fidelidade a fala viva da área pré-estabelecida.

De acordo com o tipo de dado a ser coletado, o questionário pode ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático-discursivo e metalinguístico. Segundo Silva Neto (1957, p. 30), a aplicação do questionário é uma “tarefa que precisa ser ‘verificada’ e ‘testada’, experimentada em recolhidas de dados preliminares, a fim de se lhe corrigirem defeitos e sanarem as lacunas”. Sanados os possíveis problemas e reelaborado o questionário, é papel do inquiridor fazer a coleta.

O inquiridor assume um papel fundamental na pesquisa de campo. É sua a responsabilidade de garantir o rigor científico da pesquisa dialetológica para que se tenha, de fato, uma representação espacial e social da fala viva. Para Silva Neto (1957), existem certas condições necessárias ao inquiridor:

a) ter bom ouvido e gosto pela linguagem popular; conhecer bem a região e a língua, sobretudo se se tratar de um estrangeiro; c) ter tato e simpatia pessoal, para merecer a confiança e a boa vontade dos informantes que, em caso contrário, podem não responder ou, o que é bem possível, e pior, responder propositalmente errado; d) conhecer bem o questionário que se vai aplicar (SILVA NETO, 1957, p. 31).

Ainda, segundo o mesmo autor, é preferível que os dados sejam recolhidos *in loco*, gravados e transcritos, pelo próprio pesquisador (SILVA NETO, 1957, p. 27).

O material recolhido pode dar origem a diferentes trabalhos como glossários, monografias, cartas linguísticas etc. Assim, a divulgação dos resultados de uma pesquisa de cunho dialetológico está basicamente dividida em trabalhos de análise linguística: trabalhos monográficos e em trabalhos de descrição linguística: atlas linguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 1990, p. 41).

Ferreira e Cardoso (1994) chamam a atenção para a diferença entre a publicação dos resultados de trabalhos dialetais e outros de outra natureza, pois os dialetais, muitas vezes, ao serem concluídos, se convertem em um “marco inicial

para um trabalho de análise de dados e de conclusões sobre os fatos que são considerados”. É o que acontece com os Atlas Linguísticos, pois quando estes são editados, uma etapa está concluída, porém, é quando “começam todas as possibilidades de investigação sobre a região em si mesma e/ou confronto com outras, com a utilização do que no atlas se tem documentado” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.36)

Apesar de não ser o propósito deste trabalho a produção de um atlas linguístico, julgamos pertinente uma breve discussão do assunto dada sua importância na descrição dialetal dos fenômenos linguísticos.

Os Atlas Linguísticos representam a distribuição de variantes linguísticas em determinada área geográfica por meio de mapas/cartas linguísticas. Para Silva Neto (1957, p.37),

Os atlas linguísticos são reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada: nelas podemos observar, sincronicamente, tôdas as maneiras de dizer, pronunciar, construir frases, enfim, todos os meios de expressão de que se dispõe o grupo humano estudado.

As cartas linguísticas podem registrar a variação fonética, léxica ou morfossintática da língua. Se originalmente as cartas linguísticas apresentavam apenas as variantes distribuídas diatopicamente, sem controle de variáveis sociais e sem notas complementares, com o passar do tempo e com a experiência na produção de atlas, os dialetólogos começaram a incluir nas cartas aspectos etnolinguísticos e variáveis sociolinguísticas, possibilitando assim uma melhor interpretação dos dados.

De acordo com Cardoso (2010, p.67), “os atlas linguísticos, no curso da história, espelham orientação diversa e metodologias particulares, seja pela maneira de focalizar os espaços geográficos, seja pelo modo de registrar os dados ou ainda pela forma de tratá-los cartograficamente”.

Com relação ao espaço geográfico, todos os atlas, a partir do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), podem ser divididos em quatro tipos diferentes: regionais, nacionais, de grupo linguístico e continentais (ALINEI, 1994 apud CARDOSO, 2010, p.67)). Já Karl Jaberg (1955 apud GARCÍA MOUTON, 2010 [1996], p. 67-68) os divide em atlas de grande domínio e atlas de pequeno domínio, ressaltando a utilidade e os distintos alcances dos tipos diferentes de atlas.

Os atlas de grande domínio como os nacionais se justificam à medida que trazem uma visão geral do conjunto dos fenômenos linguísticos de uma área geopolítica. No entanto, os atlas regionais, por abrigarem um território mais reduzido, apresentam a vantagem de documentar com maior profundidade a língua oral de uma região específica. Contudo, um atlas nacional não exclui a necessidade da existência de atlas regionais e vice-versa, pois eles têm alcances distintos, e, portanto, se complementam. Conforme Alvar (1969, p.165), “los Atlas nacionales y los Atlas regionales deben coexistir y en modo alguno excluirse. El Atlas nacional dará sentido a lo que queda, como garabato de dudas, en los Atlas regionales, y éstos – no he dicho otra cosa – llegan al por menor que debe ser desatendido en aquéllos”³⁸.

Se na França o empreendimento de Gilliéron, por meio do ALF, forneceu uma imagem linguística geral do país e, posteriormente, com Albert Dauzat que se aprofundou na fala regional francesa com o *Nouvel atlas linguistique de la France* por regiões (NALF), no Brasil, ocorreu o inverso, pois, devido à dimensão territorial do país, as dificuldades financeiras e a falta de pesquisadores capacitados para a função, surgiram primeiramente os atlas regionais para, posteriormente, depois de sedimentada a Dialetoлогия brasileira, a partir de 1996, ser lançado e desenvolvido o projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

No Brasil, ainda conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.37-62), a primeira fase dos estudos dialetais, de 1826 a 1920, foi caracterizada por trabalhos voltados para o português do Brasil, sobretudo o léxico regional. A segunda fase tem seu início com a obra *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920) e culmina com *O Linguajar carioca* (1922) de Antenor Nascentes. Essa fase se caracteriza por trabalhos, em sua maioria, de cunho gramatical. Assim como na primeira fase, ainda registra-se ausência de trabalho sistemático de campo, mas surge a preocupação com a metodologia e com a observação direta. A terceira fase dos estudos dialetológicos no Brasil inicia-se com a preocupação em fazer um atlas nacional. Nessa fase são publicadas obras teóricas de fundamental relevância para a solidificação de uma “mentalidade dialetológica” no Brasil, tão ansiada por Serafim

³⁸ “os Atlas nacionais e os Atlas regionais devem coexistir e de modo algum excluir-se. O Atlas nacional dará sentido ao que fica, como um gabarito de dúvidas, nos Atlas regionais, e estes – não dito outra coisa – podem chegar detalhes não registrados naqueles”.

da Silva Neto³⁹: *Guia para estudos dialetológicos* (1957), de Serafim da Silva Neto, *Bases pra a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958), de Antenor Nascentes, *A Dialectologia* (1967), de Nelson Rossi, *Uma política do idioma* (1968), de Celso Cunha, dentre outros.

No III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1957, em Lisboa, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha reconhecem a impraticabilidade de realização de um único atlas nacional, questão retomada posteriormente por Antenor Nascentes, em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958):

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se a elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação (NASCENTES, 1958, p.7).

Nelson Rossi, na Bahia, inicia um trabalho em equipe que deu origem ao primeiro atlas produzido no Brasil: *O Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963. O trabalho pioneiro, dirigido por Rossi, contou com um grupo de nove inquiridores, recém-licenciados e devidamente treinados por ele. O APFB recobre todo o estado da Bahia, com uma rede de pontos constituída por 50 localidades. A importância atribuída a esse trabalho não evoca somente seu pioneirismo, mas principalmente a sua importância para o registro do falar regional da Bahia e, conseqüentemente, grande parte do falar nordestino.

Após a publicação do APFB, surgem vários outros atlas linguísticos estaduais e um de caráter regional: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987; o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), em 1994; o *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* (ALERS), em 2002; o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2004); *Atlas Linguístico de Sergipe-II* (ALS-II), em 2005; o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), em 2007, e o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE), em 2010. Além disso, foi publicada nova edição do *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* (ALERS), em 2011. Ainda há

³⁹ “No Brasil, terra onde estão em princípio os estudos de Filologia Românica, é preciso, antes de mais nada, criar uma mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo” (SILVA NETO, 1957, p.9).

vários projetos de atlas em andamento e outros já produzidos, como dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, ainda inéditos.

Ainda no Brasil, com relação ao percurso metodológico, a Dialetoлогия foi consolidando seus métodos de pesquisa e evoluindo conforme novas possibilidades de pesquisa e diferentes focos de análise. Antes preocupada apenas com os dialetos rurais e informantes analfabetos ou de baixa escolaridade, a Dialetoлогия interessou-se também pela fala dos grandes centros urbanos⁴⁰.

Com o passar dos anos os trabalhos dialetológicos foram incluindo algumas variáveis anteriormente não consideradas nesse tipo de pesquisa, como sexo, idade, escolaridade, nível social e os diferentes usos da língua em variadas situações sociais, e o método geolinguístico ganha um enfoque sociolinguístico nos estudos dialetológicos. De acordo com Cardoso (2006, p. 215),

[...] a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

A retomada da proposta de realização de um atlas linguístico nacional, por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia em novembro de 1996, pode ser vista como o início de uma quarta fase na história da Dialetoлогия brasileira (MOTA; CARDOSO, 2006, p.19). O Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, idealizado desde 1952, é sediado na UFBA e conta com um grupo de pesquisadores de 16 universidades brasileiras. O objetivo central do ALiB é a descrição da realidade linguística da Língua Portuguesa no Brasil e, como metodologia, atende aos princípios da Geografia Linguística Pluridimensional. No ano de 2014, foram publicados os primeiros dois volumes do ALiB. O primeiro volume introdutório apresenta a história do projeto, a metodologia, a rede de pontos, dados sobre o questionário e o perfil do informante, além de informações sobre a

⁴⁰ Em 1969, por iniciativa de Nelson Rossi, surge o Projeto de Estudo Conjunto da Norma Culta no Brasil, o Projeto NURC. Desenvolvido em cinco capitais brasileiras, o projeto tinha como principal objetivo descrever o uso normal culto brasileiro (Ferreira e Cardoso, 1994).

cartografia dos dados. O segundo volume traz em cartas linguísticas os dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais, obtidos nas 25 capitais brasileiras.

O estudo da variação diatópica, ou seja, o conhecimento das variedades regionais de uma língua se consolida com a Dialetoologia, no entanto, a Sociolinguística traz contribuições fundamentais à disciplina, sobretudo com relação ao método geolinguístico.

A Dialetoologia tradicional ou monodimensional, que se ocupava apenas da variação espacial, com a variação linguística em áreas rurais e centralizava seu interesse no homem com pouca ou nenhuma escolaridade, incorporou um caráter pluridimensional ao incluir variáveis sociolinguísticas em sua orientação metodológica.

Vejamos as contribuições da Sociolinguística para a compreensão dos fenômenos que podem acarretar a variação linguística.

2.4.2 Sob a Perspectiva da Sociolinguística

Para Moreno Fernández, o nascimento e o desenvolvimento da Sociolinguística se devem às muitas incursões realizadas dentro da Dialetoologia. “Puede decirse que la metodología de la primera es resultado parcial de una desgajadura de la segunda” (MORENO FERNÁNDEZ, 1990, p.41)⁴¹.

Os vazios teóricos referentes à mudança linguística começaram a ser preenchidos, na década de 60 do século XX, pela Sociolinguística Variacionista, que muda o foco do objeto de estudo da Linguística a partir de uma nova concepção de língua que busca contemplar de maneira sistemática a dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico.

O primeiro aporte teórico trazido pelos sociolinguistas é que a língua, examinada de modo sincrônico ou diacrônico, deve ser vista como um objeto constituído de uma heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Essa nova visão da variação nos permite entendê-la como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas e atribui à variação um caráter sistemático e controlado. Nessa perspectiva, a variação já não pode ser vista como aleatória e irregular e a língua como um sistema estático e homogêneo.

⁴¹ Pode-se dizer que a metodologia da primeira é o resultado parcial de um desdobramento da segunda.

Deste modo, o modelo teórico para a variação linguística busca descrever a heterogeneidade ordenada dentro da língua usada por falantes em sua comunidade de fala⁴², também heterogênea. Para Labov (1982, p. 18), “o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social”. Ainda segundo o autor:

A condição normal da comunidade de fala é a da heterogeneidade: podemos esperar encontrar uma larga gama de variantes, estilos, dialetos e linguagens usados por seus membros. Mais ainda, esta heterogeneidade é parte integrante da economia linguística da comunidade, necessárias para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana (LABOV, 1982, p.17).

Ao conceber a língua como heterogênea, conseqüentemente, teremos que vislumbrar um falante com habilidade linguística para lidar com essa heterogeneidade. Deste modo, o falante não é visto mais como passivo diante da língua, e passa a agir de forma ativa mais ou menos consciente dentre as várias possibilidades existentes na estrutura linguística. Suas escolhas podem ser determinadas pela situação de comunicação, ou seja, pela sua intenção, pelo seu interlocutor, pelo ambiente no qual se encontra, entre outros fatores. O falante assume um papel de indivíduo histórico e livre, na sua comunidade de fala, criando e recriando a própria língua.

Considerando-se que a Sociolinguística Variacionista surge a partir dos estudos de William Labov, ao observar as mudanças em progresso no inglês da ilha de Martha's Vineyard (1963) e da cidade de Nova York (1966), rompe-se o mito de que a mudança linguística poderia ser estudada somente após estar concluída.

Com base nesse novo ponto de vista, os estudos da variação possibilitam avançar além da descrição das variantes de uma língua, pois permitem identificar os vários estágios nos processos de mudança, isto é, se coexistem formas inovadoras implantadas que convivem com as já existentes, ou até mesmo indicar o movimento espacial e social dessa mudança.

⁴² Conforme Moreno Fernández (1990, p. 54), o conceito de comunidade de fala é constantemente revisado e está definido a partir de quatro perspectivas: “i) Perspectiva linguística: pessoas que utilizam uma dada variedade; ii) Perspectiva interativa: rede de interação que controla os usos linguísticos; iii) Perspectiva da sociologia do conhecimento: grupo que comparte o conhecimento de umas regras de conduta e de interpretação da fala; iv) Perspectiva psicossociológica: formada por membros que julgam e avaliam do mesmo modo as variáveis que permitem diferenciar sociolinguisticamente os falantes”. Segundo o autor, Labov segue o último critério (tradução nossa).

A Sociolinguística mostrou interesse especial pelos estágios que apresentavam relações entre os usos linguísticos e fatores sociais. Deste modo, adota como objeto de estudo a língua falada em situação real de uso. Conforme Silva-Corvalán (1989, p.1),

La sociolingüística es una disciplina independiente, con una metodología propia, [...] que estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente en explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico⁴³.

Com relação à metodologia de pesquisa sociolinguística, não há uma regra fixa a ser seguida. Conforme Moreno Fernández (1990, p. 14), “por fortuna o desgracia, dentro del ámbito de la sociolingüística no existe ni unidad teórica ni uniformidad metodológica⁴⁴”.

Todavía, há o consenso de que se almeja estudar a língua falada em situações reais/naturais⁴⁵, razão pela qual o pesquisador deve se aproximar da comunidade de falantes a ser pesquisada e participar diretamente da interação, ou seja, observar de perto o uso da língua nessa comunidade.

A seleção dos informantes depende dos objetivos, das hipóteses de trabalho e das variáveis sociolinguísticas estabelecidas: sexo, idade, escolaridade, entre outros. Diferentemente das pesquisas de cunho dialetológico e geolinguístico, a seleção de informantes pode vir depois da coleta de dados. A pesquisa sociolinguística pode ser realizada com a seleção aleatória de informantes para posterior enquadramento, ou seja, depois de realizadas as entrevistas o pesquisador separa o informante homem da informante mulher, o informante jovem do idoso e assim por diante. Por exemplo, uma entrevista pode ser realizada só com mulheres, contudo, elas posteriormente podem ser diferenciadas por classe social, idade, ocupação profissional etc., dependendo do objetivo do estudo. Contudo, não há um

⁴³ A Sociolinguística é uma disciplina independente, com uma metodologia própria, [...] que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variação linguística, de sua inter-relação com fatores sociais e do papel que esta variação desempenha nos processos de mudança linguística.

⁴⁴ Por sorte ou azar, dentro do âmbito da Sociolinguística não existe nem uma uniformidade teórica nem uma uniformidade metodológica.

⁴⁵ Considera-se uma situação de comunicação real ou natural quando o falante fala espontaneamente, utilizando a variante mais próxima de sua fala cotidiana e sem monitoramento por parte do entrevistador.

consenso sobre a quantidade ideal de informantes que assegure a validade e a representatividade das pesquisas sociolinguísticas (MORENO FERNÁNDEZ, 1990).

A coleta de dados pode ser realizada por meio de questionário, conversação, leitura de um texto, leitura de lista de palavras, por meio de narrativas, gravadas, visando à boa qualidade sonora. Conforme o método de entrevista sociolinguística, o pesquisador tem por tarefa minimizar o efeito negativo⁴⁶ na fala espontânea do entrevistado causado por sua presença durante a coleta de dados. Desta forma, o pesquisador, de preferência, deve ser introduzido à comunidade por uma pessoa já pertencente ao grupo e apresentar-se não como linguista ou pesquisador da língua, mas sim como um pesquisador da cultura e dos costumes do lugar. Ainda, é importante adequar o comportamento social e linguístico do pesquisador ao da comunidade estudada, quando possível (TARALLO, 2007).

Após a coleta de dados, estes devem ser transcritos e analisados. Em muitos trabalhos sociolinguísticos, a maioria de caráter quantitativo, os dados analisados são codificados e calculados por meio de programas computacionais.

O pesquisador encontra no mundo contemporâneo um grande desafio diante das mudanças de ordem histórico-social como, por exemplo, o papel da mulher na sociedade, da escolaridade ou do bilinguismo. Desta maneira, seria camuflar a realidade linguística da sociedade atual não incluir nos estudos de variação a variável sexo. Conclui-se que as variáveis sociais são de extrema importância na descrição da variação e mudança linguística.

Em suma, se a Sociolinguística foi fundamental para cientificar que a variação é inerente à língua e para demonstrar a relevância dos fatores sociais na variação linguística, foi tarefa da Dialetoлогия Pluridimensional no curso da história, descrever e situar os usos da língua não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica (MARGOTTI, 2004).

2.4.3 Dialetoлогия Pluridimensional

A Dialetoлогия como ramo da Linguística foi desenvolvida por estudiosos preocupados com o percurso histórico das línguas, ou seja, seu primeiro objetivo era trazer à tona a história social de uma língua por meio da variação sofrida

⁴⁶ Labov (2008 [1972]) chama esse efeito negativo do pesquisador na fala do informante de “paradoxo do observador”.

por ela no decorrer do tempo em determinado espaço geográfico. Portanto, a Dialetologia estava diretamente relacionada à Linguística Diacrônica, cuja tarefa era a de registrar e averiguar os processos de mudança linguística (THUN, 2009). Diante disso, ocupava-se da variação espacial e preocupava-se com a variação linguística em áreas rurais, centralizando seu interesse no homem com pouca ou nenhuma escolaridade. No entanto, a partir desses princípios, conseguia-se visualizar as mudanças linguísticas como resultado de processos passados, não permitindo a percepção dessas mudanças em seu processo de produção. Ao considerar apenas a variação diatópica, na tentativa de chegar ao passado por meio do presente, possibilitava a análise de dados relativamente homogêneos. A Sociolinguística, por sua vez, como disciplina que estuda a variação, considera a variação linguística em suas distintas dimensões sociais, contudo, em apenas um ponto, limitando a extensão areal dos dados recolhidos. Conforme Thun (2009, p.536),

Se a Dialetologia monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má Sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a Sociolinguística é também uma má Dialetologia porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto.

Se a Dialetologia tradicional trazia como grupo de informantes homens, idosos, com nível sociocultural baixo, rurais, com restrito movimento no espaço e com pouco contato com os de fora, conseqüentemente, estava se distanciando de uma realidade que trouxe mudanças significativas à estrutura social e, sobretudo, aos precursores da mudança linguística. Atualmente, é inegável o espaço ocupado pelas mulheres e pelos jovens na sociedade. Ainda, podemos considerar a escola como um fator primordial à formação sociocultural do cidadão. Tampouco, pode-se desconsiderar a grande migração da população rural para os centros urbanos. Finalmente, não podemos deixar de mencionar a facilidade, nos dias de hoje, de locomoção de uma cidade a outra, além da evolução dos meios de comunicação. Assim, podemos afirmar que a Dialetologia tradicional sofreu transformações para adequar-se às exigências das mudanças sociais ocorridas na virada do milênio.

Chamada de Dialetologia Pluridimensional e Relacional⁴⁷, essa “nova” Dialetologia, em seu escopo, combina a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Desta forma, estuda o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, diante de dimensões de ordem social e linguística. Ainda, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional abarca outros fatos que pertencem a outras disciplinas como a Pragmática e a Psicolinguística (THUN, 1998).

Não se pode precisar o momento exato em que a Dialetologia Pluridimensional passa a existir, o que podemos afirmar é que a Dialetologia Tradicional/Monodimensional foi acrescentando aos poucos à sua estrutura diatópica as variantes sociolinguísticas para acercar-se da realidade social e linguística.

Conforme Thun (2000, p. 189-190), a Dialetologia Pluridimensional considera dimensões da variação linguística: a dimensão dialingual (duas ou mais línguas em contato); a dimensão diatópica (variação atribuída a distintas localidades); a dimensão diastrática (diferentes estratificações sociais); a dimensão diageracional (diferentes faixas etárias); a dimensão diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres, entre outros estilos de fala), a dimensão diatópico-cinética (grupos sociais estáticos em comparação à mobilidade de outros grupos sociais), a dimensão diassexual (modo de falar de homens e mulheres) e a dimensão diarreferencial (modo de falar do informante contrastado à sua consciência linguística).

Ainda o autor, a respeito da Dialetologia Pluridimensional, esclarece que:

⁴⁷ Cf. Moreno Fernández (1990, p. 203) devido à chamada “crise” da Dialetologia Tradicional /Monodimensional, muitos autores propuseram novas teorias e metodologias de estudo. Trudgill menciona a ideia de uma “nova” Dialetologia, Rona de uma sociodialetologia. Thun (1998) opta pela nomenclatura de Dialetologia Pluridimensional e Relacional, diante da proposta terminológica de M. D’Agostinho & A. Pennisi de Sociolinguística Espacial. Seguimos para a tese a nomenclatura utilizada por Thun (1998).

[...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 706).

Além disso, não podemos entendê-la apenas como uma junção metodológica da Dialetologia tradicional e da Sociolinguística, pois também engloba aspectos e técnicas da análise de línguas em contato (THUN, 2010).

A Dialetologia Pluridimensional considera o parâmetro contatual na descrição da variação linguística, dada a importância de serem consideradas também as línguas minoritárias, o bilinguismo, além das condições em que realiza o contato linguístico.

Também pondera, em suas análises, as alternâncias de estilos (dimensão diafásica) durante situações reais de interação social, por isso, normalmente, são selecionados três estilos de fala⁴⁸, a saber: a leitura (L), respostas às perguntas dos questionários (R), e a conversação livre ou dirigida (C). Durante a leitura, o informante está mais tenso e tem maior controle sobre sua fala, durante as respostas ao questionário ele pode se sentir um pouco mais livre, mas ainda está muito atento às respostas e, finalmente, durante a conversação livre ou dirigida ele pode até esquecer que está sendo entrevistado, e nessa fase se obtém o maior grau de espontaneidade (THUN, 1996).

Ainda investiga o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço). Como dito anteriormente, os movimentos migratórios exigem nova metodologia de pesquisa, uma vez que deixa de existir o informante nascido na localidade e sem mobilidade. Além disso, se não levamos em conta o informante topodinâmico, como explicar o avanço ou o retrocesso de uma variante linguística em determinada área? A comparação entre informantes topodinâmicos e topostáticos também pode ser frutífera, pois pode ser reveladora de manutenção ou mudança de comportamento linguístico (THUN, 1996).

⁴⁸ Cf. Thun (1995)

São características da Dialetologia Pluridimensional a utilização de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, que passaremos a descrever na sequência.

A técnica em três tempos (sugestão/sugêrencia⁴⁹) busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Desta forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerir. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalinguísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para aquela variável a ser documentada. De acordo com Thun (1998, p. 483), “com as sugestões procura-se registrar também os dados que, momentaneamente, na situação da entrevista ou com permanência na cabeça do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva”.

A pluralidade de informantes durante a entrevista é outra técnica recorrente da Dialetologia Pluridimensional, cujo intuito é aumentar a representatividade dos dados. Existem dois tipos de entrevista com mais de um informante: a primeira é a pluralidade simultânea, na qual dois ou mais informantes participam da entrevista ao mesmo tempo. A segunda é a pluralidade de informantes sucessiva que consiste em começar a entrevista com um informante e terminá-la com outro. No entanto, ao realizar o inquérito com mais de um informante, estes devem apresentar perfis idênticos. Nesse sentido, podem ser apuradas as convergências e divergências nas respostas dos informantes, além de seus comentários metalinguísticos (RADTKE; THUN, 1996).

Explanada a teoria, a técnica e os métodos que expusemos com relação à Dialetologia Pluridimensional, optamos por construir esta tese sob essa perspectiva, conforme o tipo de trabalho pretendido, pois a cartografia pluridimensional nos permite correlacionar a variação linguística diatópica com as distintas dimensões sociais.

A seguir, tratamos da metodologia empregada na pesquisa que deu origem a esta tese.

⁴⁹ O termo *sugêrencia* tem sido amplamente usado, ainda que não esteja presente nos dicionários de língua portuguesa. Oriundo da língua espanhola, significa sugestão. Optamos pelo uso do termo *sugestão* neste trabalho, assim como Thun (1998).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

Neste capítulo, retomamos os objetivos do trabalho, bem como os princípios/conceitos básicos que sedimentaram as opções teórico-metodológicas que orientaram a pesquisa, além de reflexões acerca da experiência vivenciada na etapa da coleta de dados.

Como já registrado anteriormente, este trabalho tem como objetivo geral a descrição das variedades linguísticas da língua portuguesa falada na região fronteiriça, mais especificamente na área que abrange o Oeste do estado do Paraná, Brasil e o leste do Departamento del Alto Paraná, Paraguai. Ao propormos um estudo geolinguístico de cunho pluridimensional e de caráter topodinâmico, consideramos a descrição das variantes da língua portuguesa em contato com as das línguas espanhola e guarani. A pesquisa busca apurar ainda não só a questão do contato entre esses grupos sociais estabelecidos na fronteira, mas também verificar se a língua portuguesa falada na região mantém a interinfluência da variedade linguística de habitantes do Sul do Brasil que migraram para o Oeste do Paraná na década de 60 do século XX e imigraram para o Paraguai, contrastando com os que para lá vieram das outras regiões do Brasil, sobretudo, os oriundos do Norte do Paraná, de São Paulo e de Minas Gerais. Neste trabalho consideram-se sulistas as influências vindas do Sul do Brasil, principalmente do estado do Rio Grande do Sul, e nortistas, as oriundas das demais regiões do Brasil.

A realidade da área investigada apresenta uma peculiar complexidade, pois as relações que se operam entre os habitantes fronteiriços envolvem, por extensão, relações intrínsecas e subjetivas entre as línguas, as culturas e os grupos sociais que ali vivem em situação de contato.

Devido a essa complexidade, adotamos o conceito de “fronteira em movimento” de Albuquerque (2005, p. 16), concebido especificamente para a situação fronteiriça do Paraguai. De acordo com essa concepção, os conceitos de

“classe social, etnia, nação e civilização se integram ou se opõem na construção das fronteiras em movimento como espaços sociais de integração, tensão e poder” (p.16). Do mesmo modo, não consideramos a língua apenas como instrumento de comunicação e de interação entre homem e sociedade, pois, além disso, ela reflete a identidade do falante. Nas relações sociais, por meio de escolhas linguísticas, conscientes ou inconscientes, o falante informa ao interlocutor o lugar de onde veio, o seu nível de escolaridade, a sua ascendência, a sua idade entre outras características. Essas informações que perpassam a fala são de extrema importância para o entendimento do fenômeno da variação linguística em seus diferentes estágios, por isso, a necessidade de, no estudo da variação, combinar a perspectiva diatópica com fatores sociais.

Neste estudo, em termos metodológicos, foram consideradas oito das dimensões propostas por Thun (1998): a dialingual, a diatópica, a diastrática, a diageracional, a diarreferencial, a diassexual, a diatópico-cinética e a diafásica. Desta forma, a pesquisa busca compreender o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, combinando dimensões de ordem linguística, espacial e social. Ressaltamos que só foi possível considerar essas oito dimensões devido ao tipo de trabalho proposto, à região que proporciona uma gama de diferentes contatos linguísticos e, sobretudo, às migrações no Oeste do Paraná e as imigrações ao Paraguai. Na sequência, são retomadas essas dimensões e estabelecidas as devidas relações com as opções metodológicas adotadas na pesquisa que deu origem a esta tese.

3.1 DIMENSÃO DIATÓPICA: A DEFINIÇÃO DA REDE DE PONTOS

A dimensão diatópica compreende os estudos voltados às diferenças dialetais distribuídas em áreas geográficas, isto é, em áreas espaciais. Essa dimensão é a base de todo e qualquer estudo dialetológico e geolinguístico, pois se utiliza de mapas para registrar a variedade linguística, em dado espaço geográfico. Conforme Cardoso (2010, p. 15),

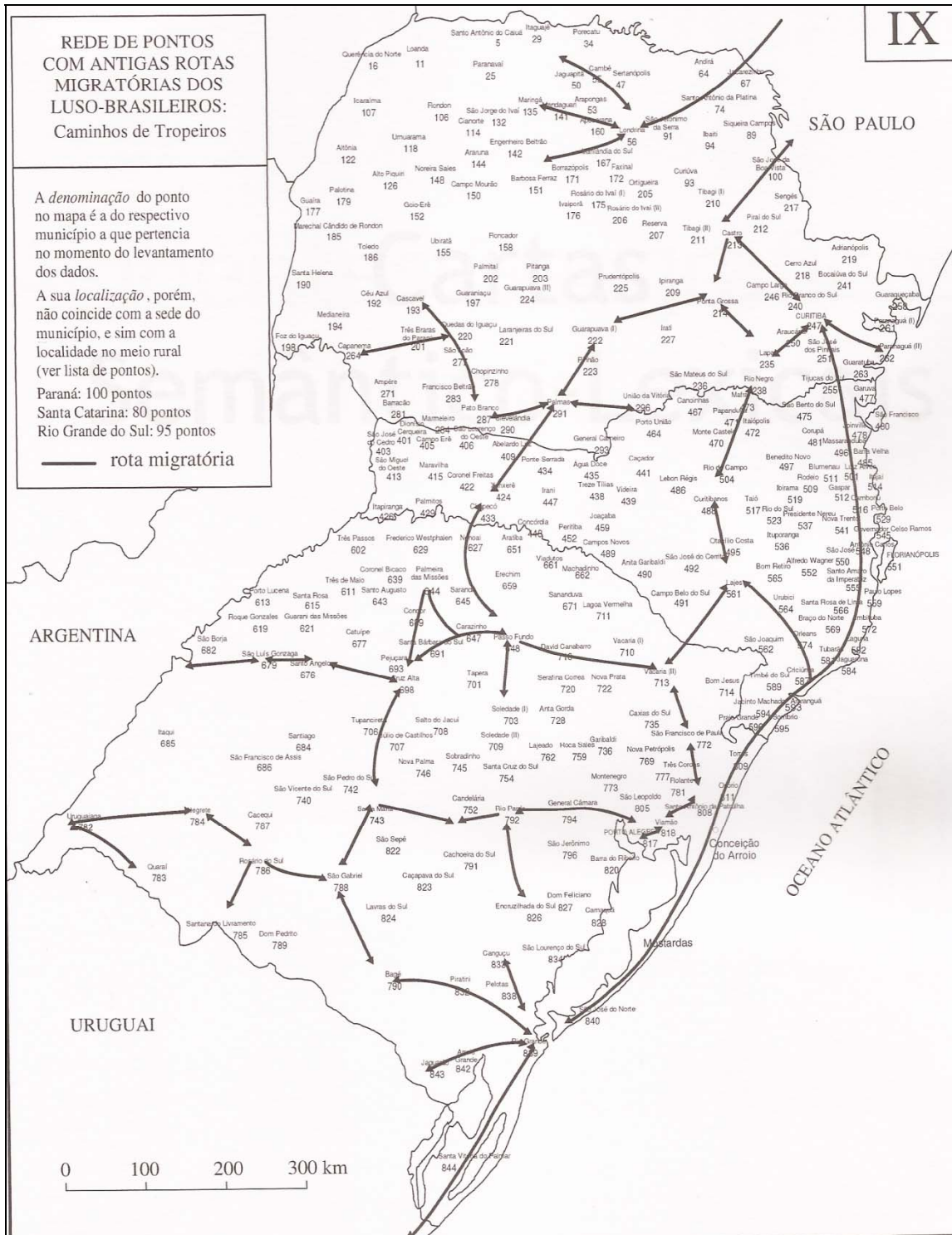
O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Deste modo, no âmbito deste estudo, nesse espaço geográfico, que, segundo a autora, também é histórico e social, busca-se documentar a variação linguística de uma língua, em contato com outras línguas ou mesmo em contato com variedades da mesma língua. Esse panorama linguístico motivou a escolha da região da fronteira do Brasil com o Paraguai, mais especificamente a região Oeste do estado do Paraná e o departamento del Alto Paraná, como objeto de investigação.

As localidades brasileiras foram selecionadas com base em dados sobre o fluxo migratório que se deu no Oeste paranaense no começo do século passado (COLODEL, 2002; GREGORY, 2002; DEITOS, 2004). Conforme esses estudos, pode-se afirmar que a mesorregião Oeste do Paraná foi povoada basicamente por duas frentes: a cafeeira, composta por paulistas e mineiros, vindos do Norte do Paraná, e a agropecuarista, representada pelos gaúchos e catarinenses vindos do extremo Sul do país. De acordo com esse quadro migratório, a mesorregião Oeste do Paraná teve, ao norte, influências nortistas, como a cidade de Terra Roxa, e, ao sul, influências sulistas, como a cidade de Missal.

Ainda, para corroborar com as informações fornecidas pelos historiadores citados, utilizamos como parâmetro de análise o ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – 2011a e b), cujos mapas linguísticos refletem o fluxo migratório do sul para a área de pesquisa. Ainda podemos verificar as rotas migratórias por meio da carta IX do ALERS. Essa carta, representada pela figura 8, confirma a presença da ida de paulistas ao norte e, posteriormente, ao noroeste paranaense e a de gaúchos ao Sudoeste do estado.

Figura 8 – Antigas rotas migratórias dos Luso-brasileiros



Fonte: ALERS (2011a, p. IX)

Outro estudo de fundamental importância que nos auxiliou na seleção das localidades brasileiras foi a tese de Busse (2010), que registra a concorrência das variantes sulistas com as nortistas, no Oeste paranaense.

Esses dois estudos documentaram algumas características específicas do português em contato com as línguas de imigração que, de modo genérico, está associado apenas ao Sul do país. Nesse sentido, a ocupação do espaço geográfico, assim como as rotas de imigração foram de extrema importância para a seleção das localidades.

De forma semelhante foram selecionadas duas localidades paraguaias. Primeiramente, foram realizados estudos bibliográficos (MILLER, 1996; ALBUQUERQUE, 2005) sobre as cidades paraguaias com maior número de imigrantes brasileiros, o que permitiu aclarar a procedência desses brasileiros que vivem no Paraguai. O segundo momento da investigação pautou-se na comprovação que se realizou *in loco*, por meio das respostas às questões contidas na ficha de informantes que foi elaborada com base na ficha do informante do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). Os dados sobre a procedência familiar do informante confirmou a hipótese de que os brasileiros que vivem em San Alberto, em sua maioria, procediam do estado do Paraná e da região Sudeste do Brasil, enquanto os brasileiros estabelecidos em Santa Rosa del Monday, em sua maioria, eram provenientes do Sul do Brasil.

Na sequência, o quadro 2 apresenta os pontos selecionados no estado do Paraná/Brasil e no Paraguai e a carta I, rede de pontos, mostra a distribuição da rede de pontos definida para a pesquisa.

Quadro 2 – Descrição da rede de pontos da pesquisa

| Ponto | Descrição do ponto |
|------------|--|
| Ponto BR01 | Terra Roxa – Paraná – Brasil |
| Ponto BR02 | Missal – Paraná – Brasil |
| Ponto PY01 | San Alberto – Alto Paraná – Paraguai |
| Ponto PY02 | Santa Rosa del Monday – Alto Paraná – Paraguai |

Fonte: Elaboração da autora

Figura 9 - Carta I – Rede de pontos



Seguem-se, detalhadamente, as características de cada uma das localidades investigada⁵⁰:

3.1.1 Terra Roxa (BR01)

O município de Terra Roxa localiza-se no Oeste paranaense e possui uma área de 800.807 km². Faz divisa ao Norte com Altônia, ao leste com Palotina e Francisco Alves, a oeste com Guaíra, ao sul com Nova Santa Rosa e Mercedes. Pertence à Mesorregião do Oeste Paranaense e à Microrregião de Toledo. O município é banhado a oeste pelo rio Paraná, e ao Norte pelo rio Piquiri. A população do município é de 16.759 habitantes, conforme os dados do Censo IBGE-2010⁵¹.

Até meados da década de 1950, a região era ocupada quase que exclusivamente por índios Guaranis. As primeiras incursões havidas na região relacionam-se ao cultivo e à extração da erva-mate pela Companhia Matte Laranjeira⁵². Como consequência da Segunda Guerra Mundial (1936-1945), a Argentina, principal consumidor da erva-mate, passa a produzi-la, levando a Matte Laranjeira a entregar suas terras ao Estado. Posteriormente essas terras foram divididas em lotes rurais pela Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural (CODAL) que, radicada na cidade de Londrina, Norte do Paraná, deslocou seus maquinários em direção ao oeste do estado pelo rio Paraná, embarcando-os no Porto Epitácio (SP). Para abrir as estradas, foram enviados por terra três jipes e um caminhão Ford F-600, com pessoal, equipamentos e gêneros alimentícios. Assim, em 1955, foi erguido o acampamento da CODAL, na região onde atualmente se encontra a cidade.

⁵⁰ Os dados referentes às localidades foram coletados por meio de consultas a textos fornecidos pelas prefeituras, por material preparado para o ensino nas escolas, por meio de *sites* na *internet* e, sobretudo, por estudos científicos que tratam da questão histórico-geográfica desses municípios. A consulta aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de suma importância para as informações das cidades brasileiras. Já no Paraguai, tivemos dificuldades em termos de consulta ao *site* Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC), que não disponibiliza os dados atuais dos distritos paraguaios. As informações aqui utilizadas referem-se ao Censo de 2002.

⁵¹ Acesso dia 22 de novembro de 2013,

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412740&search=parana|terra-roxa>

⁵² A Companhia Matte Laranjeira, que atuava na extração da erva-mate, foi a responsável pela fundação das cidades de Porto Murtinho-MS e Guaíra-PR. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Matte_Larangeira

Conforme os dados históricos obtidos por meio da Prefeitura de Terra Roxa, a cidade que, até então, pertencia ao município de Guaíra emancipou-se no dia 14 de dezembro de 1961, por meio da Lei nº 220. O nome do município teria tido a influência dos imigrantes italianos que vieram para trabalhar nas lavouras de café e falavam *terra rossa*, querendo dizer “terra vermelha”. A confusão linguística levou os brasileiros da região a batizarem o local como Terra Roxa.

O município passou pelo cultivo e extração da erva-mate e pelas plantações de café. Atualmente, a economia baseia-se na agricultura, na pecuária e na indústria: a cidade é um polo industrial de confecções especializado em roupas para bebês, sendo conhecida como a “capital da moda bebê”.

Ainda há, na região, muitos indígenas da etnia Guarani, em sua maioria, residentes em aldeias, mas as crianças e jovens deslocam-se para a sede do município para frequentar as escolas.

Os habitantes do município, em sua maioria, falam a língua portuguesa, com exceção dos indígenas, que também falam guarani.

Figura 10 – Imagens de Terra Roxa – Paraná - Brasil



Fonte: <http://www.ferias.tur.br/fotos/6761/terra-roxa-pr.html#ixzz39cp6m8eZ;>
<http://campanhagarani.org/?tag=terra-roxa>

3.1.2 Missal (BR02)

O município de Missal está localizado a Oeste do Paraná e possui uma área total de 324.397 km². Delimita-se ao norte com o Lago de Itaipu e o município de Santa Helena; com os municípios de Diamante do Oeste, Ramilândia e Medianeira a leste; ao sul com os municípios de Medianeira e Itaipulândia e com o reservatório de Itaipu, em cuja margem oposta se encontra o município de Hernandarias, na República do Paraguai. Pertence à Mesorregião do Oeste paranaense e à Microrregião de Foz do Iguaçu.

A história do município⁵³ surge a partir de ações governamentais voltadas para a colonização do Oeste do Paraná. As terras que hoje pertencem ao município foram distribuídas às dioceses de Jacarezinho, Palmas, Londrina, Maringá e Toledo. A SIPAL COLONIZADORA LTDA (Sociedade de Incremento à Propriedade Agrícola), fundada pelo Padre José Backes, responsabilizou-se pela venda dos lotes e pela formação da cidade. Na época, somente famílias que pertenciam à religião católica poderiam se instalar em Missal, razão pela qual os descendentes de imigrantes alemães, católicos, vindos do Rio Grande do Sul, se estabeleceram na cidade. Para confirmar a força da religião católica no povoamento da região, o município recebeu o nome de Missal. Assim, a partir do desmembramento do município de Medianeira, forma-se o município de Missal, cuja criação oficial data de 30 de dezembro de 1981. No entanto, conforme informações obtidas da Prefeitura da cidade, o primeiro prefeito somente foi empossado no dia 1º de fevereiro de 1983, dia em que se comemora o aniversário da cidade.

Conforme os dados do Censo IBGE-2010⁵⁴, estima-se uma população de 10.474 habitantes, a maioria descendente de alemães, o que contribuiu para a manutenção de características germânicas nas construções e jardins da cidade, além de todo tipo de influência linguístico-cultural, materializada pela manutenção de festas, de comidas típicas e da língua alemã. A festa alemã, *Deutsches Fest*, por exemplo, atrai pessoas de toda região para saborear um bom

⁵³ Informações obtidas por meio do site da Prefeitura de Missal. Disponível em: <http://www.missal.pr.gov.br/prefeitura/html/#one>

⁵⁴ Acesso dia 22 de novembro de 2013, <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411605&search=parana|missal>

chope e a tradicional comida alemã, além de apreciar as danças típicas e o concurso casal *Fritz e Frida*⁵⁵.

A Usina Hidroelétrica de Itaipu Binacional, construída em 1982, mudou a geografia do município. Com o represamento das águas do rio Paraná, formou-se o Lago de Itaipu e, conseqüentemente, uma área de 25.540 km² foi desapropriada, pois, com a abertura do canal de desvio do rio Paraná, as áreas agrícolas, vilas e rodovias desapareceram com a formação do lago. Para compensar as perdas provocadas pela construção da usina, o município de Missal recebeu uma indenização mensal denominada *royalties*. Se por um lado, muitos habitantes perderam suas terras, por outro lado, esse investimento econômico resultou no alto IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do município. Com a criação do Lago de Itaipu, o município incorporou uma praia artificial que deu origem ao Terminal Turístico de Vila Natal, a 12 km do centro da cidade.

A economia do município, inicialmente pautada na extração da madeira que resultou na devastação das matas naturais, cedeu espaço para a agricultura, atualmente, a principal fonte de economia do município.

Na cidade de Missal, além da língua portuguesa, fala-se alemão, pois, a população, em sua maioria, é composta por descendentes de alemães que migraram do Rio Grande do Sul e mantiveram vivos seus costumes e sua língua por meio desses descendentes.

Figura 11 – Imagens de Missal – Paraná - Brasil



Fonte: missalemfoco.blogspot.com; acervo da autora; <http://www.deutschesfest.com.br>

⁵⁵ Concurso realizado na *Deutsches Fest*, em Missal, que tem como vencedor o casal mais animado e com traje típico alemão. Disponível em: <http://www.missal.pr.gov.br/deutsches/html/home.jsp?pg=casalfritz>

3.1.3 San Alberto (PY01)

O distrito de San Alberto está localizado ao norte do Departamento del Alto Paraná e apresenta uma área de 1.006 km². Limita-se ao norte com o Departamento de Canindeyú, separado pelo rio Ytambey; ao sul com o distrito de Ytakyry e o distrito de Mbaracayú; ao leste com o Brasil, territórios separados pelo rio Paraná e ao oeste com o distrito de Ytakyry. A cidade situa-se a 80 km de Ciudad del Este, capital do Departamento del Alto Paraná.

A população do distrito é de 16.472 habitantes, de acordo com os dados da Dirección General de Encuestas Estadísticas y Censo de 2002⁵⁶. A origem do nome da cidade é uma homenagem ao colonizador Alberto Fernández Valenzuela, Presidente da Empresa Colonizadora Industrial Mbaracayu S.A.

Nos anos 60 do século XX, a região ainda formada por mata nativa, começou a ser explorada com a extração da madeira e, com a chegada de colonizadores brasileiros em 1970, provenientes, em sua maioria, do estado do Paraná, teve início a exploração agrícola. Após a Guerra do Chaco⁵⁷ e, conseqüentemente, a crise econômica que se instaurou, o Paraguai abriu suas fronteiras para investidores estrangeiros, oferecendo grandes extensões de terra. A soja é o principal produto econômico do município, mas há também o cultivo de trigo, de milho, de girassol, de algodão e de mandioca. San Alberto foi declarada *Capital del Agro*⁵⁸ do Departamento de Alto Paraná.

Conhecida como Gleba 6, a região que pertencia ao município de Hernandarias teve sua emancipação em 4 de fevereiro de 1991 pela Lei nº 116/90. As línguas oficiais em San Alberto são o espanhol e o guarani que são ensinadas nas escolas. No entanto, devido à maioria da população constituir-se por imigrantes brasileiros, praticamente todos os habitantes falam português. Normalmente, os brasileiros falam espanhol com fluência e apresentam conhecimento passivo do guarani. Ainda que seja ensinado nas escolas, não são todos os paraguaios que falam a língua guarani.

⁵⁶ Não foi possível obter dados mais recentes quanto à população das cidades paraguaias, pois o último censo paraguaio ainda não foi publicado.

⁵⁷ A Guerra do Chaco (1932-1935) foi um conflito bélico entre Paraguai e Bolívia pela disputa da região denominada Chaco Boreal. A região que possuía grande quantidade de petróleo foi anexada ao território paraguaio, após a derrota boliviana.

⁵⁸ [http://es.wikipedia.org/wiki/San_Alberto_\(Paraguay\)](http://es.wikipedia.org/wiki/San_Alberto_(Paraguay))

Figura 12 – Imagens de San Alberto – Paraguai



Fonte: Acervo da autora

3.1.4 Santa Rosa del Monday (PY02)

Santa Rosa del Monday é um município⁵⁹ localizado ao sul do Departamento del Alto Paraná e está a 50 km da capital departamental Ciudad del Este. Limita-se ao norte com Juan León Mallorquín, Iguazú e Minga Guazú; ao sul com Ñacunday, Yruña e Naranjal; ao leste com Los Cedrales, Domingo Martínez de Irala e Ñacunday e a oeste com Santa Rita, San Cristóbal e Naranjal.

Com as fronteiras abertas para investidores estrangeiros e com o baixo custo das terras, o Paraguai começou a ser visto sob outro prisma. A primeira estrangeira a aventurar-se em terras paraguaias foi a baronesa francesa Adela Frederking de la Boullerie que, posteriormente, vendeu suas terras para o brasileiro Óscar Muxfeldt, vindo de Ijuí, Rio Grande do Sul. Muxfeldt, em 1971, começa a fracionar suas terras para formar colônias agrícolas e, com ajuda de Vitorelli e Heitor

⁵⁹ No Brasil, usamos a palavra município para designar a unidade de divisão territorial que engloba uma cidade e seus limites administrativos, enquanto no Paraguai usa-se distrito para determinar essa unidade administrativa.

Pereira, oferecem à compra as primeiras frações de terra paraguaias em Toledo, Paraná. Assim, começou a entrada de imigrantes brasileiros no Paraguai, vindos de várias partes do Brasil.

Deste modo, Santa Rosa del Monday, fundada pelo brasileiro Óscar Muxfeldt como uma colônia, foi elevada à categoria de distrito em 12 de outubro de 1990 pela Lei nº63/90. A cidade paraguaia recebeu esse nome como uma homenagem dos colonos à patrona da cidade gaúcha Santa Rosa, sua cidade natal. O Monday foi acrescentado em virtude do rio com esse nome situado ao sul da cidade paraguaia.

A principal atividade econômica do município é a agricultura, seguida da pecuária e do comércio.

Assim como em San Alberto, em Santa Rosa del Monday, o espanhol e o guarani são as línguas oficiais e, portanto, ensinadas na escola. No entanto, como a maioria da população está constituída por brasileiros fala-se também o português, ainda que não haja o ensino dessa língua na escola. Muitos dos descendentes dos imigrantes alemães mantêm a sua língua, seus costumes e sua cultura. A língua alemã também é ensinada em uma escola privada da localidade. De modo geral, a população fala espanhol e português, contudo, nem todos os paraguaios falam guarani.

Figura 13 – Imagens de Santa Rosa del Monday – Paraguai



Fonte: Acervo da autora

3.2 PERFIL DOS INFORMANTES: DIMENSÕES DIASSEXUAL, DIASTRÁTICA, DIAGERACIONAL DIATÓPICO-CINÉTICA E DIALINGUAL

Com vistas a garantir a cientificidade dos dados de acordo com a proposta da tese, o perfil dos informantes foi previamente estabelecido, visando, sobretudo, aos objetivos a serem alcançados. A partir do controle de variáveis sociolinguísticas como sexo, escolaridade e idade poderão ser estabelecidos critérios de comparação entre os dados recolhidos. Ainda, outras variáveis sociais foram definidas e controladas, como a naturalidade dos pais, cônjuges e avós, profissão, contato com os meios de comunicação, entretenimento, viagens, religião, entre outros, pois também são essenciais à análise dos dados.

Outro critério relevante para a seleção dos informantes é a mobilidade espacial da população, já preconizada por Thun (1996), que concluiu que a maioria das pessoas são móveis ou muito móveis, pois já não mais nascem, vivem e morrem no mesmo lugar. Deste modo, a topodinâmica não pode ser ignorada nos

estudos dialetológicos, ao contrário, ela está diretamente relacionada com o avanço ou o retrocesso de variedades linguísticas em determinada área.

Ainda, a partir dessa mobilidade geográfica, não pode ser desconsiderada a questão dos contatos linguísticos como resultado das interações entre diferentes comunidades linguísticas. Nesta tese, são estudadas as variedades da língua portuguesa em contato com outras variedades da mesma língua (a sulista e a nortista) e as variedades advindas do contato com outras línguas (espanhol/guarani no Paraguai e a língua de imigração: alemão).

A partir do explanado, seguem as dimensões referidas que respaldam a seleção dos informantes.

3.2.1 Dimensão Diassexual

A variável sexo é de fundamental importância nos estudos dialetológicos, pois é sabido que homens e mulheres, no decorrer da história, assumem papéis diferenciados em dada sociedade e, conseqüentemente, falam de maneira distinta. A esse respeito, Moreno Fernández (2008 [1998], p.41) esclarece que “el arcaísmo o innovación del habla de las mujeres no depende tanto del sexo cuanto del tipo de vida que se lleva en cada lugar”.

Além disso, acredita-se que as mulheres têm mais consciência dos valores que a comunidade faz dos usos da linguagem e, portanto, apoiam a língua padrão e as formas mais prestigiadas. Nesse particular, concordamos com a posição de Lopes Morález (1993, p.125):

En el fondo, las diferencias lectales entre hombres y mujeres surgen de un conjunto definido de actitudes: son diferentes socialmente porque, aunque estemos lejos (al menos en las comunidades occidentales) de movernos dentro de límites fijos e inflexibles, son diferentes los patrones educativos y distintos los papeles asignados a ambos los sexos⁶⁰.

Deste modo, também se espera que o comportamento social das mulheres seja mais educado e correto a exemplo de sua fala. Segundo Silva-

⁶⁰ No fundo, as diferenças da fala de homens e mulheres surgem de um conjunto definido de atitudes: são diferentes socialmente porque, ainda que estejamos longe (ao menos nas comunidades ocidentais) de nos mover dentro de limites fixos e inflexíveis, são diferentes os padrões educativos e distintos os papéis estabelecidos para ambos os sexos.

Corvalán (1989, p. 69-70), quanto ao comportamento feminino, “se espera que sea más cortés, más indeciso y sumiso, más correcto y ajustado a las reglas impuestas por la sociedad”⁶¹ enquanto há “una tendencia general a considerar aceptable o apropiado que los hombres rompan las reglas y que se comporten de manera ruda, agresiva e incluso más <<vulgar>>”⁶².

Por isso, deve-se entender a variável sexo como dependente de outras variáveis como idade, profissão, contatos e papéis sociais. Assim sendo, consideramos a opção por informantes dos dois sexos, ou seja, homens e mulheres, acrescentando, assim, a dimensão diassexual, pois a pesquisa pretende verificar se existem diferenças entre a fala de homens e a de mulheres, além de apurar se a forma de prestígio tende ou não a predominar na fala feminina ou se as mulheres são as propulsoras da mudança linguística (LÓPEZ MORALES, 1993; MOLICA; BRAGA, 2003; LABOV, 2006). A opção pelos dois sexos visa ainda a verificar se as mulheres são mais suscetíveis a incorporar em sua fala as interinfluências de outras línguas em contato, ou se são conservadoras nesse sentido. Também se pode comparar a mulher jovem com a mulher idosa e verificar se há variações devido ao papel social da mulher jovem na sociedade moderna. Ainda, pode-se verificar se há uma neutralização do efeito da variável sexo nas faixas mais jovens da população, já que essa geração de mulheres pertence a uma rede social parecida com a dos homens da mesma geração.

3.2.2 Dimensão Diastrática

A dimensão diastrática está relacionada às classes sociais, ou seja, aos parâmetros educacionais, ocupacionais e econômicos do informante. Deste modo, tomamos como base para o estudo em tela o parâmetro educacional como dimensão diastrática, pois acreditamos que a escola tenha função primordial na formação linguística do cidadão, à medida que atua como preservadora das formas de prestígio e é responsável pelo ensino-aprendizagem da língua padrão. Conforme Silva-Corvalán (1989, p. 79), “el sistema educacional crea consciencia lingüística

⁶¹ (...) espera-se que seja mais educado, mais indeciso e submisso, mais correto e ajustado à sociedade.

⁶² (...) uma tendência geral a considerar aceitável ou apropriado que os homens rompam regras e se comportem de maneira rude, agressiva e até mais vulgar.

entre niños y adolescentes mediante la enseñanza de reglas prescriptivas y la corrección abierta de rasgos lingüísticos de poco prestigio⁶³. Além disso, os informantes, por meio da escolaridade, sofrem uma maior influência da escrita.

A partir do exposto, foram considerados falantes alfabetizados que tiveram seus estudos completos no máximo até o Ensino Fundamental, codificados como **Cb** (classe baixa) contrapondo com informantes que tiveram o Ensino Superior completo: **Ca** (classe alta)⁶⁴. Deste modo, buscamos apurar e contrastar as competências nas respostas de falantes com maior escolaridade com os de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que os informantes, filhos de brasileiros, nascidos no Paraguai (brasiguaios) foram à escola paraguaia e receberam ensino em língua espanhola. Deste modo, podemos contrastar também as respostas dos jovens brasileiros, que receberam educação no Brasil com as dos jovens brasiguaios que receberam educação no Paraguai e, assim, verificar possíveis semelhanças e diferenças.

3.2.3 Dimensão Diageracional

A dimensão diageracional pode tornar visível a diacronia, pois reproduz a coexistência de duas gerações. A fala de jovens e idosos, segundo Altenhofen (2006, p. 176), “aparece como uma espécie de história em miniatura ou um sinal de futuro”. Por isso, com base em Thun (1998), definimos duas faixas etárias para o informante, de 18 a 30 anos, que denominamos de **GI**⁶⁵ (geração jovem) e 50 a 65 anos, que denominamos de **GII** (geração dos idosos), deixando uma lacuna quanto à faixa etária intermediária. A relevância dessa lacuna reside no fato de favorecer a identificação de possíveis inovações entre as gerações mais jovens e de conservadorismo entre os mais idosos (SILVA-CORVALÁN, 1989; LÓPEZ MORALES, 1993; LABOV, 2006).

Acredita-se, também, que, depois de certa idade, aproximadamente até os 30 anos, as características linguísticas do indivíduo já estejam sedimentadas. Para López Morales (1993, p. 113), “Cada generación exhibe la norma adquirida

⁶³ O sistema educacional cria consciência linguística entre crianças e adolescentes mediante o ensino de regras prescriptivas e a correção aberta de traços linguísticos de pouco prestígio.

⁶⁴ Tomamos essa nomenclatura de Thun (1998).

⁶⁵ Nomenclatura também utilizada por Thun (1998).

durante su adolescencia y primera juventud⁶⁶, argumento que justificou a exclusão da faixa intermediária na definição do perfil do informante. Além disso, três faixas etárias aumentariam consideravelmente a quantidade de dados, dificultando a execução deste estudo conforme os objetivos e o tempo estabelecidos.

Com relação aos informantes pertencentes ao **GII**, tivemos certa dificuldade, nas cidades paraguaias, em encontrar falantes dessa geração que tivessem terminado o Ensino Superior. Isso se explica à medida que esses imigrantes, quando deixaram suas terras no Brasil, também deixaram a escola. Deste modo, a solução foi incluir informantes com menor faixa etária em dois casos: a mulher, **GII, Ca** de San Alberto (44 anos) e o homem, **GII, Ca** de Santa Rosa del Monday (43 anos). Apoiamo-nos para essa escolha nas palavras de Radke & Thun (1996, p. 42):

É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado.

3.2.4 Dimensão Diatópico-Cinética

A busca por informantes sedentários para o ADDU (Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay) fez com que Thun e seus colaboradores repensassem a metodologia aplicada por eles até então. Para tanto, Thun (1996) separou os informantes em duas categorias agrupando os relativamente móveis na categoria topostática e os muito móveis na categoria topodinâmica. O autor assim se justifica:

Para una visión realista del Uruguay moderno, nos parecía fundamental registrar y comparar el comportamiento lingüístico de ambos grupos, y así nació el otro parámetro del atlas: el topodinámico. El parámetro diatópico se dividió en topostático y topodinámico⁶⁷ (THUN, 1996, p. 221).

A experiência na coleta de dados revelada por Thun remete à realidade social dos dias atuais, pois, em busca de melhorias ocorrem as migrações

⁶⁶ Cada geração exibe a norma adquirida durante sua adolescência e primeira juventude.

⁶⁷ Para uma visão realista do Uruguai moderno, nos parecia fundamental registrar e comparar o comportamento linguístico de ambos os grupos, e assim nasceu o parâmetro do atlas: o topodinâmico. O parâmetro diatópico se dividiu em topostático e topodinâmico.

e, com elas, o contato linguístico intervareietal, em outras palavras, o contato entre duas variedades da mesma língua.

Outro dado relevante levantado pelo autor, no que se refere ao informante não sedentário, é o fato de, como assinalado anteriormente, depois de certa idade, as características linguísticas da fala do indivíduo já estarem sedimentadas, e os falantes apresentarem maior dificuldade em assimilar a variedade da população da nova localidade. Conforme Thun (1996, p. 212), “La acomodación lingüística a los hábitos del nuevo ambiente necesita cierto tiempo para sedimentarse y después de algunos años no avanza más, según parece⁶⁸”.

Considerando a abundância dos movimentos migratórios na região de fronteira estudada, foram selecionados, no Paraguai, os informantes da segunda faixa etária, ou seja, os idosos (**GII**), sendo nascidos no Brasil, mas tendo vivido pelo menos metade da vida no Paraguai, e os informantes da primeira faixa etária, isto é, os jovens (**GI**), sendo filhos desses imigrantes brasileiros, mas já nascidos no Paraguai. Do lado brasileiro, os informantes idosos (**GII**) deveriam ser nascidos no Brasil, em outra localidade que não fosse a investigada, enquanto os jovens (**GI**) deveriam ser nascidos na localidade. Deste modo, podemos comparar a fala de grupos móveis (**GM**) com grupos relativamente estáveis (**GRE**). Vale ressaltar que nesta tese a geração dos idosos (**GII**) coincide com os grupos móveis (**GM**), ou seja, todo informante **GII** é um informante **GM**, enquanto a geração dos jovens (**GI**) para esta pesquisa equivale ao grupo de relativamente estáveis (**GRE**), isto é, todo informante **GI** é um informante **GRE**.

A dimensão diageracional e a dimensão diatópico-cinética coincidem também à medida que os informantes da **GII** tendem a conhecer as variantes do seu local de origem e as variantes da nova localidade, além de conhecer palavras ou expressões não utilizadas atualmente, desse modo, podem apresentar vantagens em conhecer mais de uma variante.

3.2.5 Dimensão Dialingual

Devido às peculiaridades da região analisada, não poderíamos deixar de mencionar a importância dos contatos linguísticos, resultantes da presença

⁶⁸ A acomodação linguística aos hábitos do novo ambiente necessita de certo tempo para sedimentar-se e depois de alguns anos não avança mais, segundo parece.

de imigrantes gaúchos no Oeste do Paraná e do contato com a fronteira paraguaia. Interessa-nos, portanto, o contato linguístico entre variedades da língua portuguesa e o contato dessas variedades com a variedade do espanhol e do guarani, línguas oficiais no Paraguai. Não considerar essas questões de contato linguístico seria ignorar ou falsear a realidade linguística da região. Como foi mencionado, a mobilidade populacional, resultante da modernidade, facilita esse contato. Conforme Radke e Thun (1996, p.41),

O fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros.

A abundância dessas mobilizações espaciais pode resultar na variação e na mudança linguística, além do bilinguismo. Para averiguar como ocorrem essas interinfluências linguísticas nos grupos investigados, foi utilizado um questionário que contrastasse a fonética, a semântica, o léxico, a estrutura morfossintática da variedade sulista (influências vindas do Sul do Brasil) e da variedade nortista (demais regiões do Brasil, como a Sudeste e a Nordeste). Também aplicamos a técnica da sugestão a partir dessas variantes previamente estabelecidas.

Nas cidades paraguaias, entrevistamos, em língua portuguesa, paraguaios, homens e mulheres, da primeira faixa etária (**G1**), com os dois níveis de escolaridade (**Ca** e **Cb**), com o intuito de verificar e descrever qual variante da língua portuguesa é falada por eles. Esses informantes estão representados por um **p**.

Para facilitar a compreensão da origem dos informantes, denominamos de brasileiros os imigrantes, de brasiguaios os filhos desses imigrantes já nascidos no Paraguai e de paraguaios os filhos de paraguaios nascidos na localidade.

Em suma, para cada localidade brasileira temos oito informantes, como se pode visualizar no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Perfil do informante nas localidades brasileiras

| | Mulher (M) | | Homem (H) | |
|------------------------------|--|---|---|--|
| | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) |
| 2ª faixa etária (GII) | Mulher, Ensino Superior, 50 – 65 brasileira MCaGII | Mulher, Ensino Fundamental, 50 – 65 brasileira MCbGII | Homem, Ensino Superior, 50 – 65 brasileiro HCaGII | Homem, Ensino Fundamental, 50 – 65 brasileiro HCbGII |
| 1ª faixa etária (GI) | Mulher, Ensino Superior, 18 – 30 brasileira MCaGI | Mulher, Ensino Fundamental, 18 – 30 brasileira MCbGI | Homem, Ensino Superior, 18 – 30 brasileiro HCaGI | Homem, Ensino Fundamental, 18 – 30 brasileiro HCbGI |

Fonte: Elaboração da autora

Para as localidades paraguaias, contudo, foram entrevistados 12 informantes conforme os quadros 4 e 5:

Quadro 4 – Perfil do informante nas cidades paraguaias (brasileiros e brasiguaios)

| | Mulher (M) | | Homem (H) | |
|------------------------------|---|--|--|---|
| | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) |
| 2ª faixa etária (GII) | Mulher, Nascida no BR, Ensino Superior, 50 – 65 brasileira MCaGII | Mulher, Nascida no BR, Ensino Fundamental, 50 – 65 brasileira MCbGII | Homem, Nascida no BR, Ensino Superior, 50 – 65 brasileiro HCaGII | Homem, Nascida no BR, Ensino Fundamental, 50 – 65 brasileiro HCbGII |
| 1ª faixa etária (GI) | Mulher, Nascida no PY, filha de brasileiros, Ensino Superior, 18 – 30 brasiguaiia MCaGI | Mulher, Nascida no PY, filha de brasileiros, Ensino Fundamental, 18 – 30 brasiguaiia MCbGI | Homem, Nascido no PY, filho de brasileiros, Ensino Superior, 18 – 30 brasiguaiio HCaGI | Homem, Nascido no PY, filho de brasileiros, Ensino Fundamental, 18 – 30 brasiguaiio HCbGI |

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 5 - Perfil do informante nas cidades paraguaias (paraguaios)

| | Paraguaios (p) | | | |
|-----------------------------|--|---|---|--|
| | Mulher (M) | | Homem (H) | |
| | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) | Ensino Superior (Ca) | Ensino Fundamental (Cb) |
| 1ª faixa etária (GI) | Mulher, Nascida no PY, filha de paraguaios, Ensino Superior, 18 – 30 paraguaiia MCaGIp | Mulher, Nascida no PY, filha de paraguaios, Ensino Fundamental, 18 – 30 paraguaiia MCbGIp | Homem, Nascido no PY, filho de paraguaios, Ensino Superior, 18 – 30 paraguaiio HCaGIp | Homem, Nascido no PY, filho de paraguaios, Ensino Fundamental, 18 – 30 paraguaiio HCbGIp |

Fonte: Elaboração da autora

Na sequência, a Carta II esboça o perfil dos informantes, num total de 40 entrevistados, oito para cada localidade brasileira e 12 para cada localidade paraguaiia.

Figura 14 - Carta II – Perfil dos informantes



Ainda, com relação ao perfil dos informantes, julgamos necessário apresentar o local de origem de seus familiares e as línguas que afirmaram falar. Essas informações foram obtidas para o preenchimento da ficha do informante, contudo, não podemos precisar a veracidade dessas informações, uma vez que ela nos foi dada de acordo com o conhecimento e a perspectiva que cada informante tem de si, do seu *background* e de sua competência comunicativa em diferentes línguas. Os dados podem ser visualizados no quadro 6 e 7:

Quadro 6 – Origem dos informantes e línguas faladas por eles nas localidades brasileiras

| Localidade | Informante | Local de origem familiar | Línguas que afirmaram falar |
|------------|------------|--|--|
| Terra Roxa | MCaGII | Norte do PR e SP descendente de italianos | Português |
| | MCaGI | Norte do PR e SP | Português |
| | MCbGII | SP e MG descendente de italianos e índios | Português |
| | MCbGI | Norte do PR e MG | Português |
| | HCaGII | SP descendente de italianos | Português |
| | HCaGI | Norte do PR e SP | Português e inglês |
| | HCbGII | Norte do PR | Português |
| | HCbGI | MG | Português e espanhol |
| Missal | MCaGI | RS descendente de alemães | Português e alemão |
| | MCaGI | RS descendente de alemães | Português e alemão |
| | MCbGII | RS descendente de alemães e russos | Português e alemão |
| | MCbGI | Oeste do PR descendente de italianos | Português |
| | HCaGII | RS descendente de alemães | Português, alemão, espanhol, italiano e francês |
| | HCaGI | SP e BA descendente de espanhóis e negros | Português e inglês |
| | HCbGII | RS descendente de alemães | Português e alemão |
| | HCbGI | RS descendente de alemães | Português e alemão |

Fonte: Elaboração da autora

Quadro 7 – Origem dos informantes e línguas faladas por eles nas localidades paraguaias

| Localidade | Informante | Local de origem familiar | Línguas que afirmaram falar |
|-----------------------|------------|--|---------------------------------------|
| San Alberto | MCaGII | Noroeste do PR, SP e SE descendente de alemães | Português e espanhol |
| | MCaGI | SC (Witmarsum) descendente de alemães | Português, alemão, espanhol e guarani |
| | MCbGII | SC (São José do Cedro) descendente de alemães e húngaros | Português e espanhol |
| | MCbGI | SP | Português e espanhol |
| | HCaGII | Norte do PR e RJ | Português e espanhol |
| | HCaGI | MG e BA | Português e espanhol |
| | HCbGII | RS descendente de alemães, russos e suecos | Português, alemão e espanhol |
| | HCbGI | Norte do PR e SC (Witmarsum) | Português, espanhol e guarani |
| | MCaGIp | PY | Português e espanhol |
| | MCbGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| | HCaGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| | HCbGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| Santa Rosa del Monday | MCaGII | RS descendente de alemães e italianos | Português e espanhol |
| | MCaGI | RS descendente de alemães | Português, alemão, espanhol e guarani |
| | MCbGII | RS descendente de alemães | Português, alemão e espanhol |
| | MCbGI | PR e MG | Português e espanhol |
| | HCaGII | RS descendente de alemães | Português, alemão e espanhol |
| | HCaGI | RS e Sudoeste do PR descendente de alemães | Português, espanhol e inglês |
| | HCbGII | RS descendente de alemães | Português, alemão e espanhol |
| | HCbGI | RS descendente de alemães | Português, alemão e espanhol |
| | MCaGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| | MCbGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| | HCaGIp | PY | Português, espanhol e guarani |
| | HCbGIp | PY | Português, espanhol e guarani |

Fonte: Elaboração da autora

Esses dados são relevantes à medida que podem nos auxiliar na análise dos dados.

3.3 QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO: DIMENSÃO DIAFÁSICA, DIARREFERENCIAL

O inquérito linguístico, elaborado como instrumento de coleta de dados, está dividido em duas partes: a ficha do informante e o questionário linguístico.

A ficha do informante foi baseada na ficha do informante do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), com adaptações. Nela encontram-se itens relacionados a informações pessoais do informante como nome, idade, estado civil, profissão, local de nascimento. Além disso, sobre o grau de instrução, o domínio de línguas, localidades e períodos de residência, viagens, serviço militar, religião, contatos linguísticos, contatos com meios de comunicação, entretenimento e, por fim, a naturalidade do cônjuge, dos pais e avós. Essas informações, obtidas antes da entrevista e armazenadas de forma escrita, são relevantes, na fase de análise das respostas fornecidas pelos informantes.

Com o respaldo teórico da Dialetoologia Pluridimensional, os questionários foram elaborados a partir de modelos já existentes e sob o enfoque comparativo entre as línguas faladas na fronteira e das variedades da língua portuguesa. O questionário linguístico baseou-se nos questionários do ADDU (Atlas Lingüístico y Diastrático del Uruguay) (ELIZAINCÍN; THUN, 2000); do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001); do ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil) (KOCH, ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2002) e do ALF-BR PY (Atlas Linguístico Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai) (REIS, 2013).

O questionário linguístico abarca três tipos de questionários: Fonético-fonológico (QFF), Semântico-lexical (QSL), Morfossintático (QMS), além de propostas de duas narrativas, um texto para leitura, e questões de atitudes linguísticas.

3.3.1 Questionário Fonético-Fonológico

O Questionário Fonético-fonológico está composto de 51 questões, que foram extraídas do Questionário Fonético-fonológico do ALiB (19), do ALERS (2) e elaboradas pela própria pesquisadora (30). As questões buscam averiguar a

heterogeneidade linguística da região, principalmente, no que diz respeito às migrações, o contato de variedades do português, e interinfluências da língua espanhola e da língua guarani na fala desses habitantes.

Os fenômenos fonéticos do português falado na área de pesquisa que buscamos contrastar foram:

- as variantes para a vogal tônica seguida de sibilante em final de palavra (três, dez, paz, cruz);
- abertura ou fechamento de vogal (cama, semana, miséria, café, história, memória)
- s em coda silábica (casca, estrelas);
- vibrante em diferentes posições na palavra (perdida, tarde, calor, rio, rosa, correio, corrupto);
- oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal média [e] em final de palavra (cidade, felicidade, tarde);
- lateral em coda silábica interna e externa (sol, mel, alguém);
- variantes para a fricativa alveolar sonora (casa, presente, cozinheira, rosa);
- variantes para a fricativa lábio-dental sonora (vaca, chuva);
- variantes para as bilabiais (cebola, bicicleta);
- realização das laterais palatais (folha, toalha);
- variantes para a fricativa palato-alveolar surda (cheque, chocolate);
- realização das proparoxítonas (abóbora);
- variantes para a oclusiva dental surda ou sonora seguida de vogal anterior alta [i] (tio, mentira, dia, perda);
- variantes para os ditongos nasais finais (garagem, viagem, limão, televisão);
- variantes para a fricativa palato-alveolar sonora (jovem, ajuda, joga).

3.3.2 Questionário Semântico-Lexical

O Questionário Semântico-lexical está dividido em três grandes áreas: Natureza, Homem e Superstição, Simpatia e Lendas. Essas áreas também estão subdivididas em áreas menores, a saber:

- Natureza – acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos e tempo, flora e fauna.

- Homem – corpo humano, características físicas, doenças comuns, vestuário, cultura e convívio, religião e crenças, alimentação e utensílios, vida urbana, brinquedos e diversões.
- Superstição, Simpatia e Lendas – sorte e azar, simpatias, lendas e mitos, e aparições e “causos”.
-

As questões, totalizando 90, foram extraídas do Questionário do ALiB, do ALERS, do ADDU e do ALF-BR PY, conforme análise prévia desses materiais, considerando a presença/ausência de variantes utilizadas no sul do país e as usadas em regiões acima do Norte paranaense.

Também no QSL utilizamos o método da sugestão que consiste em registrar não apenas a primeira resposta espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Desta forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerimos. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalinguísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso, o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para aquela variável a ser documentada. De acordo com Thun (1998, p. 483), “com as sugestões procura-se registrar também os dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na cabeça do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva”.

Para explorar a dimensão **dialingual** dos habitantes da fronteira, no questionário semântico-lexical, após cada resposta foi perguntado ao informante se ele conhecia a palavra (resposta fornecida por ele) nas outras duas línguas contrastadas⁶⁹.

3.3.3 Questionário Morfossintático

O Questionário Morfossintático está composto de nove questões extraídas do questionário do ALiB (2011), sendo duas referentes à **presença ou à ausência de artigo antes de nomes próprios**, uma sobre o uso dos adjetivos

⁶⁹ Metodologia já adotada pelo Atlas Linguístico do município de Ponta Porã-MS (REIS, 2006).

grande/pequeno, duas relativas ao uso dos pronomes pessoais **eu/mim** e duas sobre o uso dos pronomes **tu/você**, e uma com relação ao uso do pronome indefinido **menos**.

3.3.4 Dimensão Diafásica (QFF, QSL, QMS, Narrativas e Leitura).

O QFF, o QSL, o QMS, os temas para os discursos semidirigidos (narrativas) e as questões metalinguísticas sobre atitudes linguísticas também serviram como embasamento para a análise das **dimensões diarreferencial e diafásica**. Essa última dimensão, a **diafásica**, compreende três estágios com diferentes níveis de espontaneidade: a leitura (L), resposta às perguntas do questionário (R) e conversa livre ou dirigida (C).

A **dimensão diafásica**, que diz respeito aos estilos de fala do informante, pôde ser observada na comparação das respostas obtidas pelo questionário, que induz a uma resposta mais formal, contrapondo-se às narrativas e às questões de atitudes linguísticas, pois nelas o informante, muitas vezes, esquece que está sendo entrevistado e fala mais livremente. Neste estudo, um exemplo disso ocorreu durante o QSM, pois dois informantes usaram “VOCÊ” como pronome pessoal de segunda pessoa singular, todavia, em conversa informal o uso de “TU” foi recorrente.

3.3.5 Dimensão Diarreferencial (Questionário de Atitudes Linguísticas)

O Questionário de Atitudes Linguísticas também foi incorporado para apurar o nível de consciência linguística que o informante apresenta de sua fala e da fala dos outros, assim considerando a **dimensão diarreferencial**. Pode-se exemplificá-la por meio de afirmações dos informantes que moram no Paraguai, que declaram que não falam corretamente a língua portuguesa, pois já misturam ao espanhol e ainda percebem que falam diferente das pessoas que moram no Brasil. Elaborado pela autora, está composto de 18 questões referentes à língua que fala, à língua do outro, à identidade linguística, às inter-relações com outras variedades linguísticas e a outras línguas como as de imigração ou as faladas no país vizinho.

Para assegurar a confiabilidade dos dados colhidos e testar o questionário linguístico, foi realizado um projeto piloto em duas cidades, uma do lado

brasileiro e outra do lado paraguaio, cuja execução foi decisiva para a formatação final do projeto de pesquisa, pois o contato com a realidade da fronteira subsidiou a reformulação de algumas hipóteses já definidas e apontou lacunas quanto à estrutura do questionário linguístico, ao perfil dos informantes e à rede de pontos estabelecida para a coleta de dados. O instrumento de coleta de dados utilizado passou por várias revisões até que chegasse à versão final. Considerando os critérios apresentados, o Questionário Linguístico ficou assim constituído:

Quadro 8 – Estrutura do Questionário Linguístico

| | |
|--|-------------------------------------|
| Questionário Fonético-fonológico (QFF) | 51 questões |
| Questionário Semântico-lexical (QSL) | 90 questões |
| Questionário Morfossintático (QMS) | 9 questões |
| Narrativas | 2 narrativas |
| Leitura | 1 texto - Parábola do filho pródigo |
| Questões de Atitudes Linguísticas | 18 questões |

Fonte: Elaboração da autora

Ainda que não tenham sido analisadas todas as dimensões postuladas pelos questionários, elas serviram de respaldo para análise das dimensões diatópica, diastrática, diassexual, diageracional, diatópico-cinética e dialingual priorizadas nesta tese. Contudo, elas deverão embasar estudos futuros.

3.4 ENTREVISTAS E TRATAMENTO DOS DADOS

Para a realização da pesquisa, foi adotado o sistema de coleta de dados por meio de entrevistas realizadas *in loco* e de gravação por meio de gravador digital, modelo ICD-BX140, da marca Sony. Também, tínhamos um caderno de anotações para registros de comentários e de observações, além de câmera fotográfica para registrar as imagens pertinentes à coleta. As entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2013 pela própria pesquisadora e com a ajuda

de uma colega da pós-graduação⁷⁰. Deste modo, cada uma das inquiridoras realizou 20 entrevistas. Interessante assinalar o fato de ambas as inquiridoras terem uma realização de fala bastante similar, com a utilização das mesmas variantes, pois são do interior paulista. Como não conhecíamos as localidades, utilizamos as escolas e as prefeituras (*Municipalidad*, no Paraguai) como ponto de partida para a busca de informantes.

As entrevistas tiveram aproximadamente uma hora de duração, exceto quando os informantes tinham conhecimento das línguas espanhola e guarani que duravam cerca de 1h30min, pois, indagamos, no Questionário Semântico-Lexical, se conheciam o nome do referente em espanhol e em guarani. Todas foram realizadas em língua portuguesa. Em sua maioria, foram realizados os inquéritos nas casas dos informantes e, em menor proporção, nas escolas ou no local de trabalho do entrevistado. Não utilizamos a técnica da pluralidade de informantes devido ao pouco tempo disponível para a realização das entrevistas e à dificuldade de encontrar, em algumas localidades, dois informantes com o mesmo perfil. Fomos sempre muito bem recebidas e sempre encontramos pessoas prestativas para nos ajudar.

Os dados foram armazenados em mídia digital, transcritos, revisados e estão sob a responsabilidade da pesquisadora. Os dados obtidos por meio do Questionário Fonético-fonológico e do Questionário Semântico-lexical receberam transcrição fonética, enquanto o restante do inventário foi transcrito grafematicamente. Concluída a minuciosa revisão dos dados, as informações da ficha do informante, do QFF e do QSL foram tabuladas e registradas em planilhas no formato Excel que permitiram o registro de três respostas espontâneas, três sugestões, uma resposta em espanhol e uma em guarani, além das observações metalinguísticas.

A partir dessa tabela, pôde-se ter uma macrovisão das variantes que deveriam ser cartografadas. Para isso, foi necessário fazer uma nova planilha com as ocorrências e sua porcentagem, para subsidiar a cartografia dos dados.

A base cartográfica é importante para assegurar a fidedignidade da distribuição geográfica dos dados, pois, a partir dessa base são feitas as demais

⁷⁰ Marigilda Antonio Cuba (Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UEL).






cartas. Esse trabalho foi realizado por Ângelo Ribeiro, mestre em Geografia e Técnico do Laboratório de Geoprocessamento da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados).

A representação cartográfica das variedades linguísticas documentadas foi orientada pelos construtos teóricos fornecidos pela Geolingüística complementados pelas contribuições de áreas afins, como a Cartografia, o Geoprocessamento e a Informática. A edição das cartas foi realizada por Luciene Freitas Marins com o auxílio de programas como o CorelDRAW e o Photoshop.

O trabalho reúne duas cartas com dados metodológicos, em números romanos, sendo a carta I – rede de pontos, que apresenta as localidades onde se desenvolveu a pesquisa e a carta II – perfil dos informantes, que reúne a descrição do número e o perfil social dos informantes por localidade.

Na sequência das cartas a identificação foi realizada com números ordinais. As nove cartas fonéticas foram numeradas do 001 a 009, como demonstra o quadro 9:

Quadro 9 – Variáveis fonéticas cartografadas

| Variável Linguística | Contexto de ocorrência |
|---|------------------------|
| Carta 001 - Ditongação de  | paz |
| Carta 002 - Ditongação de  | três e dez |
| Carta 003 - Ditongação de  | cruz |
| Carta 004 - Palatização de  | dia e perda |
| Carta 005 - Palatização de  | tio e mentira |
| Carta 006 – [r] em coda externa | calor |
| Carta 007 – [r] em coda interna | árvore, perda e tarde |
| Carta 008 – [r] em início de palavra | rio e rosa |
| Carta 009 - [r] forte em início de sílaba | correio e corrupto |

Fonte: elaboração da autora

Já para as variáveis semântico-lexicais foram produzidas 30 cartas em série, sendo a primeira uma carta fenotípica sintética, no formato pizza, que informa os índices de ocorrências das diferentes variantes por localidade. A cada carta introdutória, seguem-se as cartas pluridimensionais, uma para cada variante registrada na carta diatópica, considerando para a distribuição dos dados a ocorrência das respostas segundo os diferentes critérios metodológicos utilizados na fase da coleta dos dados: resposta espontânea, por insistência, por sugestão aceita e por sugestão não aceita. Vejamos o quadro 10:

Quadro 10 – Variáveis lexicais e variantes cartografadas

| Variável Linguística | Variantes |
|-----------------------------|--|
| Carta 010 – córrego | Carta 10a – córrego Carta 10b – riacho Carta 10c – sanga |
| Carta 011 – orvalho | Carta 11a – orvalho Carta 11b – sereno |
| Carta 012 – neblina | Carta 12a – neblina Carta 12b – cerração |
| Carta 013 – mexerica | Carta 13a – mexerica Carta 13b – bergamota |
| Carta 014 – urubu | Carta 14a – urubu Carta 14b – corvo |
| Carta 015 – chifre | Carta 15a – chifre Carta 15b – guampa Carta 15c – aspa |
| Carta 016 – calcanhar | Carta 16a – calcanhar Carta 16b – garrão |
| Carta 017 – cueca | Carta 17a – cueca Carta 17b – zorba |
| Carta 018 – geleia | Carta 18a – geleia Carta 18b – doce Carta 18c – chimia |
| Carta 019 – lombada | Carta 19a – lombada Carta 19b – quebra-molas |
| Carta 020 – bolinha de gude | Carta 20a – bolinha de gude Carta 20b – bolita Carta 20c – bolica Carta 20d – burquinha |
| Carta 021 – pipa | Carta 21a – pipa Carta 21b – pandorga Carta 21c – papagaio |

Fonte: elaboração da autora

Na sequência são apresentadas três cartas morfossintáticas, numeradas de número 022 a 024. No quadro 11, podem ser verificadas as variantes e seu contexto de ocorrência.

Quadro 11 – Variantes morfossintáticas cartografadas

| Variantes Linguísticas | Contexto de ocorrência |
|-------------------------------|--|
| Carta 022 – Eu x Mim | para eu fazer x para mim fazer |
| Carta 023 – Tu x Você | tu vai(s) x você vai viajar |
| Carta 24 – Menos x Menas | menos força x menas força |

Fonte: elaboração da autora

Finalmente, ilustramos os dados que apresentaram maior variação [+Nortista] versus maior variação [+Sulista] em uma carta fenotípica sintética para as variantes lexicais. Justificamos essa carta à medida que resume as ocorrências dessas variantes separadas em porcentagem (+Nortista e +Sulista) para cada informante localizado, conforme seu perfil social, na cruz pluridimensional.

Seguindo os pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional quanto à representação cartográfica dos dados em cartas, adotaram-se três tipos de carta, a saber:

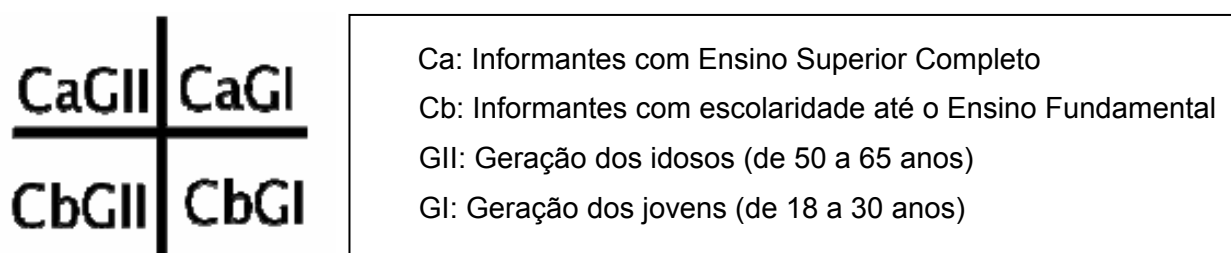
- a) cartas fenotípicas sintéticas – com gráfico em formato de pizza, que apresenta a porcentagem das ocorrências distribuídas por localidade;
- b) cartas pluridimensionais – com os dados cartografados separados pela forma de uma cruz, apresenta todas as ocorrências por localidade, distribuídas pelo perfil social de cada informante.
- c) cartas fenotípicas sintéticas por informante – com gráfico em formato de pizza, que apresenta a porcentagem das ocorrências distribuídas por informante, ou pela quantidade de ocorrências com marcas [+Sulistas] ou [+Nortistas] distribuídas na cruz pluridimensional para cada localidade.

A sistematização da macroanálise nas cartas pluridimensionais se dá por meio da representação de uma célula em forma de cruz⁷¹ para cada ponto, na qual os dados foram cartografados com a devida indicação das diferentes dimensões selecionadas para a pesquisa. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos sociais pesquisados por ponto. Na parte superior da

⁷¹ Cf. Thun (2008)

linha horizontal, posicionam-se os dados dos informantes que cursaram o Ensino Superior e, na parte inferior, os daqueles que cursaram o Ensino Fundamental; à esquerda da linha vertical, situam-se os da segunda faixa etária (50 a 65 anos) e, à direita, os da primeira faixa etária (18 a 30 anos). Deste modo, com o intuito de contemplar a dimensão diassexual, teremos para cada localidade uma cruz para os informantes do sexo masculino e outra para os do sexo feminino. A figura 15 ilustra a cruz pluridimensional:

Figura 15 – Sistematização por meio de cruz - pluridimensional

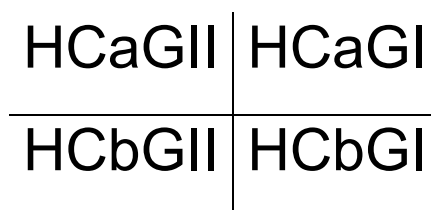


Fonte: Elaboração da autora com base em Thun (2008)

Para os informantes do sexo masculino acrescenta-se um **H** à cruz e para os informantes do sexo feminino um **M** à frente da representação do perfil sociológico. Para os informantes paraguaios, adiciona-se um **p** ao final.

Os dados para as localidades brasileiras são apresentados em duas cruzes: uma para homens e outra para mulheres, como demonstram as figuras 16 e 17:

Figura 16 – Perfil social dos homens nas localidades brasileiras



Fonte: elaboração da autora

Figura 17 – Perfil social das mulheres nas localidades brasileiras

| | |
|-----------------|----------------|
| M Ca GII | M Ca GI |
| M Cb GII | M Cb GI |

Fonte: elaboração da autora

Nas localidades paraguaias, como contemplamos também os paraguaios da primeira faixa etária, acrescentamos uma nova coluna à direita da cruz, que se pode visualizar na representação das figuras 18 e 19:

Figura 18 – Perfil social dos homens nas cidades paraguaias

| | | |
|-----------------|----------------|-----------------|
| H Ca GII | H Ca GI | H Ca GIp |
| H Cb GII | H Cb GI | H Cb GIp |

Fonte: elaboração da autora

Figura 19 – Perfil social das mulheres nas cidades paraguaias

| | | |
|-----------------|----------------|-----------------|
| M Ca GII | M Ca GI | M Ca GIp |
| M Cb GII | M Cb GI | M Cb GIp |

Fonte: elaboração da autora

A vantagem desse tipo de metodologia é a possibilidade de visualizar por ponto todas as respostas fornecidas pelos informantes e, ao mesmo tempo, analisá-las conforme o perfil social.

3.5 EXPERIÊNCIA DE CAMPO E O PERCURSO DA COLETA DE DADOS

A necessidade de demonstrar como a pesquisa de campo contribuiu para o conjunto do trabalho motivou a descrição dessa experiência de pesquisa na fronteira e dos caminhos percorridos até a coleta definitiva dos dados.

O primeiro contato realizado com a fronteira que se configurou como o espaço deste estudo ocorreu durante o mês de junho de 2012, com o objetivo de realizar inquéritos experimentais e conhecer *in loco* a área a ser investigada. Como residimos em *Ponta Grossa-PR*, fomos a *Curitiba* e de lá tomamos o avião para *Foz do Iguaçu*.

Esse primeiro contato teve o intuito de checar a aplicabilidade dos questionários elaborados e a eficácia da metodologia pré-estabelecia, por isso, a pesquisa piloto foi efetivada em duas cidades, uma do lado brasileiro, *Foz do Iguaçu*, e outra do lado paraguaio, *Ciudad del Este*. As entrevistas foram realizadas com brasileiros estabelecidos na cidade paraguaia e com paraguaios residentes e domiciliados na cidade brasileira.

Com a ajuda de uma ex-aluna e ex-bolsista de Iniciação Científica pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), Tatiane Lima de Paiva, e na época era professora de uma escola estadual de *Foz do Iguaçu*, conseguimos fazer os primeiros contatos com a comunidade. Já tínhamos ideia da quantidade de paraguaios que viviam no Brasil, no entanto, o que nos impressionou foi o volume de brasileiros que vivem em *Ciudad del Este*. Muitos moram em uma cidade e trabalham em outra; já outros brasileiros fixaram residência na cidade estrangeira; do mesmo modo, há vários paraguaios morando em *Foz do Iguaçu*.

Pode até parecer senso comum, todavia, julga-se relevante pontuar que, normalmente, as pessoas que visitam o Paraguai vão à *Ciudad del Este* para fazer compras e acabam por conhecer apenas as primeiras ruas após a Ponte da Amizade. Essa região da cidade, ou seja, o centro de compras do Paraguai é muito movimentado, sujo, cheio de ambulantes que assediam o turista na tentativa de vender os mais diversos produtos. Todavia, o que desconhecem é que existe outra *Ciudad del Este* algumas ruas acima. Uma cidade bonita, com parques, restaurantes e condomínios fechados luxuosos. Esse primeiro contato com os brasileiros residentes em *Ciudad del Este* nos fez ver essa outra realidade.

A execução do projeto piloto foi decisiva para a sistematização final do projeto de pesquisa, pois o contato com a realidade da fronteira subsidiou a reformulação de algumas hipóteses já definidas e apontou lacunas quanto à estrutura do questionário linguístico, ao perfil dos informantes e à rede de pontos estabelecida para a coleta de dados.

O contato com os entrevistados deixou clara, por exemplo, a necessidade de redimensionamentos do perfil do informante – o tempo de residência do falante no local a ser investigado, em virtude da grande mobilidade e migrações da população que habita as cercanias da fronteira.

O segundo contato aconteceu durante a coleta definitiva dos dados que foi realizada no período de 20/04 a 26/04/2013, em uma única viagem de pesquisa de campo. Julgamos que seria mais produtivo ir de carro, devido à comodidade para as viagens e para a busca de informantes. Deste modo, saímos de *Ponta Grossa* no dia 18 de abril de 2013. A viagem é longa e cansativa, são 543 km que foram percorridos em 7 horas de viagem dirigindo sozinha. No dia seguinte, fomos ao Paraguai para cuidar dos preparativos da viagem. Compramos um gravador a mais, pilhas reservas, um chip de telefone para nos comunicar com nossa família e cambiamos guaranis, pois não sabíamos o que iríamos encontrar pela frente. Para isso, contamos com a ajuda de um paraguaio que conhecemos durante o projeto piloto, Manuel Martínez, residente em *Ciudad del Este*. No dia 19, chega nossa colega de doutorado, Marigilda Antonio Cuba, que se prontificou em colaborar conosco na coleta de dados. Rumamos ao Paraguai no dia 20 de abril de 2013, pois decidimos começar as entrevistas pelas localidades paraguaias. Saímos às seis da manhã para evitar o tráfego intenso na Ponte da Amizade.

Figura 20 – Fronteira Brasil-Paraguai



Fonte: arquivo pessoal da autora

Passamos com tranquilidade pela ponte, paramos na aduana/imigração e para solicitar um visto para a realização da pesquisa, onde fomos muito bem atendidas. Pedimos algumas informações e seguimos viagem a *San Alberto*, a primeira localidade a ser investigada, que se situa a

aproximadamente 90 km de *Ciudad del Este*, ligada pela Supercarretera Itaipu⁷² que vai até *Salto de Guairá*, passando por *Hernandarias*.

Figura 21 – Rodovia Supercarretera Itaipu - Paraguai



Fonte: arquivo pessoal da autora

A rodovia é asfaltada e com boas condições de tráfego. Há bastante fiscalização e, se a polícia rodoviária vir um carro com placas do Brasil certamente irá pará-lo, uma vez que os veículos pertencentes aos imigrantes e aos brasiguaios são comprados e emplacados no Paraguai. Fomos paradas algumas vezes, no entanto, ao mostrar nosso visto, nossas carteiras de estudantes e de professoras, éramos imediatamente liberadas para seguir viagem. Chegamos a *San Alberto* ainda pela manhã, paramos em frente a um supermercado e pedimos informação sobre hospedagem. Só havia um hotel em toda a cidade, lá ficamos. Depois de instaladas, fomos à busca dos informantes, munidas de água e de todos os equipamentos para as entrevistas. Conhecemos a cidade, alguns moradores, agendamos algumas entrevistas e fomos almoçar. No restaurante, realizamos as duas primeiras entrevistas: uma com o dono do estabelecimento e outra com uma das cozinheiras. Durante as entrevistas, uma mulher de moto chocou-se com o nosso carro que estava estacionando em frente ao restaurante. Felizmente o susto foi maior do que o estrago, pois não houve grandes danos no veículo. A solução foi parar a entrevista e retomá-la mais tarde. Ao término das entrevistas, havia novamente várias pessoas no restaurante que se propuseram a nos ajudar, conseqüentemente, nesse dia realizamos mais três entrevistas. Importante ressaltar que, nessas cidades, todas as

⁷² Supercarretera, em português, significa rodovia, uma pista de trânsito rápida. A denominação Supercarretera Itaipu é motivada pelo destino a que a rodovia dá acesso: a Usina Itaipu paraguaia, localizada na cidade de *Hernandarias*.

peças que ali vivem se conhecem, razão pela qual não foi muito complicada a busca de informantes. As dificuldades recaíram na disponibilidade de tempo de alguns deles, pois muitos possíveis informantes estavam viajando.

No dia seguinte, domingo, tivemos mais dificuldades para encontrar informantes, uma vez que a parte comercial da cidade estava fechada. Além de ser domingo, era dia de eleição (21/04/2013) para a presidência no Paraguai, o que deixou a cidade bastante movimentada. Ainda assim, conseguimos realizar três entrevistas e agendar algumas para a segunda-feira. Em busca de informantes, fomos à casa de um paraguaio, professor aposentado que nos recebeu muito bem, durante conversa informal sobre as eleições e as relações entre Brasil e Paraguai, afirmou que a vinda dos brasileiros para as cidades paraguaias trouxe progresso ao país. A visão do professor nos chamou muito a atenção uma vez que, com frequência, ouvíamos histórias de conflitos por terras.

No outro dia, estivemos na prefeitura (*municipalidad*), onde conseguimos um informante paraguaio, um advogado muito simpático, além de visitarmos algumas escolas para obter informações sobre a cidade. Fomos também à delegacia, acompanhadas de um morador local, fazer um boletim de ocorrência sobre o incidente ocorrido com o carro, para assegurar o resto da viagem e a execução do restante da coleta de dados. Essa foi uma experiência muito interessante, pois apenas ali ouvimos os paraguaios, todos homens, falarem guarani. Essa língua não é falada pela maioria dos brasileiros, ainda que alguns a entendam. Realizamos nesse dia as três entrevistas restantes.

Antes de deixar a cidade, passamos em uma oficina mecânica para assegurar que o carro estava em condições de seguir viagem. Deixamos *San Alberto* aproximadamente às três horas da tarde e seguimos para *Santa Rosa del Monday*. Para tanto, tomamos a mesma Supercarretera Itaipu e voltamos em direção a *Ciudad del Este*, passando por *Hernandarias*, *Presidente Franco* até chegar a *Los Cedrales*, com uma distância percorrida de 112 km. A partir de *Los Cedrales* a estrada deixa de ser asfaltada, são 34 km de um tipo de ladrilho⁷³, mas de fácil acesso.

⁷³ As pedras que formavam a estrada pareciam paralelepípedos, no entanto, não tinham o mesmo formato quadrangular, pois os pedaços apresentavam formas irregulares.

Figura 22 – Estrada vicinal de acesso a *Santa Rosa del Monday*, a partir de *Los Cedrales*.



Fonte: arquivo pessoal da autora

Chegamos a *Santa Rosa del Monday* no fim da tarde do dia 22/04/2013 e, como de praxe, em primeiro lugar, buscamos hospedagem. Segundo as informações que recebemos na chegada, na cidade havia dois tipos de hospedagem, uma pensão de donos brasileiros e outra cujos donos eram paraguaios. Recomendaram-nos a dos brasileiros, por ser a preferida, inclusive pelos paraguaios. Como não tínhamos muitas opções, nos dirigimos para essa pensão. A primeira impressão não foi das melhores, pois os donos tinham um bar acoplado e estava cheio de homens bebendo. Os quartos deixavam a desejar e não tinham, por exemplo, banheiro privativo. Na primeira noite, tivemos dificuldades para dormir, contudo, o cansaço colaborou para a chegada do sono. No dia seguinte, percebemos que o local era seguro e nos sentimos muito bem acolhidas pelo casal proprietário do local, ele um gaúcho e ela uma catarinense, que colaboraram conosco na busca pelos informantes. Nesse dia conseguimos realizar duas entrevistas e agendar outras quatro para o dia seguinte.

No dia 23/04/2013, em busca da história de *Santa Rosa del Monday*, fomos à igreja católica, com intenção de conversar com o padre, que todavia, estava viajando.

Trabalhamos de manhã à noite, com muita produtividade, pois conseguimos fazer sete entrevistas nesse dia. Entre uma delas, entrevistamos a filha da dona da pensão paraguaia, que nos convidou para almoçar em sua casa no

dia seguinte, pois pediria a sua mãe que nos fizesse comidas típicas do Paraguai. Tanto *San Alberto* como *Santa Rosa del Monday* são cidades com população massiva de brasileiros, que conservam costumes brasileiros, assistem às novelas veiculadas pela televisão brasileira, pois todos têm antena parabólica. Desta forma, se algum paraguaio não nos oferecesse para comer em sua casa, deixaríamos o Paraguai sem provar as comidas típicas.

Visitamos uma escola Paraguaia – Alemã, que conta com grande maioria de professores paraguaios. A língua falada na escola pelos professores é o castelhano/espanhol e os alunos devem dirigir-se aos docentes nessa língua. No entanto, entre os colegas todos falam português. A língua guarani é ensinada, mas não são todos os paraguaios que a dominam. Em conversa informal, a secretária da escola, mãe de três filhos, nos disse que a filha mais velha falava português, castelhano e guarani, mas que os outros dois filhos, um preferia falar guarani e outro português. Nessa noite provamos a *chipa guazu*, um bolo de milho com queijo, muito saboroso.

No outro dia realizamos as três últimas entrevistas e nos dirigimos à pensão paraguaia, onde fomos muito bem recebidas. A mãe de nossa informante nos preparou sopa paraguaia, *chipa so'o*, *vari vari*, *mbeju*⁷⁴. As comidas paraguaias, em sua maioria, são à base de mandioca e milho e muito saborosas.

Figura 23 – Iguarias paraguaias: *vari vari*, *mbeju*, *chipa so'o*, *sopa paraguaia*



Fonte: arquivo pessoal da autora

⁷⁴ A sopa paraguaia é uma espécie de torta salgada feita com fubá (ou milho ralado), cebola, leite e muito queijo ralado. A *chipa so'o* é uma variedade de chipa recheada com carne moída. O *vari vari* é um ensopado com bolotas feitas de fubá. O *mbeju* é um tipo de panqueca, feita com polvilho.

Depois de saborear o banquete paraguaio, seguimos viagem em direção a *Missal*, cidade brasileira para dar continuidade ao trabalho de coleta de dados. No retorno, passamos novamente por *Los Cedrales* e seguimos em sentido *Ciudad del Este*. Paramos novamente na aduana/imigração, devolvemos o visto e passamos a ponte que nos deu acesso à cidade de Foz do Iguaçu.

Figura 24 – Fronteira Paraguai/Brasil



Fonte: arquivo pessoal da autora

De *Foz de Iguaçu* até *Missal* são uns 71 km. Até *São Miguel do Iguaçu* fomos pela rodovia PR-277, depois tomamos a PR-495, uma estrada secundária em bom estado de conservação e paisagens lindíssimas, uma vez que corta um dos braços do lago de Itaipu.

Figura 25 – Localização de Missal



Fonte: <http://www.missal.pr.gov.br/prefeitura>

Chegamos ao destino no fim da tarde do dia 24/04/2013 e nos hospedamos em um hotel no centro da cidade. A cidade de Missal é pequena, porém confortável. Ali mesmo conseguimos nossa primeira informante, a dona do hotel. Fomos a uma escola em que funcionava a educação de jovens e adultos, mas como aquele dia não havia aulas, conseguimos apenas uma entrevista com o diretor da escola.

No dia seguinte, voltamos à escola que foi mobilizada pelos professores que nos ajudaram na busca dos informantes, o que nos permitiu a realização de seis entrevistas nesse dia. Durante uma dessas entrevistas, de um senhor que cuidava das plantas da escola, recebemos de presente duas linguças defumadas feitas por ele. Conhecemos o museu, que guarda as tradições dos migrantes descendentes de alemães responsáveis pela construção da cidade. Na mesma praça encontra-se a igreja, a torre em forma de bíblia, símbolos da presença da igreja católica na localidade. Essa praça situa-se no marco inicial da cidade de *Missal*, atualmente, ainda uma cidade pequena, mas muito aconchegante habitada por pessoas amáveis e prestativas. A presença das tradições alemãs está preservada e mantém a identidade dos seus primeiros habitantes.

Figura 26 – Casa da Cultura e Igreja Matriz de Missal



Fonte: arquivo pessoal da autora

No dia 25/04/2013 seguimos viagem para *Terra Roxa*, distante aproximadamente 160 km de *Missal*. Viajamos de noite, por isso não pudemos apreciar as paisagens. A estrada é boa, porém, com pista simples e poucos trechos com pistas duplas. Para chegar à *Terra Roxa*, passamos por *Santa Helena*, *Entre Rios do Oeste* e *Marechal Cândido Rondon*.

Como chegamos à noite, fizemos nosso *check in* no hotel, deixamos nossas bagagens e saímos para conhecer a cidade. Pedimos algumas informações e fomos a uma escola em que funcionava a educação de jovens e adultos, mas, em virtude do avançado da hora, foi possível a realização de apenas uma entrevista. No dia seguinte conseguimos fazer todos os outros inquéritos. Voltamos à escola e fomos auxiliadas por professores que nos indicaram outras escolas, e de pessoa a pessoa fomos conseguindo os informantes. Outra ajuda fundamental foi da prefeitura de *Terra Roxa*. Graças a essas pessoas prestativas conseguimos realizar as entrevistas nessa cidade sem maiores dificuldades.

Figura 27 – Terra Roxa

Fonte: google maps (<https://maps.google.com>)

A cidade, ainda que muitos nos dissessem que era perigosa devido localizar-se perto da fronteira de Guaíra, cuja fiscalização é menor que na fronteira de Foz do Iguaçu, nos pareceu muito tranquila. Andamos praticamente toda a cidade a pé, com segurança. Um dado interessante sobre *Terra Roxa* é a presença indígena na região. Notamos muitos alunos indígenas estudando no período noturno e chegamos a conversar com um deles, embora com muita dificuldade, pois ele mal falava português e não conhecia nossos costumes, pelo menos foi a impressão causada. É muito difícil julgar esse quadro, pela ausência de informações mais concretas sobre as relações que se estabelecem entre índios e não índios. Como esse não é o objetivo deste estudo não buscamos dados sobre essa questão.

Concluído o trabalho nessa última localidade, retornamos à cidade de *Foz do Iguaçu* no dia 26/04/2013 à noite. A realização das 40 entrevistas em uma semana nos deixou exaustas, com uns quilos a menos, porém, com a grata sensação do dever cumprido.

Em Foz do Iguaçu, depois da partida de minha colega de trabalho, percebemos que havia ocorrido um problema com a gravação de uma entrevista realizada em *Santa Rosa del Monday*. Em face disso, retornamos a *Santa Rosa del Monday* no dia 27/04/2013 e realizamos a entrevista com um novo informante, já que o primeiro estava fora da cidade. Fomos e voltamos no mesmo dia. Descansamos, ainda, um dia antes de retornar a *Ponta Grossa*.

A experiência da coleta de dados foi surpreendente. Em se tratando do Paraguai, ficamos maravilhadas com o que lá presenciamos. Ainda que

soubéssemos que havia, em sua maioria, brasileiros nas cidades paraguaias, não imaginávamos que eram tantos. Vimos paraguaios nas escolas, na prefeitura, na delegacia, ou seja, nos órgãos públicos paraguaios, mas o comércio e o agronegócio são controlados em sua maioria por brasileiros. Não há comida paraguaia nos restaurantes, mas sim o arroz com feijão tipicamente brasileiro. A maioria dos paraguaios fala português, nem todos falam guarani. Sentimos que as cidades nas quais se desenvolveu a pesquisa são um pedacinho do Brasil no país vizinho.

No lado brasileiro, as paisagens nos impressionaram muito. Não tínhamos ideia do que era, na verdade, o Lago de Itaipu e o impacto que a Usina de Itaipu causou nas cidades lindeiras, isto é, nas cidades que fazem divisa com o Lago de Itaipu. A cidade de *Missal* tem um estilo próprio com as construções alemãs, as tradições gaúchas e a forte presença de migrantes/imigrantes.

Já *Terra Roxa* nos pareceu uma cidade em pleno desenvolvimento. O setor industrial das confecções de roupas para bebês gera muitos empregos na cidade. Também percebemos uma mistura maior de grupos sociais, como indígenas, negros e brancos, ao contrário das outras localidades onde não encontramos afrodescendentes. Quanto aos indígenas, os encontramos, também, no Paraguai: os guaranis.

Os habitantes das localidades visitadas, tanto os brasileiros quanto os paraguaios, nos trataram muito bem e nos auxiliaram na pesquisa, seja participando das entrevistas, seja colaborando na busca de informantes. Logo percebiam que éramos de fora e que estávamos fazendo um grande esforço para estar ali, longe de casa e de nossas famílias. O trabalho foi muito gratificante, nos acrescentou conhecimento cultural, histórico, social, linguístico e humano, que palavras não seriam suficientes para descrever.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem
foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados, considerando, para tanto, as hipóteses formuladas, as perguntas de pesquisa e os objetivos do trabalho, que foram retomados na sequência.

Dois hipóteses orientaram a pesquisa: a) a variedade da língua portuguesa falada na região de fronteira apresenta influências da língua espanhola e b) a variedade da língua portuguesa falada nas localidades ao norte (Terra Roxa e San Alberto) se assemelha à variedade encontrada no Norte paranaense e na região Sudeste do Brasil, assim como a variedade da língua portuguesa falada nas localidades ao sul (Missal e Santa Rosa del Monday) se assemelha à variedade registrada no estado do Rio Grande do Sul, devido à mobilidade espacial gerada por meio das rotas de migração e da colonização da região.

Entre as perguntas de pesquisa destacamos: 1) O que acontece com a língua portuguesa ao entrar em contato com o espanhol e o guarani? 2) São mantidas as variedades da língua portuguesa trazidas pelos imigrantes no século passado? 3) A geração jovem também as mantém? 4) A variante da língua portuguesa falada no Paraguai é a mesma falada do outro lado da fronteira? 5) Qual é o status social dessas variedades, seja em contato com o espanhol e o guarani, seja com as línguas de imigração? 6) Os brasileiros da região de fronteira falam o espanhol e o guarani? 7) Será que todos os paraguaios são bilíngues, ou seja, falam também o guarani? 8) Ou são plurilíngues, falando ainda o português? 9) Homens falam diferentemente de mulheres? 10) Em quais situações? 11) A escola pode influenciar a fala desses imigrantes?

São objetivos da pesquisa: a) descrever as variedades da língua portuguesa em contato, b) a identificar a natureza de fatores que podem favorecer ou inibir a inovação e a conservação de traços linguísticos, considerando as dimensões diatópica e sociocultural dos fenômenos descritos, c) contrastar as variantes sulistas e as variantes nortistas registradas.

Deste modo, para cada variável pesquisada foi analisada a presença/ausência da variação linguística nos eixos diatópico e social.

Para a organização da análise dos dados, optamos pela seleção das variáveis que melhor pudessem demonstrar e contrapor os falares nortista e sulista, considerando tendências da variação, manutenção e mudança de traços linguísticos. Logo, os dados documentados que não evidenciaram variação neste momento não foram discutidos por não demonstrarem progressão ou retrocesso da variação linguística no falar nortista ou sulista.

Com o intuito de descrever o comportamento linguístico dos informantes, a análise está subsidiada por cartas linguísticas fonéticas, lexicais e morfossintáticas, conforme o descrito no capítulo anterior, que permitem tanto a visualização global dos dados em termos de produtividade, quanto as respostas dos informantes conforme as localidades e os grupos sociais investigados. Primeiramente, os dados foram mapeados por meio de cartas diatópicas que, por sua vez, fornecem a porcentagem das variantes documentadas, obtidas por meio da primeira resposta espontânea e de outras respostas obtidas pela insistência. Na sequência, seguem as cartas pluridimensionais com as variantes que julgamos mais significativas para o estudo contendo a variante em foco obtida segundo a metodologia adotada na coleta: a) resposta espontânea, b) resposta obtida por meio da insistência, c) resposta obtida por meio da sugestão e c) pelo desconhecimento da variante. Para subsidiar a análise, recorreremos aos atlas linguísticos publicados que englobam, sobretudo, a região Sul do país: o ALPR (1994), o ALPR II (2007), o ALERS (2011a e 2011b) e o ALiB (2014). Ainda nos embasamos nos estudos de Margotti (2004), Rocha (2008), Busse (2010), Reis (2013), Santos-Ikeuchi (2014), Figueiredo (2014), entre outros, para analisar o português em contato com outras variedades linguísticas. Esses estudos nos auxiliaram à medida que registram particularidades da fala de grupos que colonizaram a região, apontando-nos possíveis situações de implantação, substituição ou mudança de traços linguísticos.

A análise dos dados obedece à sequência dos questionários aplicados, ou seja, são analisados primeiramente os dados fonético-fonológicos, após os semântico-lexicais e finalmente os morfossintáticos.

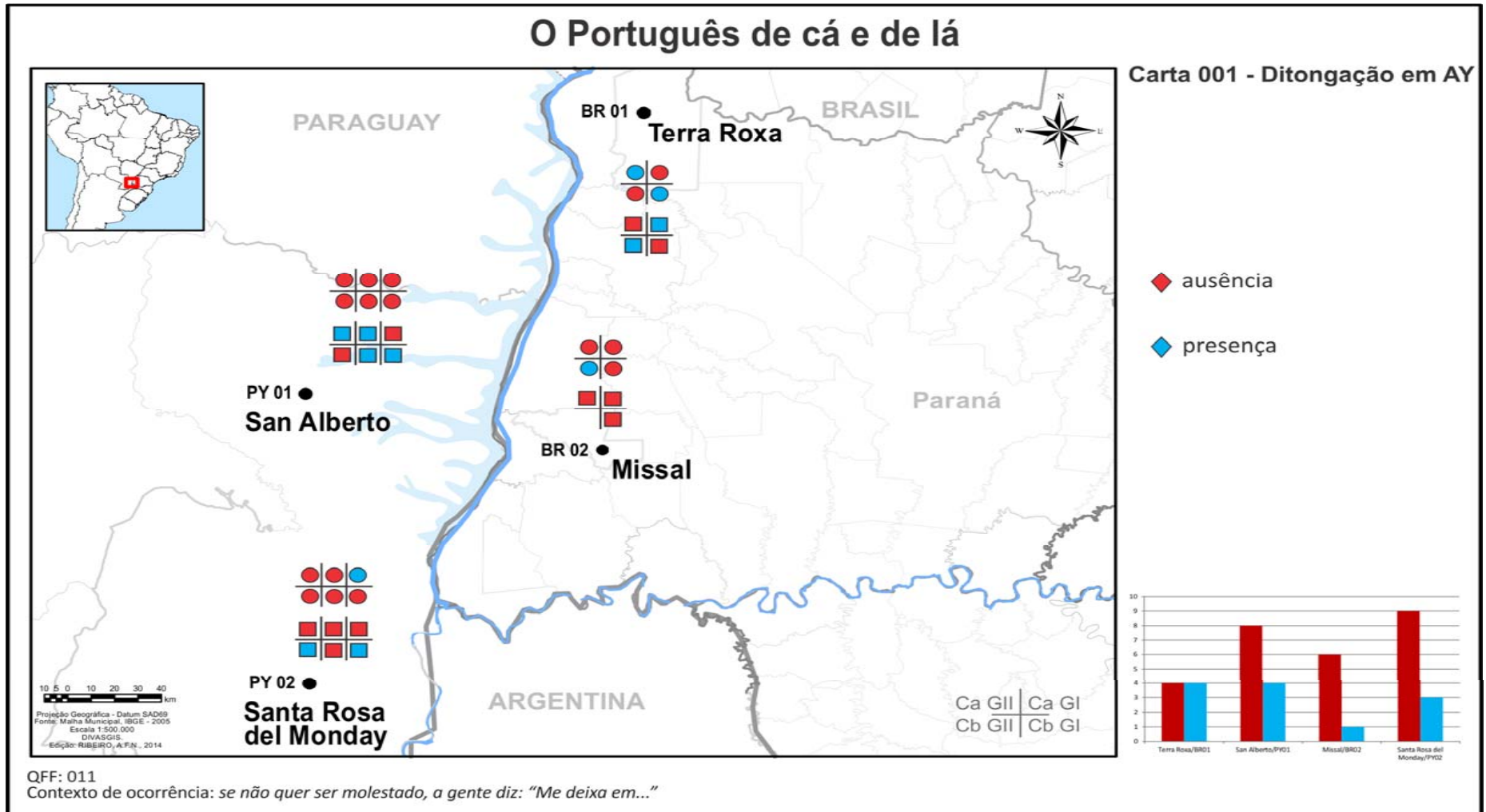
4.1 VARIÁVEIS FONÉTICO-FONOLÓGICAS


a) Ditongação em paz, três, dez e cruz

Verificamos a ocorrência de ditongação nos monossílabos com sibilantes, característica mais acentuada do falar nortista como comprovam o ALPR II (2007), o ALERS (2011a), os estudos de Busse (2010) e Figueiredo (2014). Contudo, o fenômeno da ditongação tem se expandido conforme as cartas deste estudo 001 (paz), 002 (três e dez) e 003 (cruz).

A **ditongação [ay]** no item lexical *paz* ocorreu em todas as localidades analisadas, ainda que apareça em menor frequência que sua ausência. Vejamos a **Carta 001- Ditongação em AY**:

Figura 28 - Carta 001 – Ditongação em AY



Ao focalizarmos os dois pontos localizados ao norte, notamos a presença da **ditongação [ay]** em praticamente metade das realizações. Em Terra Roxa, quatro informantes fazem uso da ditongação e quatro não o fazem. Em San Alberto, dos oito informantes entrevistados, três fazem uso da ditongação. Vale ressaltar que, devido à entrevista ser considerada uma forma monitorada em relação às respostas, muitos informantes podem não utilizar **ditongação [ay]**, usando um estilo mais formal da língua. O informante pode concluir que se utilizar a forma  ele estaria falando de maneira errada, ainda mais quando a escrita da palavra difere da forma falada. As palavras de Aragão (2009, p.176) corroboram o exposto, pois, segundo a autora: “O nível ou registro que mais favorece a ditongação é o coloquial, informal, familiar, mesmo com informantes de melhor escolarização”.

Observa-se, no entanto, nas localidades ao sul, que há pouquíssima **ditongação [ay]**. Entre os brasileiros, documentamos apenas uma ocorrência na cidade de Missal e outra na cidade de Santa Rosa del Monday, ambas na CbGII. Conforme os dados do ALERS (2011), o Rio Grande do Sul é o estado em que menos ocorre a **ditongação [ay]** e o Paraná onde ela ocorre com maior frequência, o que nos leva a induzir que a **ditongação [ay]** é uma variação diatópica.

Em San Alberto, a **ditongação [ay]** aparece com maior frequência na fala dos homens. Apenas o informante homem idoso de classe baixa não realizou a **ditongação [ay]**. Na fala das mulheres brasileiras/brasiguaias dessa localidade não há nenhuma ocorrência desse fenômeno. Houve apenas uma ocorrência na fala da mulher paraguaia de classe alta. O fenômeno está mais presente na classe alta que na classe baixa, o que nos sugere que a ausência/presença da **ditongação [ay]** não está relacionada à classe social nessa localidade.

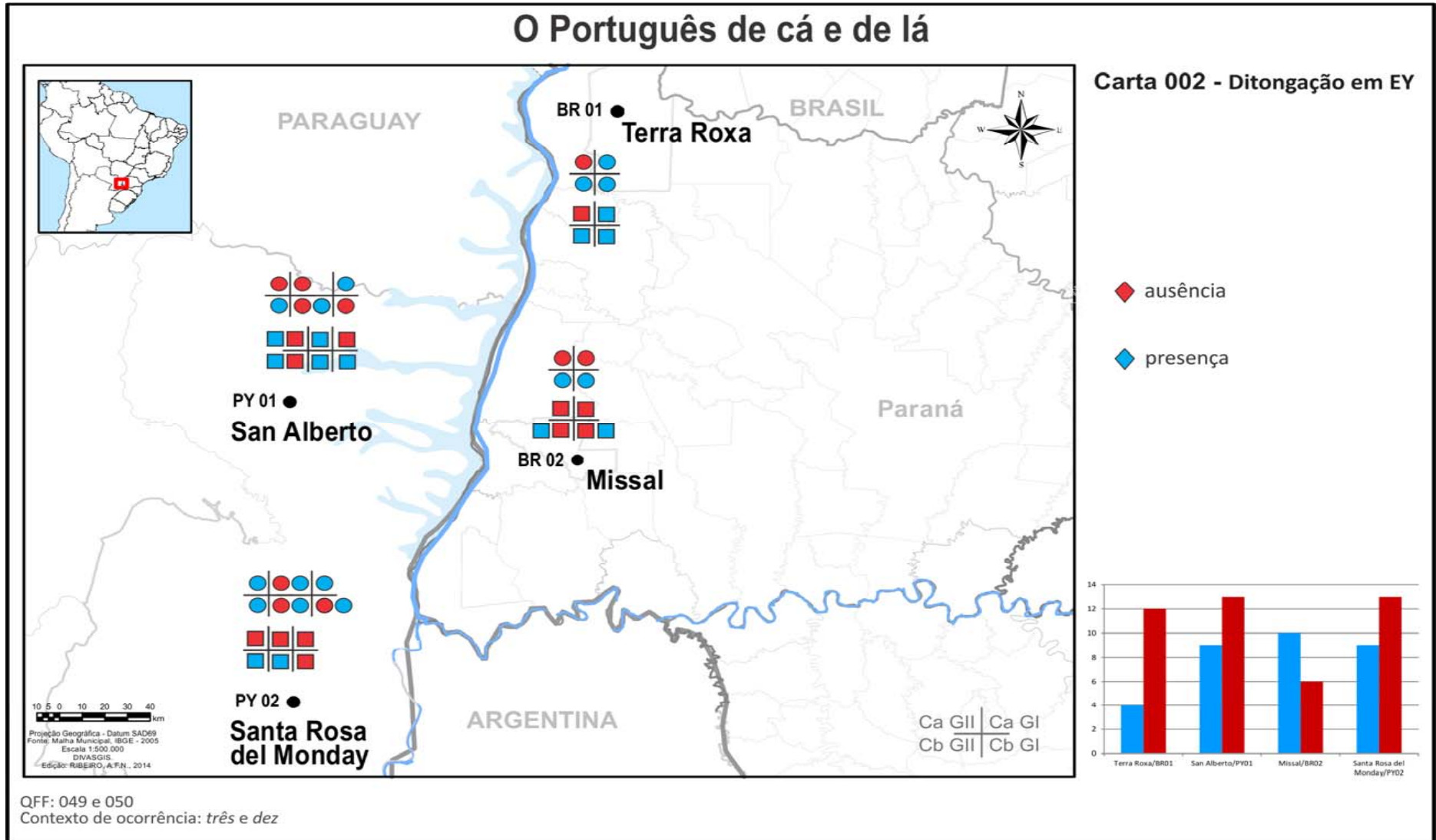
Já em Missal a ocorrência da **ditongação [ay]** está presente apenas na informante MCbGII.

Em Santa Rosa del Monday, a **ditongação [ay]** ocorreu no informante HCbGII e na fala de dois paraguaios: MCaGIp e HCbGIp. Acreditamos que eles utilizam essa variante por não conhecerem a língua portuguesa na sua modalidade escrita e aprendê-la apenas de forma oral, no convívio do dia a dia. Os brasileiros, por sua vez, podem estar monitorando sua fala e, por isso, não usam a **ditongação [ay]**.

Com relação à variável sexo, pode-se afirmar que há uma tendência ao uso da **ditongação [ay]** entre os homens. Nota-se também uma preferência de uso da ditongação entre as classes mais baixas e entre mais velhos. As mulheres parecem preferir a manutenção da monotongação, ou seja, utilizam a variante mais prestigiada pela norma padrão da língua.

A **ditongação [ey]** também está presente em todas as localidades como ilustra a **Carta 002 - Ditongação em EY**.

Figura 29 - Carta 002 – Ditongação em EY



Diferentemente da **ditongação [ay]**, a **ditongação [ey]** ocorre em maior número que sua ausência nas localidades estudadas.

A **ditongação [ey]** em Terra Roxa não está presente apenas nos informantes da CaGII, ou seja, apenas dois informantes não realizam a **ditongação [ey]**.

A ausência ocorre apenas nas classes altas em Missal. Nas mulheres de classe baixa a presença da **ditongação [ey]** está sedimentada, já nos homens de classe baixa ainda há alternância entre as duas formas.

Em San Alberto só não está presente na fala das mulheres brasileiras/brasiguaias de classe alta. Entre os homens mais velhos, existe a alternância entre as duas formas e entre os homens mais jovens a **ditongação [ey]** está mais avançada, o que nos sugere uma possível mudança em andamento. A **ditongação [ey]** entre os paraguaios da localidade está presente na MCa e no HCb.

Na localidade de Santa Rosa del Monday, a **ditongação [ey]** não ocorre na fala dos homens de classe alta e nem na dos homens paraguaios. Em todas as mulheres houve ocorrência ainda que as jovens e a mulher paraguaia de classe baixa alternem entre as duas formas.

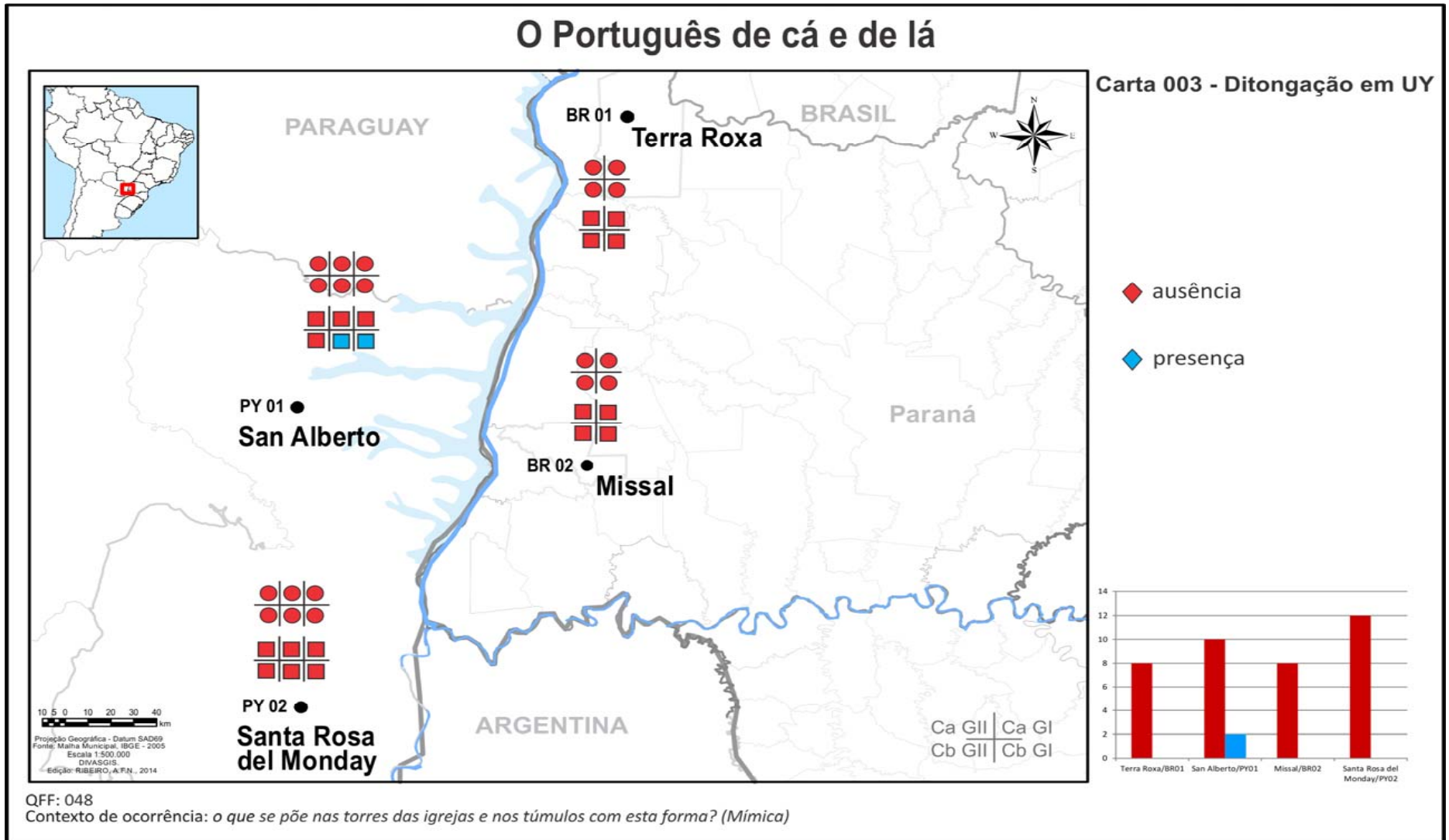
65% dos informantes entrevistados já utilizam a **ditongação [ey]**, sendo 40% jovens, o que pode sugerir uma mudança em andamento. Interessante verificar que a **ditongação [ey]** está presente e em com maior representatividade na fala das mulheres, dos jovens e das classes altas, diferentemente da **ditongação [ay]**.

A última ditongação analisada é em [uy], obtida por meio do item lexical *cruz*. As únicas ocorrências da **ditongação [uy]** foram documentadas na localidade de San Alberto, ambas em homens de classe baixa e jovens, um brasiguai e o outro paraguaio. Esse tipo de ditongação também foi o menos frequente encontrado no estudo de Busse (2010), ausente no estudo de Figueiredo (2014) e no Oeste paranaense e quase sem ocorrências no Rio Grande do Sul, conforme a carta fonética 02 do ALERS (2011a). Contudo, a ocorrência foi significativa no Paraná com exceção da região Oeste e em Santa Catarina segundo a mesma carta do ALERS (2011a).

Entretanto, a **ditongação [uy]** foi analisada com base em apenas um item lexical, não suficiente para a compreensão do fenômeno, isto é, deveríamos ter nos aprofundado a partir de outros lexemas como luz, por exemplo. A **Carta 003**

– **Ditongação em UY** ilustra a ausência quase que em totalidade da variável descrita como se pode observar.

Figura 30 - Carta 003 – Cruz



Como podemos verificar, a ditongação dos monossílabos diante da sibilante [S] é mais significativa em **ey**, seguida de **ay** e quase nula em **uy**. Cabe recordar que esse tipo de ditongação não ocorre na língua espanhola, cujos lexemas são muito próximos: *paz, tres, diez, cruz*. O que ocorre com frequência na variedade da língua espanhola falada pelos paraguaios é a supressão ou a aspiração da sibilante [S].

Ao comparar os dados com trabalhos realizados que registraram a fala do Paraná, notamos que a ditongação está relacionada à presença de paulistas e norte-paranaenses. Conforme Busse (2010), a ditongação é implantada em todo o Oeste paranaense, ainda que haja concorrência com a manutenção da vogal tônica. Já o estudo de Figueiredo (2014) demonstrou que ditongação é comum na fala dos mato-grossenses, porém não na fala dos sulistas, que mantêm a monotongação apesar do contato com outras variedades. Os casos em que houve ditongação na fala dos teuto-gaúchos ocorreram em localidades mais urbanizadas e com grandes fluxos migratórios, o que demonstra que os papéis sociais, a mídia e o consequente contato com formas inovadoras trazidas pelos migrantes de outras áreas podem acarretar a mudança linguística.

Vale ressaltar que a ditongação diante de [S], segundo Mota e Silva (2012, p. 119), é um fenômeno “frequentemente apontado como uma peculiaridade da língua portuguesa falada no Brasil, não havendo correspondência nas outras variedades do português”. Ainda conforme as autoras, esse fenômeno se confirma nas regiões Sudeste e Sul do país, contudo explicitam a necessidade de estudos mais sistemáticos para verificar sua produtividade em áreas dialetais.

b) Palatização de d e t diante de i

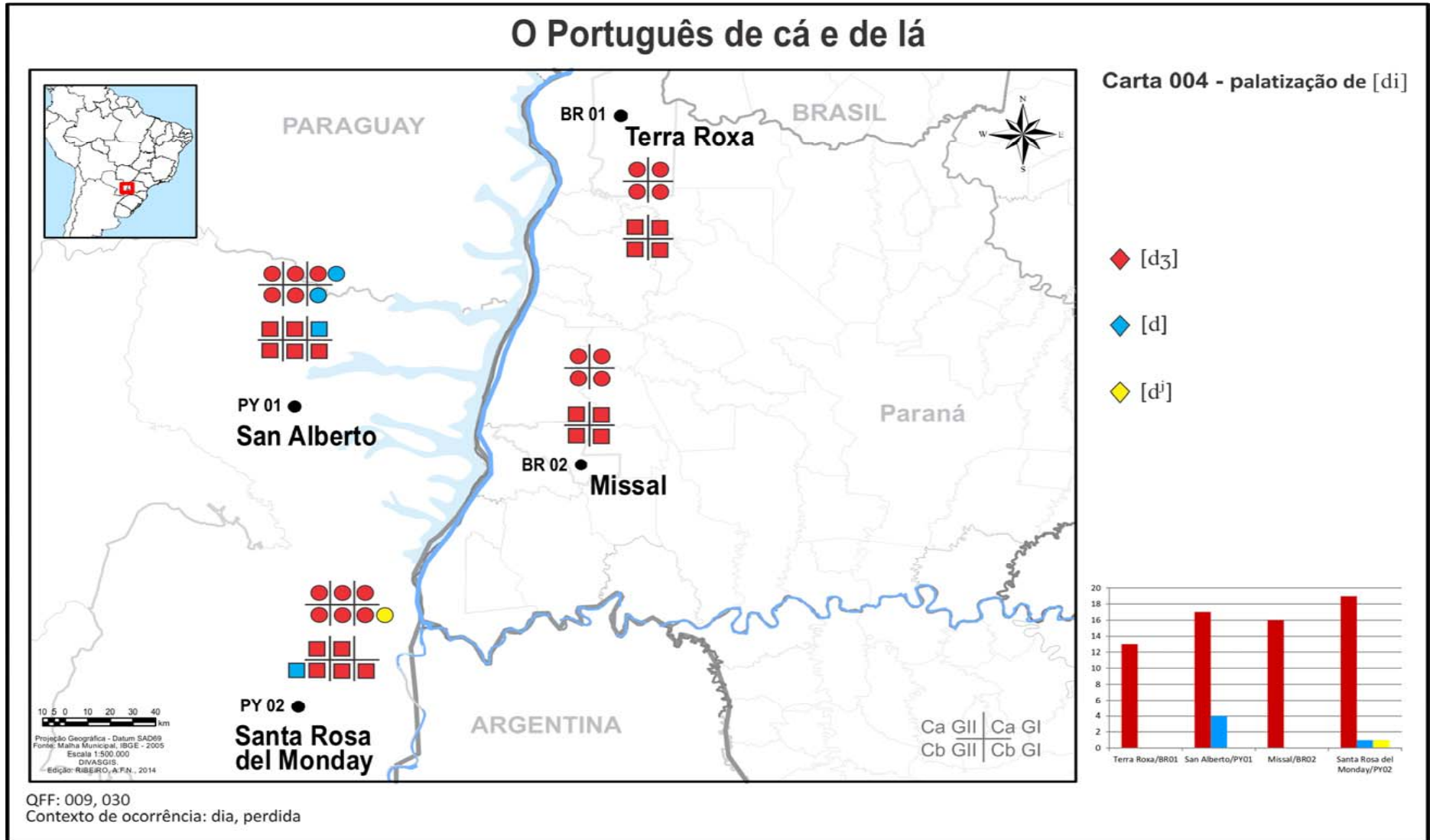
De acordo com os dados obtidos, pode-se afirmar que a ocorrência da **palatização de [d] e [t] diante de [i]** está consolidada em todas as localidades estudadas. Esse fenômeno está ilustrado nas cartas 004 (dia/perdida) e 005 (tio/mentira). No ALERS (2011a) a maior produtividade dos registros da **palatização de [d] e [t] diante de [i]** está documentada no estado do Paraná, seguido do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde a ausência é mais representativa, conforme ilustram as cartas 28, 29 e 30 do ALERS (2011a).

A ausência desse tipo de palatização é uma característica comum no em locais de imigração no Sul e Sudeste do Brasil, derivada do contato do português com as línguas trazidas por esses imigrantes, sobretudo, o italiano e o alemão (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). Registramos a ausência da **palatização de [d] diante de [i]** apenas em um brasileiro, teuto-gaúcho, da segunda faixa etária e de baixa escolaridade, na localidade de Santa Rosa del Monday, como se pode observar na **Carta 004 – Palatização de [di]**.

Nas localidades brasileiras, Terra Roxa e Missal, a presença da **palatização** está representada em 100% das ocorrências.

Os fonemas [d̪i] e $\text{[d̪i]^{er}}$ aparecem na fala dos paraguaios, sem distinção de grupo social, e se deve possivelmente à influência da língua espanhola no português falado por eles, pois na língua espanhola não há **palatização de [d] diante de [i]**. Na **Carta 004 – Palatização de [d̪i]** podem ser verificados os dados:

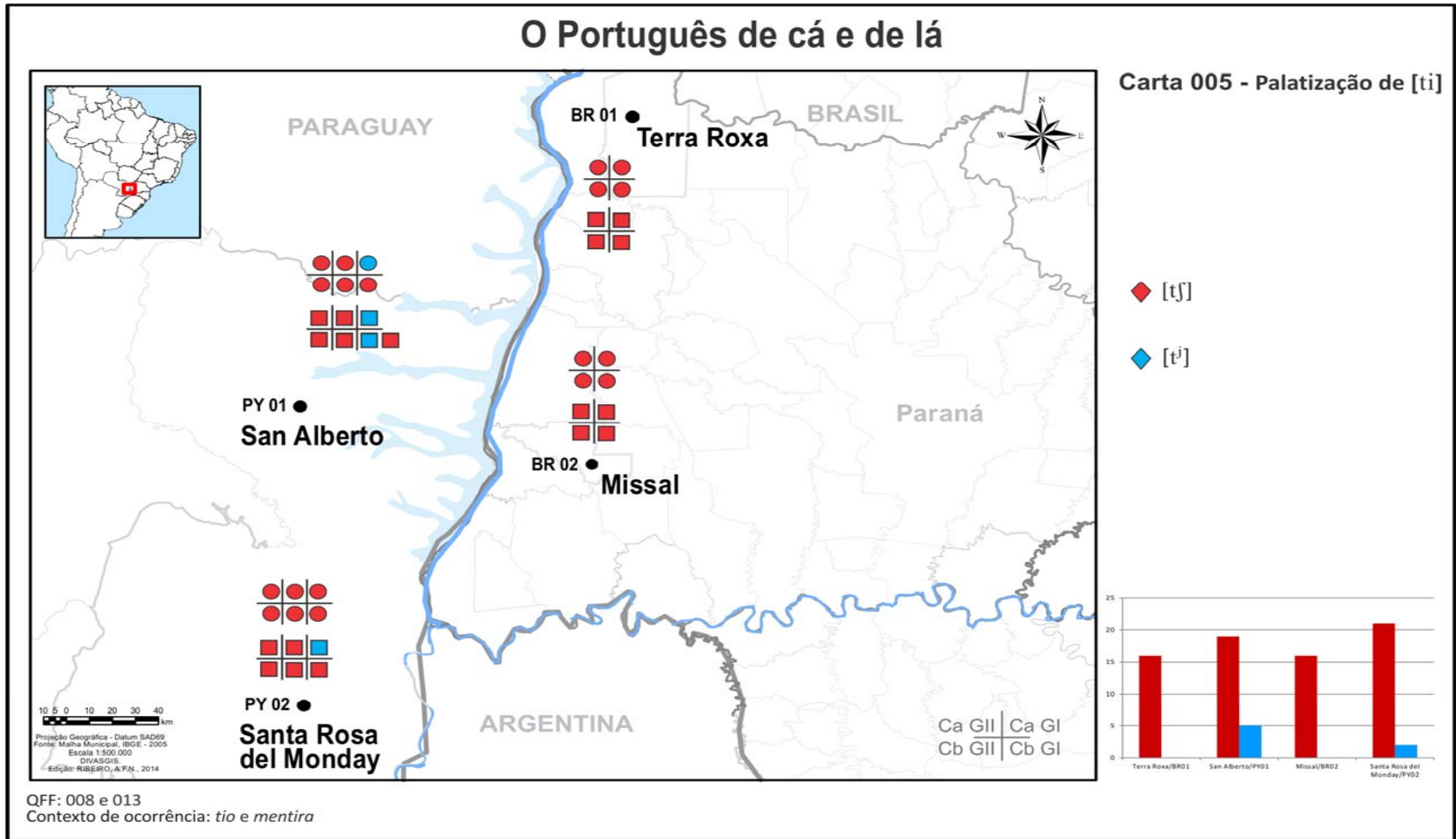
Figura 31 - Carta 004 – Palatização de [ɔ̃ʁ]



A **palatização de [t] diante de [i]** foi analisada nas palavras *tio* e *mentira* e ocorre em 100% dos brasileiros e brasiguaios. A variação [ɲ] foi registrada apenas na fala de metade dos paraguaios, em sua maioria homens. Ressaltamos que a **palatização de [t] diante de [i]** não é um traço característico da língua espanhola. Três das quatro mulheres paraguaias entrevistadas optaram pela **palatização de [t] diante de [i]**.

Os dados sugerem que a ausência da **palatização**, documentada no falar sulista, consequência do contato linguístico do português com as línguas de imigração, praticamente desapareceu na região analisada, isto é, a **palatização de [t] diante de [i]** está sedimentada mesmo na fala dos sulistas. A **Carta 005 – Palatização de [ti]** ilustra o explicitado.

Figura 32 – Carta 005 – Palatização de [♦✕]



A **despalatização de [d] e [t] diante de [i]** como ilustraram as duas últimas cartas é um fenômeno praticamente extinto na região analisada. Verificamos que sua presença está relacionada a apenas um homem da CbGII e por interferência da língua espanhola na fala dos paraguaios.

Ainda que Busse (2010) tenha documentado a **palatização de [d] e [t]** em contextos de ocorrência diferenciados, ou seja, em final de palavra, podemos apreender que a ausência da palatização está relacionada à colonização sulista, sobretudo, aos informantes HGII do meio rural.

Figueiredo (2014) aponta uma regressão das variantes sulistas principalmente na fala dos jovens em que a ausência da **palatização** ocorre de forma esporádica.






Esses dois estudos, posteriores aos dados do ALERS (2011a), já demonstram que o fenômeno da palatização de [d] e [t] diante de [i] pode ser considerado uma mudança em andamento, assim como apontam os dados obtidos nesta pesquisa.

c) Os róticos

Os róticos sempre tiveram atenção dos estudiosos da linguagem no Brasil, desde Amadeu Amaral com a obra *O dialeto caipira* (1982 [1920]), possivelmente pelo grande número de realizações fonéticas identificadas.

Nesta tese são analisadas as ocorrências do [r] em coda externa, coda interna, vibrante em início de palavra e vibrante em coda interna. Como afirma Aguilera (2008, p.1),

O /r/ em coda silábica é o fonema com possibilidade de se realizar com o maior número de variantes no português do Brasil, principalmente quando se consideram as dimensões diatópico-regionais. Essas variantes se realizam sob diversas formas: tepe ou alveolar simples, vibrante alveolar múltipla, fricativa velar surda e sonora; fricativa glotal surda e sonora; vários graus de retroflexão, ou apenas com apagamento.

Na região estudada, encontramos quatro tipos de [r]: o retroflexo  e o tepe  em coda silábica; a fricativa velar  a vibrante  e o tepe  em início de sílaba.

O [r] retroflexo em coda externa, obtido no lexema **calor**, está em todas as localidades como ilustra a **Carta 006 – [r] em coda externa**. Entre os brasileiros apenas houve uma ocorrência do tepe [ʀ] em Missal. A informante que utilizou a variante pertence à segunda geração e possui pouca escolaridade. Poderíamos atribuir como causas da manutenção dessa variante sulista o local de origem da informante (Santo Cristo – RS); a ocupação da informante (dona de casa sem contatos linguísticos no trabalho) e a língua de imigração (alemão que afirmou falar).

O tepe também está presente na fala de três paraguaios. Ainda que na língua espanhola a ocorrência do [r] em coda normalmente é realizada como tepe, o [r] na variante paraguaia costuma ser realizada como retroflexa. Essa é uma das características que difere o espanhol paraguaio de outras variedades do espanhol.

O [r] retroflexo, chamado popularmente de [r] caipira, está presente em praticamente todo o Paraná, São Paulo e Sul de Minas Gerais. Entretanto, conforme o ALiB (2014) e os dados obtidos nas capitais brasileiras ainda está presente no Mato Grosso do Sul, no Mato Grosso, Goiás e no Rio Grande do Sul.

Na tentativa de identificar o uso do retroflexo, característica do português do Brasil, Aguilera e Silva (2010, p. 125-126) ressaltam:

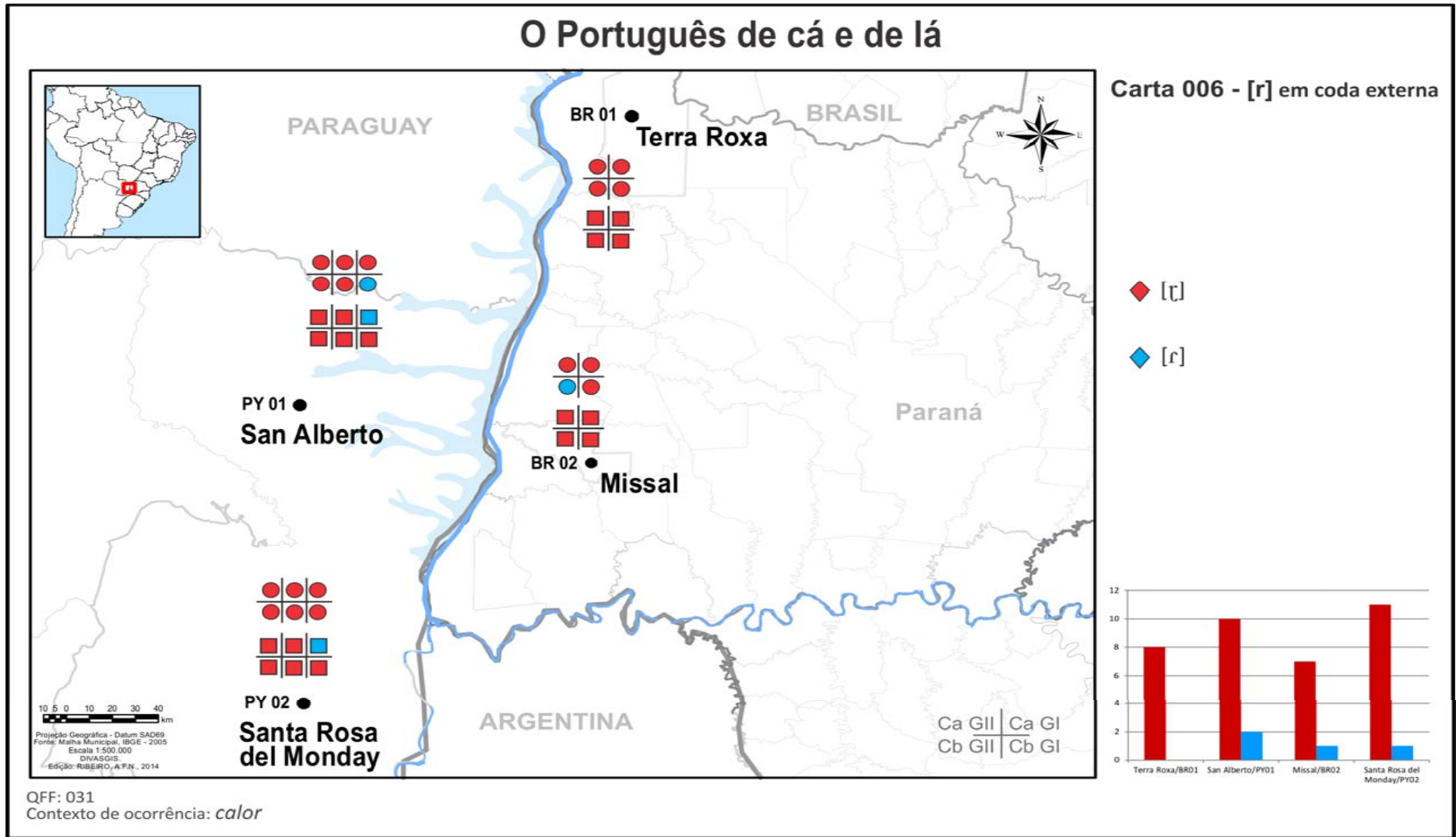
Até onde nos foi possível verificar, esta variedade de róticos não foi trazida pelos portugueses durante a ocupação da terra recém descoberta, nem constava do acervo fonético dos autóctones brasileiros. A hipótese mais viável, da qual comungamos, seria atribuir a origem do / r / caipira no PB ao contato do português com o tupi, uma vez que o tupi seria uma língua desprovida dos fonemas /r/ e /l/ , pelo menos em coda silábica.

Poderíamos transpor essa teoria ao espanhol falado pelos paraguaios para justificar o uso do [r] retroflexo devido à língua autóctone ser a língua guarani, oficial no país e falada por aproximadamente 90% da população (MELIÀ, 2010).

O tepe, por sua vez, é um traço característico de zonas bilíngues colonizadas por teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, como confirmam os mapas do ALERS (2011a) nas cartas 49 a 54 e o estudo de Margotti (2004).

Os dados apurados estão mapeados na **Carta 006 – [r] em coda externa**.

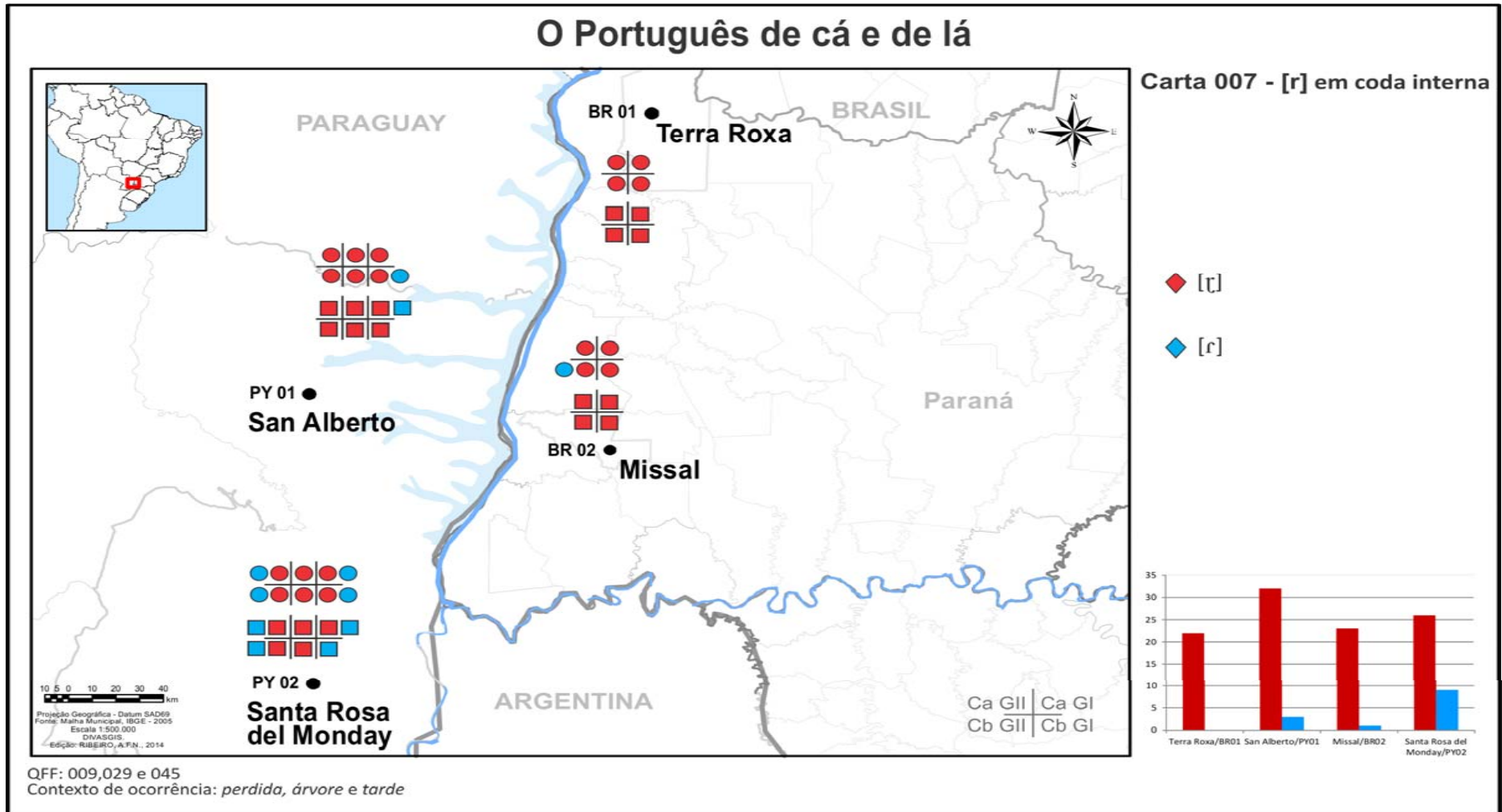
Figura 33 - Carta 006 – [r] em coda externa



Os dados obtidos sobre o **[r]** em coda interna, nos itens lexicais **árvore, perdida e tarde**, demonstram a manutenção da variante sulista nas localidades colonizadas pelos teuto-gaúchos. O **tepe** ocorre na fala dos imigrantes da segunda geração. Em Missal, a informante CaGII alternou entre os usos do **tepe** e do **retroflexo**. Os demais já optaram pelo **retroflexo** em todas as ocorrências. Em Santa Rosa del Monday todo o grupo GII alternou entre o uso das variantes. Três dos paraguaios da localidade alternaram entre o uso do **tepe** e do **retroflexo** e um apenas utilizou o **tepe** em todas as ocorrências.

Nas localidades nortistas, Terra Roxa e San Alberto não há ocorrência do **tepe** na fala dos brasileiros/brasiguaios. Contudo, em San Alberto houve alternância no uso do **tepe** e do **retroflexo** na fala de dois dos paraguaios entrevistados. Os outros dois utilizaram apenas a variante retroflexa. Na **Carta 007 – [r] em coda interna** pode ser observado o fenômeno.




Figura 34 - Carta 007 – [r] em coda interna



Interessante notar, ao examinar os dados das cartas 006 e 007, que não houve presença da vibrante. A variante **tepe** foi documentada em coda externa apenas na fala de uma mulher CbGII da localidade de Missal, as demais ocorrências do **tepe** foram entre informantes paraguaios. Já em coda interna, além da informante de Missal citada, a variante está documentada de forma alternada na fala dos quatro informantes GII de Santa Rosa del Monday.

No Paraná, os estudos que abordam a ocorrência do [r] em coda silábica, em posição interna ou externa, demonstram que a variante **retroflexa** está disseminada por quase todo o estado, contudo, no Oeste paranaense, está em concorrência com o **tepe** e em menor proporção com a **vibrante**. Esses dados podem ser averiguados no ALPR (1994), ALPR II (2007) e em Busse (2010). Se esses estudos supunham a implantação da variante **retroflexa**, os dados desta pesquisa confirmam a adoção da variante.

Os róticos em início de sílaba apresentam características peculiares no Sul do país devido ao contato da língua portuguesa com as línguas de imigração. Este fato pode ser verificado na tese de Margotti (2004, p. 155). Segundo o autor: “O fenômeno em foco consiste, na fala do português de contato com o italiano, num processo de neutralização de [r] forte e [r] fraco, em contextos nos quais, em português, prevalece o r [forte]”. Esse traço característico do falar sulista também foi documentado no ALERS (2011a) nas cartas 45 e 46, e também está presente nas áreas de contato do português com o alemão. Os dados demonstram que a presença do **tepe** majoritária na região.

A **Carta 008 – [r] em início de palavra**, verificamos que a ocorrência do **tepe**  e a **vibrante**  estão presentes nas localidades de colonização sulista, ainda que a **fricativa**  também esteja presente em todas as localidades. Conforme BUSSE (2010, p.178-179), “cada variante pode ser descrita pela condição geográfica e sociocultural de realização: (i) a vibrante alveolar, no falar gaúcho; (ii) a fricativa velar, no Sudeste do país; (iii) o tepe, na fala de descendentes alemães e italianos do Sul do Brasil”. O contexto de realização das variantes foram os itens lexicais **rio** e **rosa**.

Em Terra Roxa, a **fricativa** apresenta-se de forma estável, pois é utilizada por todos os informantes independentemente dos fatores sociais.

Apenas os jovens de classe alta empregaram a **fricativa** em Missal, enquanto os demais informantes utilizaram a **vibrante**.

Em San Alberto, houve alternância na fala da informante da CbGII entre o uso do **tepe** e da **vibrante**. Os demais informantes brasileiros/brasiguaios utilizaram apenas a **fricativa**.

A maior variação ocorreu em Santa Rosa del Monday. As mulheres da GII, independentemente da classe social, utilizaram a **vibrante**, enquanto as mulheres da GI, a **fricativa**. Os homens de classe baixa, independentemente da idade, alternaram suas respostas entre **tepe** e **vibrante**. O homem do grupo CaGII utilizou apenas a **fricativa** e o do grupo CaGI alternou entre a **vibrante** e a **fricativa**. Por meio dos dados, podemos afirmar que há uma predisposição para o uso da variante **fricativa** entre a classe alta e entre os jovens. Já o uso da variante **vibrante**, presente entre a classe baixa e os paraguaios, pode nos indicar uma possível influência da língua espanhola no português dessa localidade. Deste modo, poderíamos inferir que o português dos habitantes de Santa Rosa del Monday está em fase de transição da **vibrante** para o **tepe** e do **tepe** para a **fricativa**.

Dois dos paraguaios de San Alberto utilizaram a **fricativa** enquanto os outros dois utilizaram a **vibrante**. As respostas dos paraguaios de Santa Rosa del Monday são bastante variáveis. A informante CaGIp utilizou apenas o **tepe**. A informante CbGI apenas a **vibrante**. Com relação aos homens paraguaios, o informante CaGIp alternou entre o **tepe** e a **fricativa**, já o CbGI utilizou somente a **vibrante**.

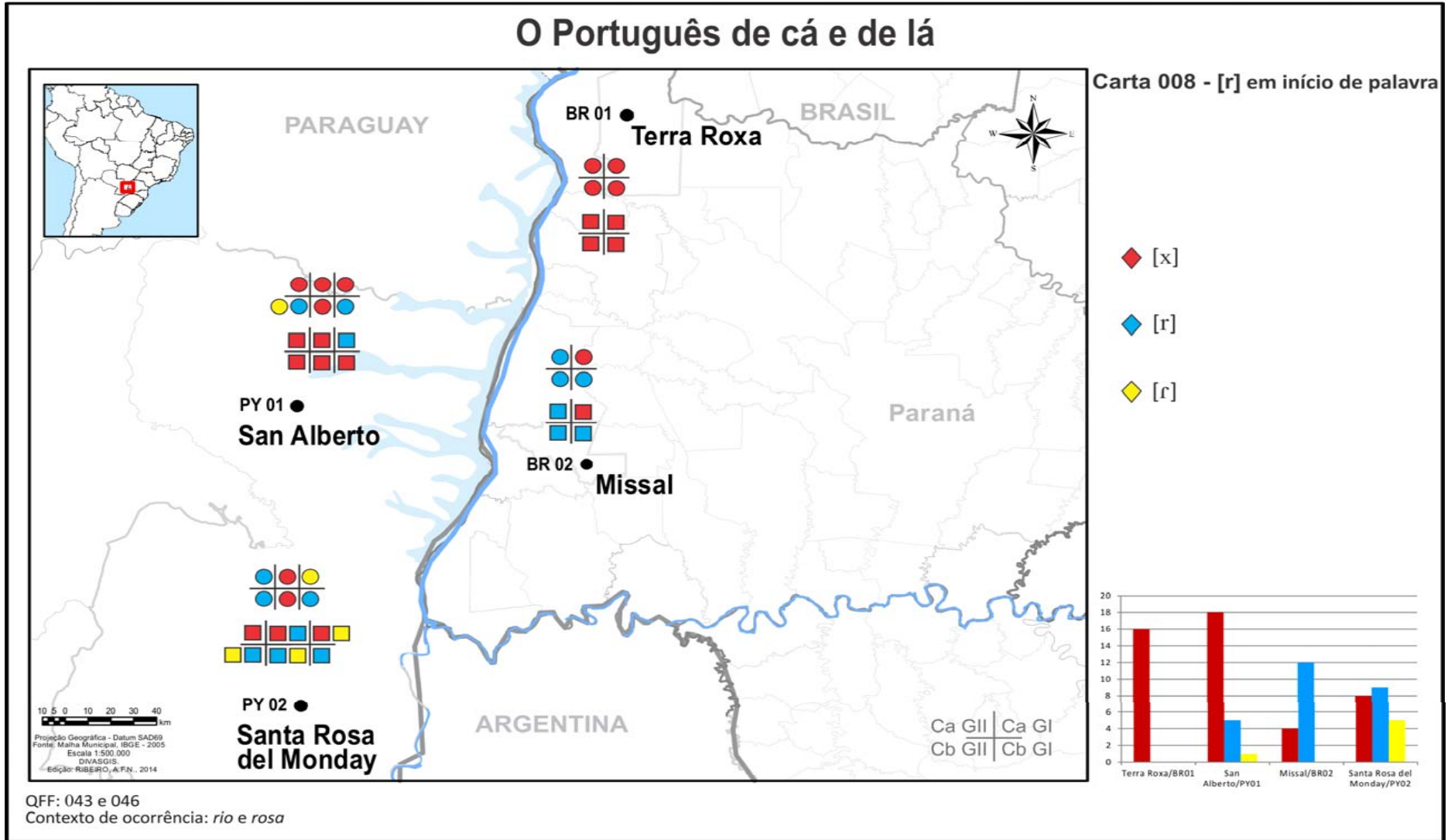
Vale ressaltar que, na língua espanhola, o [r] em início de sílaba é **vibrante múltiplo**, o que nos sugere que o aparecimento do **tepe** na fala dos paraguaios se deva à influência sulista, do mesmo modo que o surgimento da **fricativa** se deva à influência nortista.

Por meio dos dados obtidos e apresentados na **Carta 008 – [r] em início de palavra**, podemos sugerir que em Missal a **vibrante** ☹☐☼, variante sulista, está em concorrência com a **fricativa velar** ☹☒☼, variante nortista presente na fala dos jovens de classe alta.

Em San Alberto ainda há um resquício da variante sulista, porém a presença massiva da **fricativa** nos sugere que o **tepe** e a **vibrante** tendem a desaparecer.

Já em Santa Rosa del Monday, os dados demonstram um estado de transição da **tepe** e da **vibrante** para **fricativa**, já utilizada pelo grupo jovem. Vejamos a **Carta 008 – [r] em início de palavra**.

Figura 35 - Carta 008 – [r] em início de palavra

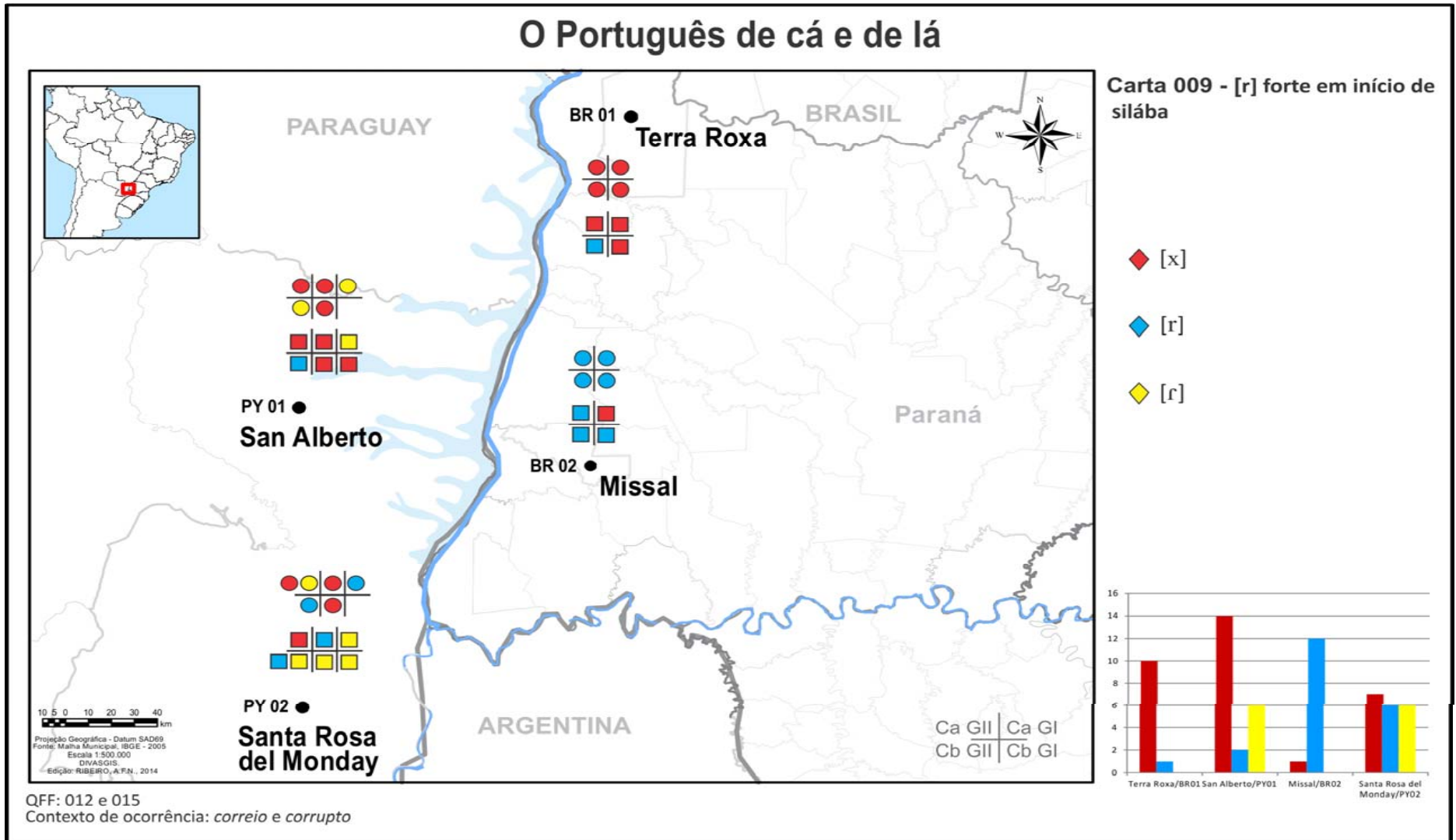


O exame dos dados obtidos sobre a **vibrante em início de sílaba** aponta para diferenças sutis em relação aos dados relativos à **vibrante em início de palavra**. Os contextos eleitos para a análise foram **correio** e **corrupto**.

Na localidade de Terra Roxa, é registrada a presença da **vibrante** na fala do informante CbGII. Os demais mantêm a **fricativa**. Em Missal o único que mantém a **fricativa** é o HCaGI, ou seja, a informante MCaGI perde a **fricativa** documentada na carta anterior e utiliza a **vibrante**.

No Paraguai, estão presentes as três variantes. Em San Alberto entre os brasileiros/ brasiguaios predomina o uso da **fricativa**. O único grupo em que a **fricativa** não foi utilizada foi o CbGII, no qual a mulher utilizou o **tepe** e o homem a **vibrante**. Em Santa Rosa del Monday, a concorrência entre as variantes ainda é grande. A **fricativa** continua estável nas mulheres jovens e no homem CaGII, porém de forma alternada na mulher CaGII. A variante **tepe** foi registrada em concorrência com a **fricativa** na mulher CaGII e com a **vibrante** no homem CbGII, porém parece estabilizada na fala do homem CbGI e na dos homens paraguaios. A vibrante se mantém estável na fala da mulher CbGII e da CaGIp, e do homem CaGI. No entanto, concorre com o **tepe** na fala do informante CbGII. Observemos a **Carta 009 – [r] forte em início de sílaba**:

Figura 36 - Carta 009 – [r] forte em início de sílaba



Como pudemos averiguar, a variante **tepe** tem menor ocorrência, seguida da **vibrante**. Esses dados podem nos indicar uma possível transição entre o **tepe** e a **vibrante**, no qual o **tepe** pode estar sendo substituída pela **vibrante** e esta pela **fricativa**, sobretudo pelos jovens com maior escolaridade.

Ao analisarmos a ocorrência dos róticos em início de palavra ou de sílaba, percebe-se que, em ambas as posições, os dados não são muito divergentes. Em Terra Roxa, predomina a **fricativa**, o que demonstra a presença nortista na localidade. Assim como em Missal se mantém a **vibrante**, isto é, variante sulista, independentemente das variáveis sociais. Em San Alberto, ainda que haja preferência pela **fricativa** pelos jovens brasiguaios e pelos informantes CaGI, nota-se o uso em menor grau das outras variantes entre as classes baixas e entre os paraguaios. Em Santa Rosa del Monday, podemos inferir que a **fricativa** está sendo implantada pelas mulheres jovens e pelos informantes de classe alta, ainda que de forma mais lenta que em San Alberto.

O quadro 12 abaixo demonstra a representatividade de cada variante por localidade.

Quadro 12 – Realização dos róticos por localidade

| | Fricativa | Vibrante | Tepe |
|--------------------|------------------|-----------------|--------------|
| Terra Roxa | 93,75% | 6,25% | |
| San Alberto | 80% | 10% | 10% |
| Missal | 18,75% | 81,25% | 10% |
| Santa Rosa | 31% | 38% | 31% |
| | 50,6% | 34,1% | 15,3% |

Fonte: elaboração da autora

A presença da variante fricativa na fala do grupo CaGI pode estar relacionada ao papel da escolaridade e ao baixo prestígio do tepe advindo das línguas de imigração, fato esse relatado por BUSSE (2010, p.179)

O registro do tepe em início de palavra e entre vogais é rotulado socialmente, com r^{h} , para *roda*, e r^{h} , para *carroça*, o primeiro de uso mais geral, mas o segundo denotando o universo rural do colono sulista. É essa relação como universo rural, do homem do campo, sem escolaridade, que surge o estigma com relação ao fenômeno e ao falante (grifos da autora).

4.2 VARIÁVEIS SEMÂNTICO-LEXICAIS

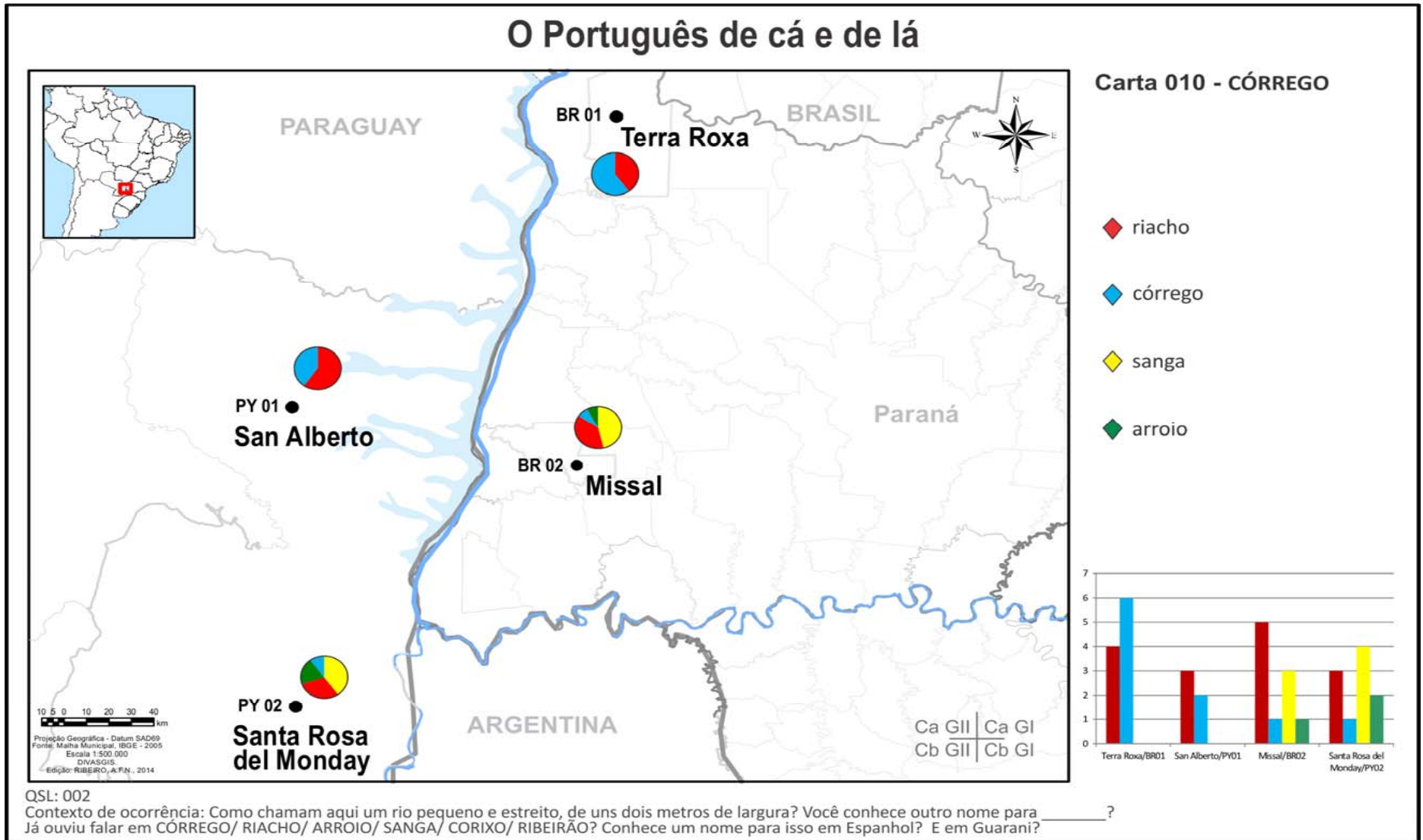
No nível semântico-lexical é onde se podem verificar as maiores variedades diatópicas, pois no léxico de uma língua se conjugam “toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas” (ARAGÃO, 2007, p. 1).

a) Variantes para **córrego**

Foram registradas para “rio pequeno e estreito” as variantes: **córrego**, **riacho**, **sanga** e **arroio**, conforme ilustra a **Carta 010 – CÓRREGO**.

A carta apresenta registros das variantes **córrego** e **riacho** para as localidades ao norte e, para as localidades ao sul, além dessas duas variantes mencionadas também foram documentadas as variantes **arroio** e **sanga**. Os dados apurados podem ser comparados aos do ALPR (1994) e aos do ALERS (2011b), contudo, os dados desses atlas não são conclusivos quanto à dimensão diatópica dessas variantes, pois o que pode ser afirmado é que a variante **sanga** é produtiva no Rio Grande do Sul e nas localidades de imigração gaúcha. A variante **arroio** encontra-se dispersa no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no sudeste do Paraná. Porém, em ambos os estudos não há ocorrência dessa variante no Norte paranaense. O estudo de Santos-Ikeuchi (2004), realizado no Oeste paulista, nos indica o uso de duas variantes principais: **córrego** e **riacho**. Observemos os dados na **Carta 010 – CÓRREGO**.

Figura 37 - Carta 010 – CÓRREGO



Na sequência foram analisadas as ocorrências de cada variante, conforme a distribuição social e o respectivo conhecimento/desconhecimento dessa variante pelos informantes selecionados. A ocorrência de cada item lexical foi cartografada segundo: a) resposta espontânea, b) resposta obtida por meio da insistência, c) resposta obtida por meio da sugestão e c) pelo desconhecimento da variante. Para isso, separamos as três variantes mais produtivas no contexto analisado.

A primeira variante, a mais produtiva, registrada na fala dos informantes foi **córrego**.

Em Terra Roxa, essa unidade lexical foi a resposta espontânea de cinco (homem e mulher de CaGI, homem e mulher de CbGII e homem CaGII) dos oito entrevistados, sendo obtida por meio da insistência com a mulher CaGII e aceita como sugestão pelo grupo CbGI.

Na cidade de Missal, o item lexical **córrego** foi mencionado de forma espontânea apenas pela mulher CbGI, porém foi aceito como sugestão pelos demais jovens da localidade. Os informantes da GII não aceitaram **córrego** como uma variante para rio pequeno.

Esse item lexical foi documentado de forma espontânea entre as mulheres da segunda geração em San Alberto. As mulheres da GI e as paraguaias, contudo, afirmaram não conhecê-lo. Entre os homens da localidade, **córrego** foi aceito pelos jovens brasiguaios e pelo informante CbGII, todavia, desconhecida para o CaGII e para os paraguaios.

Em Santa Rosa del Monday nota-se a presença dessa variante nos grupos com maior escolaridade, sob a forma de insistência na mulher CaGI e aceita como sugestão pelo grupo CaGII e pelo informante HCaGI. Os paraguaios desconhecem a unidade lexical **córrego**.

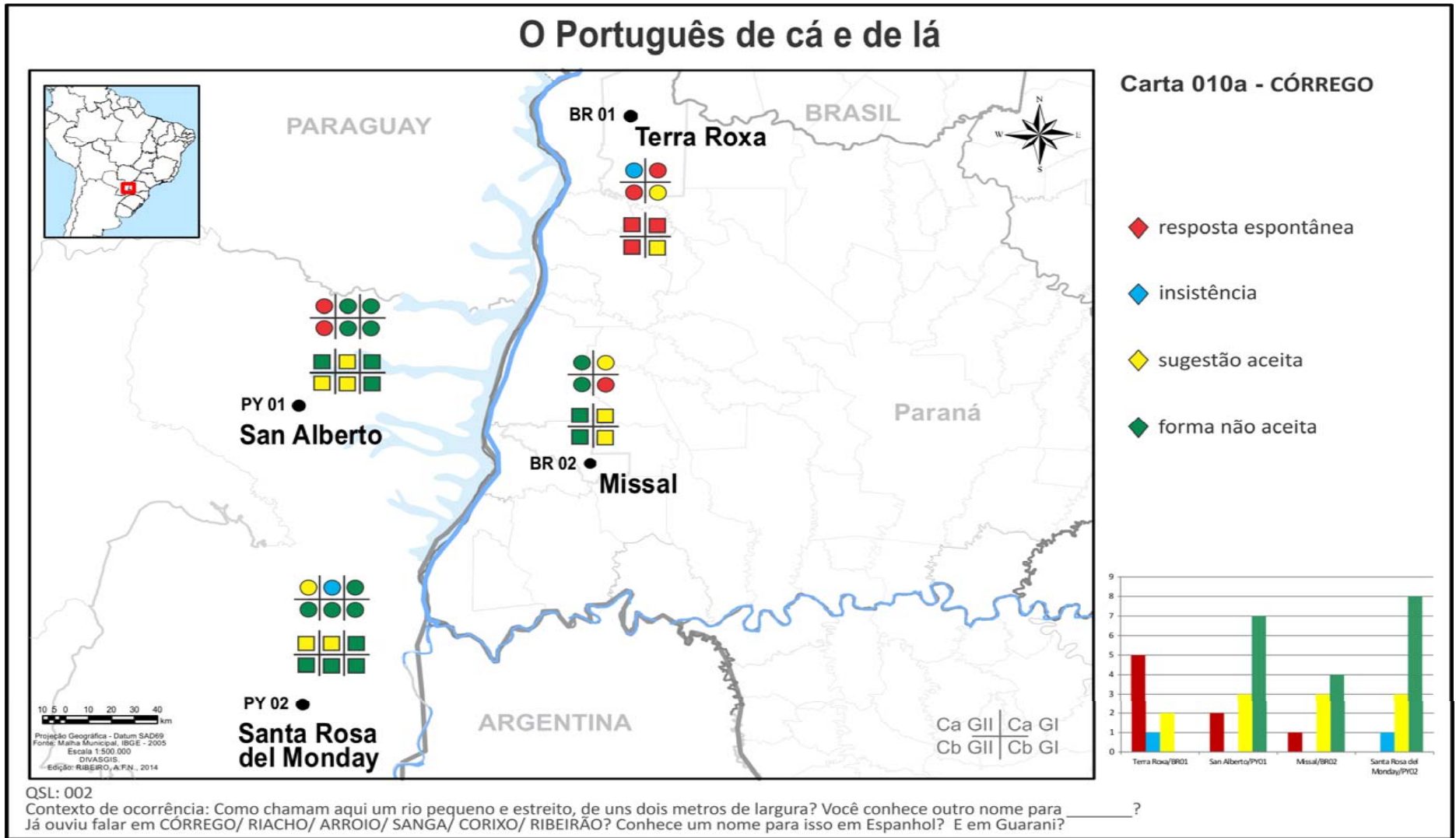
Por meio dos dados registrados podemos afirmar que a variante **córrego** é pouco conhecida nas regiões de influência sulista e totalmente desconhecida pelos paraguaios.

Em San Alberto houve apenas duas respostas espontâneas, ambas fornecidas pelas mulheres da GII. A de classe alta é oriunda de Umuarama⁷⁵, cidade localizada ao noroeste paranaense que, por sua vez, integra a rede de pontos do

⁷⁵ Cidade de colonização nortista.

ALPR (1994) e na carta 2 desse atlas foi registrada a ocorrência de **córrego** para rio pequeno, entre os informantes entrevistados, como única resposta. Na **Carta 010a – CÓRREGO**, esses dados podem ser averiguados.

Figura 38 - Carta 010a – CÓRREGO



A segunda variante mencionada como designação do conceito rio pequeno foi **riacho**. Ela aparece em todas as localidades como resposta espontânea, mas não entre todas as categorias de informantes.

Em Terra Roxa, por exemplo, está registrada na fala das mulheres GII como resposta espontânea, contudo as mulheres da GI não a aceitaram como sugestão. Na fala dos homens de Ca, a variante **riacho** aparece por meio da insistência e nos de Cb como sugestão aceita.

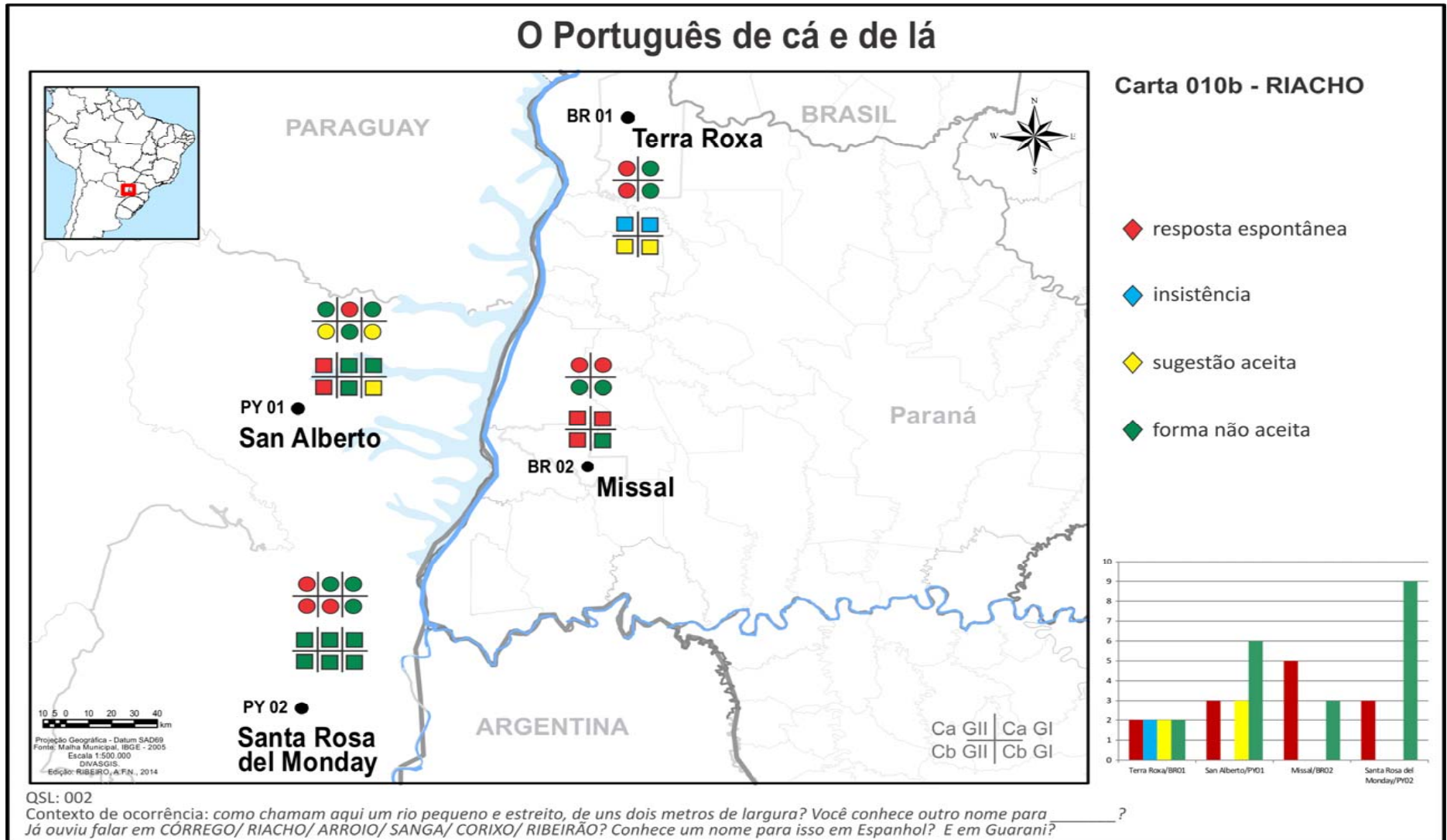
Já em Missal, **riacho** foi registrado em todo o grupo Ca e no homem CbGII. Os demais informantes da Cb parecem não conhecer a variante.

Como resposta espontânea, foi documentada entre os homens da GII e na mulher CaGI na localidade de San Alberto. A sugestão foi aceita pela mulher CaGI e pelos paraguaios de classe baixa. Os demais informantes não aceitaram a forma **riacho** para designar rio pequeno.

Em Santa Rosa del Monday, a variante não foi registrada entre os homens, nem entre os paraguaios, porém, foi mencionada como resposta espontânea pelas mulheres GII e pela mulher CbGI.

Como se pode observar na **Carta 010b – RIACHO**, essa forma está bastante dispersa entre as localidades. Podemos afirmar que em Terra Roxa há uma concentração dessa variante na fala das mulheres da GII, em Missal está relacionada às classes altas, em San Alberto aos homens da GII e em Santa Rosa del Monday às mulheres da GII e completamente ausente na fala dos jovens paraguaios. Vejamos a **Carta 010b – RIACHO**.

Figura 39 - Carta 010b – RIACHO



A terceira variante para designar rio pequeno que foi documentada e cartografada é **sanga**. Pode-se observar, por meio dos dados do ALPR (1994) e do ALERS (2011b), que a unidade lexical **sanga** foi trazida ao Paraná pela migração gaúcha, pois está documentada com a maior concentração no Rio Grande do Sul, depois em Santa Catarina, chegando a aproximadamente a 5% no Paraná como demonstra a carta 007 do ALERS (2011b). Conforme estudos realizados por Rocha (2008, p.58),

Supõe-se que esse item lexical tenha entrado na língua portuguesa do Sul do Brasil como uma adaptação do termo espanhol *zanja*, que, de acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE), provém de *zanjar* que significa uma escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os cimentos, conduzir as águas, defender as plantações ou coisas semelhantes, e, na América, significa arroio produzido pela água corrente (grifos da autora).

Figueiredo (2004) documenta a variante **sanga** também no Mato Grosso, comprovando a teoria de que os imigrantes gaúchos a levaram rumo ao Centro-Oeste e Norte, assim como para o Oeste do Paraná.

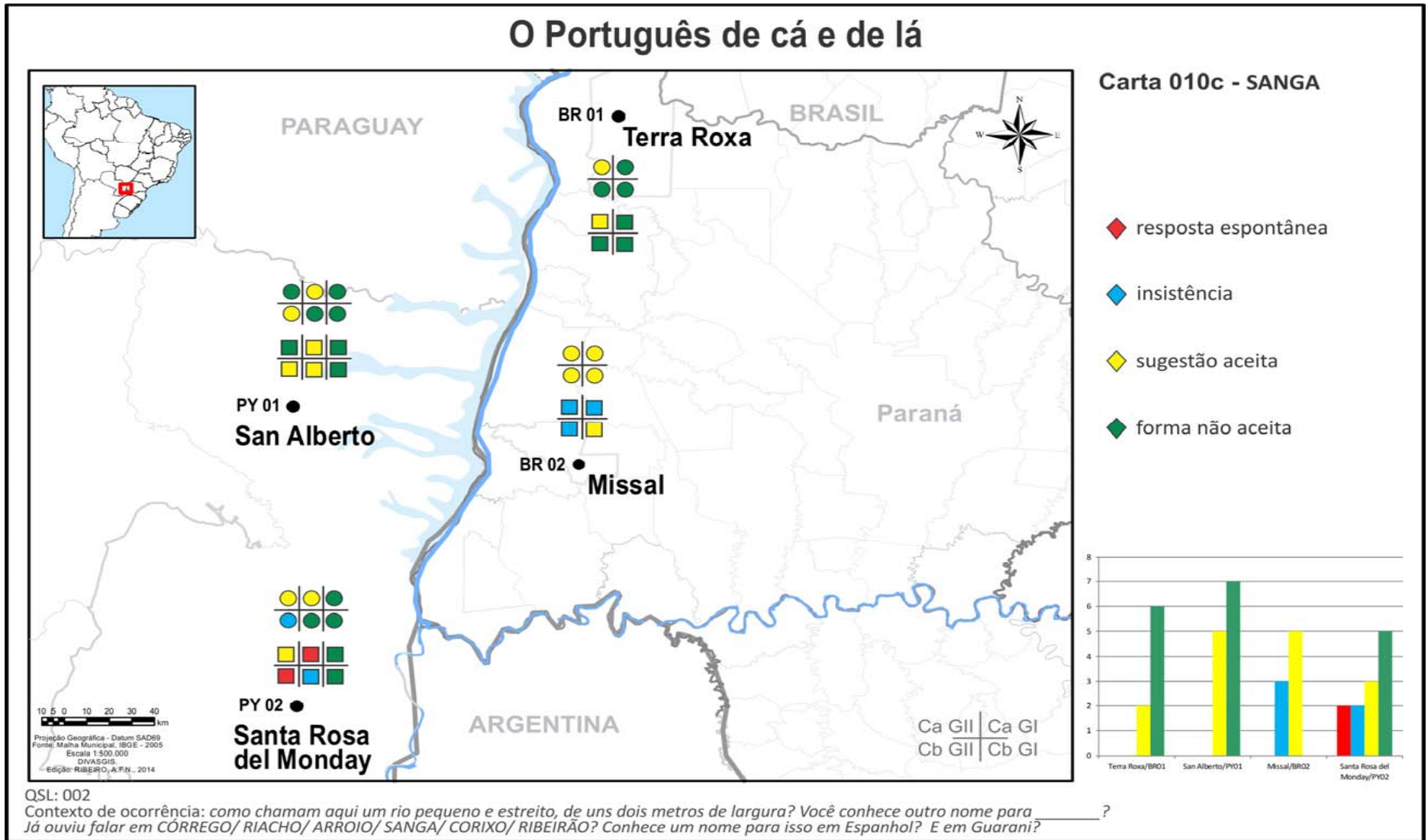
Neste estudo a variante **sanga** foi documentada como resposta espontânea e pela insistência nas localidades ao Sul de colonização gaúcha, contudo, está presente em todos os pontos como sugestão aceita. Em Terra Roxa é conhecida pelos informantes CaGII, porém, não pelos demais. O HCaGII afirma que quem fala **sanga** é gaúcho.

A sugestão também foi aceita pelos grupos CbGII, CaGI e pelo homem CbGI na cidade de San Alberto. Os demais informantes refutaram essa variante.

Em Missal, ela aparece por meio do recurso da insistência entre os homens de Ca e o homem de CbGII. Entre as mulheres da localidade, a variante **sanga** foi aceita por meio da sugestão. A MCaGII acrescenta: “Ah, sanga no Rio Grande do Sul”.

A resposta espontânea está registrada em Santa Rosa del Monday, entre os homens CaGI e CbGII; está representada pela mulher CbGII e pelo homem CaGI sob a forma de insistência. As mulheres de Ca e o homem CaGII afirmaram conhecer a variante, o que não ocorre entre os paraguaios. Observemos a **Carta 010c – SANGA**:

Figura 40 - Carta 010c – SANGA



Os dados demonstram que a variante **sanga**, presente nas localidades ao sul ainda de forma espontânea e por meio da insistência, sobretudo na fala dos homens, pode estar sendo substituída nessas localidades, uma vez que está concorrendo com as formas **riacho** e **córrego**.

A variante **arroio** também foi registrada nos dados desta pesquisa, porém não cartografada nesta sequência de cartas pluridimensionais em virtude da pouca ocorrência como resposta espontânea e insistência. A sua maior produtividade recai como decorrência da sugestão, o que pressupõe estar em desuso. Outro dado a ser assinalado diz respeito ao fato de a variante para rio pequeno na língua espanhola ser **arroyo**, fato que pode influenciar a ocorrência da variante nas respostas obtidas por meio da sugestão. O quadro 13 demonstra as ocorrências distribuídas por grupo social.

Quadro 13 – Ocorrências da variante *arroio*

| Localidade | Inf. | Resposta Espontânea | Insistência | Sugestão Aceita |
|----------------------------|--------|---------------------|-------------|-----------------|
| Terra Roxa/BR01 | MCaGII | | | arroio |
| Terra Roxa/BR01 | HCaGII | | | arroio |
| Terra Roxa/BR01 | HCaGI | | | arroio |
| San Alberto/PY01 | HCaGI | | | arroio |
| San Alberto/PY01 | HCbGII | | | arroio |
| San Alberto/PY01 | MCbGIp | | | arroio |
| Missal/BR02 | MCbGI | | | arroio |
| Missal/BR02 | HCaGII | | arroio | |
| Missal/BR02 | HCaGI | | | arroio |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | MCaGII | | | arroio |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | MCaGI | arroio | | |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | MCbGII | | | arroio |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | HCbGI | arroio | | |

Fonte: Elaboração da autora

b) Variantes para orvalho

Para designar o que molha a grama pela manhã, foram documentadas duas variantes: **orvalho** e **sereno**.

Observando os dados do ALERS (2011b), podemos averiguar que a variante **orvalho** está mais documentado ao norte e **sereno** ao sul, sendo **orvalho** a variante mais produtiva no Paraná e **sereno** a mais produtiva no Rio Grande do Sul.

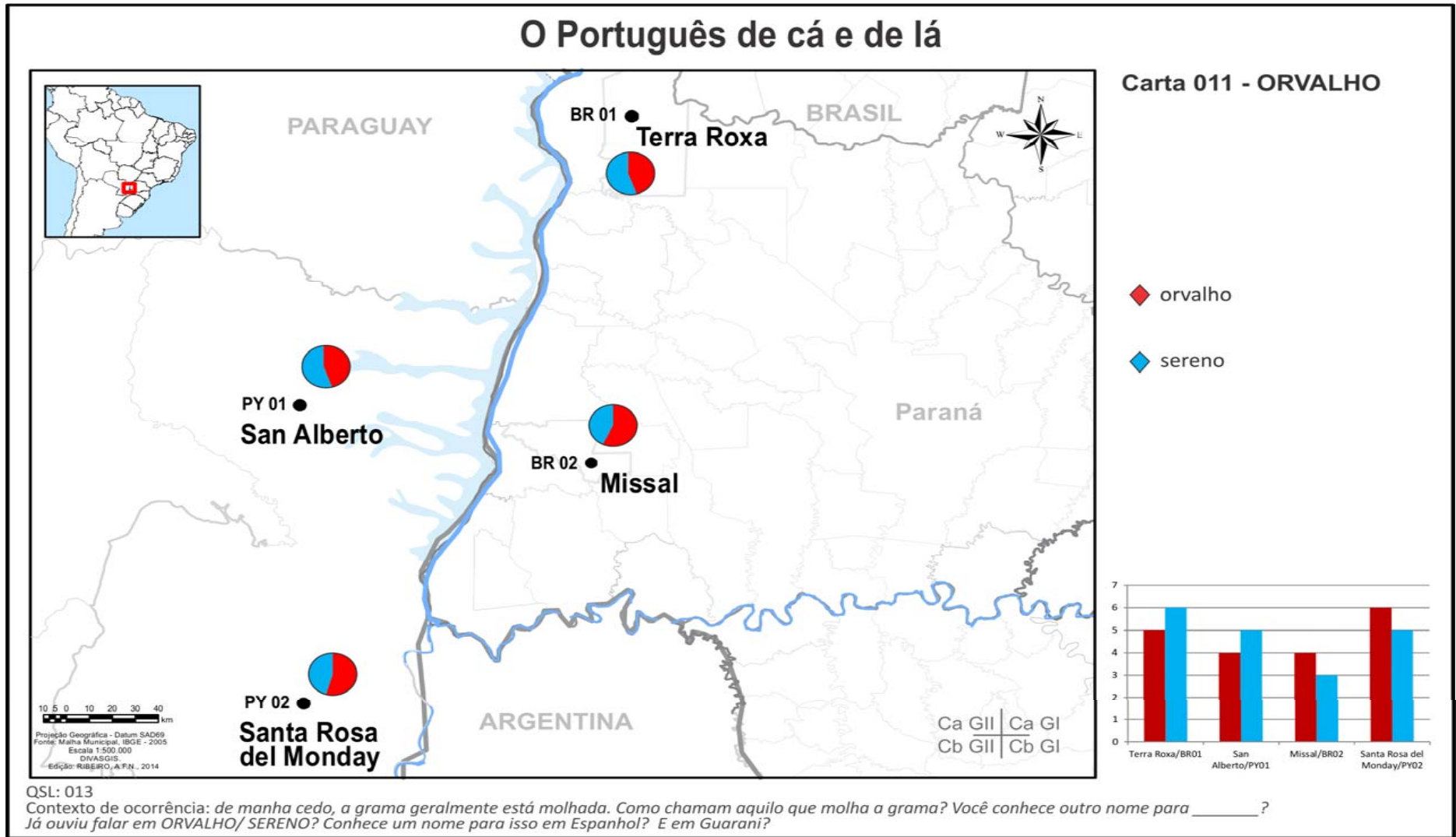
Entretanto, a variação diatópica do ALERS (2011b), para essas variantes, descrita na carta 032 não foi corroborada com os dados registrados nesta pesquisa.

Conforme os dados do ALiB (2014) para as capitais apontaram a predominância da variante **sereno** para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto para o Paraná e São Paulo a variante **orvalho** é mais produtiva.

Verificamos que as duas variantes estão presentes nas localidades, porém, contradizendo nossas expectativas, há predominância de **sereno** em Terra Roxa e em San Alberto, enquanto em Missal e em Santa Rosa del Monday, o item lexical **orvalho** é mais produtivo.

Vejamos a distribuição diatópica para a ocorrência dessas variantes na **Carta 011 – ORVALHO**:

Figura 41 - Carta 011 – ORVALHO



Passemos a examinar os dados segundo o perfil social dos informantes em relação à produtividade da variante **orvalho** que está representada pelo grupo GII em Terra Roxa e pelo homem CaGI, contudo, aparece na fala dos demais informantes apenas como sugestão aceita.

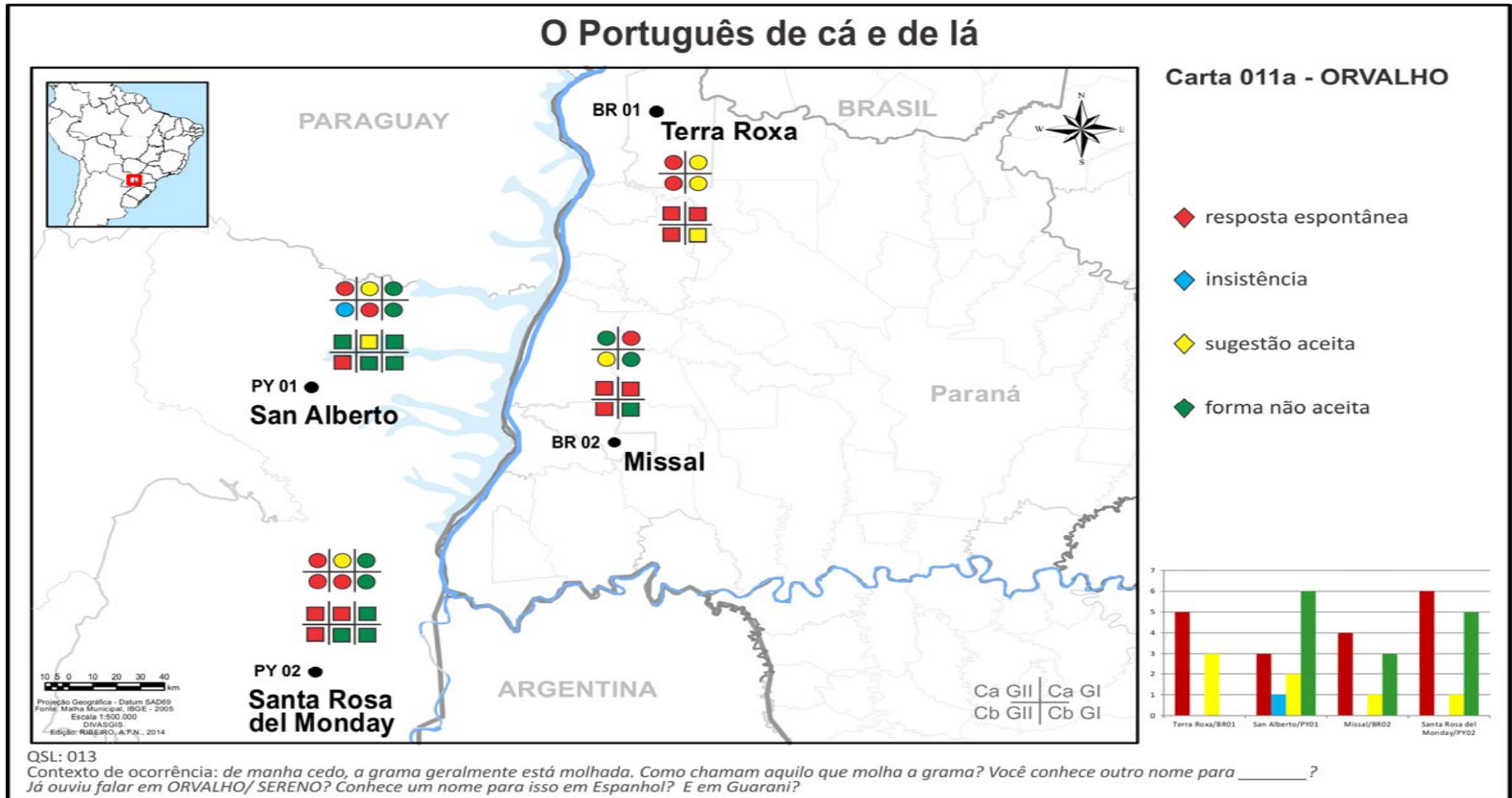
Em San Alberto foi registrada como resposta espontânea entre as mulheres CaGII, CbGI e o homem CbGII. Obtida pela insistência apenas com relação à mulher CbGII. Os informantes CaGI aceitaram a variante **orvalho** como sugestão e os demais informantes parecem desconhecer-na.

Em Missal a forma **orvalho** foi documentada como resposta espontânea entre os homens de GII e o grupo CaGI. Apenas a mulher CbGII a aceitou como sugestão, enquanto os demais a refutaram.

Santa Rosa del Monday foi a localidade onde a variante **orvalho** alçou maior índice de produtividade, tendo sido mencionada de forma espontânea em todo grupo GII, na mulher CbGI e no homem CaGI. Ainda foi aceita como sugestão pela informante CaGI, mas refutada pelo informante masculino CbGI. O item lexical **orvalho** parece ser desconhecido entre os paraguaios entrevistados nas duas localidades.

Em todas as localidades, a variante **orvalho** parece estar relacionada aos informantes da GII. Dos 16 informantes entrevistados para a GII, 12 optaram pela variante como resposta espontânea. Ainda está presente nos homens jovens da Ca e ausente nos jovens da Cb. Os dados podem ser visualizados na **Carta 011a – ORVALHO**:

Figura 42 - Carta 011a – ORVALHO



Já o item **sereno** foi documentado em todas as localidades investigadas. Como resposta espontânea foi registrado em Terra Roxa, entre as mulheres GI e o homem CbGI, mas não foi aceito entre as mulheres mais velhas. Foi documentado como sugestão aceita entre os demais homens da localidade.

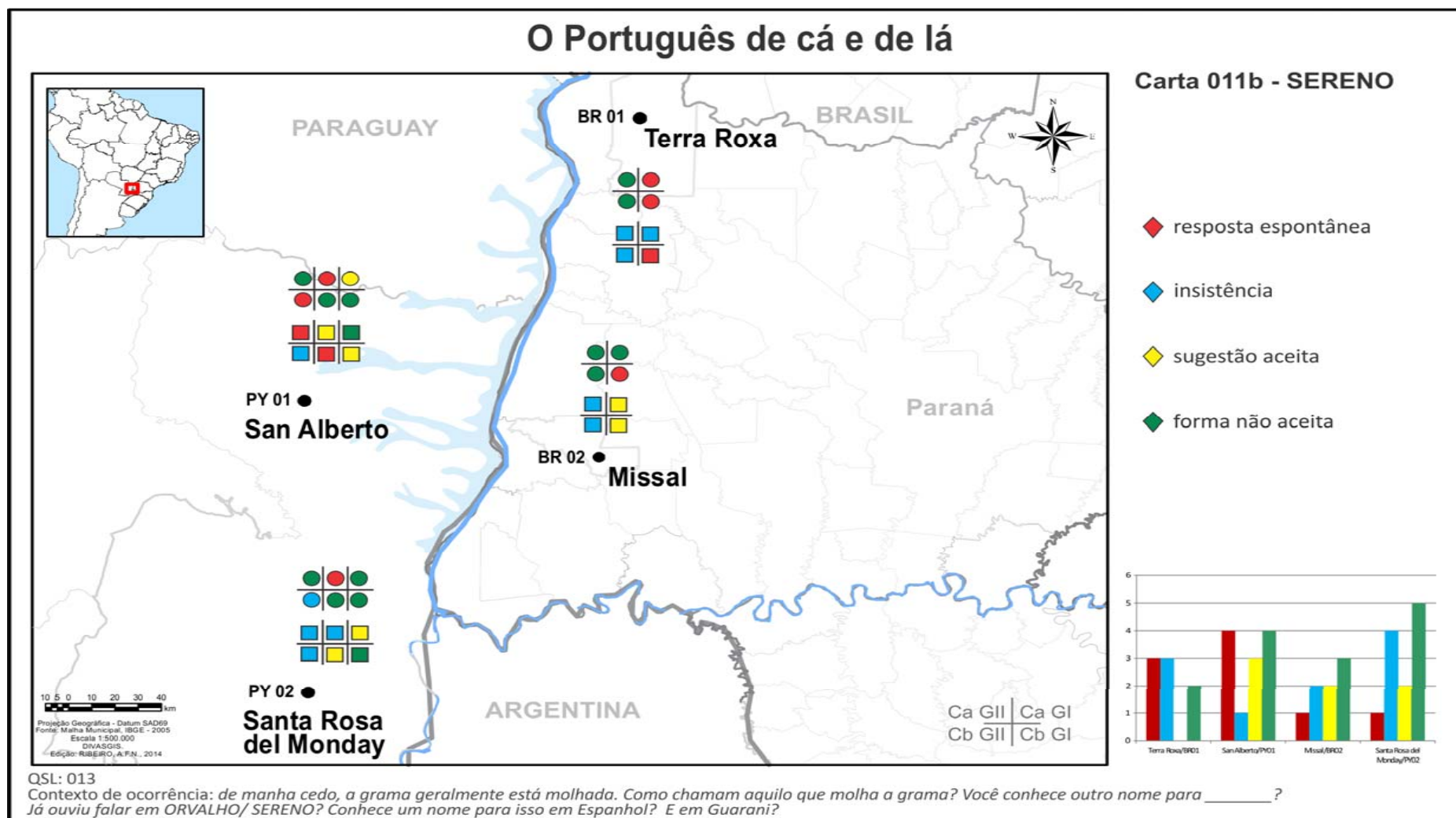
Em San Alberto, apareceu como resposta espontânea entre as mulheres CaGI, CbGII e os homens CaGII, CbGI, mas foi documentada como insistência apenas com o homem CbGII. A variante **sereno** foi aceita pelo brasiguaiio CaGI, pela mulher paraguaia de classe alta e pelo homem paraguaio de classe baixa.

Em Missal, a forma **sereno** foi mencionada de forma espontânea pela mulher CbGI, obtida como insistência junto aos homens da GII e aceita como sugestão pelos homens GI.

Por fim, em Santa Rosa del Monday, está documentada de forma espontânea apenas na mulher CaGI. Pela insistência, aparece na fala dos homens da GII, no homem CaGI e na mulher CbGII. A variante **sereno** foi aceita como sugestão pelo informante CbGI e pelo informante paraguaio da Ca. As mulheres paraguaias e o homem paraguaio da Cb parecem desconhecer a variante.

A distribuição das variantes **orvalho** e **sereno**, de acordo com os dados analisados por meio dos parâmetros diatópicos e sociais, não é suficiente para assegurar a substituição de uma das variantes por outra. Frente a esse quadro, poderíamos, ainda que prematuramente, sugerir que a variante **sereno** predomina mais na fala das mulheres que dos homens como resposta espontânea. Estudos mais aprofundados seriam necessários para averiguar a concorrência entre essas duas variantes na região. A distribuição espacial da variante **sereno**, pode ser verificada na **Carta 011b – SERENO**.

Figura 43 - Carta 011b – SERENA



c) Variantes para neblina

As variantes mais representativas como designação para “a coisa parecida com a fumaça que pela manhã dificulta a visão” foram **neblina**, **cerração**, **nevoeiro** e **névoa** e foram recolhidas em todas as localidades.

Os dados do ALERS (2011b) na carta 034 – nevoeiro – documentam a variante **cerração** como a mais produtiva na Região Sul do Brasil. A variante **neblina** aparece em apenas duas localidades no Rio Grande do Sul, em quase 30% em Santa Catarina e aproximadamente em 15% no Paraná. A variante **cerração** também é mais representativa conforme os dados do ALPR (1994), enquanto **neblina** só não é recorrente no centro-sul paranaense. Conforme os dados do ALiB (2014), obtidos nas capitais brasileiras, a variante **neblina** está distribuída por toda Região Sul e Sudeste e está representada com menor frequência que **cerração** apenas em Porto Alegre.

Os dados desta pesquisa comprovam que **neblina** está sendo implantada como variante mais utilizada da Região Sul. O excerto nas notas do ALiB (2014, p. 154) comprova essa hipótese.

Curitiba (PR):

INF.: *Cerração, cerração* ou *neblina*, né?

INQ.: É mesmo?

INF.: É o mesmo. A gente já... Antigamente também dizia *cerração*.

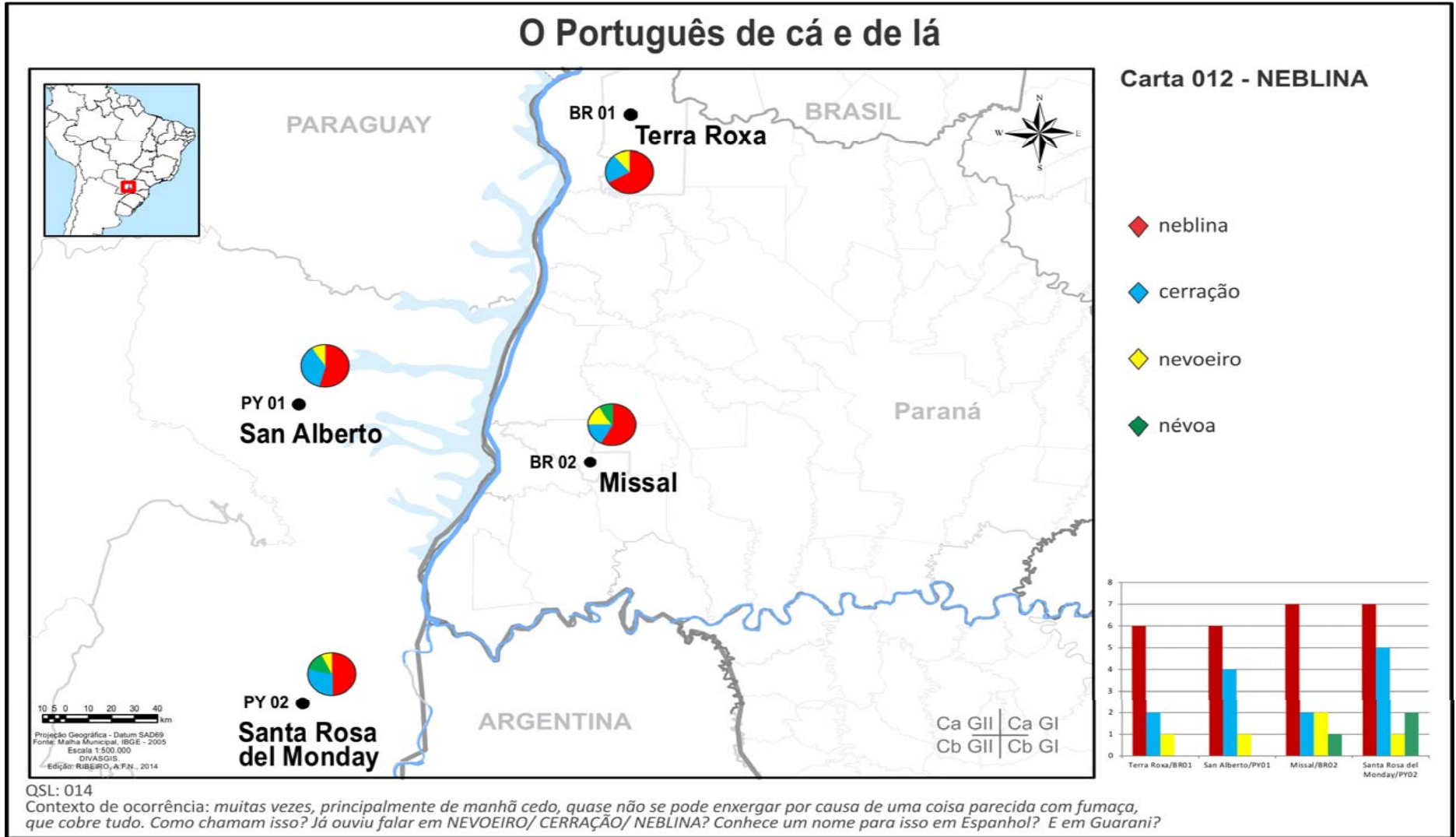
INQ.: E agora o senhor acha que...?

INF.: atualmente é chamado de *neblina*, né. “Ta uma *neblina* forte”. Antigamente não. “Oh, caiu uma *cerração* forte aí”.

Outra questão que merece atenção é o fato de os canais de previsão do tempo (televisão e internet), utilizarem a variante **neblina**⁷⁶. Vejamos a carta diatópica para as variedades apuradas nos dados da **Carta 012 – NEBLINA**.

⁷⁶ Cf. www.climatempo.com.br que faz as previsões do tempo para a emissora Rede Globo; ver também www.canaldotempo.com.

Figura 44 - Carta 012 - NEBLINA



Para que possamos analisar a ocorrência de cada variante de acordo com os parâmetros sociais estabelecidos, cartografamos primeiramente a variante **neblina** nas suas diversas ocorrências.

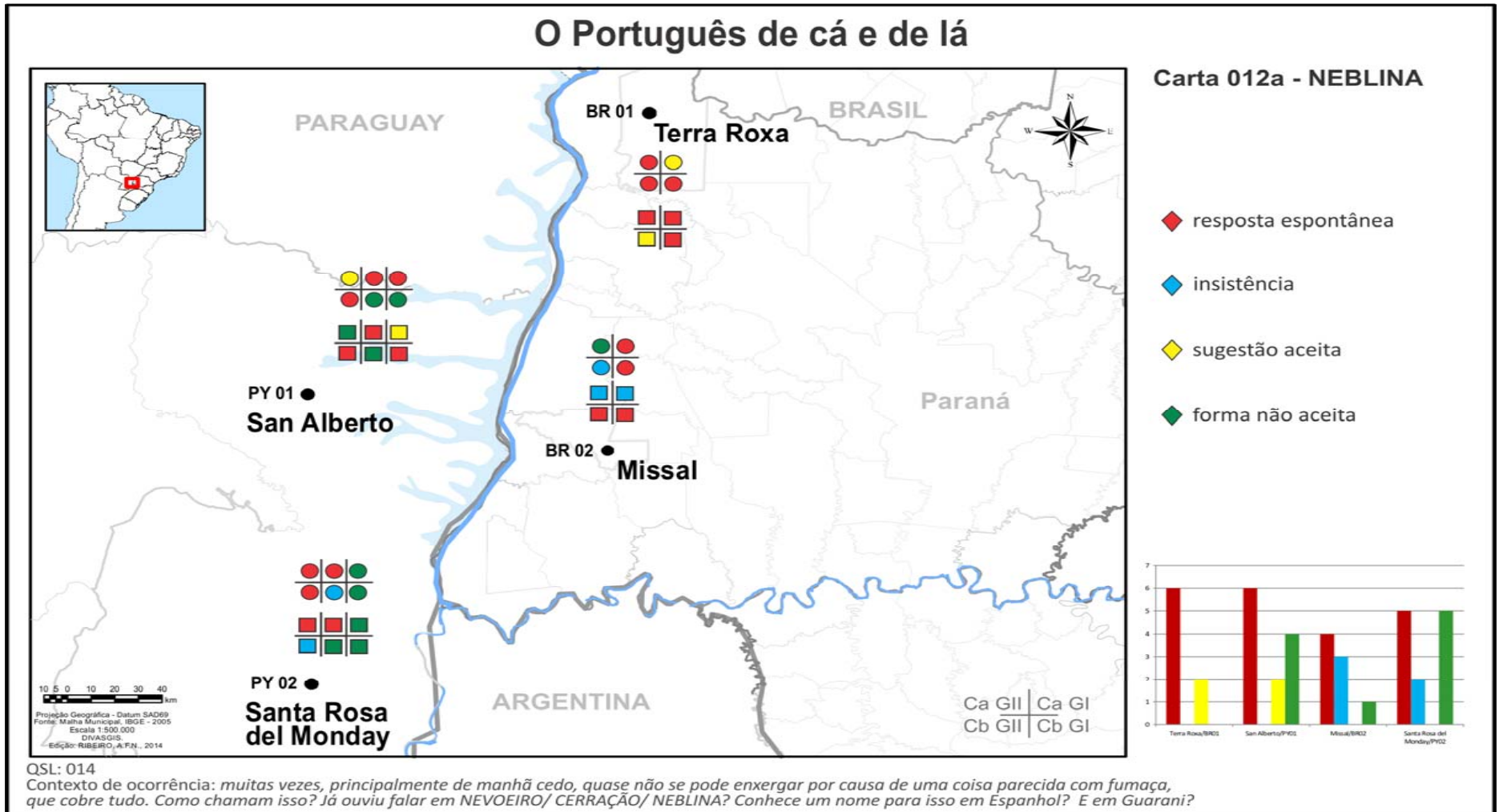
Em Terra Roxa, **neblina** representa a maioria das respostas espontâneas, apenas não sendo mencionada pela informante CaGI e CbGII, porém aceita como sugestão por esses dois últimos informantes.

Como resposta espontânea foi citada em Missal pelas mulheres GI e pelos homens de Cb. Ainda foi apurada, por meio da insistência, na fala da mulher CbGII e nos homens de Ca. Só não foi aceita pela mulher CaGII, que utilizou **nevoeiro**.

Em San Alberto, a variante está documentada como resposta espontânea na fala das duas mulheres jovens Ca, uma brasiguiaia e outra paraguaia, e na fala da mulher de CbGII. Os homens que utilizaram a variante de forma espontânea foram: CbGII, CaGI e CbGIp. O item lexical **neblina** foi obtido somente pelo recurso da insistência e aceito como sugestão pela mulher CaGII e pelo homem paraguaio CaGI. Um terço dos informantes entrevistados não a aceitaram como sugestão, a saber: as jovens de pouca escolaridade, o homem CaGII e o homem CbGI.

Em Santa Rosa del Monday, a ocorrência da variante **neblina** está representada pelos grupos Ca e pela mulher CbGII como resposta espontânea. Como forma de insistência, ocorre na fala da mulher CbGI e na fala do homem CbGII. Todos os informantes paraguaios e o homem CbGI aparentemente não conhecem a variante. Os dados estão cartografados na **Carta 012a – NEBLINA**.

Figura 45 - Carta 012a – NEBLINA



A carta para a variante **cerração** demonstra que não houve resposta espontânea para esse item lexical em Terra Roxa. A resposta foi conseguida por insistência entre os homens de Ca e por sugestão entre os homens de Cb, a mulher CaGII e a mulher CbGI, o que aponta um conhecimento passivo da variante.

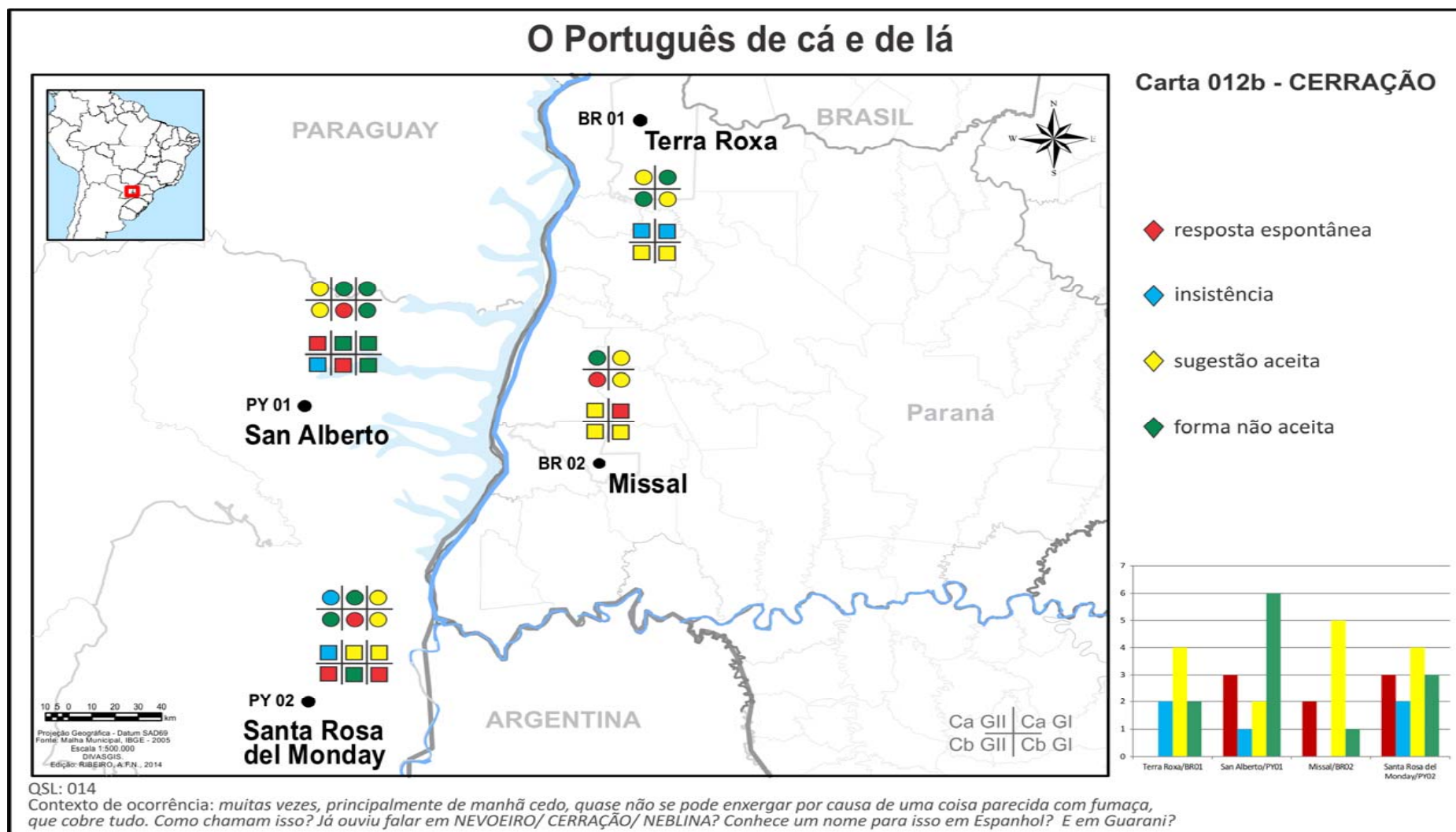
Em Missal, a variante **cerração** foi documentada como resposta espontânea na fala da mulher CbGII e do homem CaGI. Como sugestão a resposta foi registrada entre as mulheres GII e os homens GII e no CaGI.

Em San Alberto, a resposta espontânea aparece na mulher de CbGI e nos homens de CaGII e CbGI e por insistência apenas na fala do homem CbGII. A forma de sugestão da variante **cerração** está representada na fala das mulheres GII.

A forma espontânea recai na classe menos escolarizada na localidade de Santa Rosa del Monday, documentada na fala da brasiguiaia, do homem de GII e do paraguaio. Como resposta obtida pela insistência foi registrada no grupo CaGII. Está presente entre os homens brasiguiaio e paraguaio da GI e entre as mulheres paraguaias sob a forma da sugestão.

A escassa ocorrência da variante **cerração** como resposta espontânea nas localidades analisadas pode indicar que esse item lexical esteja sendo substituído por **neblina**, forma mais difundida pela escola e pela mídia. Por meio dos dados, também podemos notar que **cerração** é predominante na fala das classes com pouca escolarização, o que sugere a preferência pelo uso da variante **neblina** em contextos mais formais. Os dados podem ser verificados na **Carta 011b – CERRAÇÃO**.

Figura 46 - Carta 012b – CERRAÇÃO



As outras variantes registradas foram **nevoeiro** e **névoa**, cuja ocorrência pode ser visualizada no quadro 14.

Quadro 14 – Ocorrências das variantes **nevoeiro e **névoa****

| Localidade | INF. | Resposta espontânea | Insistência | Sugestão Aceita |
|----------------------------|--------|---------------------|-------------|-----------------|
| Terra Roxa/BR01 | HCbGII | nevoeiro | | |
| Terra Roxa/BR01 | HCbGI | | | |
| San Alberto/PY01 | MCaGII | nevoeiro | | |
| Missal/BR02 | MCaGI | | | nevoeiro |
| Missal/BR02 | HCaGII | névoa | | |
| Missal/BR02 | HCaGI | | nevoeiro | |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | MCbGII | | | nevoeiro |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | HCaGI | | névoa | nevoeiro |
| Santa Rosa del Monday/PY02 | HCaGIp | névoa | | |

Fonte: elaboração da autora

d) Variantes para mexerica

Foram documentadas como variantes mais produtivas para designar “a fruta parecida com a laranja que se tira a casca com a mão” as variantes **mexerica**, **bergamota**, **tangerina** e **poncã**, sendo as mais representativas **mexerica** e **bergamota**.

Conforme os dados do ALiB (2014), nas capitais brasileiras, foram registradas, para a Região Sul, as seguintes variantes em ordem de ocorrência: **bergamota**, **poncã** e **tangerina** no Rio Grande do Sul; **bergamota**, **tangerina**, **mexerica/poncã** em Santa Catarina e **mimosa**, **mexerica**, **poncã**, **tangerina** e **bergamota** para o Paraná. Vale ressaltar que a forma **mimosa**, mais produtiva em Curitiba, é uma característica regional dos Campos Gerais, da região de Curitiba e do litoral paranaense, não disseminada ao norte e ao oeste do Estado, como demonstra a carta 062 do ALERS (2011b). Busse (2010), por seu turno, registra **bergamota** em todo o Oeste paranaense, com exceção da cidade de Guaíra, localizada ao extremo norte da região e colonizada por paulistas. Já Santos-Ikeuchi (2014) documentou no Oeste paulista como mais produtiva a variante **poncã**, em concorrência com **mexerica**.

A fruta, nativa da Ásia, adaptou-se facilmente nas Américas devido ao clima tropical. Conforme Silva-Costa (2011, p. 4), a fruta “destaca-se ainda pela

diversidade de seus tipos, decorrentes ou da hibridização natural ou de experimentos realizados pelo homem”. Todas essas variantes estão dicionarizadas Conforme o dicionário Houaiss (<http://houaiss.uol.com.br>), **tangerina** deriva de laranja de Tanger; **mexerica**, de mexerico devido ao cheiro que deixa nas mãos; **bergamota**, do italiano *bergamotto* e do árabe *beg armúdi*; **poncã**, do japonês *ponkan*.

Nas localidades, pontos desta pesquisa, obtivemos em Terra Roxa **mexerica** como a variante mais utilizada, enquanto **bergamota** apareceu apenas duas vezes por meio da insistência. Num desses casos, o informante (HCaGI), professor de língua portuguesa, comentou que **bergamota** é utilizada pelos gaúchos. Somente mais dois informantes aceitaram essa sugestão. Já **tangerina** aparece apenas em Terra Roxa e atribuímos isso às influências nortistas. Ao consultar o ALERS (2011), notamos que **tangerina** é pouquíssimo usada no Rio Grande do Sul, mas é empregada com frequência na parte norte do litoral de Santa Catarina e na parte centro-norte do Paraná. A informante que utilizou essa variante é uma senhora de 59 anos, com descendência de vários grupos sociais: o pai é filho de italiano com índio e a mãe filha de italiano com mineiro, o que pode indicar que a variante **tangerina** procede do norte.

Em San Alberto, assim como em Terra Roxa, a variante lexical mais utilizada como resposta espontânea foi **mexerica**, seguida de **poncã**, resposta dada por dois informantes, e **bergamota** mencionada por apenas um informante.

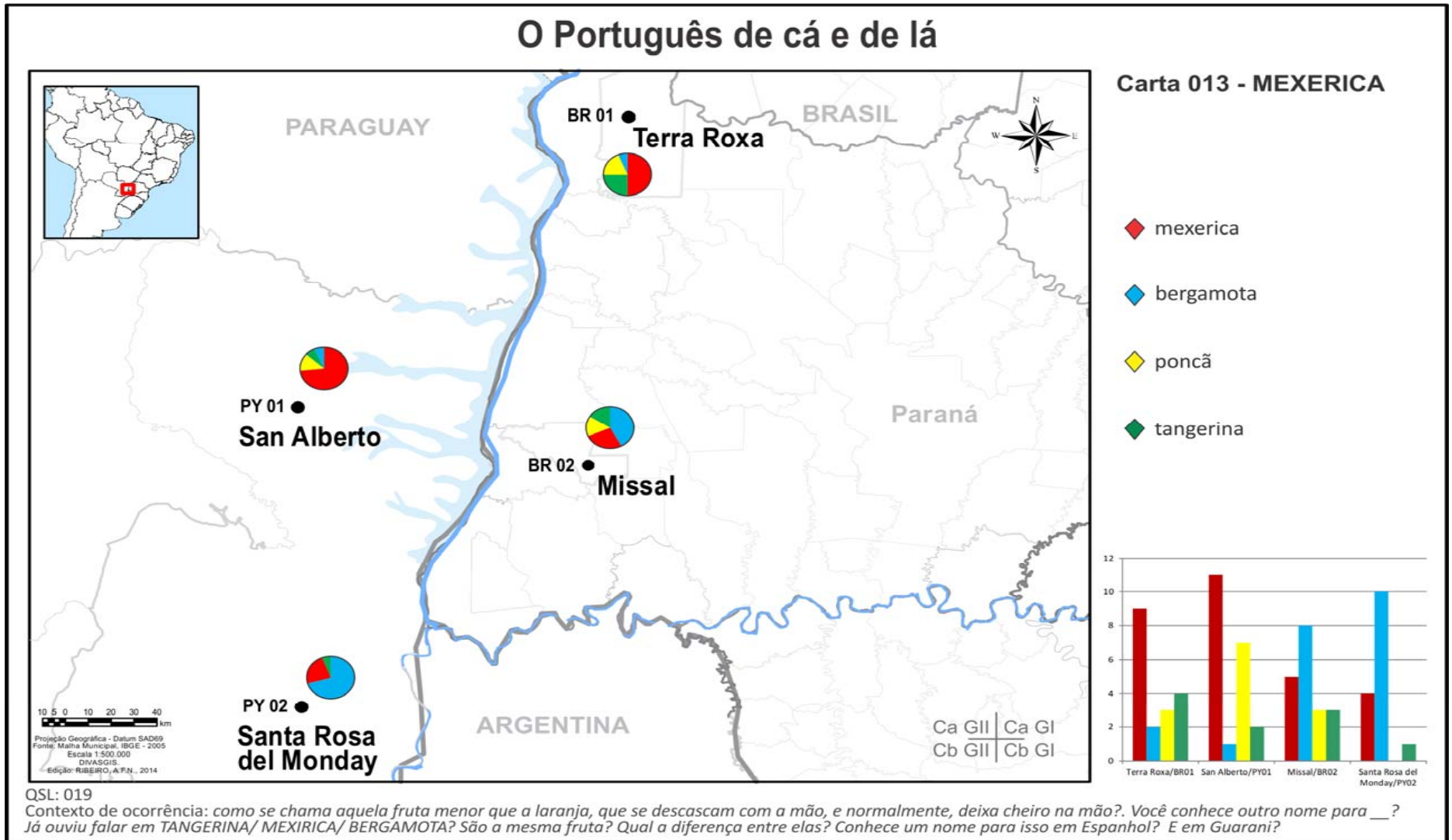
A variante **poncã** está presente nas duas localidades ao norte, com uma ocorrência em Terra Roxa e duas em San Alberto. Conforme apontam estudos realizados (ALERS, 2011b), essa não é uma variante utilizada no Rio Grande do Sul, tampouco em Santa Catarina. No Paraná, ainda conforme o mesmo atlas, a variante aparece em quatro localidades, sendo uma delas a cidade de Guaíra, o que nos leva a crer que tenha vindo do norte, passou por Terra Roxa, Guaíra e chegou a San Alberto.

Na localidade de Missal, devido à grande influência sulista, a resposta mais produtiva foi **bergamota** como designação da fruta em questão. Dos oito informantes entrevistados, seis registraram **bergamota**, um **mexerica** e outro **poncã**. O informante (HCaGI) que utilizou a variante **poncã** tem seus familiares vindos de São Paulo por parte de pai e da Bahia, por parte de mãe, o que pode justificar a preferência por essa designação. No entanto, não podemos precisar a

razão pela qual o informante HCbGI preferiu a variante **mexerica**, já que seus familiares são descendentes de alemães e vieram do Rio Grande do Sul. Contudo, esses informantes, cujas respostas divergem da maioria, mencionaram **bergamota** pela insistência.

Em Santa Rosa del Monday, documentamos dados muito parecidos com os de Missal, a saber: dos 12 entrevistados apenas um utilizou **mexerica** como primeira resposta espontânea. Os demais nomearam a fruta como **bergamota**. O único informante (HCaGI) que optou pela variante **mexerica** tem origem familiar materna, de Francisco Beltrão-PR, o que pode justificar a opção pela variante, pois a família paterna é oriunda do Rio Grande do Sul, assim como sua esposa. A **Carta 013 - MEXERICA**, na sequência demonstra os dados:

Figura 47 - Carta 013 – MEXERICA



Como demonstram os dados referentes à distribuição espacial das variantes que nomeiam essa fruta, nossa hipótese inicial se concretizou, isto é, Terra Roxa e San Alberto apresentam influências nortistas, enquanto Missal e Santa Rosa del Monday exibem marcas da cultura sulista.

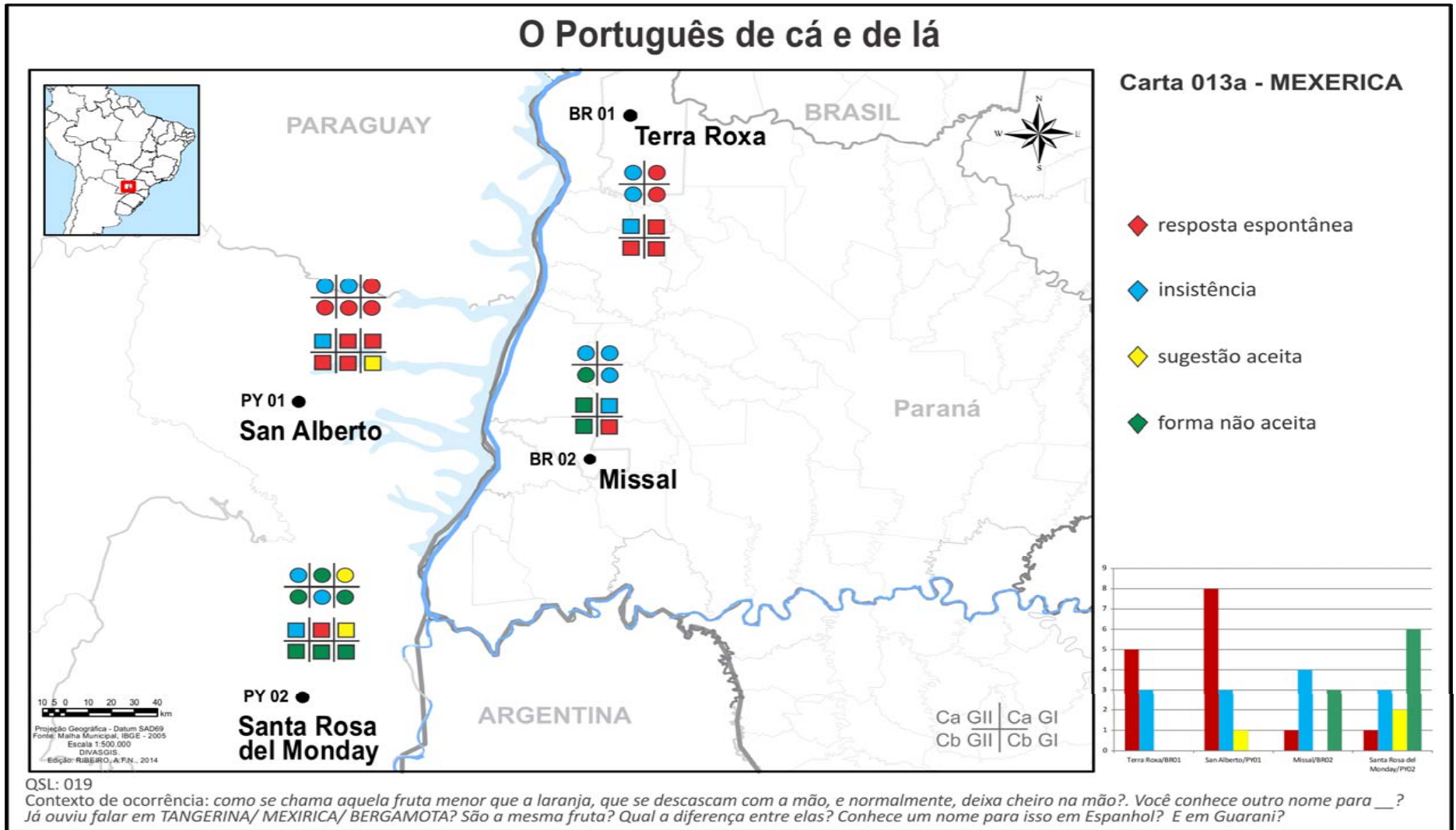
Os dados apresentados evidenciam que a variante **bergamota**, trazida do sul pelos migrantes/imigrantes, se mantém nas cidades colonizadas pelos gaúchos, do mesmo modo que o item lexical **mexerica** é mais produtivo nas localidades povoadas por paulistas, mineiros etc. Deste modo, no que se refere aos dados relativos à pergunta 019 do Questionário Semântico-Lexical, observa-se uma diferença marcante entre as variantes do norte e do sul, evidenciando influências nortistas no léxico dos falantes das localidades de Terra Roxa e San Alberto e sulistas entre o vocabulário dos falantes de Missal e de Santa Rosa del Monday.

Entre a GII das cidades com influências sulistas, não houve variação, para eles o nome da fruta é **bergamota**, variante que trouxeram do Sul. Já nas cidades com influência nortista é a GII que apresenta maior variação lexical: **poncã**, **mexerica** e **tangerina**. Contudo, nenhum desses informantes utilizou a variante **bergamota**. A variante **tangerina** foi documentada apenas na fala da GII, o que aponta para uma forma com tendência ao desuso nessas localidades.

Ainda, foram apuradas as formas **maricota** e **cheirosinha** obtidas por meio da insistência na fala da informante MCaGII de Terra Roxa, além de **mimosa** que apareceu na fala da MCaGII de Santa Rosa del Monday. Essas variantes não foram cartografadas por serem de ocorrência única.

Para compreender a difusão das formas **mexerica** e **bergamota** foram produzidas duas cartas sequenciais. Vejamos a primeira, a **Carta 013a – MEXERICA**.

Figura 48 - Carta 013a – MEXERICA



Em Terra Roxa, foi documentada como resposta espontânea a variante **mexerica** no grupo jovem, independentemente da classe social, e no informante CbGII. Entre os demais informantes a variante **mexerica** foi obtida por insistência.

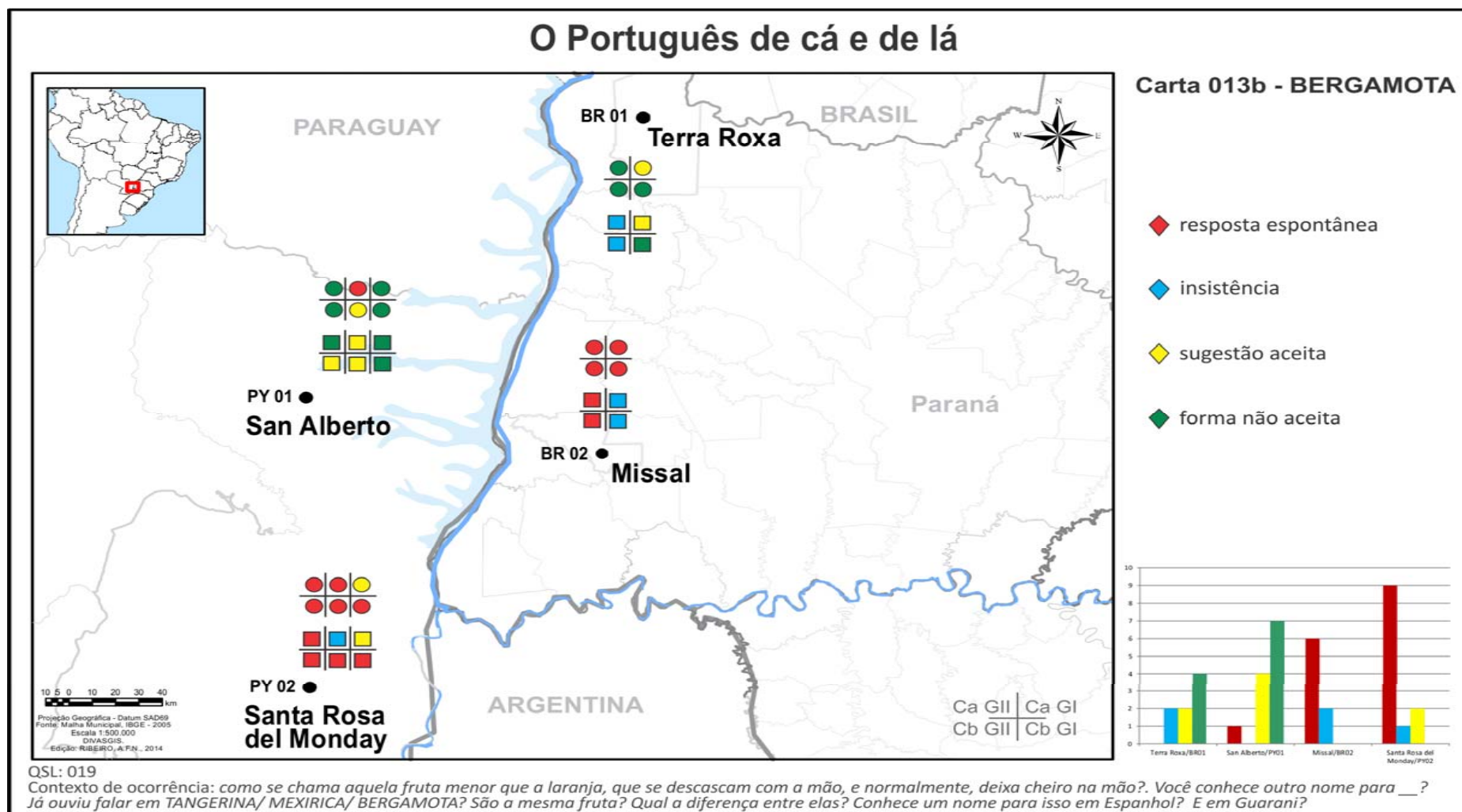
Os dados não são muito divergentes em San Alberto, cuja resposta espontânea foi documentada em todas as mulheres da Cb e na paraguaia Ca. Nos brasiguaios jovens, no paraguaio Ca e no homem CbGII o item lexical **mexerica** também foi registrado como resposta espontânea. Pela insistência, a variante ocorreu na Ca entre as mulheres brasileiras/brasiguaias e o homem GII. Como sugestão **mexerica** está presente na fala do paraguaio de Cb. MCbGI ressalta: “**bergamota e tangerina** ninguém fala aqui”.

Em Missal, **mexerica** apareceu como resposta espontânea apenas no homem jovem de classe baixa. Contudo, pela insistência, foi obtida entre as mulheres de classe alta e entre os jovens MCbGI e HCaGI e não foi aceita pelos homens GII e pela mulher CbGII. Conforme esses dados, podemos afirmar que há, em Missal, uma pré-disposição para o uso da variante **mexerica**.

A maioria dos informantes de Santa Rosa del Monday não aceitou essa variante como sugestão: todos os homens da classe baixa, a mulher CbGII e a paraguaia Cb, além da brasiguiaia de Ca. Como resposta espontânea **mexerica** foi citada apenas pelo homem Ca e foi aceita como sugestão pelos paraguaios de Ca.

No caso do informante HCaGI de Santa Rosa de Monday, como mencionamos anteriormente, poderíamos inferir que a opção pela variante **mexerica** decorre da procedência de sua família materna, vindos de Francisco Beltrão-PR. Os dados apontam para uma tendência ao uso de outra variante entre os mais velhos e as classes baixas da localidade: a variante **bergamota**, que analisamos na sequência. Passemos à **Carta 013b – BERGAMOTA**.

Figura 49 - Carta 013b – BERGAMOTA



Em Terra Roxa, não houve registro de resposta espontânea para a forma **bergamota**, que foi obtida por meio da insistência entre o grupo de HGII e pela sugestão entre os jovens Ca e refutada pelos demais informantes.

Foi documentada apenas uma resposta espontânea em San Alberto, na fala da MCaGI, descendente de alemães. Entretanto, **bergamota** foi aceita como sugestão pelos grupos HGI e HCBGII e pela mulher jovem Cb.

Nas localidades ao sul, a variante é mais produtiva. Provavelmente, tenha sido incorporada ao português pelo contato com o italiano e se difundido por todo o Sul do país. Em Missal, a variante **bergamota** aparece na fala de todas as mulheres e dos homens de GII como resposta espontânea e como insistência nos homens jovens, cujas respostas espontâneas foram **poncã** (CaGI) e **mexerica** (CbGI). Os jovens, com exceção do homem, de classe alta, são todos nascidos em Missal, descendentes de migrantes. Esse informante, homem, de classe alta, nasceu em Rolin de Moura/RO, mas vive na localidade há 22 anos e sua família paterna é de São Paulo. No entanto, ainda que sua mãe tenha nascido em Goioerê/PR, seus avós maternos são baianos, o que pode justificar o uso da variante. O outro informante homem, classe baixa, como já mencionamos, nasceu na localidade, e o único diferencial que encontramos em seu perfil é a idade, 19 anos, sendo o mais jovem entrevistado. Em Santa Rosa del Monday, a variante **bergamota** foi documentada na fala de todos os informantes brasileiros e brasiguaios como resposta espontânea, com exceção do informante HCaGI, cuja resposta espontânea foi **mexerica**. Contudo, **bergamota** foi obtida na fala desse informante pela insistência. Nos paraguaios de classe alta não obtivemos resposta espontânea, porém a variante **bergamota** foi aceita como sugestão⁷⁷.

A partir da análise que cruza dados pessoais, sociais e diatópicos podemos fazer algumas inferências: 1) a variação diatópica é a que mais se destaca com relação às variantes **mexerica/bergamota**; 2) entre os jovens não há tanta variação quanto entre a GII; 3) os homens tendem a ser mais inovadores; 4) entre a classe baixa quase não há variação, ocorrendo com mais frequência nas classes mais altas; 5) os paraguaios tendem a utilizar as mesmas variantes que os brasileiros da mesma localidade. Vale ressaltar que, no estudo de Reis (2013), não

⁷⁷ Um dado que merece destaque é o fato de duas empresas de cosméticos brasileiras, a Natura (São Paulo) e o Boticário (Curitiba), produzirem hidratantes corporais à base da fruta e ambas as empresas utilizam bergamota no nome dos produtos.

foi cartografada a variante **bergamota** nas localidades do Paraguai onde foi realizada a pesquisa.

e) Variantes para urubu

Para designar a ave preta que come animal morto foram detectadas duas variantes: **urubu** e **corvo**.

Segundo os dados do ALERS (2011b) na carta 67, a variante **corvo** é predominante no Rio Grande do Sul, concorre com a variante **urubu** no Paraná e está documentada em apenas uma localidade em Santa Catarina.

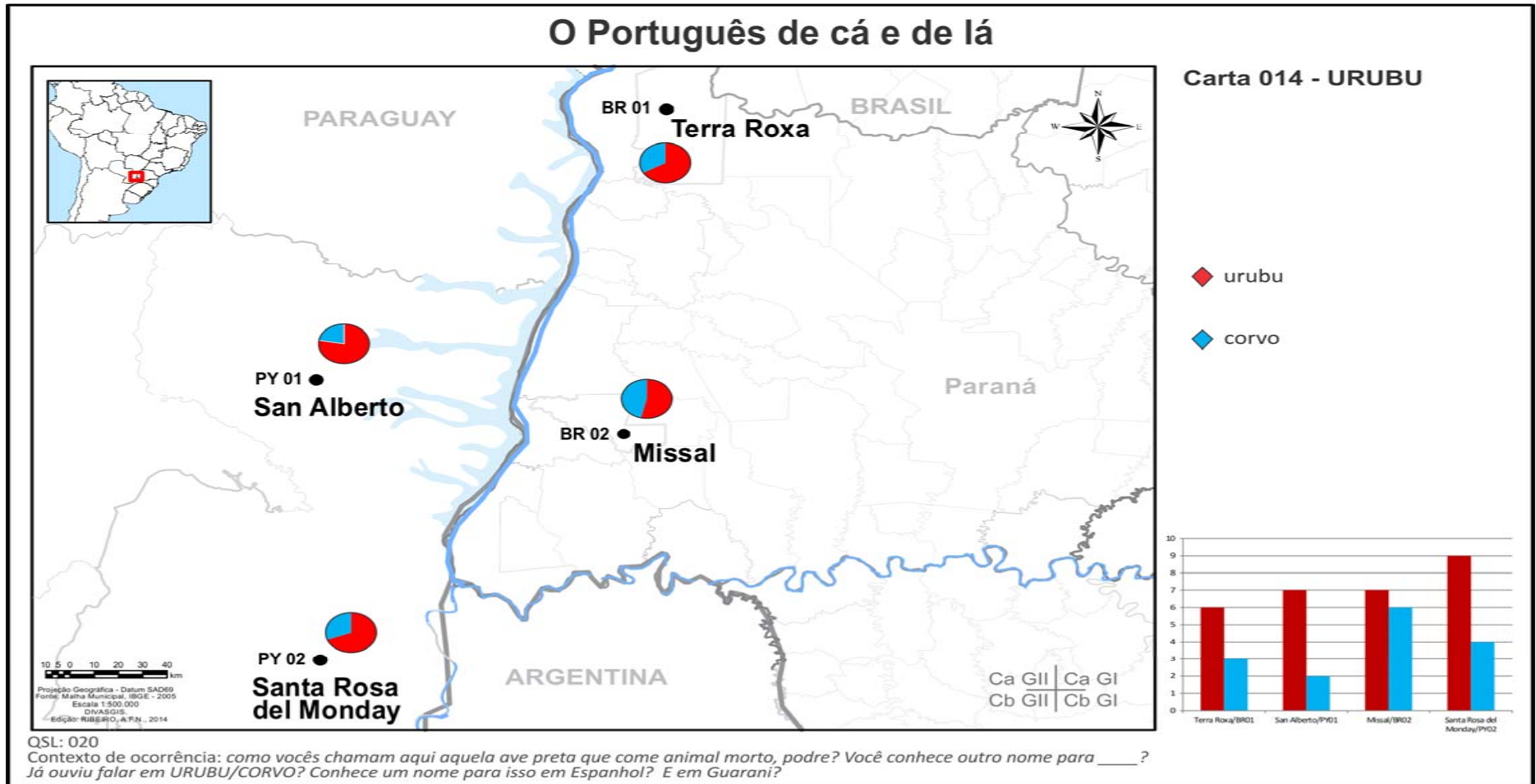
Entretanto, são **urubu** e **corvo** designações para a mesma variável? De acordo com o dicionário Caladas Aulete (<http://www.aulete.com.br>), **urubu** é o “nome comum dado às aves da fam. dos catartídeos, gên. *Coragyps* e *Cathartes*, que possuem cabeça e pescoço nus e se alimentam de carniça” e **corvo** é:

1. Zool. Nome comum a várias aves da fam. dos corvídeos, esp. a de gênero *Corvus*, encontradas em grande parte do mundo, de plumagem ger. negra e notável capacidade de aprendizado. 2. Zool. Qualquer espécie ou espécime desse gênero. 3. Bras. Nome que às vezes se atribui, **impropriamente**, ao urubu (grifo nosso).

O dicionário Houaiss (<http://houaiss.uol.com.br/>) referenda essas informações: **urubu** é a “designação comum às diversas aves ciconiiformes, gên. *Coragyps* e *Cathartes*, da fam. dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação”, cuja etimologia procede do tupi *uru'wu*. Já **corvo** é a “designação comum a diversas grandes aves da fam. dos corvídeos, esp. aquelas do gên. *Corvus*, de plumagem ger. preta, encontradas em todos os continentes, **com exceção da América do Sul**” (grifo nosso). Ainda, conforme o dicionário a palavra provém do latim.

Outro dado interessante a respeito dessa ave é a designação na língua guarani falada pelos paraguaios: *yryvu*, muito semelhante ao tupi *uru'wu*, que originou **urubu**, em português. Entretanto, na língua espanhola é *cuervo*. De acordo com o exposto, podemos inferir que uma variante entrou na língua portuguesa do Brasil por meio da língua autóctone (língua indígena): **urubu** e a outra pela língua alóctone (língua do colonizador): **corvo**. Vejamos a distribuição diatópica das variantes na **Carta 014 – URUBU**.

Figura 50 - Carta 014 – URUBU



Ainda que a variante **urubu** seja predominante em todas as localidades, **corvo** também foi documentada. A dimensão diatópica foi registrada de forma mais significativa em Missal, onde as duas variantes são concorrentes.

Na **Carta 014a – URUBU**, a variante **urubu** foi documentada como resposta espontânea na maioria dos informantes em todas as localidades.

Em Terra Roxa, não foi registrada na fala dos informantes jovens de classe baixa, pois ambos, no momento da entrevista, não se lembraram do nome da ave. Contudo, durante a sugestão afirmaram ser **urubu** a utilizada.

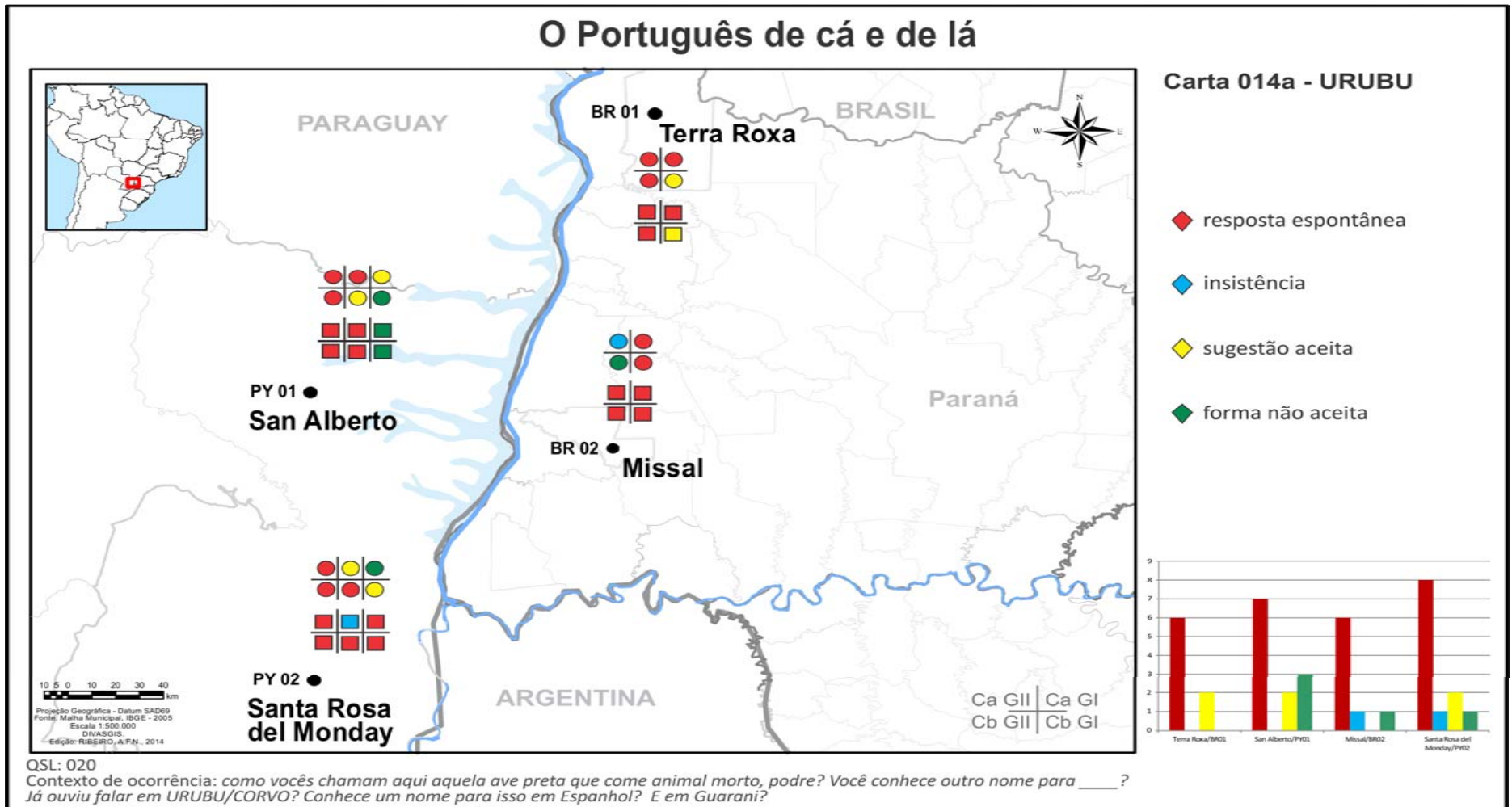
Em San Alberto, todos os brasileiros e brasiguaios utilizaram como resposta espontânea a variante **urubu**, com exceção da informante jovem da classe baixa, cuja resposta foi **corvo**. A informante CaGIp aceitou **corvo** como sugestão, enquanto os demais paraguaios afirmaram não conhecer o nome da ave em português.

Na localidade de Missal, a variante **urubu** foi registrada nas respostas de todos os homens e nas mulheres da GI. A informante CaGII utilizou a variante **urubu** durante insistência, enquanto a CbGII não aceitou a sugestão.

Em Santa Rosa del Monday, o item lexical **urubu** está representado pela resposta espontânea no grupo GII, nos informantes homens paraguaios e no informante CbGI. Foi registrada por meio da insistência na fala do HCaGI. A variante **urubu** foi aceita como sugestão pelas informantes MCaGI e MCbGIp, apenas não foi aceita pela mulher paraguaia de classe alta que afirmou desconhecer a variante em português.

A variante **urubu** também foi documentada como a mais produtiva no estudo de Santos-Ikeuchi na região Oeste do Estado de São Paulo. A única resposta espontânea para a variante **corvo** foi a de uma mulher MCbGII. A variante também apareceu de forma alternada em dois homens de Cb, sendo um jovem e outro da segunda faixa etária. A **Carta 014a – URUBU** demonstra os dados.

Figura 51 - Carta 014a – URUBU



Os dados obtidos em relação ao item lexical **corvo** foram registrados na carta 014b – **corvo** e demonstram pouca ocorrência dessa variante como resposta espontânea.

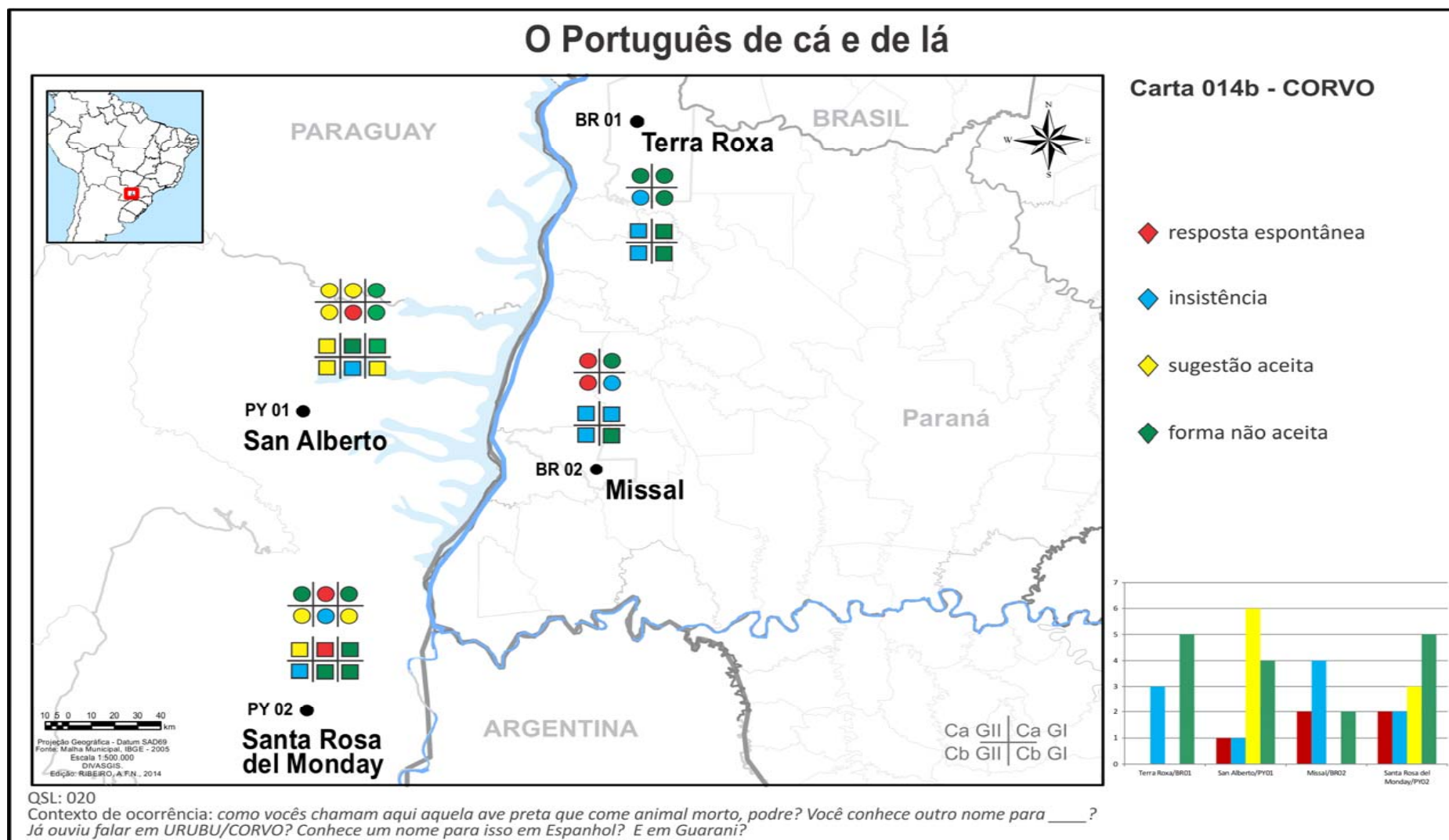
A variante **corvo**, na localidade de Terra Roxa, não está presente na fala de nenhum informante sob a forma de resposta espontânea, mas aparece instigada pela insistência na MCbGII e nos HGII.

Em San Alberto, há ocorrência de única resposta espontânea na fala da MCbGI. Sob a forma da insistência está presente no homem do mesmo perfil. A variante **corvo**, nessa localidade, evidenciou maior produtividade como sugestão aceita, por todo grupo GII, pela MCaGI e pelo informante paraguaio HCbGIp. Os homens jovens Ca, brasiguaiio e paraguaio, assim como as mulheres paraguaias não aceitaram essa variante.

Na localidade de Missal a resposta espontânea foi obtida apenas na fala das mulheres GII. Sob a forma de insistência está registrada nos homens da GII, e entre os jovens MCb e no HCa. A variante **corvo** não foi aceita pelos jovens HCb e pela MCa.

Também duas respostas espontâneas foram documentadas na cidade de Santa Rosa del Monday, ambas no mesmo grupo social CaGI. Como insistência foi registrada a variante **corvo** nas falas do HCbGII e da MCbGI. A sugestão foi aceita pela MCbGII, pela paraguaia Cb e pelo HCaGII. Os informantes que refutaram a variante foram: as mulheres CaGII e CaGIp e os homens paraguaios e o brasiguaiio de Cb. Os dados podem ser visualizados na **Carta 014b – CORVO**.

Figura 52 - Carta 014b – CORVO



Por meio da observação dos dados nas três cartas que tratam das variantes para a “ave preta que come animal podre” e das análises realizadas, podemos sugerir que a variante **urubu** está se fixando na região, pois está presente, sobretudo, na fala dos jovens que são os propulsores da mudança linguística.

f) Variantes para chifre

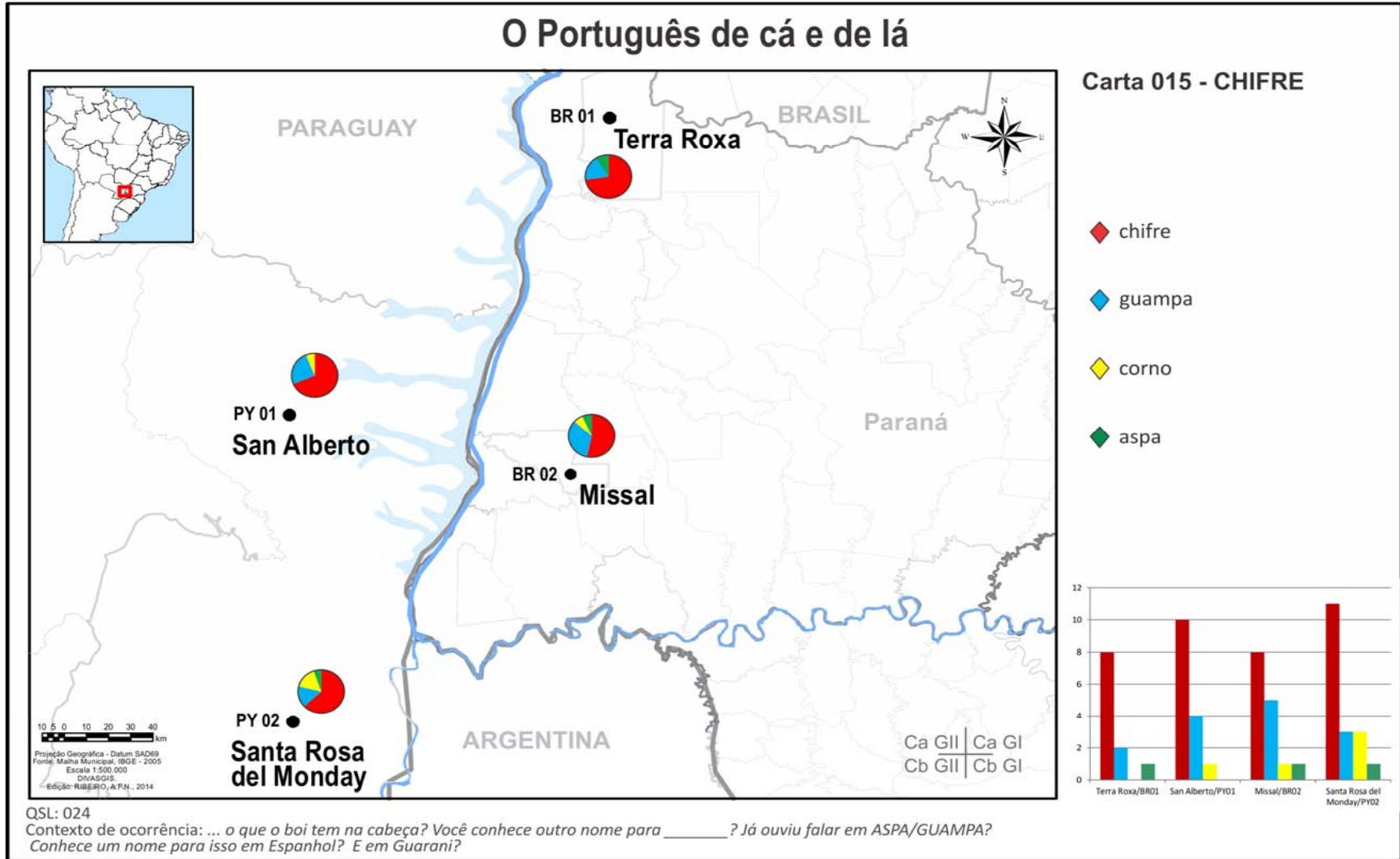
Foram documentadas as variantes: **chifre**, **guampa**, **cornu** e **aspa** para designar “o que o boi tem na cabeça” que são conhecidas em todas as localidades estudadas, **chifre**, porém, é a mais produtiva.

Na carta 079 do ALERS (2011b) que documenta essas variantes, podemos observar que **chifre** é a mais utilizada no Paraná e em Santa Catarina e que no Rio Grande do Sul as variantes **aspa** e **guampa** são mais produtivas do que **chifre**. Acreditamos que essas duas variantes tenham entrado no português brasileiro por meio do contato com o espanhol rio-platense. Essa hipótese se concretiza à medida que encontramos o item lexical **asta** para chifre na poesia *Martín Fierro* (1872) de José Hernández, obra literária representante máxima da Literatura Gauchesca⁷⁸, um dos movimentos literários mais nacionais que houve depois da independência colonial na Argentina e Uruguai, cuja principal característica é a exaltação do homem gaúcho. A variante **guampa** está documentada pela Real Academia Espanhola (www.rae.es) sendo uma forma rural argentina e uruguaia para designar **cornu**.

As variantes **chifre**, **guampa**, **cornu** e **aspa** estão distribuídas diatopicamente em porcentagem de ocorrência na **Carta 015 – CHIFRE**.

⁷⁸ A literatura gauchesca apresenta as características da vida campesina por meio do linguajar gaúcho e suas habilidades na lida com os animais e suas travessias pelos pampas.

Figura 53 – Carta 015 – CHIFRE



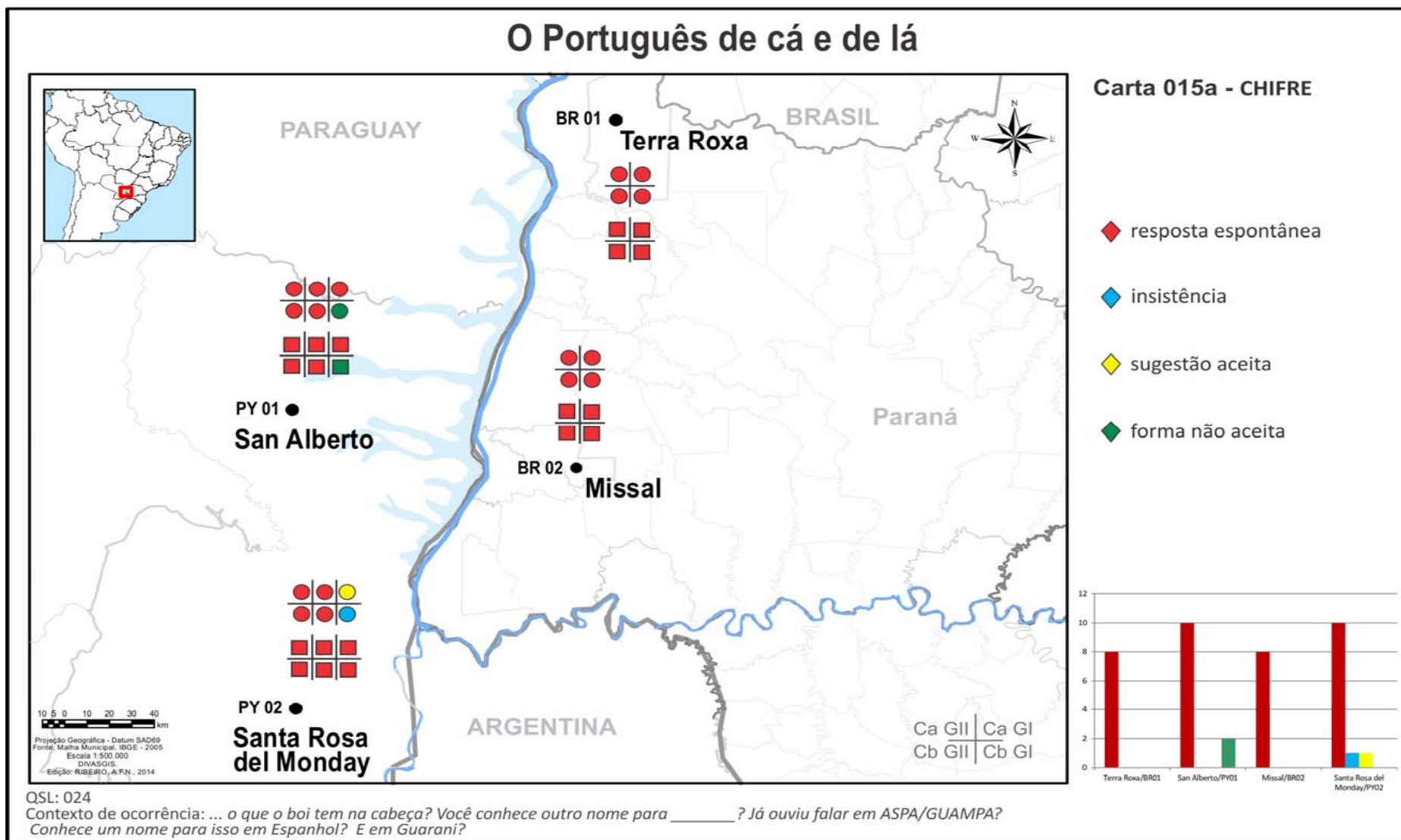
Optamos por cartografar as três variantes mais produtivas e presentes em todas as localidades investigadas: **chifre**, **guampa** e **aspa**. Para melhor compreender o uso dessas variantes é necessário analisar a frequência de cada uma conforme o perfil social dos informantes.

A primeira e a mais produtiva é **chifre**. A variante foi a resposta espontânea de todos os brasileiros e brasiguaios em todas as localidades. Os únicos informantes que não utilizaram **chifre** como resposta espontânea foram os paraguaios.

Na localidade de San Alberto, os informantes paraguaios pertencentes à classe baixa parecem desconhecer a variante em português; em Santa Rosa del Monday, os paraguaios homens já utilizaram a variante como resposta espontânea, e entre as mulheres paraguaias a variante foi documentada pela insistência na classe baixa e como sugestão aceita pela mulher de classe alta.

O uso da variante **chifre** está cartografada na **Carta 015a – CHIFRE**.

Figura 54 - Carta 015a – CHIFRE



Como dito anteriormente, a variante **guampa** está documentada em todas as localidades, porém não como resposta espontânea. Está presente sob a forma de insistência na localidade de Terra Roxa apenas nos homens da GII. Segundo o HCaGII: “os gaúchos usam mais **guampa**”. Foi aceita como sugestão pela MCaGII e pelo HCaGI. Metade dos informantes não aceitou **guampa** como variante para **chifre**: a MCbGII, as MGI e o HCbGI.

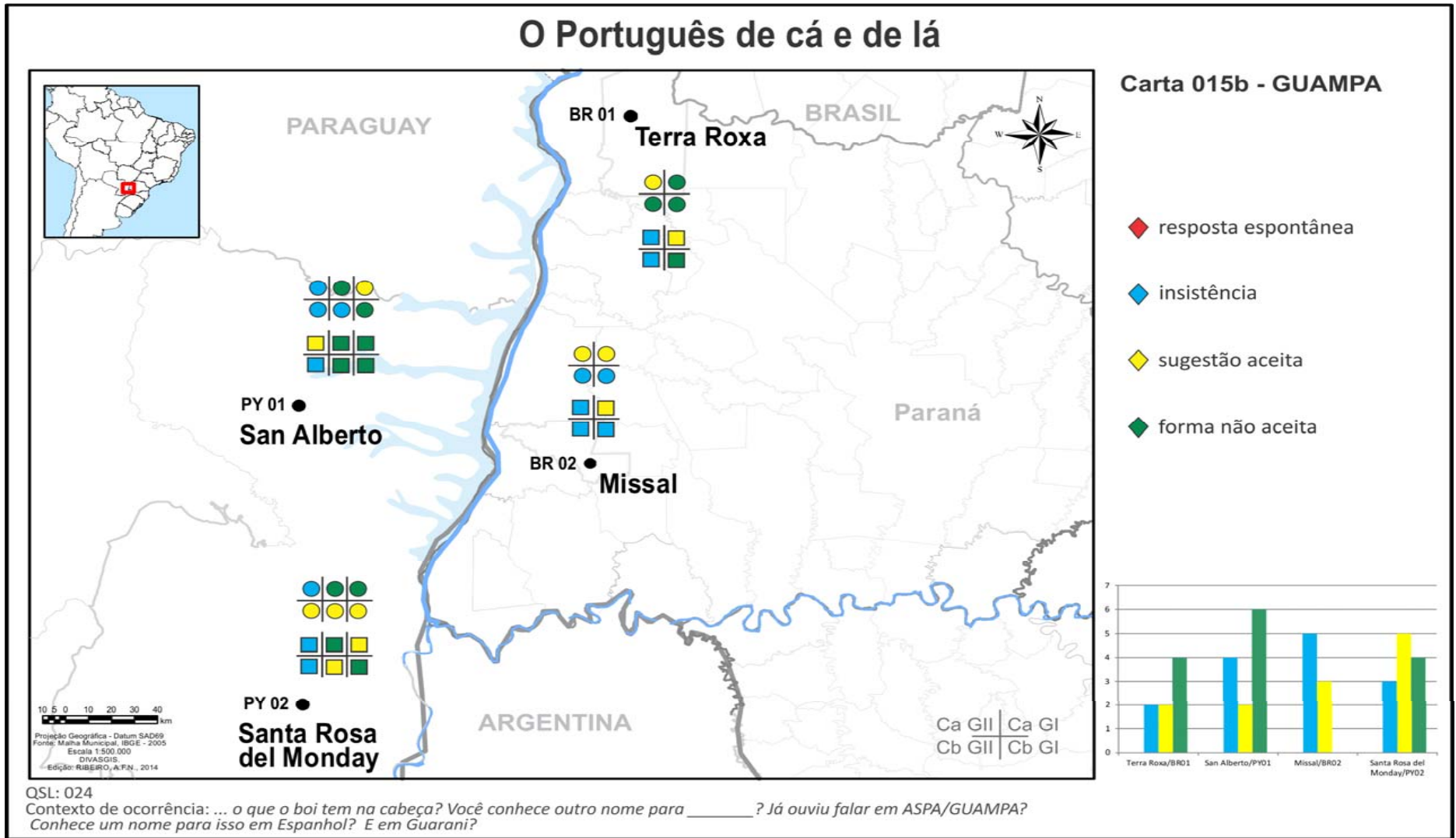
Em San Alberto, quatro informantes a utilizaram como resposta obtida pela insistência, as MGII, a MCbGI e o HCbGII. Como sugestão, foi registrada na fala da mulher paraguaia Ca e no HCaGII. A MCaGI, a MCbGIp e todos os homens jovens não aceitaram a variante **guampa** como sugestão, ou seja, metade dos informantes da localidade.

A variante **guampa** foi obtida por meio da insistência principalmente nas classes baixas e pelo HCaGII na localidade de Missal. As mulheres da classe alta, o HCaGI aceitaram a sugestão e não foi refutada por nenhum informante nessa localidade.

Em Santa Rosa del Monday, o item lexical **guampa** foi documentado pela insistência na fala dos mais velhos, com exceção da mulher CaGII que a aceitou apenas como sugestão. Também foi registrada na fala das mulheres de Cb e dos homens CbGI e CaGIp. A sugestão não foi aceita pelas mulheres da GI e pelos homens da CaGI e CbGIp.

Os dados demonstram que o item lexical **guampa** ainda está presente na região principalmente na fala da geração dos mais velhos e não está sendo mantida na fala dos jovens que preferem a variante **chifre**. Na **Carta 015b – GUAMPA** os dados podem ser averiguados.

Figura 55 - Carta 015b – GUAMPA

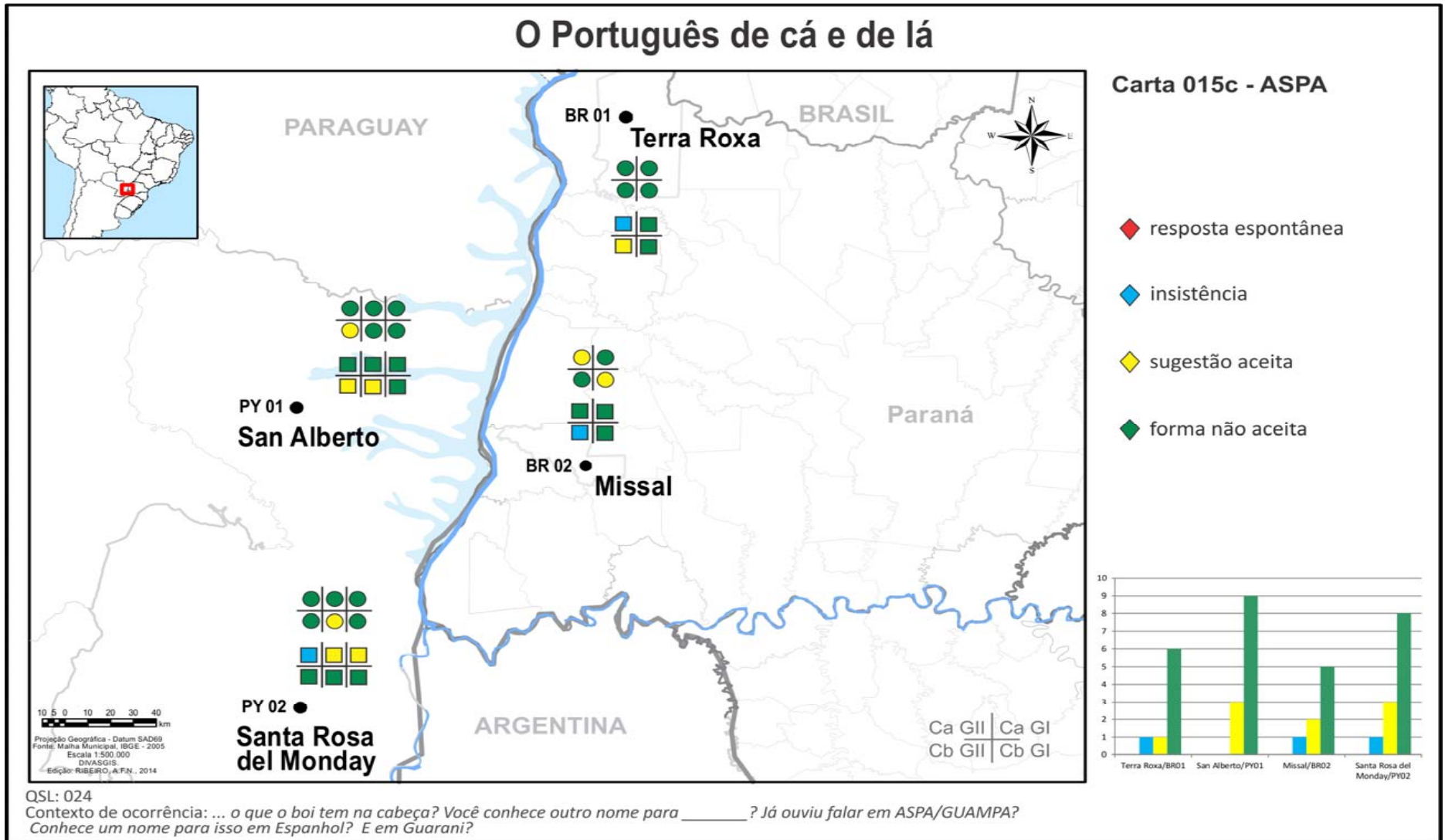


A terceira variante cartografada foi **aspa**, também documentada em todas as localidades, ocorrendo três respostas espontâneas com essa variante, todas entre os homens da GII. 70% dos informantes desconhece a variante.

Em Terra Roxa e em Santa Rosa del Monday, foi registrada no HCaGII e em Missal no HCbGII. A sugestão foi aceita em todas as localidades pelo HCbGII em Terra Roxa, pelas mulheres CaGII e CbGI em Missal, pela MCbGII e pelos homens CbGII e CbGI em San Alberto, pela MCbGI e pelos homens jovens de classe alta em Santa Rosa del Monday. A informante MCaGII de Missal apontou que a variante **aspa** é mais usada por gaúcho.

Os dados sugerem que o uso da variante **aspa** está relacionado aos homens, pois, por meio deles conseguimos as respostas durante a insistência e, se contabilizarmos todas as respostas (insistência e sugestão), teríamos a proporção de oito homens para quatro mulheres. Ainda, a pouca ocorrência da variante nas localidades estudadas, principalmente na fala dos jovens, aponta para o desaparecimento da variante trazida do Sul pelos migrantes gaúchos. Os dados encontram-se documentados na **Carta 015c – ASPA**.

Figura 56 - Carta 015c – ASPA



A variante **cornu** também foi documentada nesta pesquisa, contudo, não foi cartografada de forma específica, pois, não representou variação sulista ou nortista. Na sequência, no quadro 15, pode-se observar a distribuição do item lexical **cornu** segundo a localidade e o perfil social dos informantes.

Quadro 15 – Ocorrências da variante **cornu**

| Localidade | INF. | Resposta espontânea | Insistência | Sugestão aceita |
|-----------------------------|--------|---------------------|-------------|-----------------|
| Missal/BrS02 | HCaGI | | cornu | |
| San Alberto/PyN01 | HCbGIp | cornu | | |
| Santa Rosa del Monday/PyS02 | MCaGI | | | cornu |
| Santa Rosa del Monday/PyS02 | HCaGI | | cornu | |
| Santa Rosa del Monday/PyS02 | MCaGIp | cornu | | |
| Santa Rosa del Monday/PyS02 | MCbGIp | cornu | | |

Fonte: Elaboração da autora

g) Variantes para calcanhar

Foram registradas duas variantes para designar a parte traseira do pé abaixo do tornozelo: **calcanhar** e **garrão**.

Segundo a carta 183 do ALERS (2011b), as duas variantes ocorrem na Região Sul do país. A variante **calcanhar** está mais disseminada no Paraná e em Santa Catarina e a variante **garrão** concorre com a variante **calcanhar** no Rio Grande do Sul.

Conforme o dicionário Houaiss (<http://houaiss.uol.com.br/>), **garrão** designa a “extremidade da pata de certos animais” e penetrou no português pelo espanhol *garrón*, aumentativo de garra. Possivelmente a variante adentrou pelo Rio Grande do Sul por meio dos gaúchos argentinos e uruguaios, pois, encontra-se mais presente no sudoeste do Estado na região da fronteira com esses países.

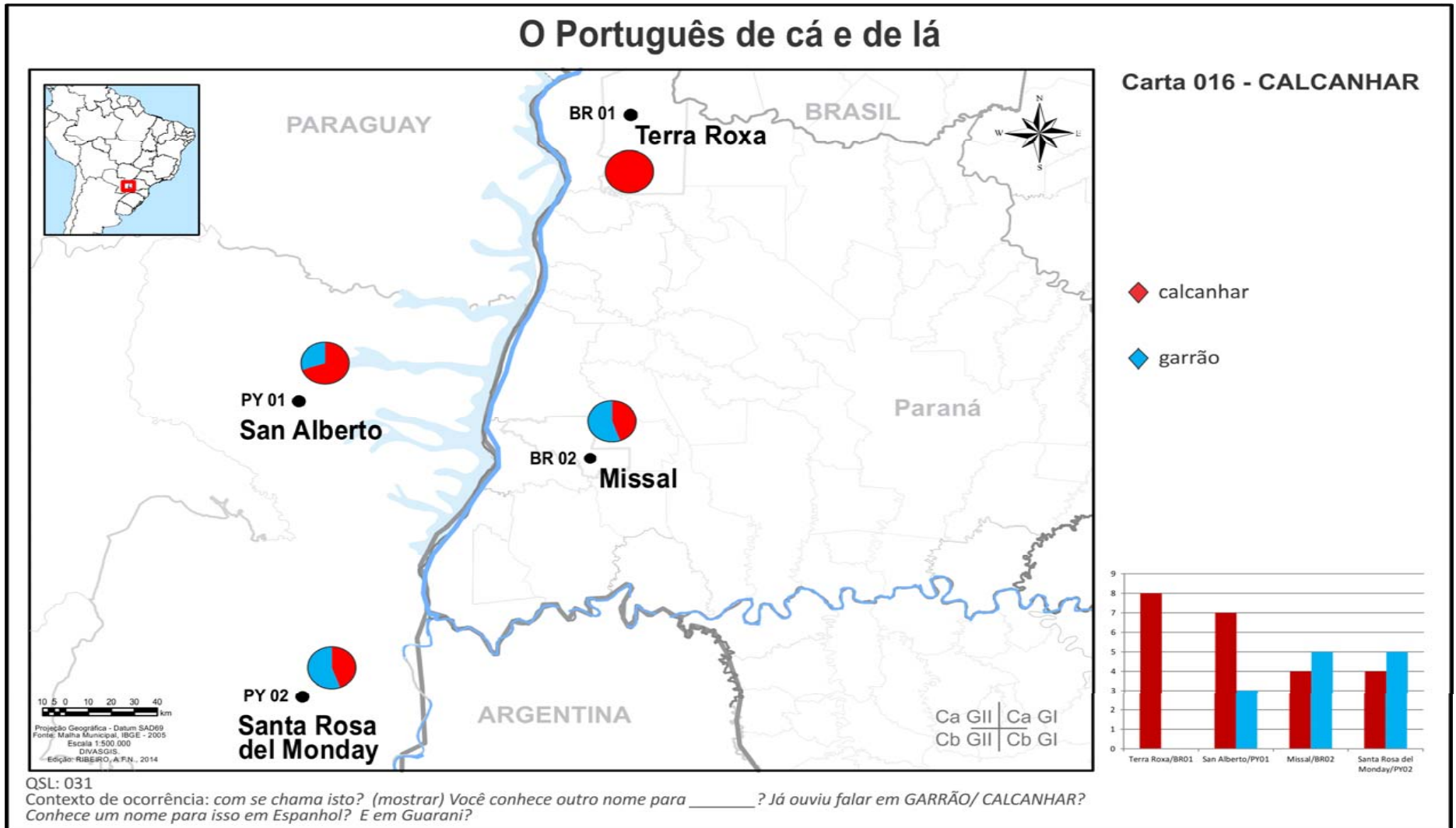
Em Terra Roxa, não foi identificado o item lexical **garrão**, ao contrário das demais localidades. Em San Alberto predomina a variante **calcanhar**, enquanto a variante **garrão** foi representada por 30% das respostas válidas.

Nas localidades de colonização sulista, houve maior produtividade do item lexical **garrão** do que de **calcanhar**. Em Missal e em Santa Rosa del Monday, a variante representa 55,5% das respostas e **calcanhar**, 44,5%.

A análise da dimensão diatópica em Terra Roxa demonstra mais uma vez que o item lexical **calcanhar** está sedimentado, pois não há variação entre jovens/topostáticos, tampouco entre velhos/topodinâmicos, enquanto nas outras localidades as duas variantes concorrem.

A **Carta 016 – CALCANHAR**, na sequência, ilustra a ocorrência das variantes **calcanhar** e **garrão**, distribuídas diatopicamente.

Figura 57 - Carta 016 – CALCANHAR



Duas cartas foram elaboradas para a análise das duas variantes, sendo a primeira para **calcanhar**.

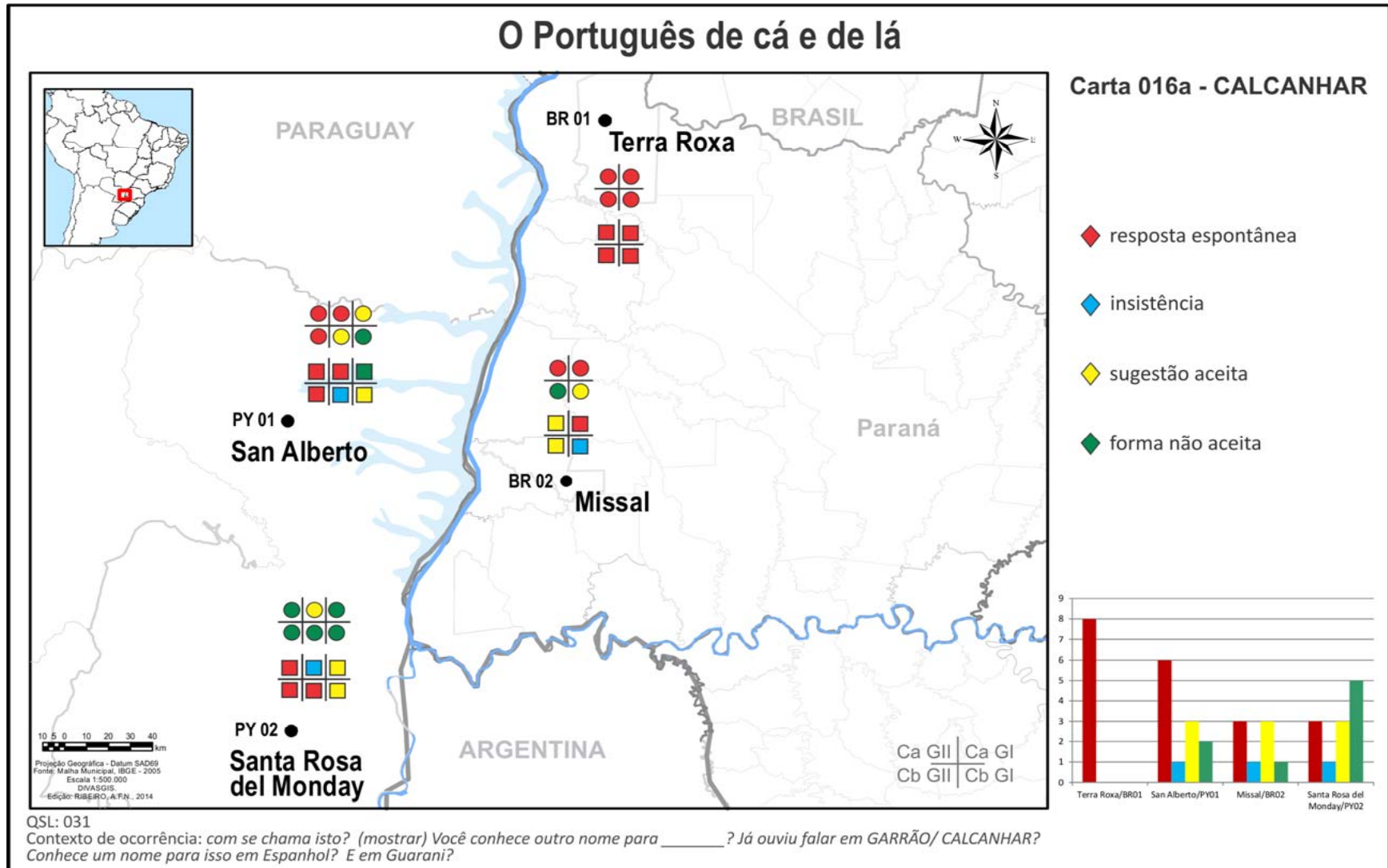
Em Terra Roxa, 100% dos informantes citaram a variante **calcanhar**. Em San Alberto, dos oito informantes brasileiros, seis utilizam **calcanhar** e dois registram como primeira resposta espontânea **garrão**. Um deles, o homem, de classe baixa e jovem, utilizou, pela insistência, a variante **calcanhar**. Já a informante mulher, de classe baixa e jovem aceitou como resposta a sugestão de **calcanhar**.

Em San Alberto houve duas ocorrências da variedade **garrão**. Ponderamos um dado interessante, pois os informantes que mencionaram **garrão** são ambos jovens e de classe baixa, mas de diferentes sexos. Porém, obtivemos como resposta pela insistência a variante **calcanhar** na fala do HCbGI e como sugestão na fala da MCaGI. Entre os paraguaios, a sugestão foi aceita pelo homem de classe baixa e pela mulher de classe alta. Os outros paraguaios parecem não conhecer a variante.

Em Missal, pôde-se constatar, mais uma vez, a influência gaúcha no falar local. Dos oito informantes, três utilizaram **calcanhar** como resposta espontânea, as MCa e o homem CaGI. Como insistência, a resposta foi obtida na fala do HCbGI, enquanto, como sugestão, foi aceita pelos HGII e pela MCbGI. A única informante que refutou a sugestão foi a CbGII. Os dados sugerem que, aparentemente, essa é a variante preferida pela classe alta na localidade.

Muito semelhante é a situação em que se encontram as variantes em Santa Rosa del Monday. Dos oito brasileiros entrevistados, apenas três responderam **calcanhar** de forma espontânea: os homens GII e o HCbGI. Na fala do HCaGI, obtivemos a variante pela insistência. Os homens paraguaios a aceitaram como sugestão, mas as mulheres da GII não a aceitaram, assim como a CbGII e as paraguaias. A variante foi representada na fala feminina apenas sob a forma de sugestão na CaGI. Nessa localidade a variante parece estar presente na fala dos homens. Na **Carta 016a – CALCANHAR** os dados podem ser visualizados.

Figura 58 - Carta 016a – CALCANHAR



A segunda variante cartografada foi **garrão**. Como exposto anteriormente, ela não aparece na localidade de Terra Roxa como resposta espontânea. Nessa localidade, foi documentada apenas sob a forma de sugestão por três informantes: MCaGII, HCbGII e HCaGI. Cinco dos oito informantes não a aceitaram como sugestão. O HCbGII, cuja família veio de Sertanópolis, Norte do Paraná, acrescenta que “**garrão** falava antigamente, agora não fala mais”.

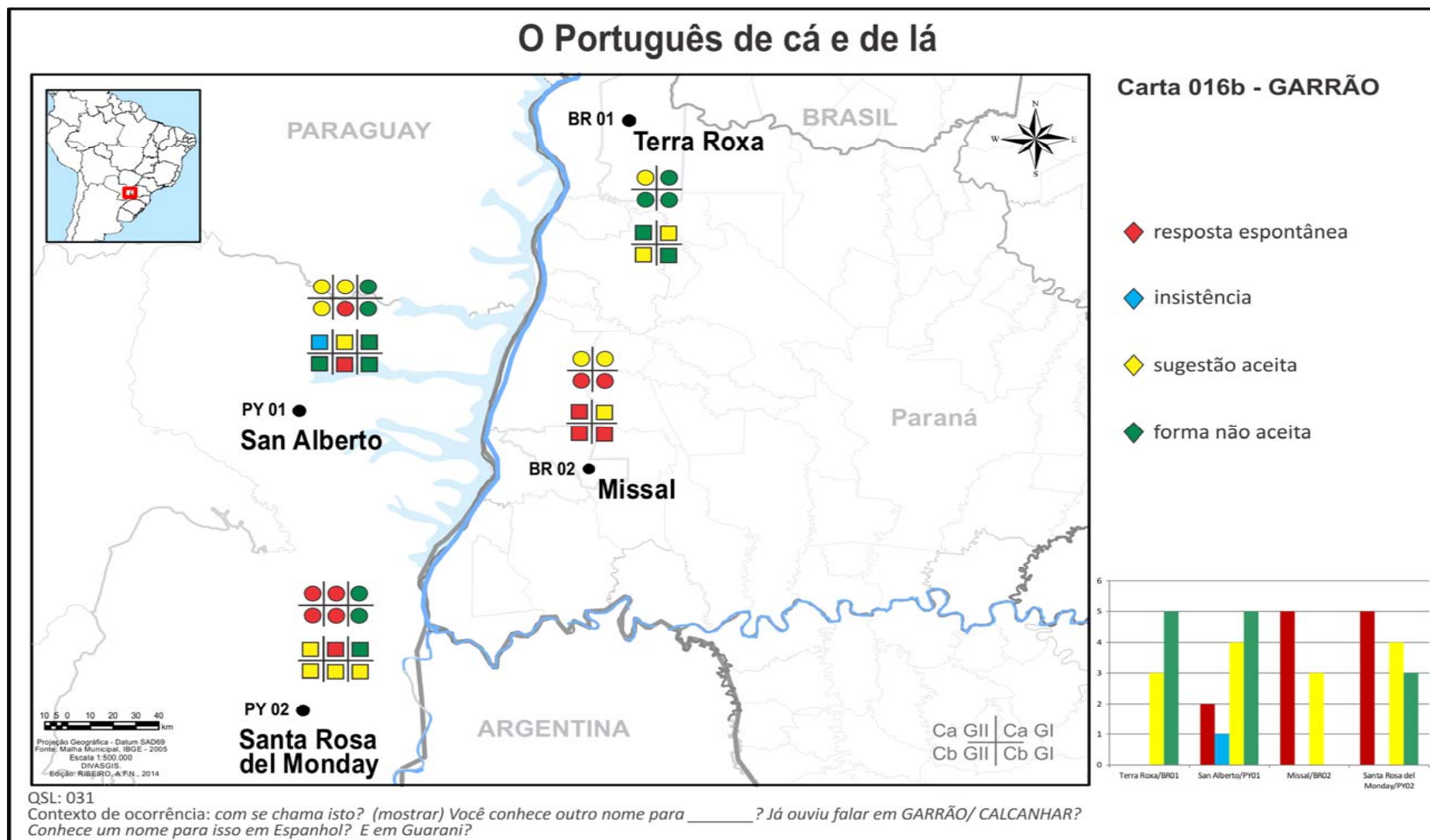
Em San Alberto, obtivemos a resposta espontânea na fala do homem e da mulher CbGI e, devido à insistência, na fala do HCaGII. Como sugestão, **garrão** foi aceita pelas MCa e MCbGII e pelo HCaGI. Os informantes paraguaios e os HCbGII afirmaram desconhecerem-na.

A ocorrência da variante como resposta espontânea foi documentada em Missal entre todos os informantes de classe baixa e no HCaGII. A sugestão foi aceita pelos três outros informantes.

Em Santa Rosa del Monday, foi documentada de forma espontânea na fala de todas as mulheres brasileiras e brasiguaias e no HCaGI. Os HGII e o HCbGI e o paraguaio Cb aceitaram a variante **garrão** como sugestão. As mulheres paraguaias e o paraguaio da Ca refutaram a sugestão. Todas as mulheres brasileiras e brasiguaias da localidade optaram pela variante **garrão**, o que pode apontar para um traço de conservadorismo na fala feminina. Os resultados da comparação entre a fala de homens e mulheres em Santa Rosa del Monday indicam que os homens podem estar inovando com esse item lexical. A possível razão desse fenômeno se deve ao maior contato dos homens com outras redes sociais no Brasil. Aparentemente, a variante **garrão** está relacionada às classes baixas e à geração dos mais velhos que conserva a variante trazida do Sul.

Vejamos os dados na **Carta 016b – GARRÃO**.

Figura 59 - Carta 016b – GARRÃO



Diante desses dados pudemos verificar que a variação ocorre em maior escala na dimensão diastrática, ainda que seja relevante também a variação diatópica e a diassexual. Em Terra Roxa, pode-se afirmar que a variante **calcanhar** está sedimentada como forma regional vinda do norte. Em San Alberto, a variação está relacionada com os jovens de classe baixa, o que indica que essa variação pode ser diatópico-cinética/diageracional e diastrática. Em Missal, a variação mais visível é a diastrática, pois, enquanto a maioria da classe alta emprega **calcanhar**, toda a classe baixa utiliza **garrão**. Em Santa Rosa del Monday pode se afirmar que o maior índice de variação ocorre na dimensão diassexual, pois, enquanto todas as mulheres preferem a variante **garrão**, a maioria dos homens utiliza **calcanhar**.

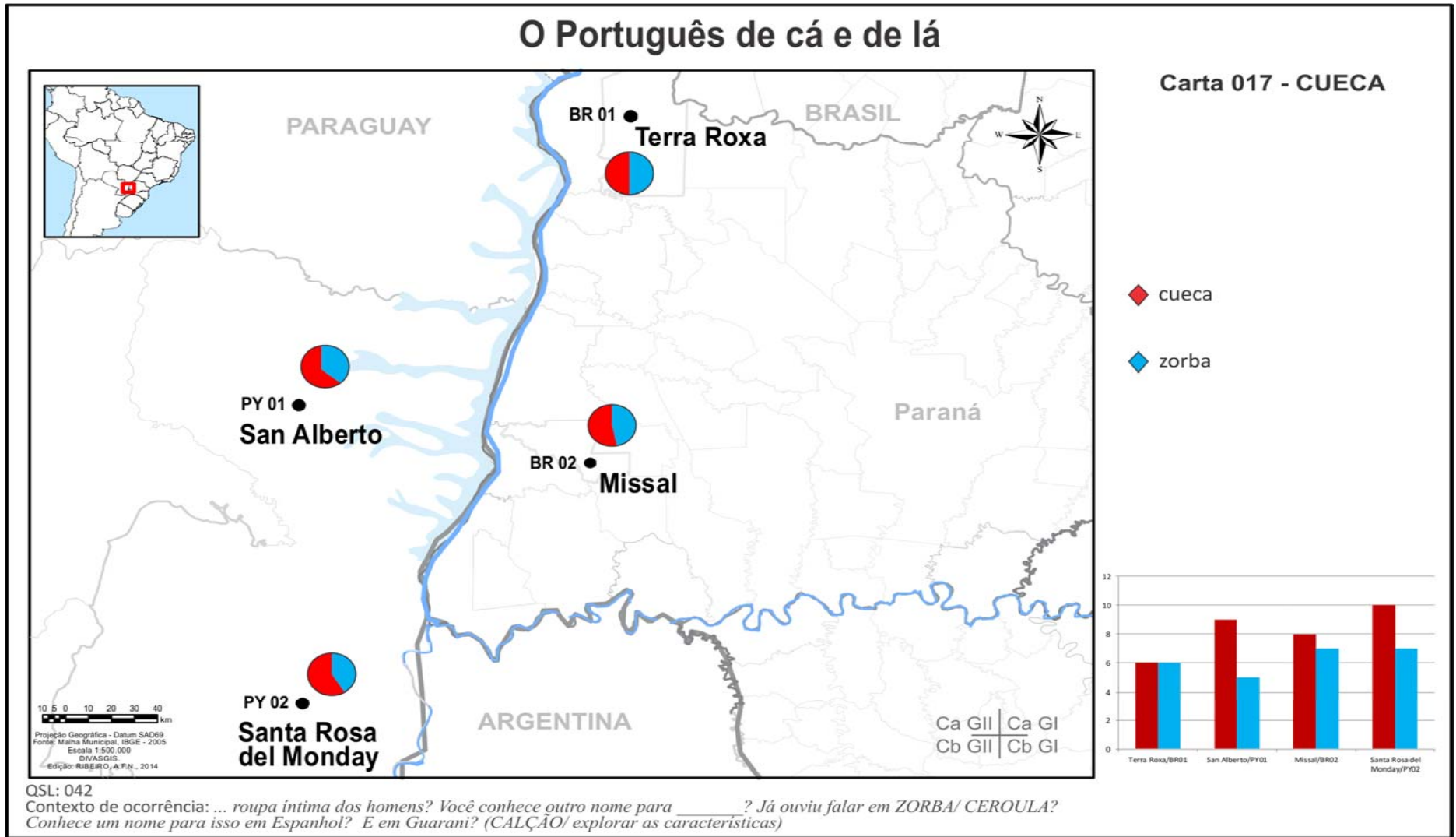
Encontramos no ALPR (1994), nas anotações da carta fonética **calcanhar** (141), **garrão** presente no Sul e Oeste do Paraná. Um informante afirma: “**garrão** é mais o caipira que fala”. Outro atlas linguístico que trata o tema é o ALERS (2011b). Segundo ele, as variantes **calcanhar** e **garrão** são usadas em toda Região Sul. No Paraná, **calcanhar** representa 80% das respostas válidas enquanto **garrão** computa 20% dessas respostas. Em Santa Catarina, **calcanhar** representa 70% das respostas enquanto **garrão** equivale a 30%. Já no Rio Grande do Sul, aproximadamente 52% das respostas obtidas foram para **garrão** e aproximadamente 48% para **calcanhar**. Esses dados comprovam que a variante **garrão** tende a ser menos usada ao norte.

h) Variantes para cueca

Para a roupa íntima dos homens, foram documentadas duas variantes: **cueca** e **zorba**.

No ALPR (1994), na carta 79 - peça íntima do vestuário masculino, **zorba** foi a variante com maior ocorrência no Estado, seguida das variantes **calção**, **cueca** e **ceroula**. Os dados do ALERS (2011b) corroboram os dados do ALPR (1994), a variante mais utilizada no Paraná é **zorba**, seguida de **calção** e **cueca**. Nos outros estados do Sul do país, a variante mais utilizada é **cueca**. Vejamos os dados distribuídos entre as localidades para as variantes documentadas na **Carta 017 – CUECA**.

Figura 60 - Carta 017 – CUECA



Os dados cartografados apontam para a presença e a concorrência das duas variantes em todas as localidades. Entretanto, como se pôde observar, a dimensão diatópica não é suficiente para compreendermos o processo de variação ocorrido no ato de nomeação dessa peça do vestuário masculino. Posto esse fato, passemos às outras dimensões.

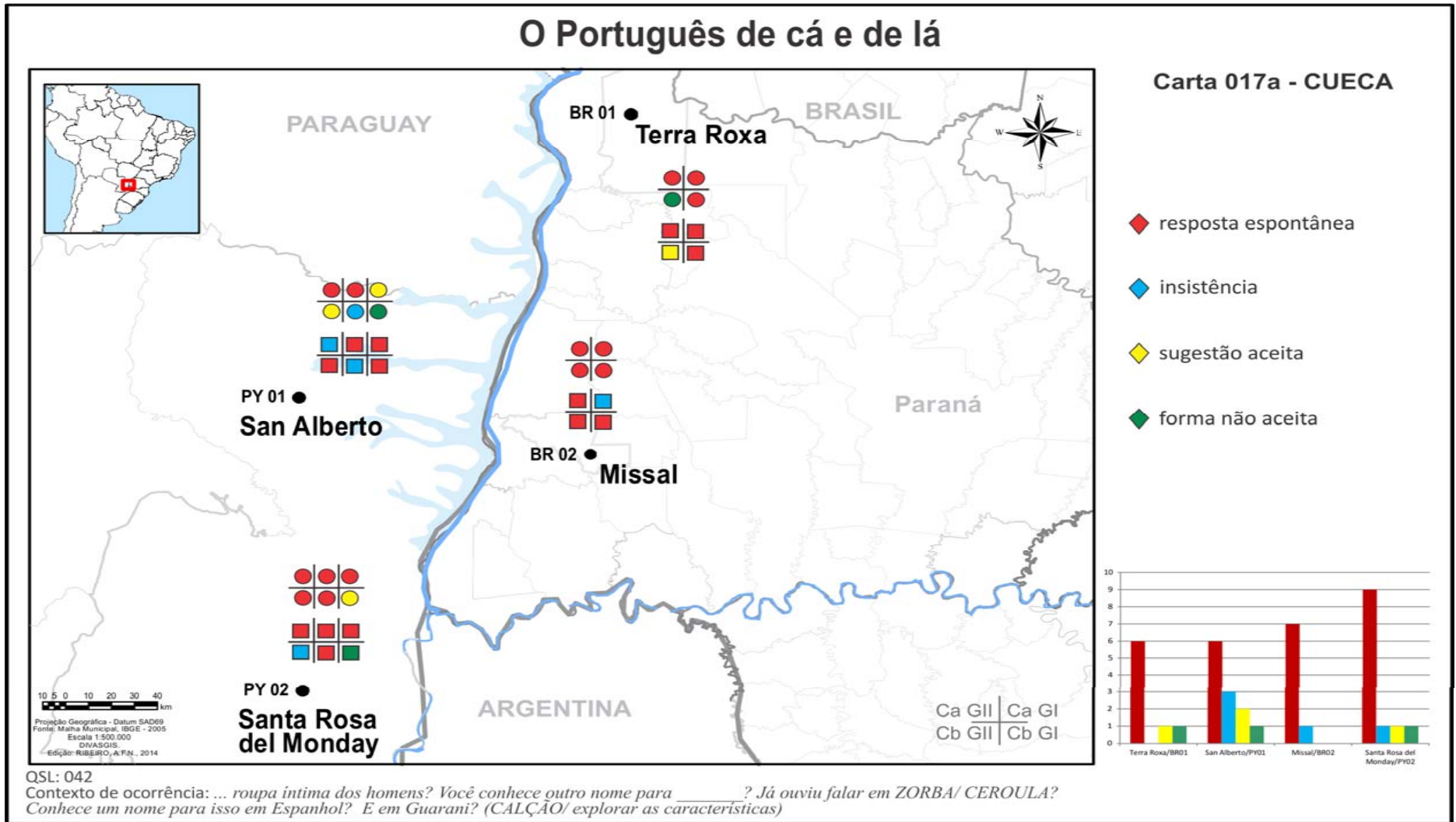
Em Terra Roxa, notam-se seis ocorrências de resposta espontânea para a variante **cueca**, presente nos jovens e nos informantes de classe alta. O HCbGII aceitou a resposta como sugestão e a MCbGII não aceitou a sugestão.

Em metade dos informantes em San Alberto ocorreu como resposta espontânea, a saber: as MCa brasileira e brasiguaia, os HCaGI brasiguai e paraguaio, o HCaGII e o HCbGIp. A resposta foi obtida pela insistência na MCbGI e nos homens CaGII e CbGI e como sugestão na fala da mulher CbGII e da paraguaia Ca. A única informante que não a aceitou a MCbGIp.

Em Missal, a forma **cueca** está representada por todos os informantes e foi citada como resposta espontânea por todos, com exceção do HCaGI, cuja resposta foi **zorba**, enquanto a forma **cueca** foi obtida pela insistência. Vale enfatizar que esse informante (HCaGI) possui características diferenciadas: é professor, tem 28 anos, nasceu em Rolim de Moura/RO, mas já está há 22 anos em Missal. A sua esposa é de Missal e de origem alemã. A família de seu pai é de São Paulo e a de sua mãe é da Bahia, ainda que tenha nascido em Goioerê/PR. Esse perfil o diferencia dos demais informantes da localidade que, em sua maioria, são descendentes de alemães vindos do Rio Grande do Sul. O informante tem consciência linguística das variedades regionais, afirma estar ambientado à cultura local, contudo, preserva alguns costumes familiares e conhecimento diferenciados dos habitantes de Missal. A sua resposta para essa pergunta durante a entrevista foi: “eu falo zorba, mas geralmente é cueca mesmo”.

Em Santa Rosa del Monday, a variante **cueca** está representada por toda classe alta como resposta espontânea, e ainda foi citada pelos informantes MGII, MGI e HGI de classe baixa. Pela insistência está na fala do HCbGII e pela sugestão aceita na MCbGIp. Apenas o informante homem paraguaio da Cb não a aceitou como sugestão. Observemos os dados na **Carta 017a – CUECA**.

Figura 61 - Carta 017a – CUECA



A variante **zorba**, por sua vez, foi mencionada de forma espontânea em todas as localidades ainda que com menor frequência que **cueca**. Em Terra Roxa foi documentada como resposta espontânea apenas na fala do grupo CbGII e sob a forma de insistência pela MCaGII, pelas jovens e pelo HCaGI. O HCbGI aceitou a variante como sugestão e o HCaGII refutou a variante.

Como resposta espontânea, a forma **zorba** está presente na fala das mulheres de classe baixa de San Alberto, no HCaGII, no HCbGI, num total de quatro ocorrências. Por meio da insistência, foi obtida na fala do HCaGI, e nos demais informantes, nenhum a aceitou como sugestão.

A única resposta espontânea obtida na cidade de Missal para a variante **zorba** foi a de HCaGI, como já anteriormente mencionado. Sob a forma de insistência está presente em toda a classe baixa, na MCaGI e no HCaGII. A forma não foi aceita pela informante MCaGI que afirmou que o item lexical **zorba** era usado antigamente.

Em Santa Rosa del Monday, foram documentadas três respostas espontâneas para a variante **zorba**: HCbGII e no grupo CbGIp. Como insistência está presente nos HCa, na MCaGII e MCbGI. Os demais informantes não aceitaram a sugestão: as mulheres CbGII, CaGI e CaGIp e os homens CbGI e CaGIp.

A partir desses dados pode-se afirmar que a forma **zorba** é mais utilizada na classe social baixa, pois, das nove respostas espontâneas obtidas, sete foram cartografadas na Cb. Registramos alguns comentários metalinguísticos com relação ao uso da variante **zorba**:

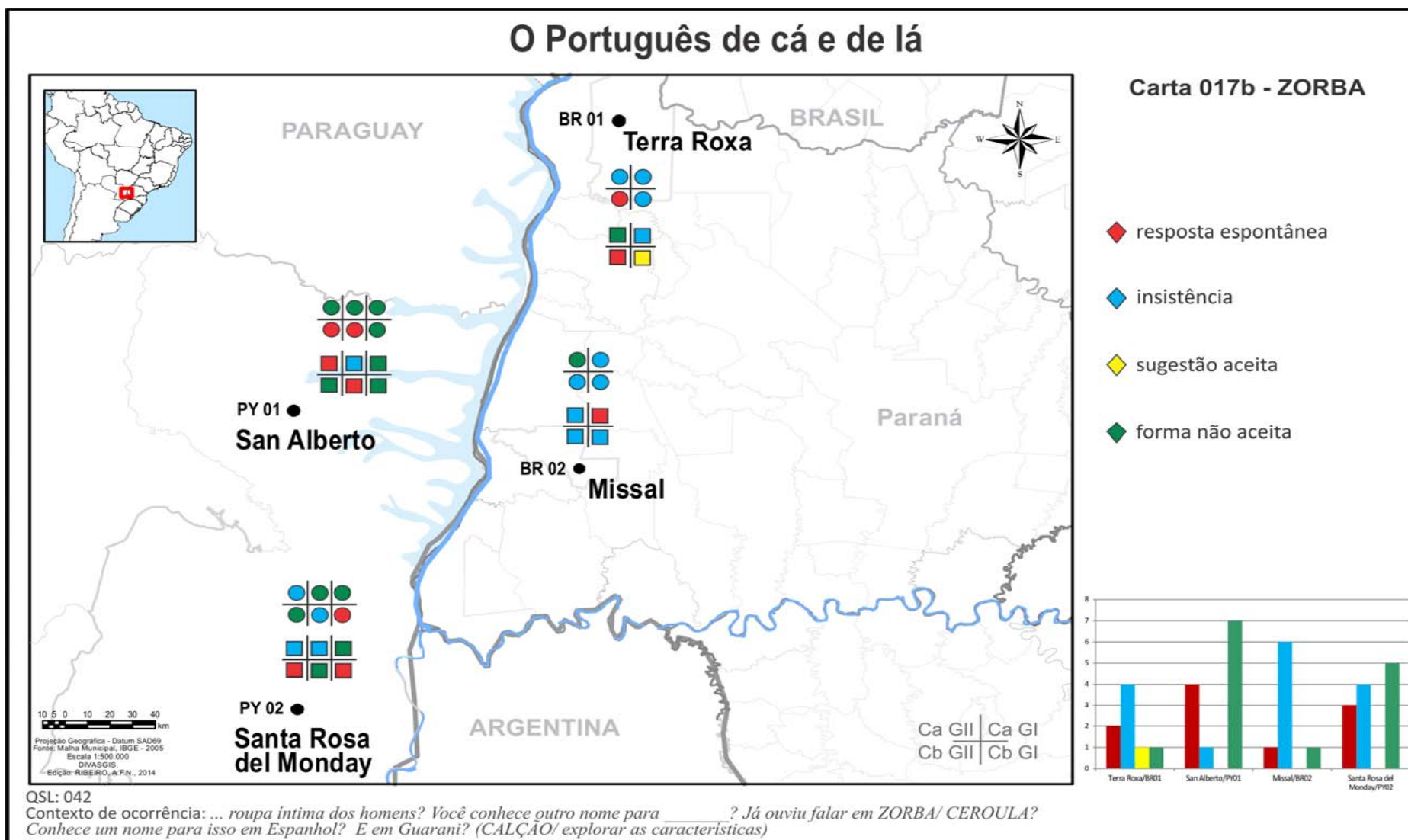
Terra Roxa – HCbGI – “pessoa sem estudo fala zorba”.

Missal – MCaGI – “antigamente se usava zorba”

Sana Rosa del Monday – HCaGI - “meu pai fala zorba”

Conforme Santos-Ikeuchi (2014), a variante **zorba** é pouco utilizada pelos paulistas. A variante não apareceu como resposta única por nenhum informante, predominando a variante **cueca**. Vejamos os dados da **Carta 017b – ZORBA**.

Figura 62 - Carta 017b – ZORBA



A análise aponta que, independentemente da localidade, ou seja, do espaço pesquisado, pode-se verificar que a forma **zorba** destaca-se, sobretudo nas classes baixas ou na geração dos mais velhos. Se considerarmos os paraguaios, a variante **zorba** representa 25% das respostas, o que pode indicar para uma mudança em curso e a implantação da variante **cueca**.

A utilização de **zorba** como variante para **cueca** está relacionada a uma marca de cueca de mesmo nome, Zorba. Pioneira no mercado brasileiro, lançou, em 1964⁷⁹, a cueca tipo *Slip* (cueca cavada, com abertura frontal) que até então era desconhecida no Brasil. Tampouco, anteriormente à marca, na televisão brasileira nunca se havia visto propagandas de cuecas, ainda devido à criatividade da publicidade, a marca fez uma analogia da cueca com um passarinho, o que tornou a marca como oficial de cuecas na época. Atualmente, a diversidade de marcas fez **zorba** perder força. Deste modo, a variante **zorba** que esteve na moda durante muito tempo como demonstra o ALPR (1994) está caindo em desuso.

i) Variantes para geleia

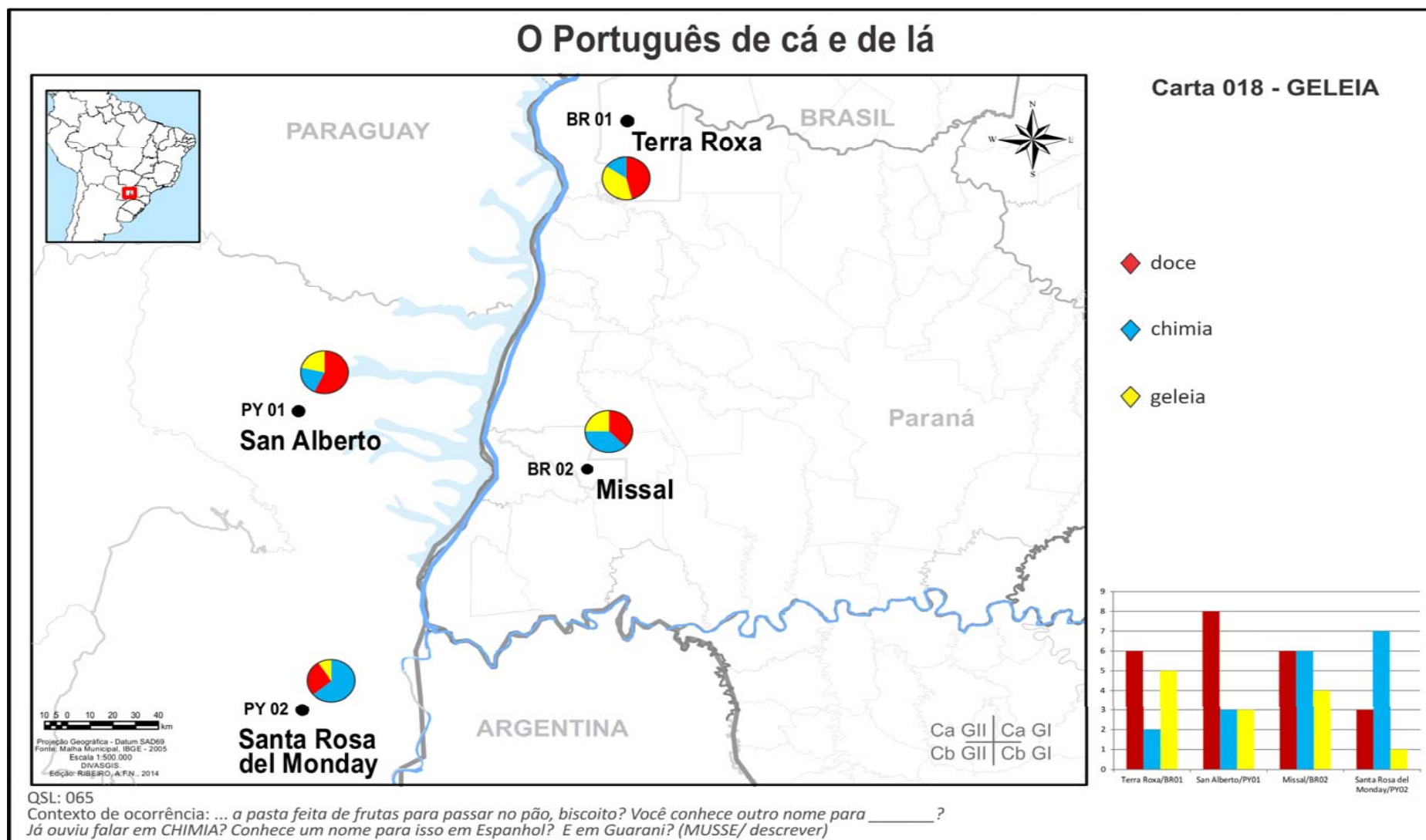
Para designar a “pasta feita de fruta que se passa no pão” foram documentadas três variantes: **doce**, **geleia** e **chimia**.

Conforme se pode observar na carta 357 – chimia no ALERS (2011b), a distribuição dessas variantes ocorre da seguinte maneira: há pouca ocorrência da variante **geleia** em toda região Sul, **doce** é a variante mais utilizada no Paraná, **chimia** no Rio Grande do Sul e há concorrência entre as variantes **chimia**, **musse** e **doce** em Santa Catarina. Pode-se ainda verificar que a variante **chimia** foi levada pelos gaúchos ao Oeste catarinense e paranaense, pois, tem alta frequência nessas regiões.

A variante **chimia** é um empréstimo lexical do alemão *chimier* e seu uso passou a ser generalizado no português “transcendendo as comunidades bilíngues específicas” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p.301). Entretanto, essa variante ainda não se encontra dicionarizada. Vejamos a **Carta 018 – GELEIA**, na qual as variantes estão distribuídas diatopicamente.

⁷⁹ O filme Zorba, o grego foi lançado também no ano de 1964, o que provavelmente solidificou a marca.

Figura 63 - Carta 018 – GELEIA



Cabe ressaltar que a forma **musse** foi apurada na fala da informante oriunda de Santa Catarina, MCbGII, na localidade de San Alberto, porém não foi cartografada por ter sido uma ocorrência obtida por meio da insistência.

As três variantes foram registradas nas localidades investigadas. Por meio da distribuição diatópica dos dados, podemos verificar que a variante **doce** é mais produtiva nas localidades com influências nortistas, assim **chimia** foi a mais representativa nas localidades sulistas. A variante **geleia** aparece registrada em todas as localidades, porém é a menos produtiva. Para melhor compreender o fenômeno da variação entre **geleia**, **doce** e **chimia** cartografamos as três variantes considerando os fatores sociais das ocorrências.

A primeira variante da qual trataremos é **geleia**. Como dito anteriormente, apesar da pouca produtividade, a variante foi documentada como resposta espontânea em todas as localidades.

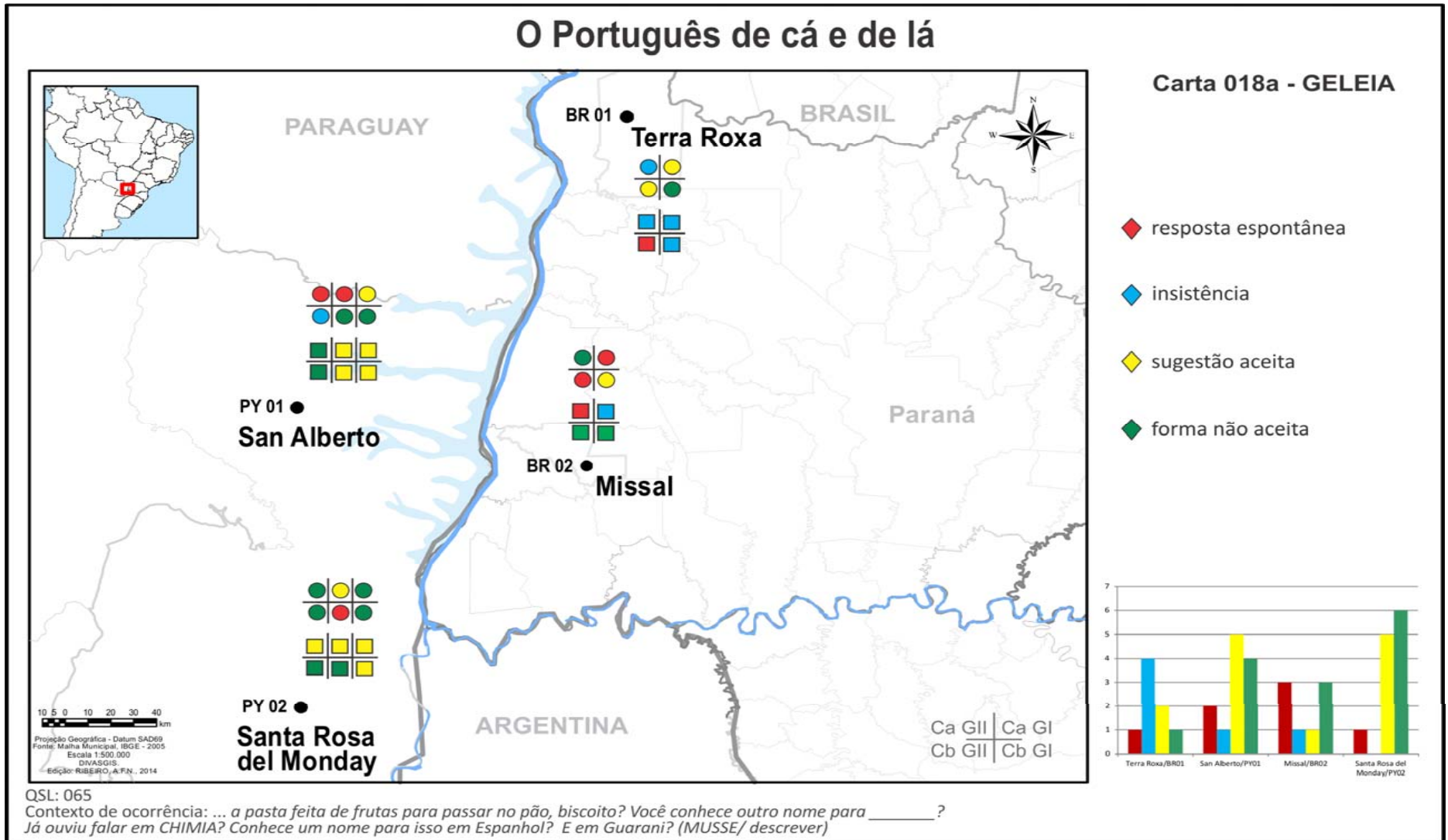
Em Terra Roxa, **geleia** parece estar representada pelo grupo masculino, pois aparece registrada sob uma única resposta espontânea, utilizada pelo HCbGII. Como insistência foi documentada na fala da mulher CaGII e dos homens Ca e do HCbGI. Como sugestão foi aceita pelas mulheres CbGII e CaGI e não foi aceita pela MCbGI.

Na localidade de San Alberto, a forma é mais produtiva na fala das mulheres. Foram registradas duas respostas espontâneas na fala da brasileira e da brasiguaiá de classe alta e, pela insistência está presente na MCbGII, tendo sido aceita como sugestão por todos os homens jovens e pela paraguaia Ca. Contudo, não foi aceita pelos HGII e pelas mulheres CbGI.

Em Missal, registramos três ocorrências da variante sob a forma espontânea, MCbGII, MCaGI e no HCaGII. Pela insistência aparece representada na fala do HCaGI. Como sugestão foi aceita pela informante MCbGI. Entre os HCb e a MCaGII, a sugestão não foi aceita.

Uma única resposta espontânea foi documentada em Santa Rosa del Monday: MCaGI. Como sugestão aceita variante **geleia** está presente em todos os homens de Ca, na mulher CaGI e no paraguaio Cb, pois, como pudemos averiguar, a variante não foi muito produtiva nessa localidade. Apresentamos na sequência os dados cartografados para a variante geleia na **Carta 018a – GELEIA**.

Figura 64 - Carta 018a – GELEIA



A segunda variante cartografada foi **doce**. Ressaltamos que houve uma falha na metodologia, pois não foi incluída a sugestão da variante no Questionário Semântico-lexical. Contudo, preferimos cartografar os dados, uma vez que a variante **doce** foi a mais produtiva nas localidades ao norte. Foi documentada como resposta espontânea na fala de seis informantes dos oito entrevistados em Terra Roxa, sendo a mais produtiva na localidade. A forma **doce** está representada por todos os informantes de Ca, e pelos jovens de Cb.

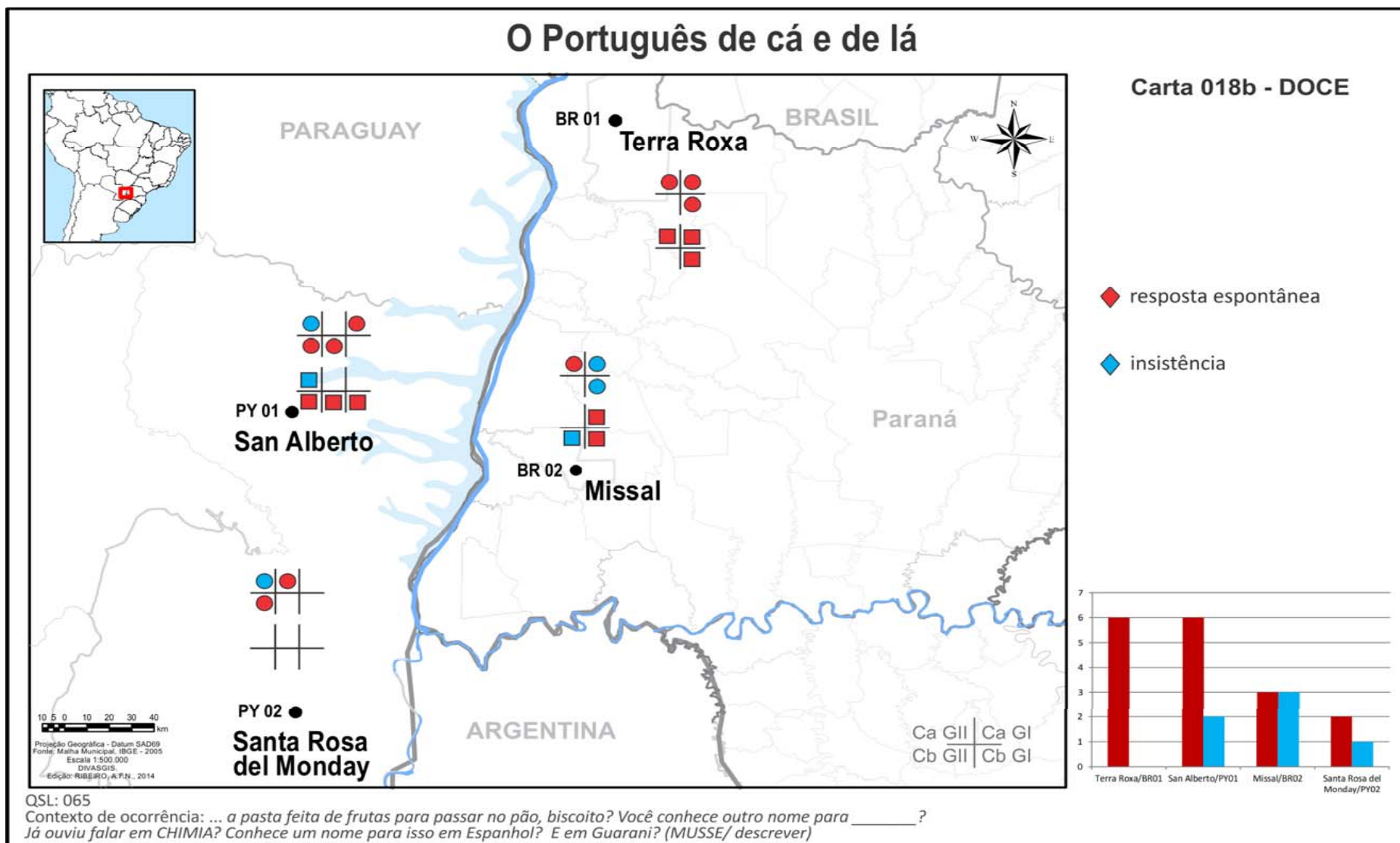
Em San Alberto, foi cartografada como resposta espontânea pelos HCb e pelas mulheres CbGII, CbGI e pela paraguaia Ca, isto é metade dos informantes da localidade. Pela insistência foi documentada na fala do grupo CaGII.

A variante **doce** também foi produtiva na cidade de Missal. Aparece como resposta espontânea em três informantes: MCaGII e nos homens da GI. Como insistência também está documentada na fala de três informantes: nas mulheres da GI e no HCbGII.

Em Santa Rosa del Monday foi documentada apenas em mulheres, três respostas espontâneas: CbGII, nas CaGI e sob a forma da insistência na CaGII.

Os dados apontam que os jovens possuem uma tendência ao uso da forma **doce**, nas localidades analisadas. Na **Carta 018b – DOCE** os dados podem ser observados.

Figura 65 - Carta 018b – DOCE



A terceira e última variante cartografada foi **chimia**. Ainda que seja mais utilizada nas localidades ao sul, ela também aparece nas localidades ao norte.

Embora em Terra Roxa a variante **chimia** não apareça como resposta espontânea, ela está documentada pela forma da insistência no grupo CaGII. A variante também foi aceita como sugestão em três respostas, a saber: no grupo CaGI e pelo HCbGII. As mulheres da classe baixa e o HCbGII não aceitaram a variante como sugestão.

Foi documentada apenas uma ocorrência da variante **chimia** como resposta espontânea em San Alberto, no HCaGII. Sob a forma da insistência, a variante foi registrada na fala das mulheres de GII. Como sugestão foi aceita pelos informantes jovens brasiguaios e pelo HCbGII. Contudo, nenhum paraguaio aparenta conhecer a variante.

Em Missal, **chimia** foi a resposta espontânea da MCbGI e do HCbGII. Como insistência, a variante foi registrada na fala das mulheres da GII e dos homens da GI. A variante foi aceita como sugestão pela MCaGI e pelo HCaGII. Os dados demonstram que a variante **chimia** é conhecida em toda a localidade, ainda que não seja utilizada por todos.

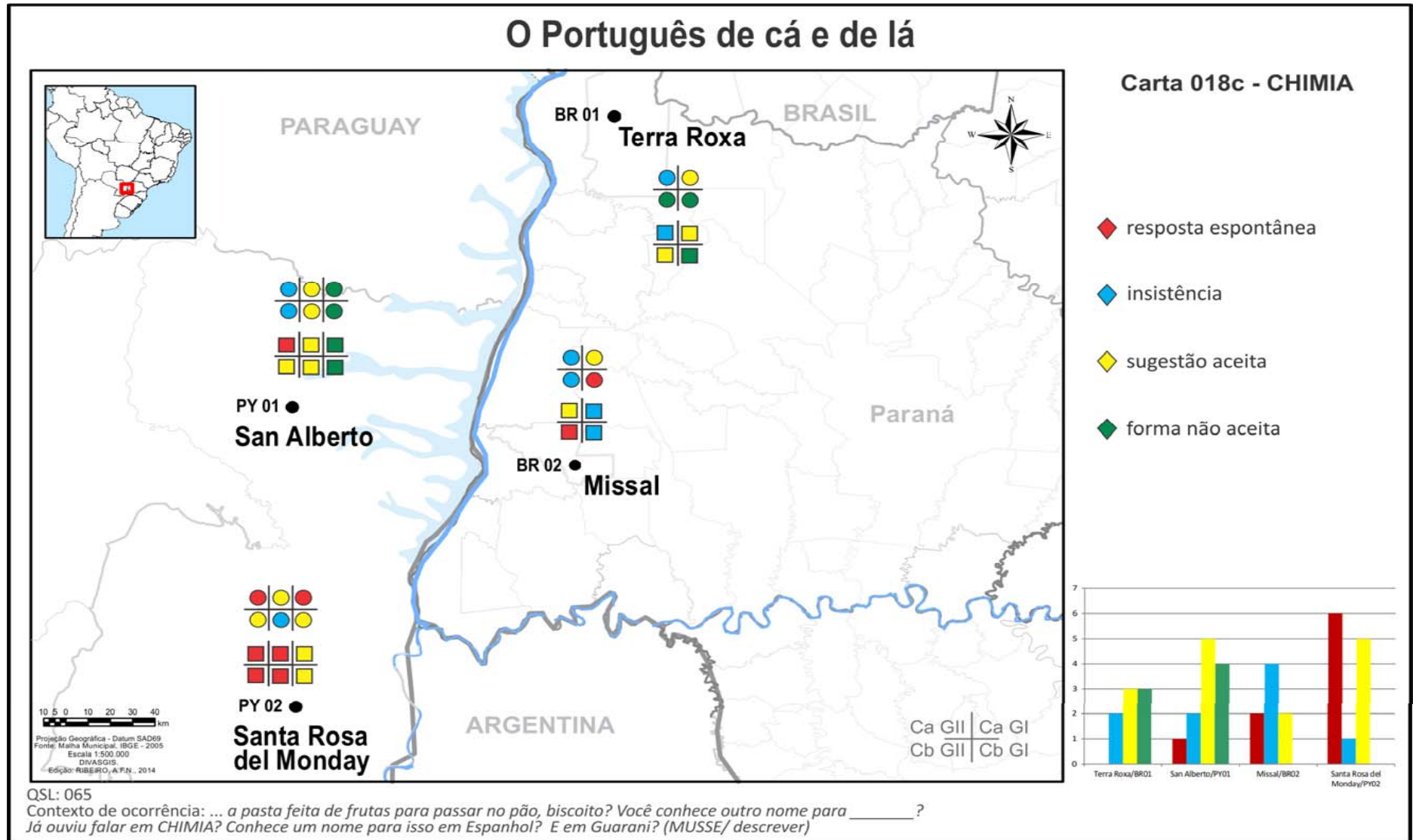
A maior produtividade da variante encontra-se na localidade de Santa Rosa del Monday. A forma **chimia** foi utilizada como resposta espontânea por metade dos informantes. Aparece em todos os homens brasileiros e brasiguaios e na fala das informantes CaGII e CaGIp. A variante ainda foi cartografada como insistência na MCbGI. Sob a forma da sugestão, a variante **chimia** foi representada pela CbGII, pela paraguaia Cb, pela MCaGI e pelos homens paraguaios.

A análise aponta que o uso da variante **chimia** está relacionado, sobretudo, à dimensão diatópica. Deixamos registrados aqui alguns comentários a cerca da variante **chimia**:

Terra Roxa – MCaGII - “Chimia fala o pessoal do sul”; MCaGI - “geleia e chimia aqui não usa”; HCaGII - “os descendentes de alemão chamam de chimia”. San Alberto – HCbGI - “chimia fala no sul”. Missal – MCaGI - “os alemães falam chimia”. Santa Rosa – MCbGII - “os alemão fala chimia”

Os dados podem ser observados na **Carta 018c – CHIMIA**.

Figura 66 - Carta 018c – CHIMIA



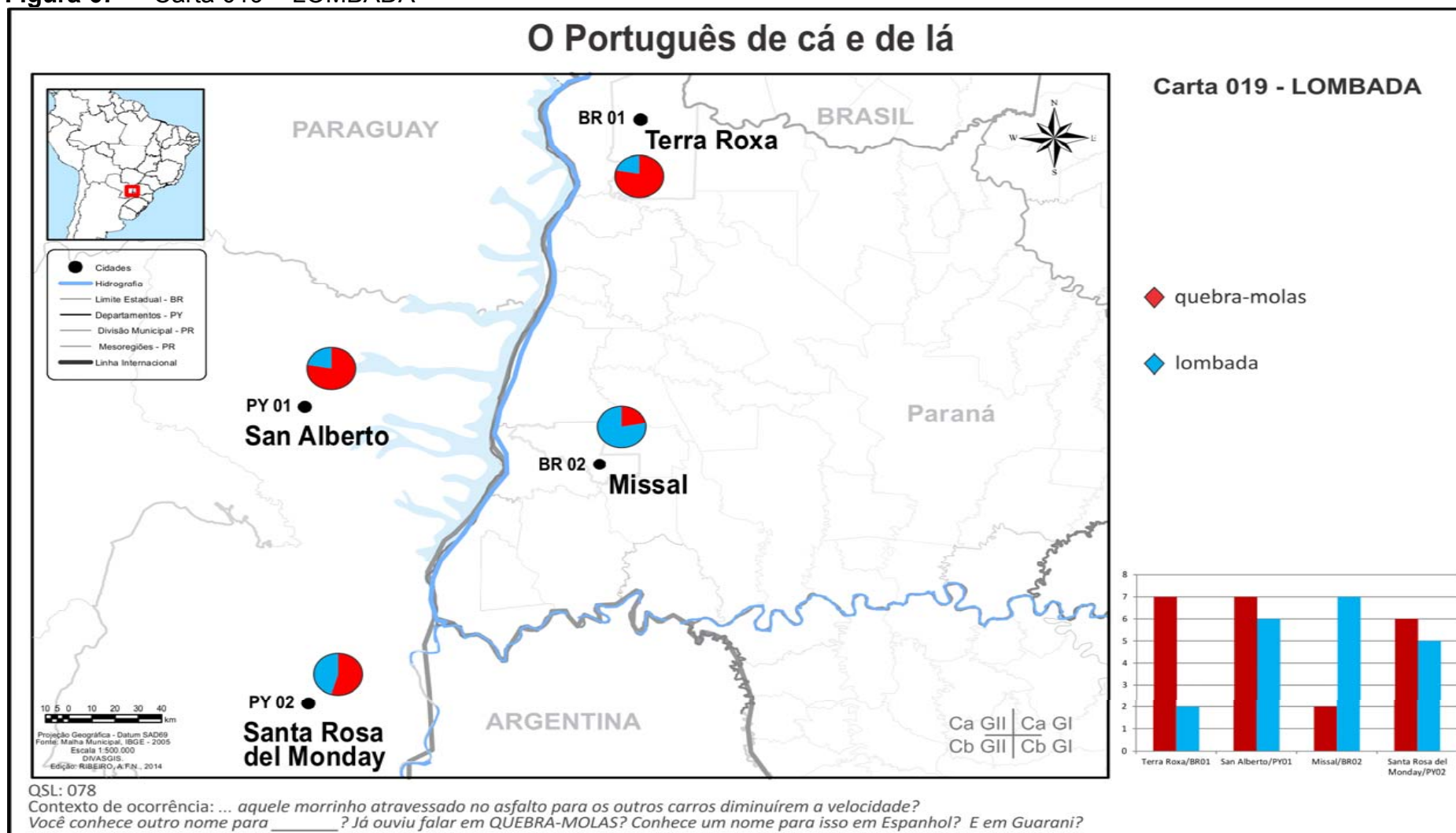
Por meio da análise dos dados, podemos inferir algumas conclusões: 1) a variante **doce** foi a mais representativa e parece estar em vias de fixação na cidade de Missal; 2) a dimensão diatópica é decisiva quanto ao uso da variante **chimia** que se mantém nas localidades ao sul, sobretudo em Santa Rosa del Monday; 3) a ocorrência da variante **geleia** não implica a substituição das outras variantes; 4) os paraguaios tendem a utilizar as mesmas variantes que os brasileiros/brasiguaios das localidades e 5) os parâmetros diastrático e diassexual não são suficientes para indicar o uso de uma variante em detrimento de outra.

j) Variantes para lombada

Foram apuradas duas designações para nomear o conceito “morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuir a velocidade”: **lombada** e **quebra-molas**. Os dados distribuídos diatopicamente apontam para uma preferência de **quebra-molas** ao norte e de **lombada** ao sul.

As duas variantes estão presentes em todas as localidades como ilustra a **Carta 019 – LOMBADA**.

Figura 67 - Carta 019 – LOMBADA



A variante **lombada** não foi documentada pela resposta espontânea na localidade de Terra Roxa. Contudo, está presente na fala dos homens de Ca sob a forma da insistência. Como sugestão a variante foi aceita pelas mulheres da GII e pelo HCbGI, porém, não foi aceita pela MCbGI e pelo HCbGII. É importante mencionar que a questão não foi formulada para a MCaGI dessa localidade.

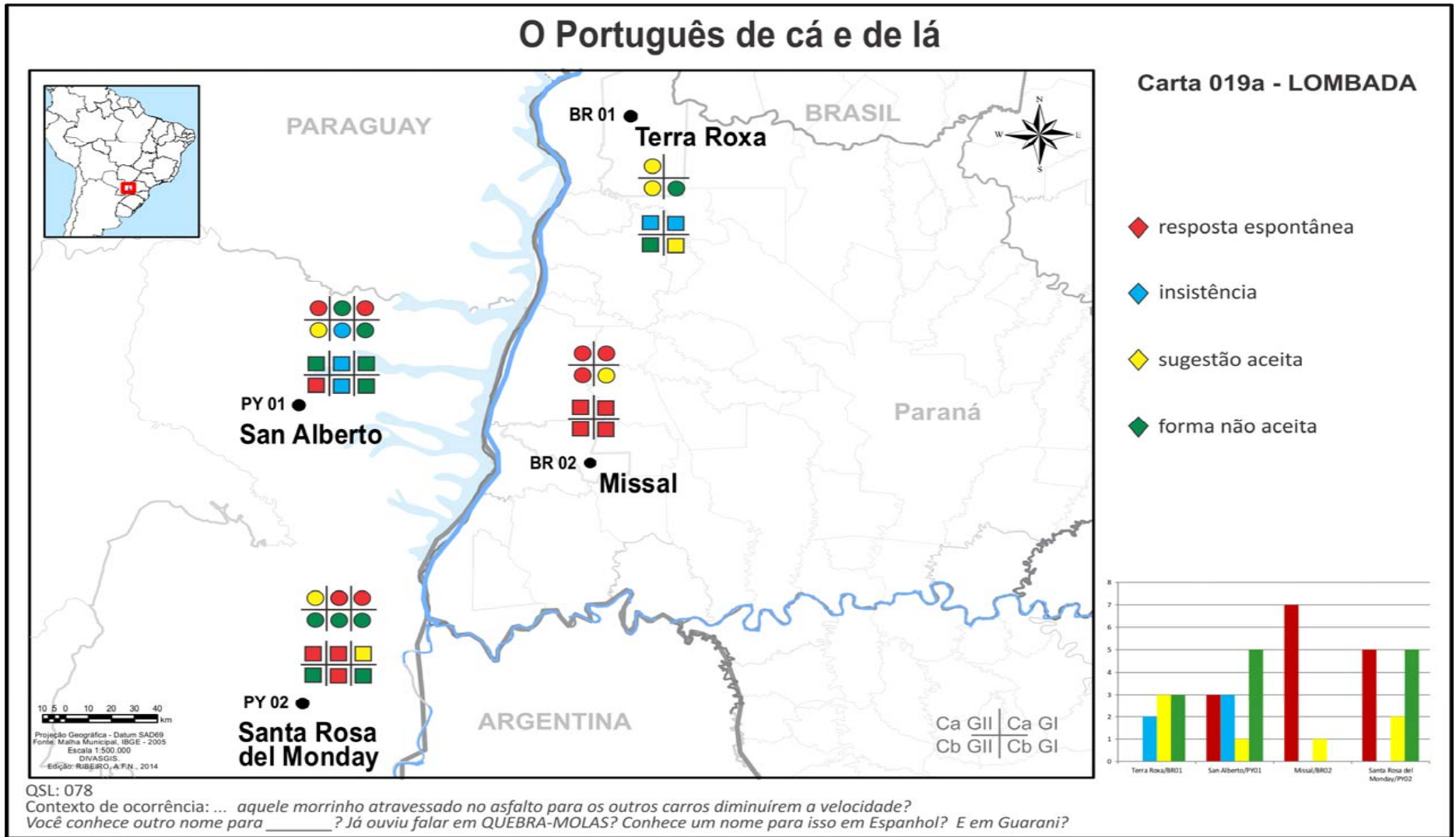
Em San Alberto, foi documentada a resposta espontânea nos informantes MCaGII, HCbGII e na paraguaia de Ca. Como insistência está presente na fala dos homens da GI e na MCbGI. A variante foi aceita como sugestão apenas pela MCbGII e não foi aceita por cinco informantes, a saber: MCaGI, MCbGIp, HCaGII e pelos homens paraguaios.

Na localidade de Missal, a variante **lombada** foi a mais produtiva, e documentada de forma espontânea em sete dos oito entrevistados. Um único informante, MCbGI, de 24 anos, nascida em Missal e descendente de italianos, aceitou a variante apenas como sugestão. Vale ressaltar que a resposta espontânea dessa informante foi **murundum**.

Em Santa Rosa del Monday, foram obtidas cinco respostas espontâneas, na fala das mulheres jovens, nos homens da GI e no HCaGII. Como sugestão, a variante **lombada** foi aceita pela MCaGII e pelo paraguaio de Ca. Nenhuma mulher de classe baixa e os homens CbGII e CbGIp aceitaram a sugestão.

O uso da variante **lombada** parece estar relacionado à dimensão diatópica. Os dados podem ser observados na **Carta 019a – LOMBADA**.

Figura 68 - Carta 019a – LOMBADA



A variante **quebra-molas** foi obtida como resposta espontânea em todas as localidades com exceção da cidade de Missal.

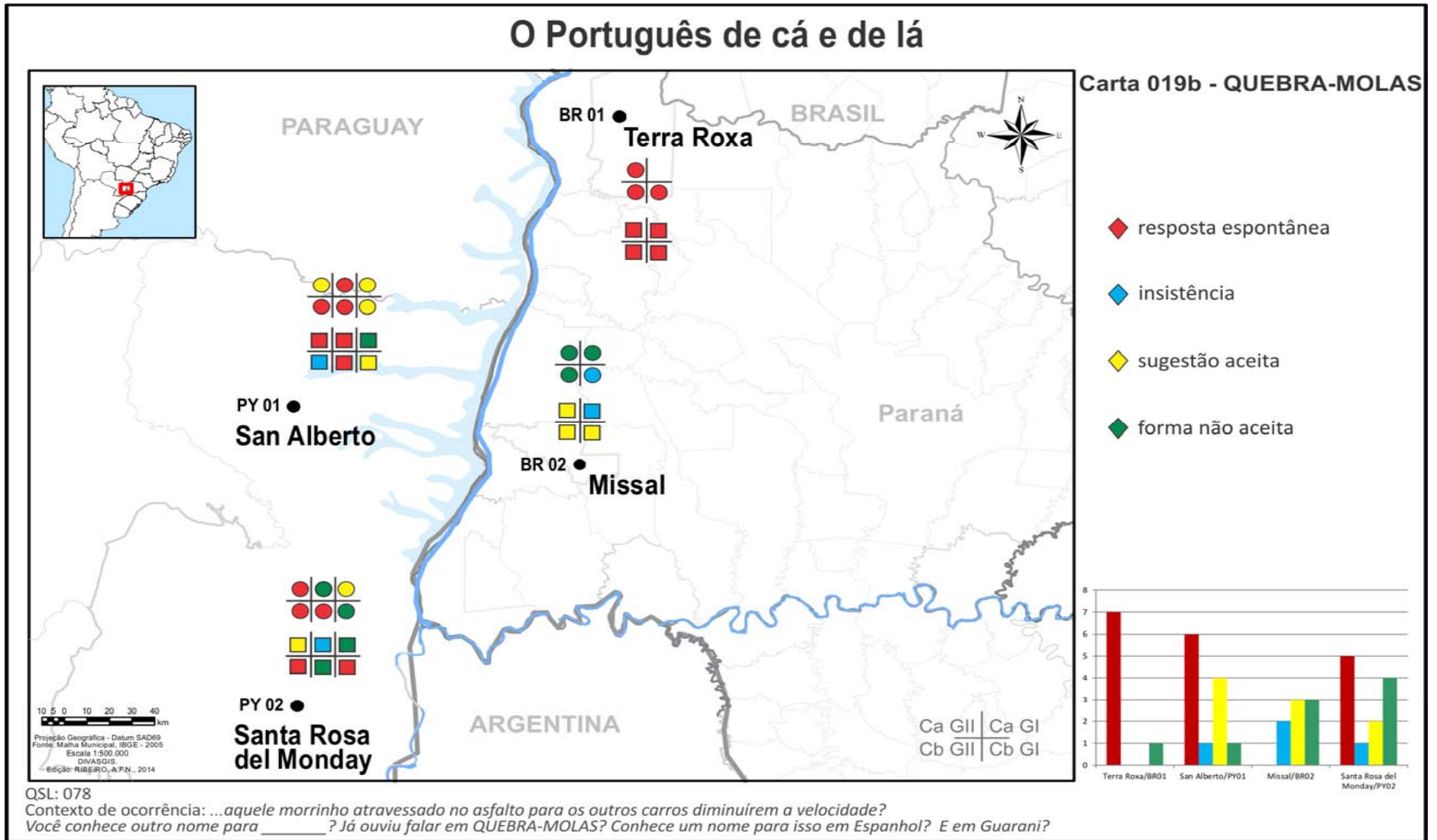
Em Terra Roxa foi documentada como resposta espontânea em todas as respostas válidas.

Como resposta espontânea foi registrada em seis informantes de San Alberto, em todo grupo jovem brasileiro/ brasiguaiio, na MCbGII e no HCaGII, representando metade dos informantes da localidade. Ainda está sob a forma a insistência na fala do HCbGII. Como sugestão, a variante **quebra-molas** está documentada na fala da MCaGII, na das paraguaias e na do homem paraguaio de Cb. Apenas não foi aceita pelo HCaGIp.

Em Missal, **quebra-molas** está registrada como insistência na fala da MCbGI e do HCaGI; foi aceita como sugestão pelos HGII e pelo HCbGI e não aceita pelas mulheres da GII e pela MCaGI.

A forma **quebra-molas** está presente em Santa Rosa del Monday em cinco respostas espontâneas: nas MGII, na MCbGI, HCbGII e no HCbGIp. No HCaGI, a variante apresentou-se como forma de insistência. A sugestão foi aceita pela mulher paraguaia Ca e pelo HCaGII. Os informantes MCaGI, MCbGIp, HCbGI e HCaGIp não aceitaram a variante. Na **Carta 019b – QUEBRA-MOLAS** os dados podem ser observados.

Figura 69 - Carta 019b – QUEBRA-MOLAS



Os dados analisados nas três cartas para as variantes **lombada** e **quebra-molas** sugerem que o uso dessas variantes está mais relacionado a fatores diatópicos do que sociais. Predomina o uso de **quebra-molas** ao norte e da variante **lombada** ao sul. Ainda, podemos verificar que a coexistência de respostas espontâneas e sugestões não aceitas em uma mesma localidade evidencia que a comunidade é plurivarietal, devido às migrações e à história de ocupação recente.

k) Variantes para bolinha de gude

Para designar aquelas “coisinhas redondas de vidro que os meninos costumam brincar” foram apuradas as unidades lexicais: **bolinha de gude**, **bolita**, **burquinha** e **bolica**.

Segundo a carta 302 do ALERS (2011b), a forma **bolita** é produtiva na maior parte do Rio Grande do Sul e se distribui rumo ao norte passando pelo Oeste de Santa Catarina e o Oeste paranaense. No Paraná, entretanto, a variante mais produtiva é **burquinha**. Já **bolica** está documentada no sudoeste do Paraná e na região central de Santa Catarina. Por fim, **bolinha de gude** ocorre no leste do Rio Grande do Sul, no litoral de Santa Catarina e há pouquíssimos registros no Paraná.

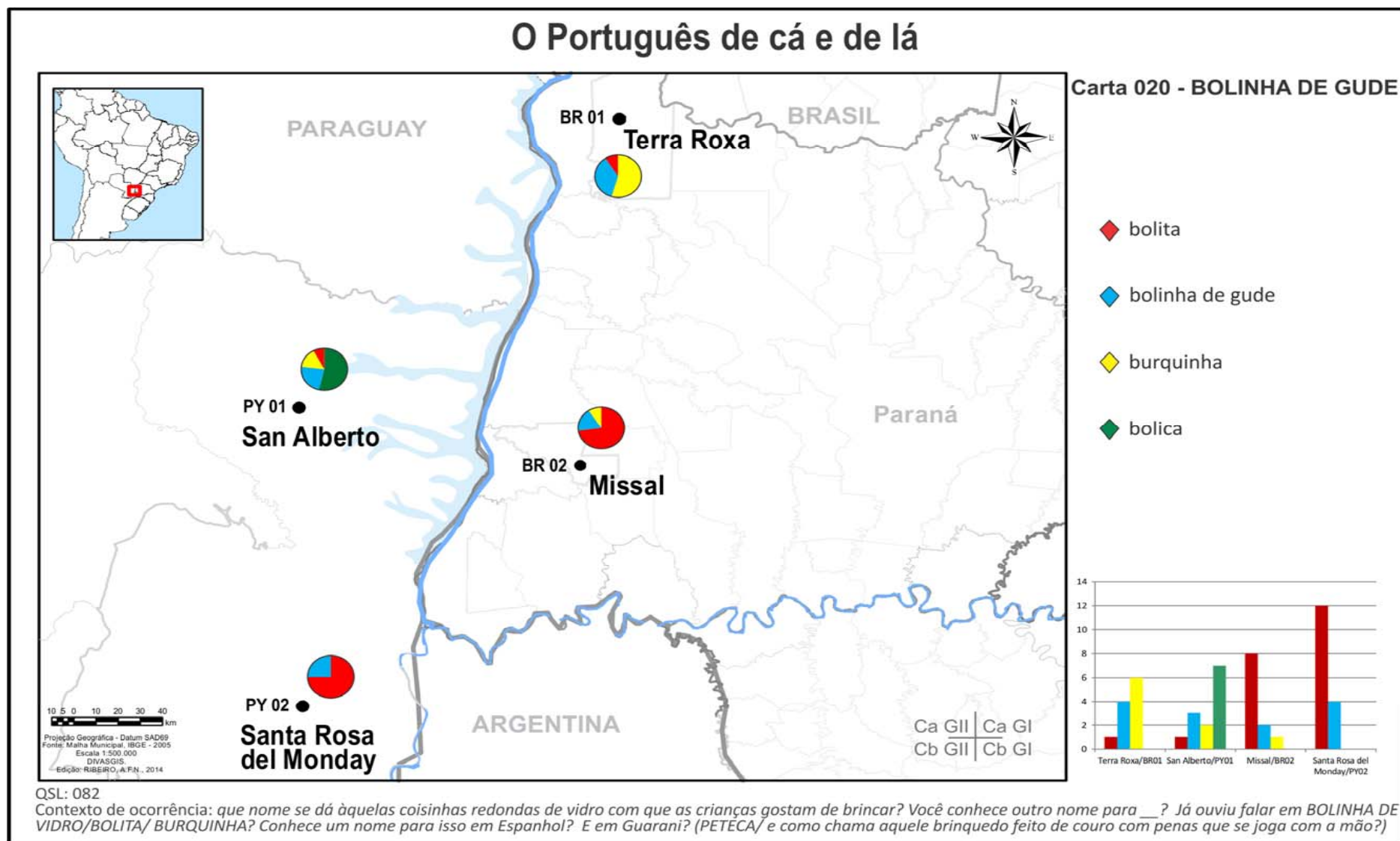
Conforme a carta L18d – Bolinha de Gude – as denominações registradas nas capitais da região Sul no ALiB (2014), no Rio Grande do Sul foram registradas as variantes **bolita**, **bolinha de gude** e **bola de gude**; em Santa Catarina **búrica**, **bola de gude** e **bolinha de gude**; no Paraná **bola de gude** e **búrica**.

Para a análise de dados desta tese, optamos por agrupar em apenas uma variante **bola de gude** e **bolinha de gude**. Também preferimos a variante lexical **burquinha** por ser a forma mais utilizada e natural que a dicionarizada **búrica**. Contudo, mantemos como variantes separadas **bolita** e **bolica**, devido à produtividade das duas variantes em questão.

Conforme o dicionário Houaiss (<http://houaiss.uol.com.br/>) as variantes **bolinha de gude** (*gode*) e **burquinha** (*búrica* ou *búraca*) são palavras de origem portuguesa, enquanto **bolita** tem sua origem no espanhol platino. Rocha (2008) menciona que a variante **bolica** é um desdobramento de **bolita**.

Vejamos a distribuição das variantes por localidade na **Carta 020 – BOLINHA DE GUDE**.

Figura 70 - Carta 020 – BOLINHA DE GUDE



Por meio da cartografia dos dados, podemos verificar que, em Terra Roxa, a variante mais produtiva foi **burquinha**, seguida de **bolinha de gude** e de **bolita**. Em San Alberto, a maior ocorrência recaiu em **bolinha de gude**, **burquinha** e **bolita**, respectivamente. Notamos que, nas localidades ao norte, houve o registro das mesmas variantes ainda que com número de ocorrências divergentes.

Em Missal, aparecem as quatro variantes, enquanto em Santa Rosa del Monday, apenas duas foram documentadas: **bolita** e **bolinha de gude**.

Para a compreensão do uso dessas variantes optamos por cartografá-las em separado, sendo **bolinha de gude** a primeira a ser destacada.

Bolinha de gude é a variante mais utilizada na região Sudeste, conforme a carta L18c – Bolinha de Gude – denominações registradas nas capitais da região sudeste do ALiB (2014).

Em Terra Roxa, **bolinha de gude** foi obtida como resposta espontânea na fala dos homens da GI, pela insistência nas mulheres de Ca e não foi aceita pelos demais informantes.

Em San Alberto, a variante aparece como resposta espontânea na fala das mulheres: CbGII e CaGIp; Como sugestão aceita, na fala da brasiguiaia de GI e na fala do HCbGII. A variante **bolinha de gude** não foi aceita pelos informantes HGI, pelo grupo CaGII e pela paraguaia Ca. Aparentemente, a variante é mais utilizada por mulheres que pelos homens.

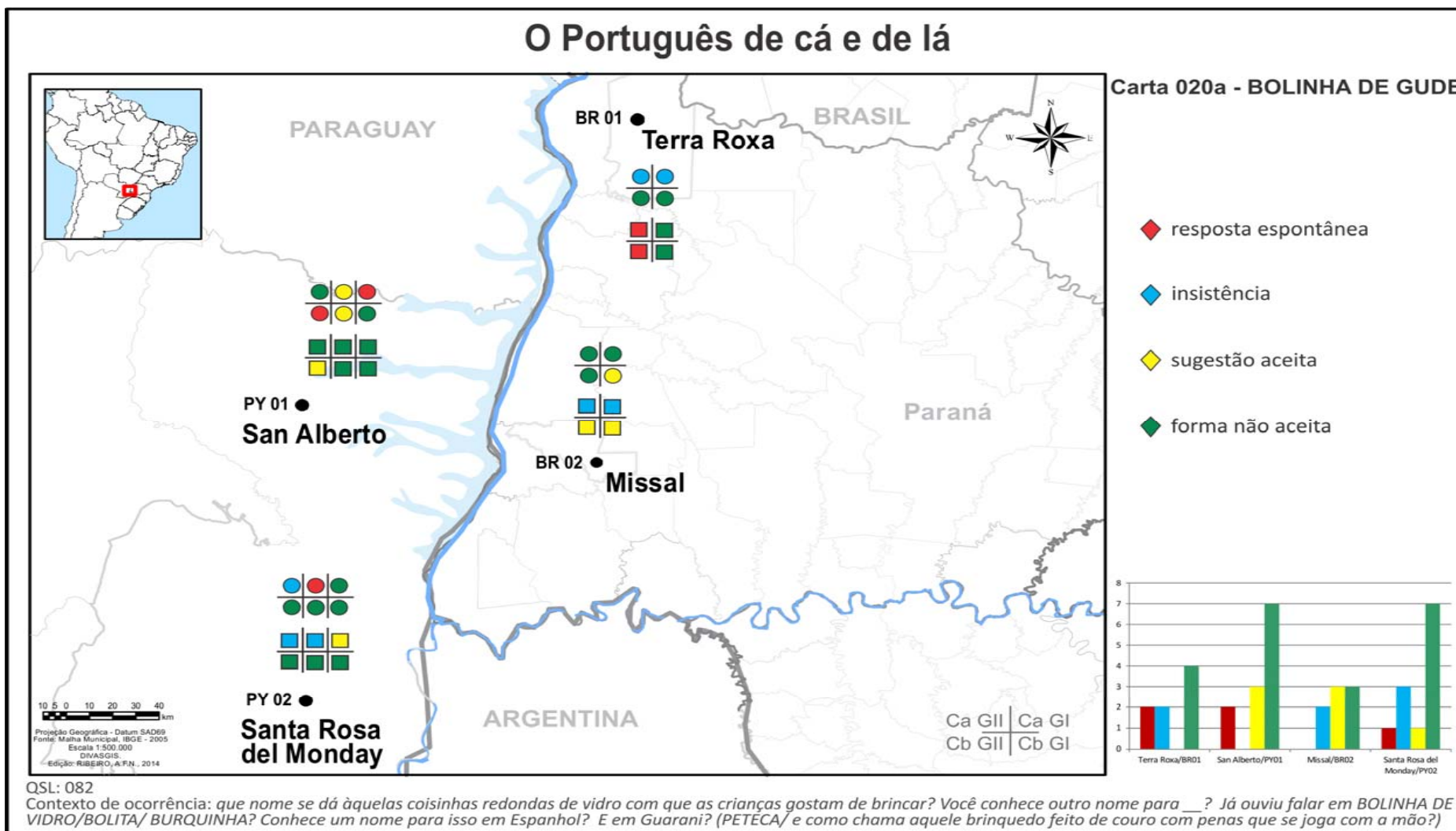
Não há ocorrência da variante como resposta espontânea na cidade de Missal. Pela insistência foi registrada nos HCa e como sugestão foi aceita pela MCbGI e pelos HCb. A variante não foi aceita pelas MGII e pela MCaGI. Pelo exposto, podemos afirmar que, nessa localidade, a variante predominou na fala dos homens.

Em Santa Rosa del Monday, ocorreu apenas uma vez a variante sob a forma espontânea: MCaGI. Como resposta obtida por meio da insistência, a variante **bolinha de gude** foi documentada na fala dos informantes de Ca: MGI, HGII e HGI. O homem paraguaio de classe alta aceitou a variante como sugestão. Nenhum informante da classe baixa e a MCaGIp aceitou a sugestão, o que nos sugere que a variante está pautada nas classes altas nessa localidade.

Os dados apontam que, além da dimensão diatópica, parece que o uso e o conhecimento da variante **bolinha de gude** estão relacionados às classes sociais mais altas, e à dimensão diassexual conforme as respostas espontâneas e

as respostas obtidas pela insistência. Observemos a **Carta 020a – BOLINHA DE GUDE.**

Figura 71 - Carta 020a – BOLINHA DE GUDE



A segunda variante cartografada foi **bolita**. Em Terra Roxa, não foi obtida como resposta espontânea, contudo, está registrada na forma da insistência no HCaGI. A sugestão foi aceita pelos informantes: HCaGII, HCbGI, porém, não foi aceita por nenhuma mulher e pelo informante HCbGII.

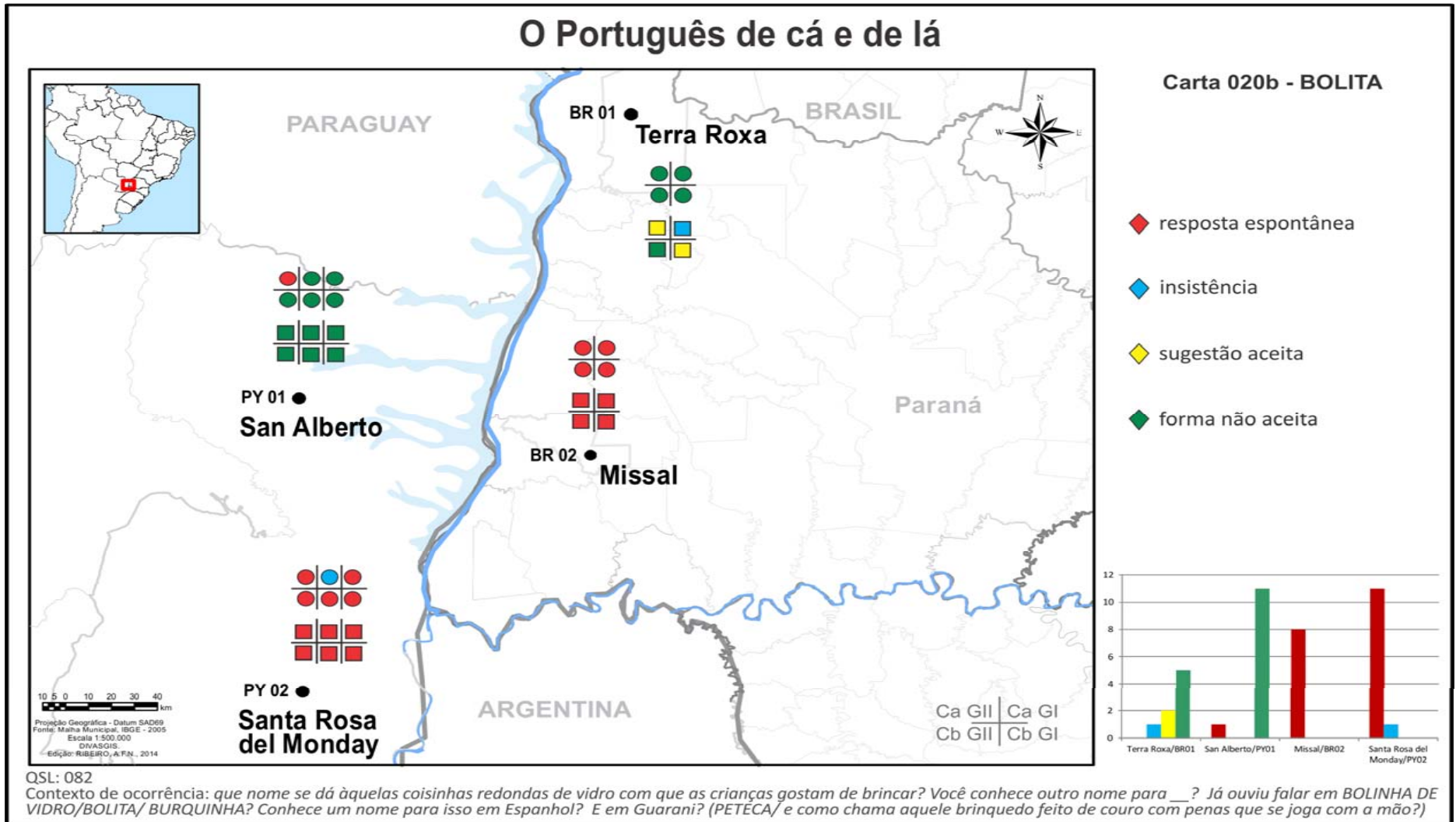
Uma única resposta espontânea foi documentada em San Alberto, na fala da MCaGII. A informante em questão tem 43 anos, é natural de Nova Aurora, no Oeste do Paraná, e sua família materna é descendente de nordestinos, enquanto sua família paterna é descendente de alemães. Nenhum outro informante aceitou a sugestão.

Na localidade de Missal, a forma **bolita** foi citada como forma espontânea por todos os informantes.

Em Santa Rosa del Monday, o item lexical **bolita** foi o mais produtivo, obtido por meio da insistência apenas na fala da informante MCaGI, e como resposta espontânea em todos os outros informantes.

Não há dúvida de que a variante trazida pelos gaúchos continua presente na fala das localidades ao sul. Devido à produtividade da variante não há indícios de implantação de outra variante nas localidades. Os dados são apresentados na **Carta 020b – BOLITA**.

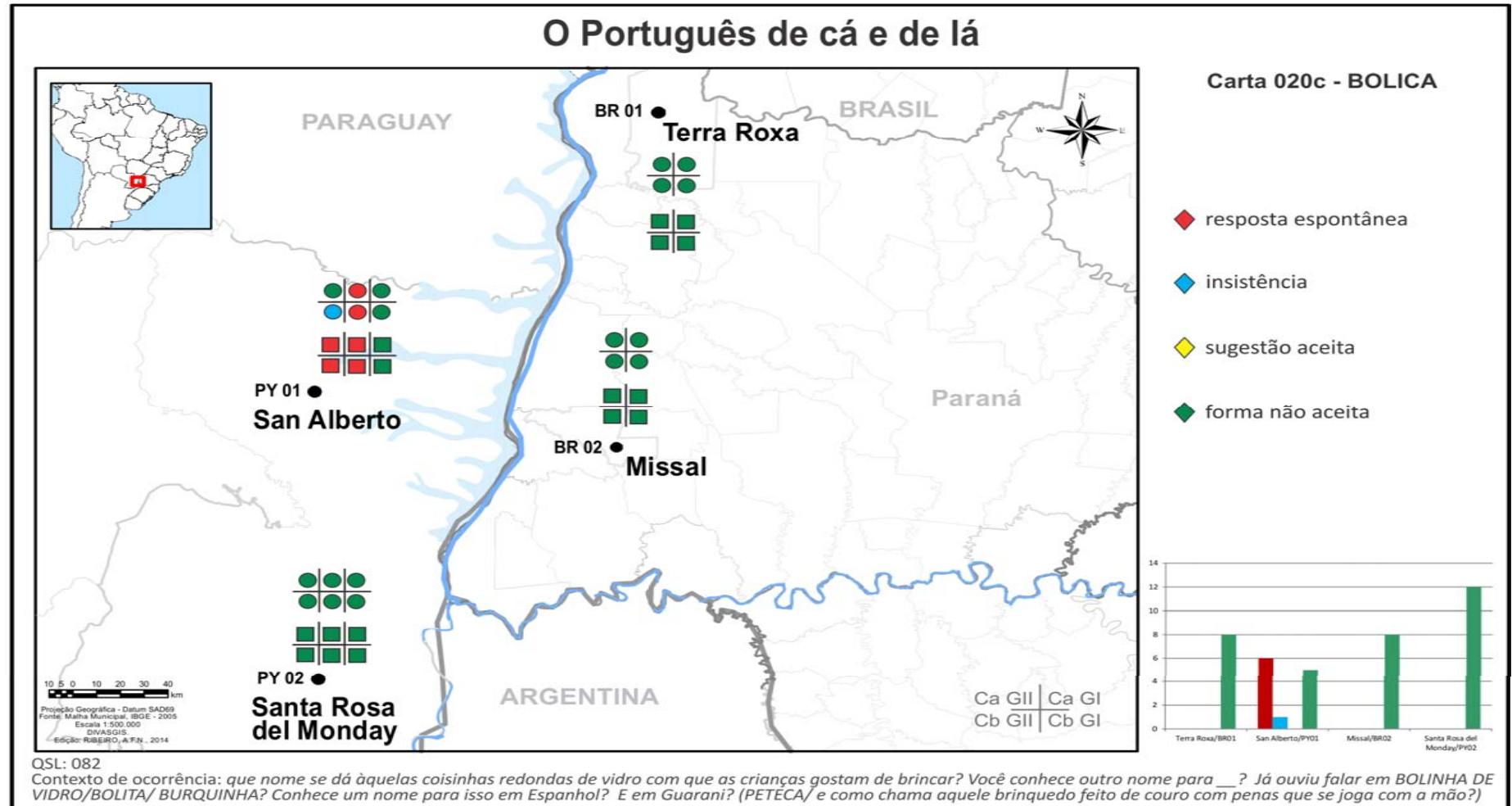
Figura 72 - Carta 020b – BOLITA



A terceira variante catalogada foi **bolica**, não registrada nas localidades de Terra Roxa, de Missal e de Santa Rosa del Monday. Contudo, é a mais produtiva em San Alberto.

Nessa localidade paraguaia, **bolica** foi mencionada por todos os homens brasileiros e brasiguaios e pelas mulheres da GII sob a forma de resposta espontânea. Por meio da insistência, foi documentada na fala da MCbGII. A MCaGII e os paraguaios não aceitaram a sugestão. Vale ressaltar que essa foi a localidade em que há mais informantes com familiares, pais e avós, oriundos de Santa Catarina, de descendência alemã, razão pela qual a variante **bolica** deve ter chegado ao Paraguai. Os dados podem ser averiguados na **Carta 020c – BOLICA**.

Figura 73 - Carta 020c – BOLICA



A quarta e última variante cartografada foi **burquinha**, a variante mais paranaense documentada.

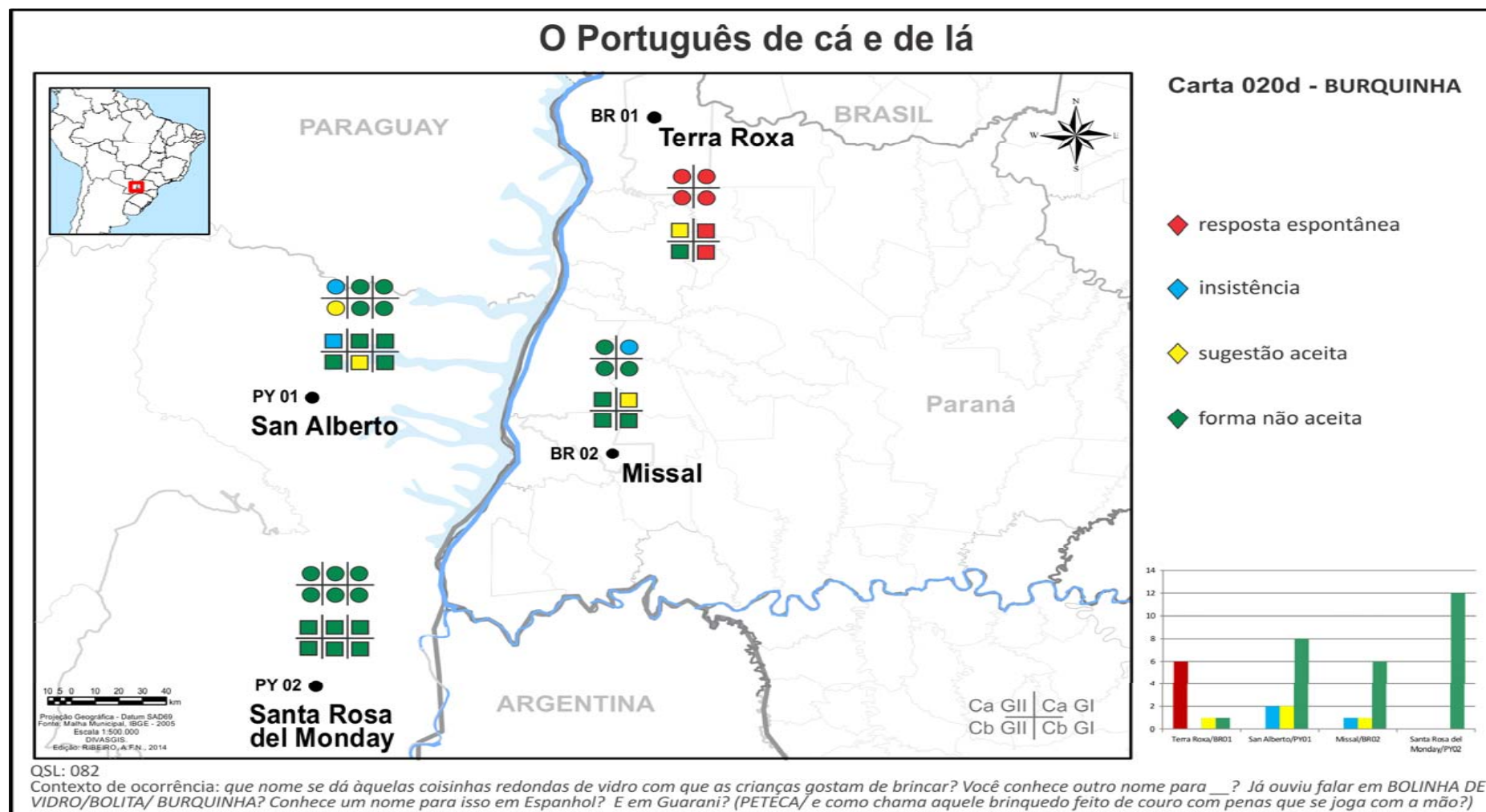
Em Terra Roxa, foi registrada de forma espontânea na fala de todas as mulheres e na fala dos homens jovens. Como sugestão foi aceita pelo HCaGII e não aceita pelo HCbGII.

Em San Alberto, **burquinha** foi documentada pela insistência no grupo CaGII e sob a forma da sugestão nas respostas dos informantes MCbGII e HCbGI. Os demais informantes não aceitaram a variante.

A variante **burquinha** está representada na fala dos informantes de Missal pela insistência na MCaGI e como sugestão no HCaGI. Os demais informantes não a aceitaram. Em Santa Rosa del Monday, não foi registrada essa variante.

Os dados demonstram, mais uma vez, a influência da variedade de origem como condicionador do uso de uma variante em detrimento de outra. Conforme a carta L18d – Bolinha de Gude – denominações registradas nas capitais da Região Sul do ALiB (2014), Curitiba é a única capital brasileira onde se registra **burquinha** como variante para **bolinha de gude**, **bolita** ou **bolica**. O uso dessa variante foi mapeado na **Carta 020d – BURQUINHA**, apresentada na sequência.

Figura 74 - Carta 020d – BURQUINHA



I) Variantes para pipa

Foram documentadas três variantes: **pipa**, **pandorga** e **papagaio**.

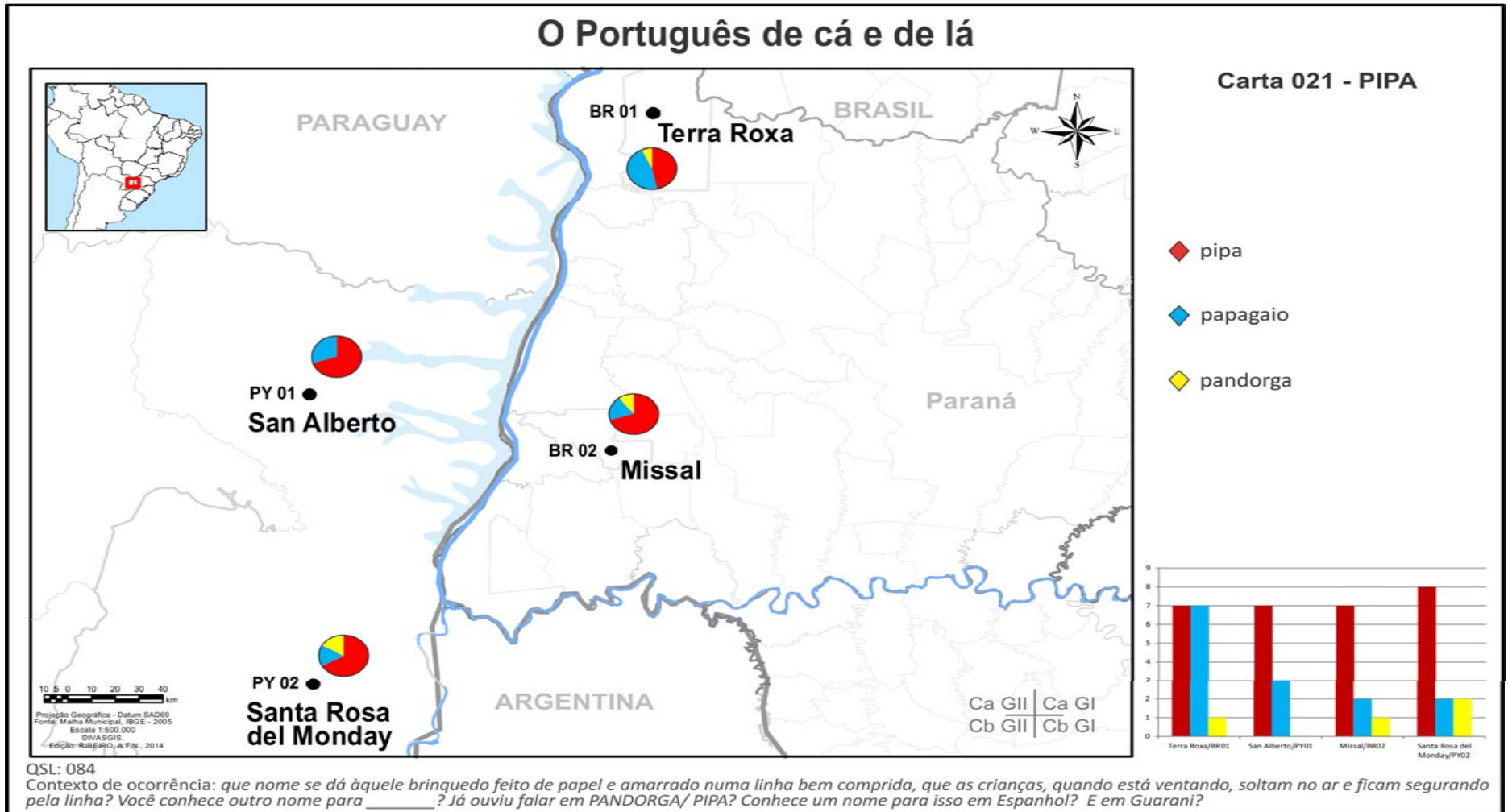
De acordo com os dados registrados na carta 304 no ALERS (2011b), ainda que as três variantes estejam presentes em toda Região Sul, no Rio Grande do Sul predomina **pandorga**; em Santa Catarina, **pandorga** concorre com **pipa**; e, no Paraná, a forma **papagaio** está em concorrência com **pipa**, contudo, **pandorga**, registrada em menor produtividade, aparece no sudoeste do estado.

Conforme a carta L20d – Brinquedo de empinar (com varetas) – denominações registradas nas capitais da região Sul do ALiB (2014), a forma mais produtiva na região foi **pandorga**, seguida de **pipa** e **papagaio**. Ainda em Curitiba foi documentada a forma **raia**.

Os estudos de Rocha (2008) sobre o contato do português com o espanhol no Sul do Brasil, sugere que a variante **pandorga** tenha penetrado no vocabulário rio-grandense pelas fronteiras uruguaia e argentina e transportadas com os gaúchos durante a migração para o norte, deixando presente a variante no Oeste catarinense e paranaense.

No Oeste paulista, Santos-Ikeuchi documentou apenas duas variantes concorrendo em igual proporção: **pipa** e **papagaio**. Vejamos na **Carta 021 – PIPA**, as variantes cartografadas em cada localidade.

Figura 75 - Carta 021 – PIPA



Dentre as variantes lexicais obtidas como designação do brinquedo de papel e varetas, optamos por cartografar em separado três delas: **pipa**, **pandorga** e **papagaio**.

A primeira variante analisada, a mais produtiva em todas as localidades, foi **pipa**.

Em Terra Roxa, a forma **pipa** foi citada como resposta espontânea em 1/3 dos informantes, a variante foi registrada na fala do HCaGI e como sugestão aceita pelo HCbGII. A resposta espontânea dos HCbGI foi **papagaio**.

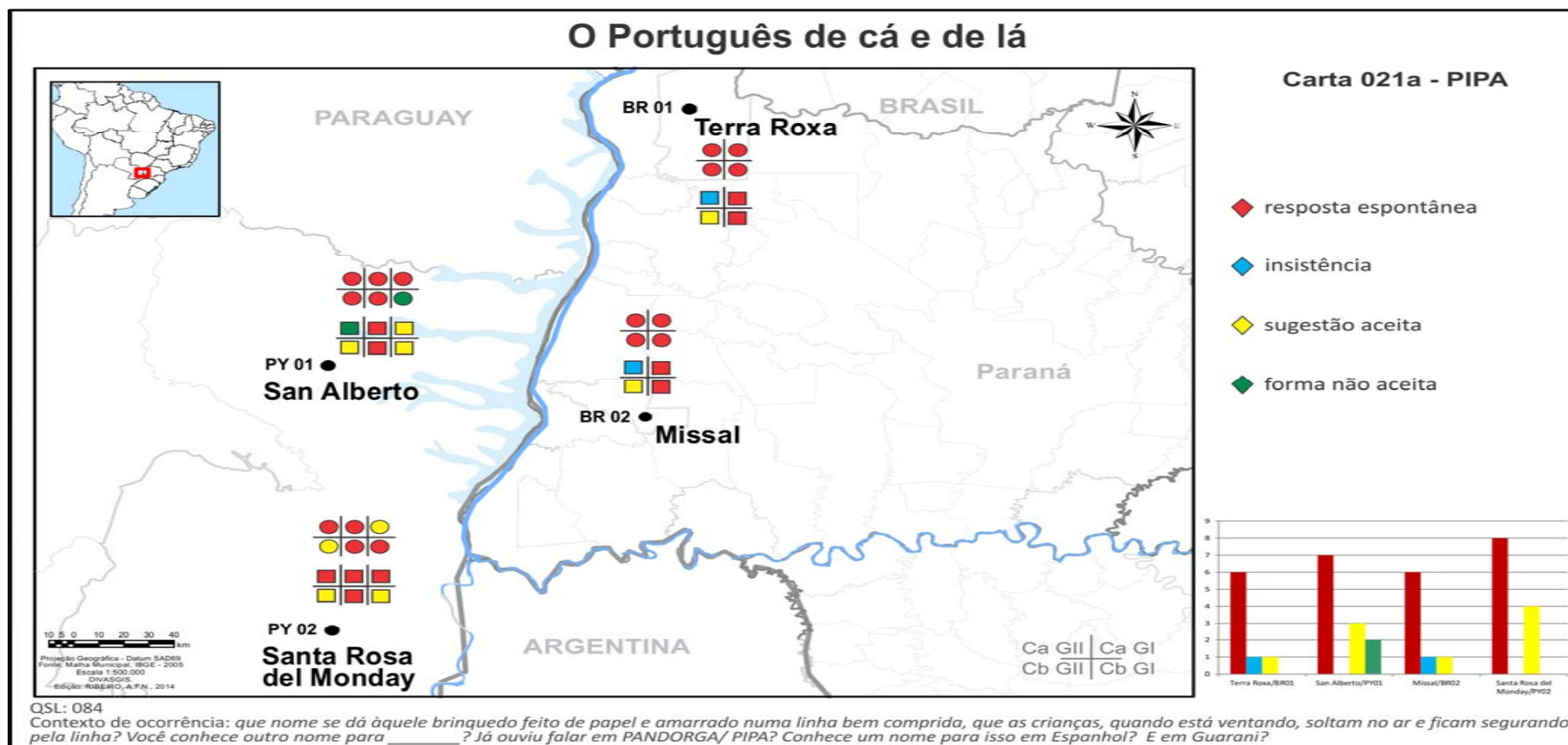
Na localidade de San Alberto, como resposta espontânea a variante **pipa** está presente em todas as mulheres, com exceção da jovem paraguaia da Cb que não aceitou nenhuma das variantes em português. A variante **pipa** também foi resposta espontânea dos brasiguaios. Como sugestão, **pipa** foi aceita pelos homens paraguaios e pelo HCbGII e refutada pelo HCaGII. Novamente a resposta espontânea dos HCbGI foi **papagaio**.

Em Missal, os dados recolhidos são idênticos aos da cidade de Terra Roxa, exceto entre os homens da GII, que não utilizaram a variante **pipa** em sua primeira resposta e empregaram como espontânea a forma **pandorga**: CaGII e a variante **papagaio**: CbGII.

Como resposta espontânea, a variante **pipa** foi registrada de forma espontânea, na localidade de Santa Rosa del Monday, no grupo CaGII, em todos os brasiguaios, além dos paraguaios MCbGIp e HCaGIp. Os demais informantes aceitaram **pipa** como sugestão. A resposta espontânea da MCbGII foi **papagaio** e do HCbGI foi **pardal**, porém, essa resposta não foi considerada válida.

Como pudemos verificar, a variante **pipa** é empregada por todos os jovens entrevistados. Também constatamos a preferência por essa variante na fala das mulheres. Na sequência, os dados podem ser averiguados na **Carta 021a – PIPA**.

Figura 76 - Carta 021a – PIPA



© Carlos (2015)

A variante **pandorga** foi a segunda cartografada e apareceu sob a forma de resposta espontânea apenas na cidade de Missal, na fala do informante HCaGII.

Em Terra Roxa, a variante aparece na fala da MCaGII sob a forma da sugestão e na fala do HCaGII pela insistência. Os demais informantes parecem não conhecer a variante **pandorga**. Segundo a informante MCaGII: “aqui **pandorga** se usa pouco”.

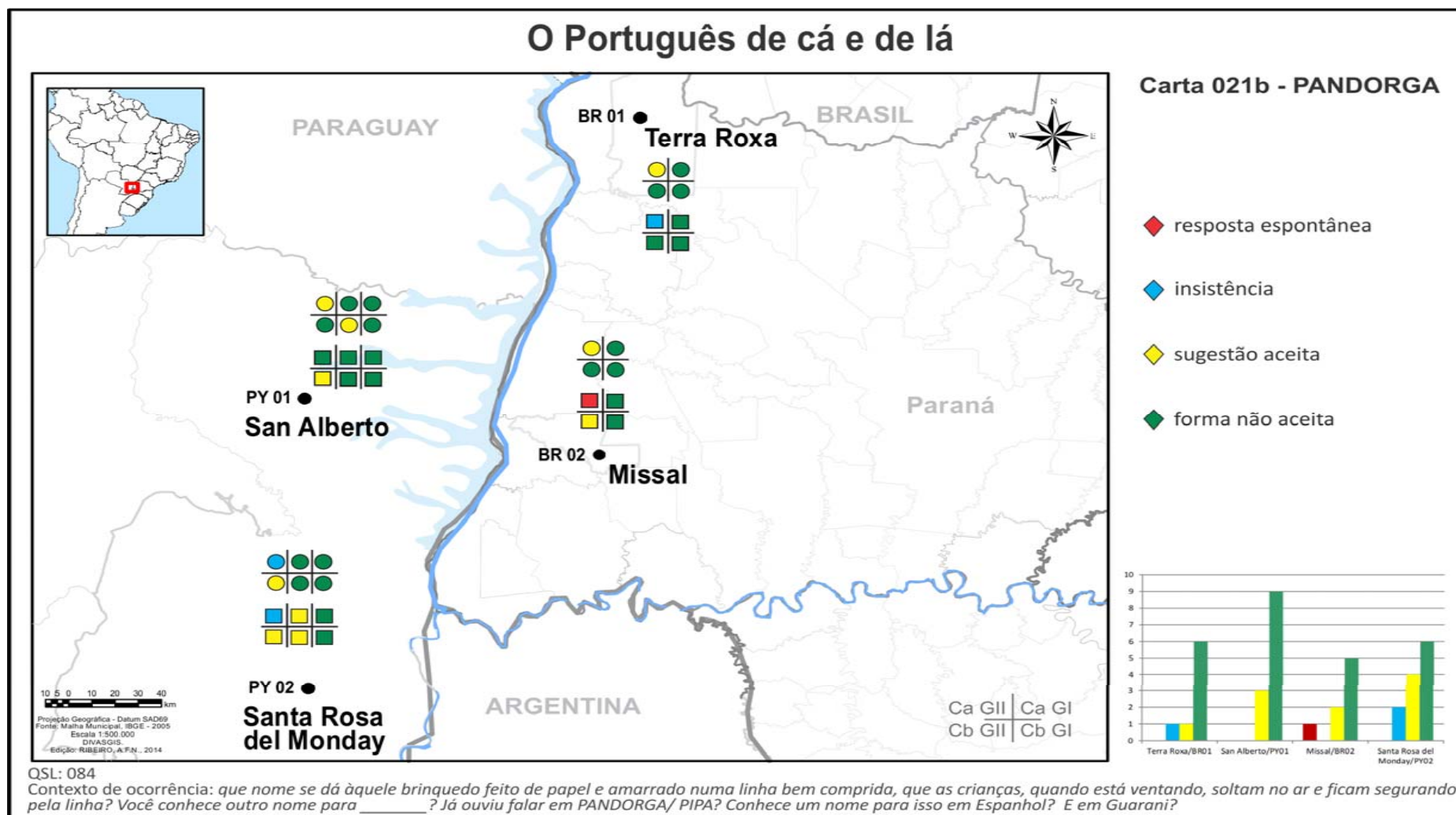
A variante foi registrada em San Alberto apenas sob a forma de sugestão nos informantes MCaGII, HCbGII e MCbGI.

Em Missal foi registrada uma única resposta espontânea para **pandorga**, na fala do informante HCaGII. Os informantes MCaGII e HCbGII aceitaram a variante como sugestão e os demais informantes não aceitaram a variante.

Em Santa Rosa del Monday, aparece pela insistência na fala do grupo CaGII e pela sugestão na fala dos informantes do grupo CbGII e dos homens brasiguaios. As mulheres jovens e os homens paraguaios não aceitaram a variante **pandorga** como sugestão. A MCaGII ressalta: “quando eu era pequena era pandorga”.

Os dados comprovam que a variante trazida do sul pelos colonizadores está passando por um processo de substituição, pois a forma **pipa** já é a mais utilizada pelo grupo jovem. Vejamos os dados na **Carta 021b – PANDORGA**:

Figura 77 - Carta 021b – PANDORGA



Papagaio foi a terceira e última variante lexical cartografada. Na localidade de Terra Roxa, foi registrada como resposta espontânea na fala dos HGII, sob a forma da insistência em todas as mulheres e no HCaGI. O HCbGI não aceitou a variante como sugestão.

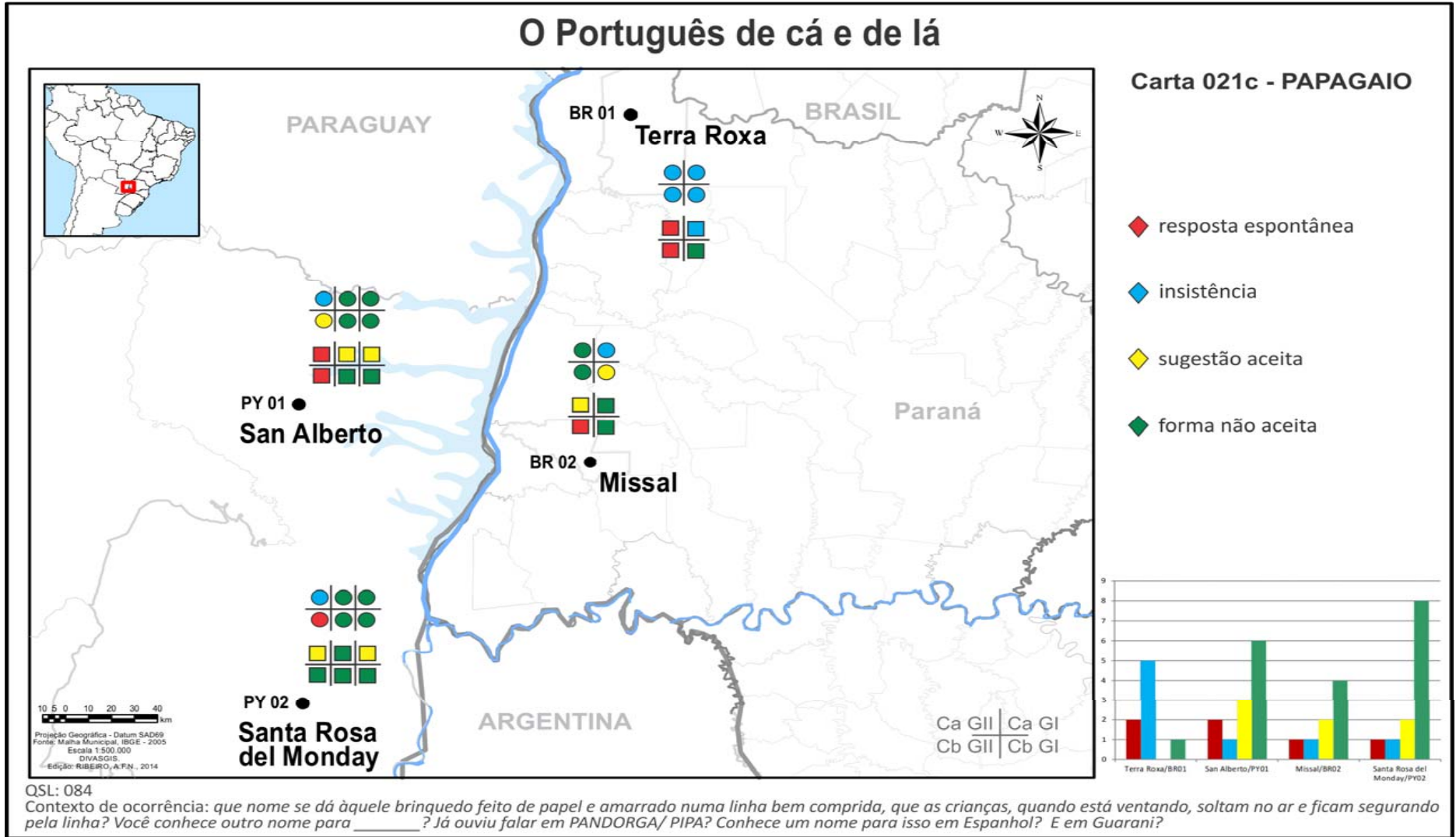
Em San Alberto, a forma **papagaio** também está documentada como resposta espontânea na fala dos HGII, aparece como insistência na fala da MCaGII e como sugestão na fala dos homens jovens da Ca e da MCbGII. As informantes jovens e os homens paraguaios não aceitaram a sugestão.

A variante **papagaio**, em Missal, se faz presente como resposta espontânea apenas no HCbGII, como insistência na MCaGI. Foi aceita como sugestão pelos informantes MCbGI e HCaGII. As mulheres da GII e os homens da GI não aceitaram a variante.

Em Santa Rosa del Monday, a resposta espontânea foi registrada na fala de apenas um informante: MCbGII. Como insistência aparece a fala da MCaGII. A sugestão foi aceita apenas pelos homens CaGII e CaGIp e não foi aceita por nenhuma mulher jovem, pelos brasiguaios homens e pelos informantes HCbGII e HCbGIp.

Os dados apontam que a forma **papagaio** ainda está presente na cidade de Terra Roxa, localidade com mais influências nortistas, mas já em concorrência com **pipa**, sobretudo entre os mais jovens. Nas outras localidades, notamos uma pequena ocorrência na fala dos mais velhos, contudo na fala dos jovens a variante não está sendo utilizada, o que nos indica uma mudança em andamento. Na **Carta 021c – PAPAGAIO**, os dados podem ser observados.

Figura 78 - Carta 021c – PAPAGAIO



A análise dos dados das cartas referentes ao item lexical **pipa** demonstra uma possível mudança em andamento, uma vez que as formas **pandorga** e **papagaio** foram pouco produtivas, sobretudo entre as mulheres e os jovens nas localidades analisadas. Ainda, poderíamos afirmar que, nesse caso, além dos jovens, as mulheres são propulsoras da mudança linguística.

4.3 VARIÁVEIS MORFOSSINTÁTICAS

Apenas três variáveis morfosintáticas foram selecionadas para a análise. Uma com relação ao uso dos pronomes de tratamento **tu** e **você**, na tentativa de identificar traços do falar sulista e nortista. As outras duas, mais gerais na estrutura da língua portuguesa no Brasil, referem-se ao uso dos pronomes pessoais depois de preposição na expressão para **eu** fazer *versus* para **mim** fazer e ao uso dos pronomes indefinidos **menos** e **menas**.

a) Uso de EU e MIM

Conforme normas gramaticais da língua portuguesa, antes de verbos, deve ser utilizado o pronome pessoal no caso reto, que funciona como sujeito. Conforme a gramática de Celso Cunha (<http://www.gramaticadigital.com.br/>), “Cumprir-se evitar-se uma incorreção muito generalizada, que consiste em dar forma oblíqua ao sujeito do verbo no infinitivo. Diga-se: Isto não é trabalho *para eu* fazer; e não: Isto não é trabalho *para mim* fazer”.

Contudo, sabemos que os usos na linguagem oral, nem sempre, obedecem às regras da gramática normativa padrão.

Em Terra Roxa, o uso de **eu** foi registrado na fala do grupo MCa e no HCaGII. Nota-se a tendência do uso de **mim** nas classes baixas e no grupo HGI.

Houve apenas três ocorrências do uso de **eu** em San Alberto: duas pelo grupo jovem paraguaio: MCa e HCb e outra pelo HCbGI. O informante HCaGIp respondeu **yo**.

Em Missal foi registrada apenas uma única ocorrência de **eu**: HCaGII, enquanto houve sete registros para o **mim**.

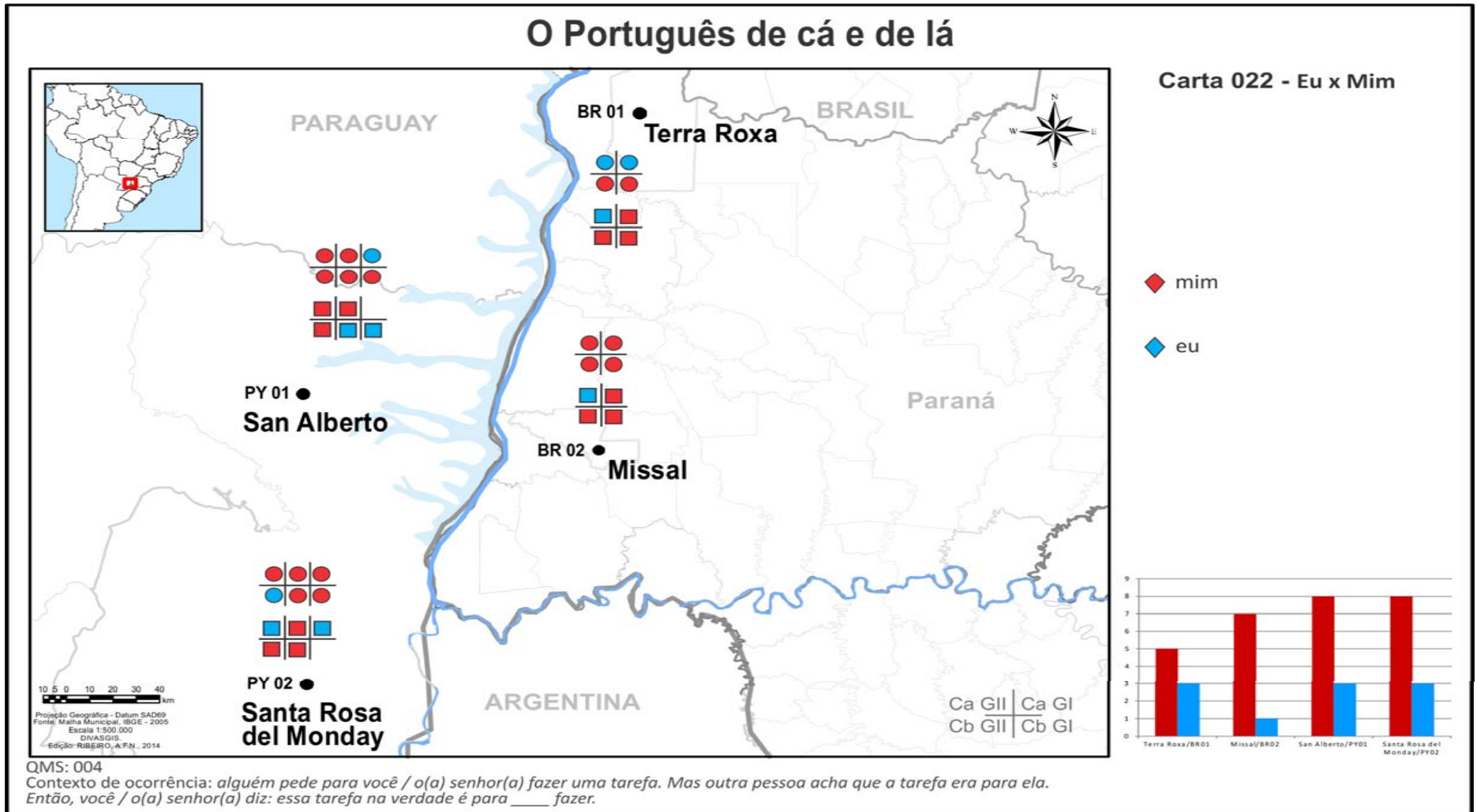
Documentamos três registros de **eu** para oito **mim**, em Santa Rosa del Monday. O informante GIGbp não respondeu a questão de forma que pudéssemos analisar o uso das variantes.

Se contabilizarmos todas as respostas válidas, verificamos a ocorrência de total de 10 para o uso de **eu** e 28 para o uso de **mim**.

Ressaltamos que três das respostas obtidas como **eu** são de paraguaios, embora na língua espanhola não haja esse tipo de variação. Contudo, também obtivemos três usos de **mim** por paraguaios, o que nos leva a deduzir que a língua portuguesa falada pelos brasileiros nas localidades paraguaias pode ter influenciado essas respostas.

Os dados demonstram que há uma tendência geral ao uso de **mim** no português brasileiro, ainda que esta não seja a forma padrão. Verificamos que a variante não está sendo empregada somente pelos informantes de pouca escolaridade, como se imaginava. Vejamos a **Carta 022 – Eu x Mim**

Figura 79 - Carta 022 – Eu x Mim



b) Uso de Tu e Você

Essa questão deixou muitas lacunas pelo fato de a maioria dos informantes omitir o pronome, mencionando apenas o verbo, na terceira pessoa do singular, por exemplo: “vai pra onde? Vai viajar? Pra onde vai? De acordo com Celso Cunha (<http://www.gramaticadigital.com.br/>),

Os pronomes sujeitos *eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa.

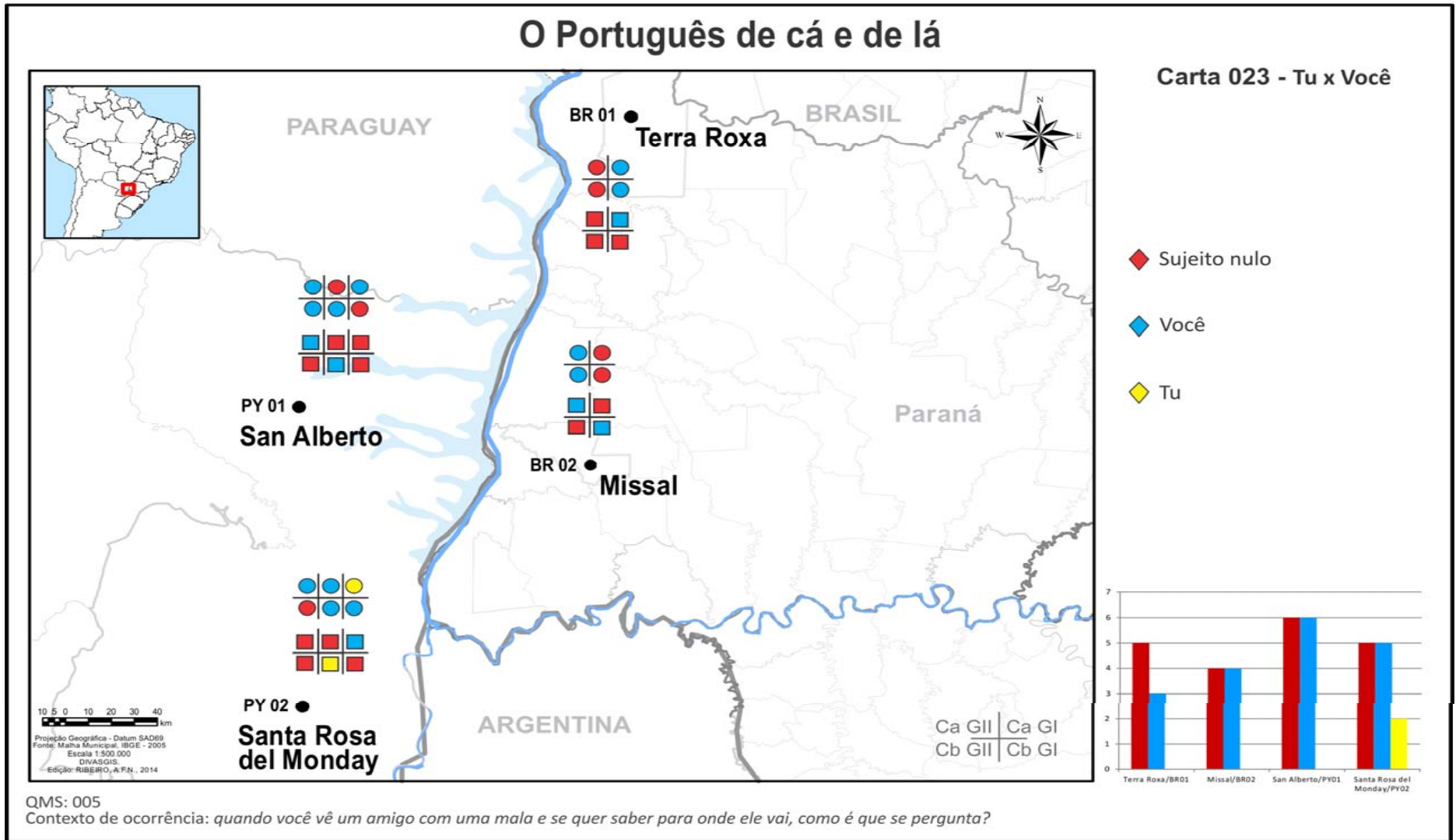
Na carta 044 do ALERS (2011a), o uso dos pronomes **tu** e **você** foi cartografado com os seguintes resultados: no Rio Grande do Sul, com o predomínio massivo do pronome de tratamento **tu**, em Santa Catarina com maior frequência do **sujeito nulo** e, no Paraná, com a dominação do **você**.

Nas localidades ao norte, Terra Roxa e San Alberto ocorreu o pronome **você**, mas também houve muita ausência de uso pronominal. Acreditamos que o pronome **tu** não seja usado nessas localidades, no entanto, esse estudo deve ser aprofundado.

Nas localidades ao sul, ainda que tenhamos obtido apenas duas respostas para a variante **tu**, sendo uma do HCbGI e outra da MCaGIp, para essa questão em Santa Rosa del Monday, esse pronome foi mencionado pelos informantes durante a entrevista, seja durante as narrativas seja nas questões metalinguísticas. Nessa localidade, o HCaGI questiona a inquiridora: “mas tu pediu em espanhol”, o que nos remete ao uso do pronome **tu** em outras circunstâncias. No entanto, podemos averiguar que o pronome **você** está presente nessas localidades, documentado em metade das respostas das cidades com influências sulistas.

A maioria das respostas que obtivemos foi com sujeito nulo e com o verbo na flexão de terceira pessoa do singular. Não registramos nenhum sujeito nulo com o verbo conjugado como segunda pessoa do singular. No entanto, como verificamos na fala do informante HCaGI, de Santa Rosa del Monday, nem sempre o verbo é flexionado na concordância com o pronome **tu**: “tu pediu”. Observemos a **Carta 023 – Tu x Você**.

Figura 80 - Carta 023 – Tu x Você



c) Uso de Menos x Menas

Menos é um advérbio, portanto, não deveria sofrer flexão. Contudo, como se pode notar no uso da linguagem popular e do dia a dia, encontra-se a variante **menas**.

A questão utilizada para obter o advérbio QMS 32, ALiB (2011), apresenta o seguinte enunciado: *Paulo tem muita força e Luís tem pouca força. Podemos dizer: “Paulo tem mais força que Luís. Luís, pelo contrário tem _____ força do que Paulo”*.

O substantivo feminino *força* pode induzir o informante a fazer concordância de gênero inadequada no advérbio: **menas** força.

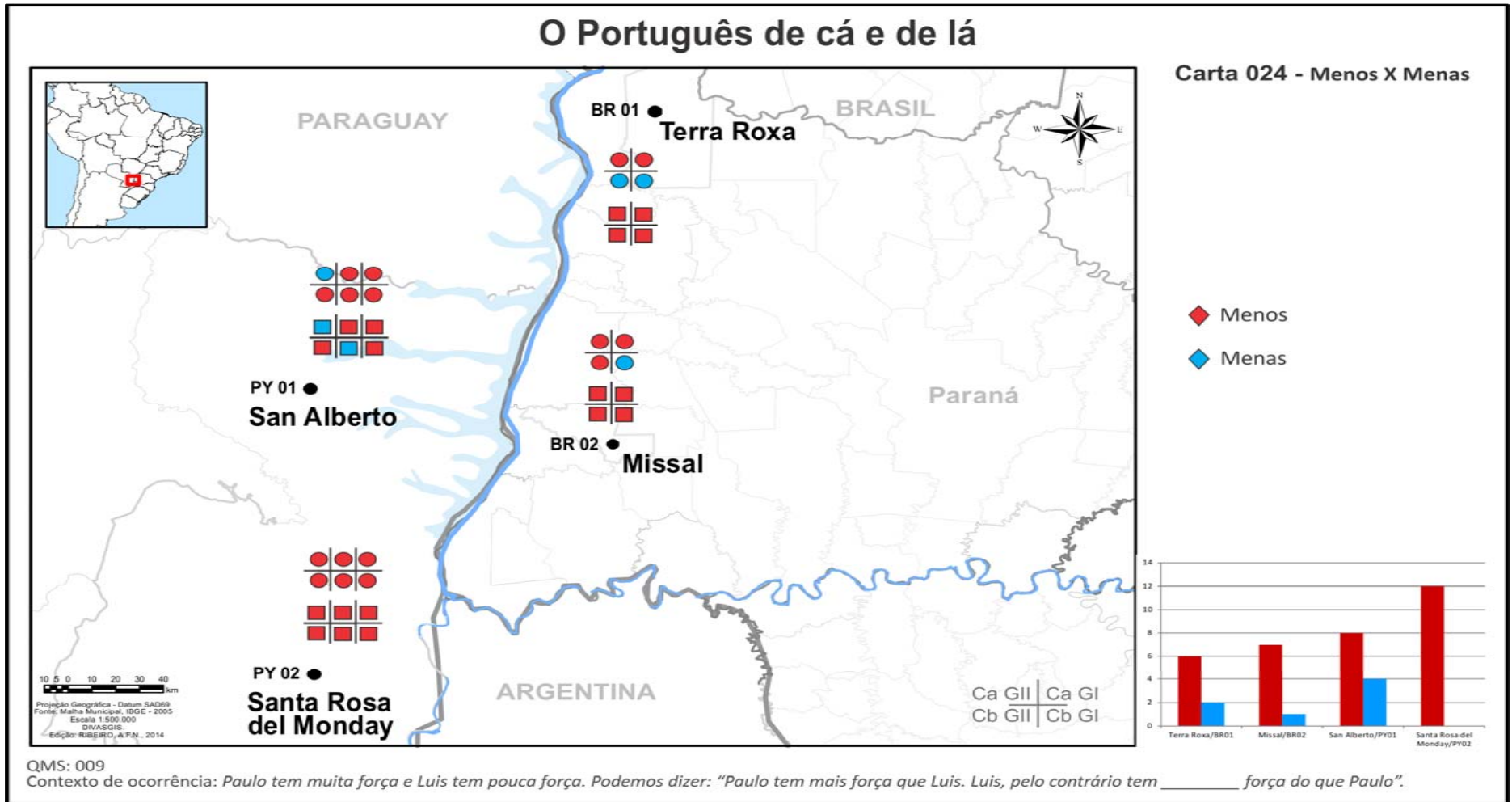
A variação foi documentada no ALERS (2011a) na carta 93, porém não nos permite uma análise diatópica do fenômeno. Os dados demonstram que a variação ocorre em toda Região Sul, como maior produtividade da variante **menos**. Vale recordar que o ALERS (2011a e b) documentou a fala de informantes rurais e de pouca escolaridade.

No ALiB (2014), os dados documentados nas cartas M03, M03E e M03G, para as capitais brasileiras, a escolaridade apresenta-se como fator decisivo quanto ao uso da variante padrão em todas as regiões. Ainda, a variante **menas** aparece com maior produtividade na GII. Entretanto, a dimensão diatópica e a diassexual não foram significativas para determinar o uso de uma variante em detrimento da outra.

Embora a variante **menas** tenha sido registrada em todas as localidades, exceto na localidade de Santa Rosa del Monday, há pouca ocorrência da variante.

Em Terra Roxa, a variante **menas** foi documentada nas mulheres de classe baixa, em San Alberto no grupo CaGII e no HCbGI, e em Missal apenas na MCbGI. Interessante verificar que nas localidades brasileiras a variante foi registrada apenas entre as mulheres de classe baixa. Nenhum paraguaio utilizou a variante **menas**, inexistente na língua espanhola oral. Os dados podem ser observados na **Carta 024 – Menos x Menas**.

Figura 81 - Carta 024 – Menos x Menos



4.4 ÍNDICE DE OCORRÊNCIA DAS VARIANTES SEMÂNTICO-LEXICAIS COM MARCAS +NORTISTAS E + SULISTAS

Para finalizar a análise, em caráter de síntese, optamos por resumir os dados que apresentaram maior variação [+Nortista] *versus* maior variação [+Sulista] em três cartas sintéticas. Os fenômenos lexicais foram os que apontaram maiores divergências entre os falares nortista e sulista.

No quadro 16, encontram-se as variantes lexicais selecionadas para as cartas sintéticas.

Quadro 16 – Variantes lexicais

| Variável Linguística | QSL | Variante [+ Nortista] | Variante [+Sulista] |
|--|-----|-----------------------------|---------------------|
| Rio pequeno | 002 | córrego | arroio e sanga |
| O que molha a grama pela manhã | 013 | orvalho | sereno |
| Fruta parecida com a laranja que se descasca com a mão | 019 | mexerica, poncã e tangerina | bergamota |
| Ave preta que come carniça | 020 | urubu | corvo |
| O que o boi tem na cabeça | 024 | chifre | aspa e guampa |
| Parte de trás do pé | 031 | calcanhar | garrão |
| Roupa íntima dos homens | 042 | zorba | cueca |
| Pasta de fruta que se passa no pão | 065 | geleia e doce | chimia |
| Morro atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade | 078 | quebra-molas | lombada |
| Coisinhas de vidro que os meninos costumam brincar | 082 | bolinha de gude e burquinha | bolita e bolica |
| Brinquedo de papel e varetas amarrado em uma linha comprida que as crianças brincam quando tem vento | 084 | pipa e papagaio | pandorga |

Fonte: Elaboração da autora

Os dados para a primeira carta estão representados segundo a porcentagem de ocorrência do conjunto de variantes por informante, localizado, conforme o seu perfil social, na cruz pluridimensional. Para a confecção dessa carta, diferentemente das anteriormente apresentadas, tanto as mulheres quanto os homens são representados por círculos, devido ao tipo de símbolo utilizado (pizza com a indicação do percentual de ocorrência de variantes [+Nortistas] e [+Sulistas]). Portanto, para todas as localidades a cruz das mulheres encontra-se acima da dos homens, como nas demais cartas, mantendo, deste modo, a mesma formatação anteriormente apresentada. O percentual dessa carta foi calculado conforme o número de ocorrências de variantes [+Nortistas] ou [+ Sulistas] nas respostas de cada informante.

Como já mencionado, essa carta sintética teve como objetivo apresentar o resumo do percentual das ocorrências das variantes apuradas nesta pesquisa, distribuído conforme o perfil social do informante e a localidade.

De todas as variáveis cartografadas, anteriormente, a única que não foi contabilizada para as cartas lexicais sintéticas é **neblina**, pois não foi possível definir variantes [+Nortista] e [+Sulista], porque as variantes com maior produtividade **neblina** e **cerração** foram documentadas em todas as localidades independentemente da dimensão diatópica. A comparação entre os dados do quadro 10 e do quadro 16 esclarecem esse fato.

A apreciação dos dados que integram a **Carta 025 – índice de ocorrência das variantes semântico-lexicais** aponta que os jovens são mais inovadores e adotam as variantes mais veiculadas na mídia, dado o intenso contato com a internet e com as redes sociais. Há indícios de preferirem as variantes [+Nortistas], principalmente os homens mais jovens, pois também se relacionam por meio da escola com os grupos locais. E se pensarmos em falantes com ensino superior, precisa ser levada em conta a necessidade de se deslocarem para centros urbanos maiores para estudar, como ocorre com os jovens nas cidades paraguaias que, normalmente, cursam o ensino superior no Brasil e, quando no Paraguai, na Ciudad del Este ou em Santa Rita. Além disso, os jovens são mais susceptíveis a incorporar o novo.

Já os informantes da segunda faixa etária são mais conservadores e normalmente preservam as variantes trazidas do local de origem. Deve-se ter em conta que a manutenção dessas variantes representa uma forma de preservação da

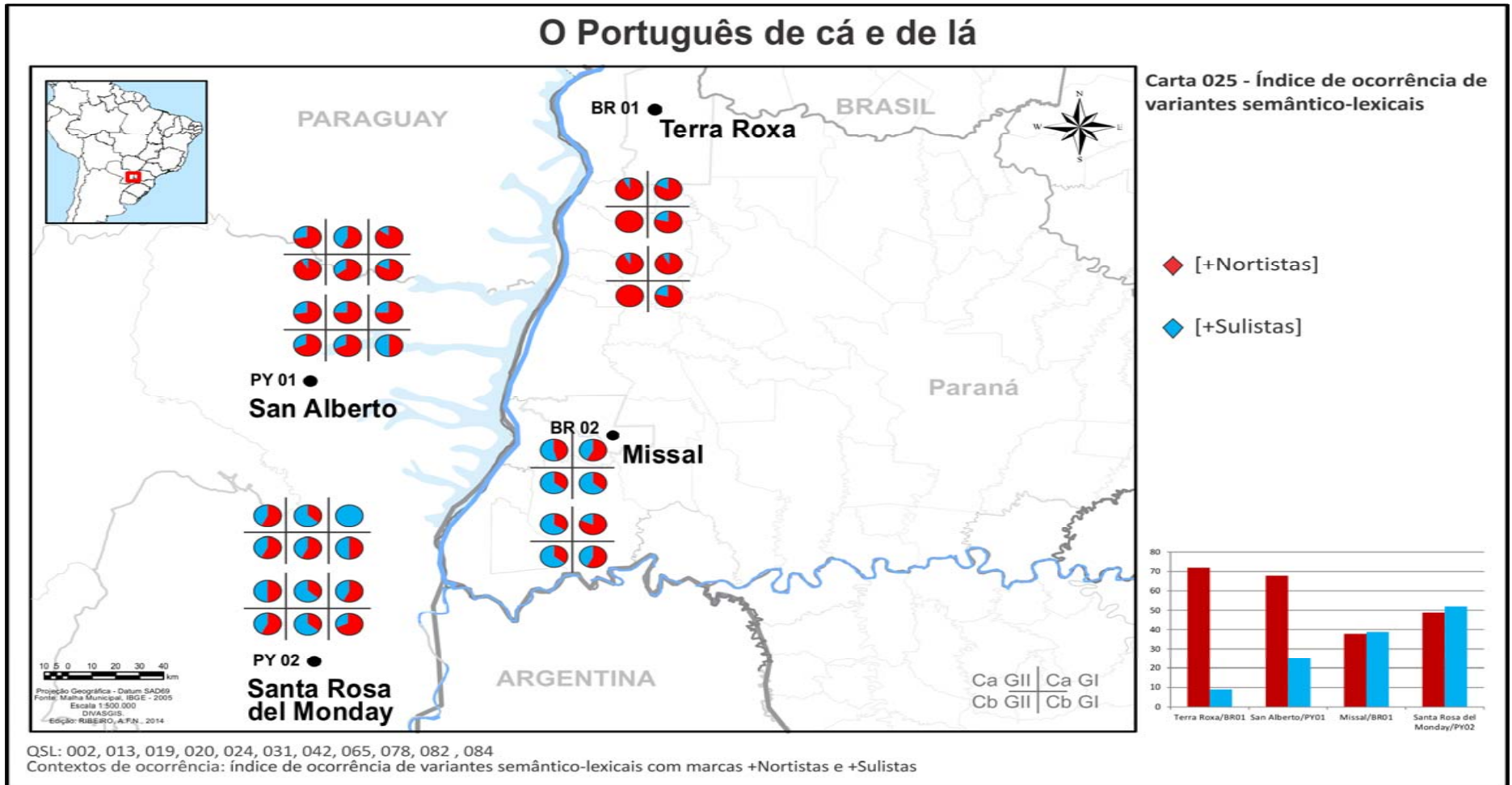
identidade, dos costumes, além de representar uma forma de se impor na nova localidade. Outro dado a ser destacado é o fato de a GI apresentar um maior repertório linguístico, resultante de experiências de vida acumulada, do conhecimento de mundo, enfim, das suas vivências. São eles também que tiveram ou ainda têm um maior contato com as línguas de imigração que, muitas vezes, não são ensinadas aos filhos.

Os jovens paraguaios, por exemplo, apresentam uma tendência maior ao uso de variantes [+Sulistas], o que nos leva a crer que decorra do uso da língua espanhola, língua que exerceu grande influência na formação do falar gaúcho, que historicamente adentrou pelas regiões que fazem fronteira com o Uruguai e com a Argentina. Contudo, na fala dos jovens brasiguaios, observa-se que a língua espanhola não exerceu influências na assimilação das variedades [+Sulistas].

Seria imprudente de nossa parte realizar qualquer afirmação sobre a distinção no falar de homens e mulheres, principalmente no que diz respeito às localidades situadas ao norte. Muito sutilmente, poderíamos refletir sobre alguns aspectos das localidades de colonização sulista. Aparentemente, em Missal as mulheres da GI são mais conservadoras que os homens da mesma faixa etária, preferindo ainda as variantes [+Sulistas]. Em Santa Rosa del Monday a distinção entre a fala de homens e de mulheres evidencia-se de forma mais relevante na fala dos homens paraguaios que utilizaram as variantes [+Nortistas], enquanto as mulheres parecem preferir as formas [+Sulistas].

Em suma, a **Carta 025 – índice de ocorrência das variantes semântico-lexicais** demonstra a manutenção de variantes [+Nortistas] nas localidades ao norte e a concorrência entre variantes [+Nortistas] e [+Sulistas] nas localidades ao Sul, contrariando a expectativa de encontrar nessas localidades uma supremacia absoluta das variantes [+Sulistas]. Em Missal, o percentual para as variantes [+Nortista] foi de 49,35% e de 50,65% para as [+Sulistas], enquanto em Santa Rosa del Monday o percentual foi de 48,51% para as variantes [+Nortistas] e de 51,49% para as [+Sulistas]. Vejamos a carta em questão:

Figura 82 – Carta 025 – Índice de ocorrência de variantes lexicais



© Carlos (2015)

Os dados para as outras duas cartas sintéticas estão representados também, por informante, localizado, conforme o seu perfil social, na cruz pluridimensional. A confecção dessas cartas segue o padrão da carta sintética anteriormente apresentada, pois, tanto as mulheres quanto os homens são representados por círculos. O círculo se preenche no sentido horário, sendo o círculo cheio representante do maior número de ocorrências e o círculo vazio representando nenhuma ocorrência da variante. Os dados dessas cartas foram calculados conforme o número de ocorrências de variantes [+Nortistas] ou [+Sulistas] nas respostas de cada informante, conforme o quadro 16, ou seja, foram analisadas designações para 11 referentes. As cores representam produtividade, sendo da maior para a menor produtividade: vermelho, azul, amarelo e verde.

Os dados cartografados na segunda carta sintética, **Carta 026 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas]**, apontam para a presença e a concorrência de variantes com marcas [+Sulistas] e [+Nortistas] em todas as localidades, o que nos indica que nenhuma localidade é puramente nortista ou sulista.

Em Terra Roxa, os informantes da CbGII são os mais conservadores, pois não utilizaram nenhuma das variantes com marcas [+Sulistas], enquanto os demais informantes já conhecem alguma dessas formas, ainda que não as utilizem em grande quantidade. Não houve ocorrência de três variantes com marcas [+Sulistas] na fala de nenhum informante da localidade. Duas ocorrências de variantes com marcas [+Sulistas], contudo, apareceram na fala do grupo GI, o que nos aponta que essas variantes estão sendo aceitas pelos jovens e entrando na fala local por meio deles.

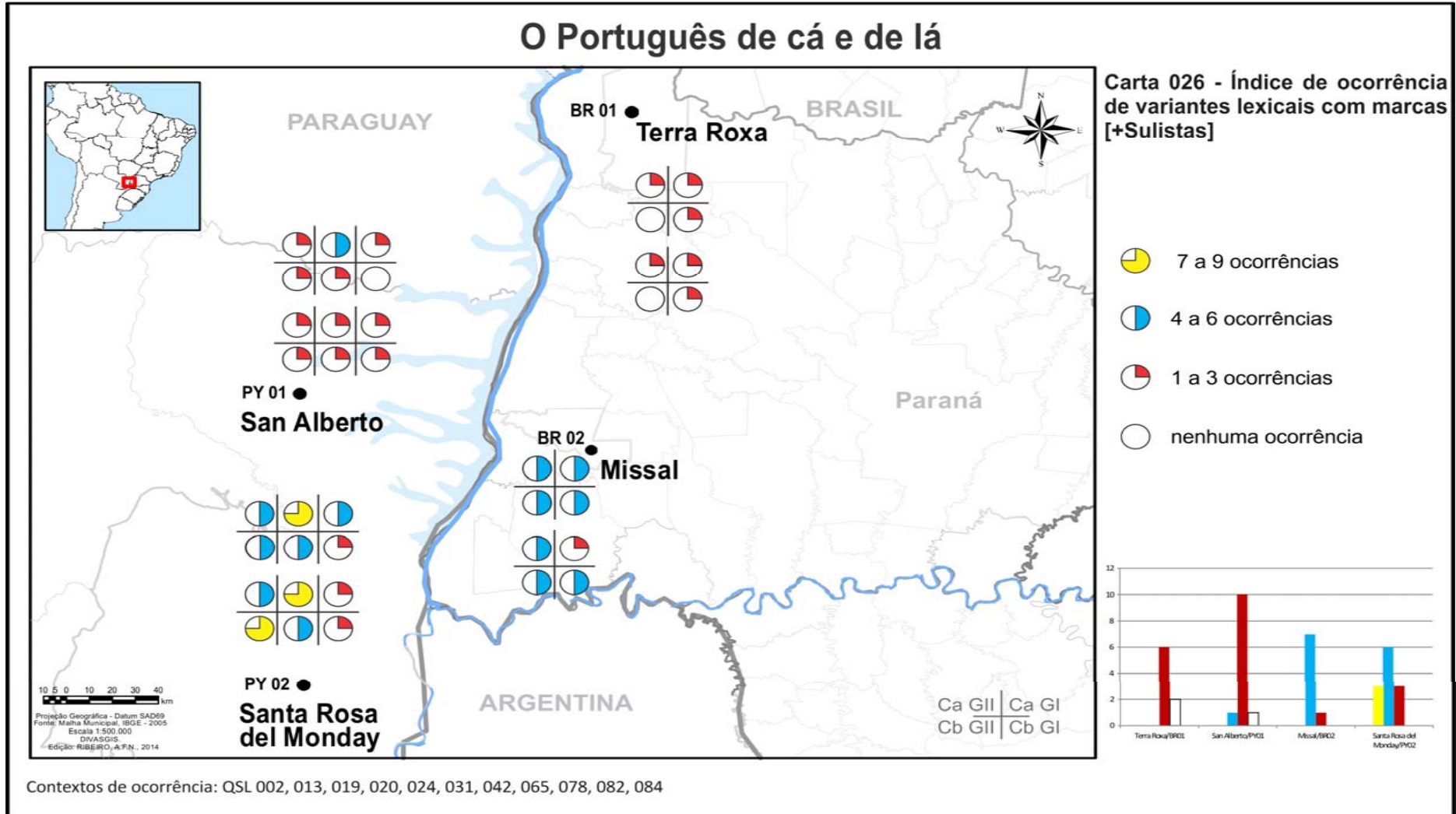
Em San Alberto, as variantes com marcas [+Sulistas] são utilizadas pela população também em pequena quantidade, porém já aparecem em maior número que em Terra Roxa. Na fala da GI estão presentes três ocorrências de variantes com marcas [+Sulistas]. Ainda, foram documentadas quatro ocorrências de variantes com marcas [+Sulistas] na fala da MCGI. Conforme podemos observar no quadro 7, a informante é descendente de alemães, falante da língua alemã e sua família é oriunda de Witmarsum-SC. Ainda que tenha nascido na localidade, fica clara a influência sulista na fala da informante. Apenas a paraguaia de Cb que não manifestou variantes sulistas. Porém, a informante MCbGIp respondeu a uma questão dentre as 11 aqui elencadas para as cartas sintéticas.

Já em Missal, os informantes utilizam mais as variantes com marcas [+Sulistas] que as localidades até então analisadas. O único informante que se destaca é o HCaGI, mencionado outras vezes, por apresentar origens paulista e baiana e, que, apesar de estar há mais de 22 anos na localidade não aderiu à fala sulista.

Na localidade paraguaia de Santa Rosa del Monday é onde encontramos a maior quantidade de variantes com marcas [+Sulistas]. Interessante verificar que há a manutenção dessas variantes principalmente pelos informantes da CaGI, que apresentaram o maior número de ocorrências, ao lado do informante HCbGII. Ou seja, os jovens com maior escolaridade são os que utilizam a maior quantidade de variantes com marcas [+Sulistas]. A informante MCaGIp é a que mais utiliza as variantes sulistas entre os paraguaios, as quatro respostas obtidas na fala da informante foram com marcas [+Sulistas]. Durante a entrevista, notamos que essa informante falava muito bem a língua portuguesa, talvez pelo intenso contato com brasileiros no ambiente de trabalho, ela tenha aderido às influências sulistas. Os demais paraguaios utilizaram apenas duas dessas variantes.

Vejamos os dados na **Carta 026 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas]:**

Figura 83 – Carta 026 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas]



A terceira carta sintética traz os dados referentes às variantes com marcas [+Nortistas]. Como dito anteriormente, não podemos afirmar que uma localidade é totalmente sulista ou nortista, pois os dados demonstram que todas as localidades apresentam variantes com ambas as marcas [+Sulistas] e [+Nortistas], umas com maior número de variantes com marcas [+Sulistas] e outras com maior número de variantes com marcas [+Nortistas].

Terra Roxa é a localidade analisada cuja presença de variantes com marcas [+Nortistas] estão mais presentes. É a única cidade em que obtivemos 100% de variantes com marcas definidas, isto é, o informante HCaGI utilizou 11 variantes com marcas [+Nortistas] na sua fala. Ainda, obtivemos mais três informantes que optaram por mais de nove dessas variantes, todos da GII. Poderíamos afirmar que ainda que as variantes com marcas [+Nortistas] sejam a maioria utilizada, é por meio das mulheres que as variantes sulistas estão penetrando na fala dessa localidade.

Em San Alberto, as variantes com marcas [+Nortistas] encontram-se mais produtivas em todos os informantes, com maior número de ocorrências na GII e na Cb. Os Informantes da CaGI já apresentam em sua fala uma média de três variantes com marcas [+Sulistas], uma vez que são menos conservadores e susceptíveis ao novo. Interessante verificar a mulher paraguaia MCaGIp é a que representa em sua fala a maior quantidade de variantes com marcas [+Nortistas], exatamente como ocorreu em Santa Rosa del Monday com a informante paraguaia com o mesmo perfil para as variantes com marcas [+Sulistas].

As variantes com marcas [+Nortistas] aparecem com razoável número de ocorrências em Missal ainda que em menor número que as variantes com marcas [+Sulistas]. A exceção temos três informantes MCaGI, HCaGI e HCbGI que apresentaram mais variantes com marcas [+Nortistas]. Os dados nos apontam que as variantes com marcas [+Nortistas] estão sendo aderidas na localidade, não só pelo grupo jovem, mas também pela presença dessas variantes no grupo dos mais velhos.

Em Santa Rosa del Monday, as variantes com marcas [+Nortistas] estão presentes em todos os informantes, com exceção da MCaGIp que não utilizou nenhuma dessas variantes em sua fala. Aparecem também em maior número que as variantes com marcas [+Sulistas] na fala das informantes MCbGII e MCbGI e dos paraguaios HCaGIp e HCbGIp. Os dados sugerem que há uma forte concorrência entre as variantes com marcas [+Nortistas] e com marcas [+Sulistas] na localidade.

Outro dado relevante e que vale a pena ser mencionado é o fato de os paraguaios terem dificuldades em responder essas 11 questões do QSL, pois conseguimos extrair aproximadamente metade das respostas desejadas. Nesse caso, esse fato pode mascarar a realidade linguística das localidades paraguaias. Para esclarecer o número de ocorrências com marcas [+Sulistas] ou [+Nortistas] apresentamos o quadro 17 na sequência:

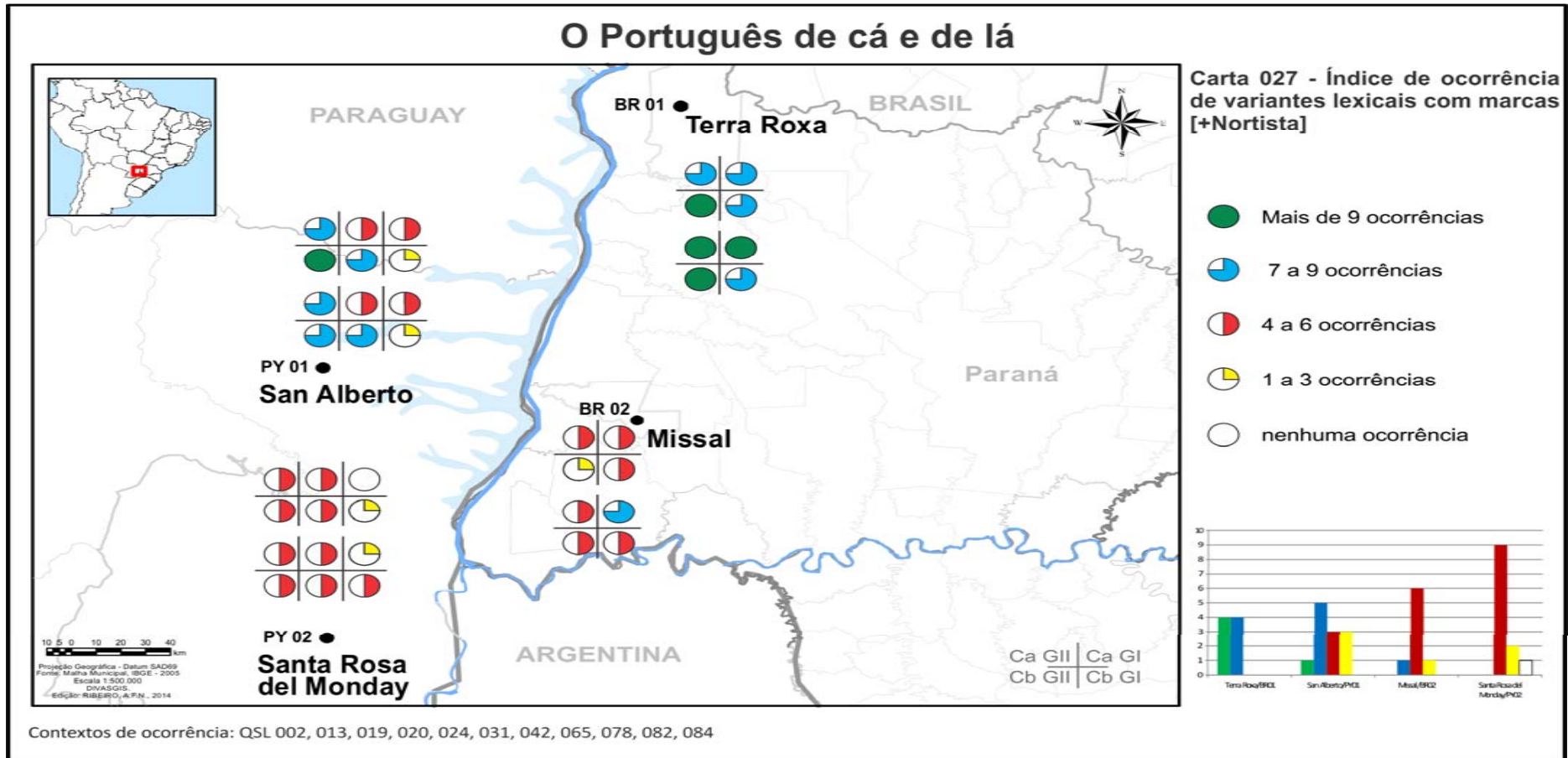
Quadro 17 - Ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Sulistas] e [+Nortistas] na fala dos paraguaios

| | San Alberto | | | Santa Rosa del Monday | | |
|--------|-------------|------------|-------|-----------------------|------------|-------|
| | [+Nortista] | [+Sulista] | Total | [+Nortista] | [+Sulista] | Total |
| MCaGlp | 5 | 1 | 6 | 0 | 4 | 4 |
| MCbGlp | 1 | 0 | 1 | 2 | 2 | 4 |
| HCaGlp | 3 | 1 | 4 | 3 | 2 | 5 |
| HCbGlp | 1 | 1 | 2 | 4 | 2 | 6 |

Fonte: Elaboração da autora

Na **Carta 027 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Nortistas]**, na sequência, são apresentados os dados.

Figura 84 – Carta 027 – Índice de ocorrência de variantes lexicais com marcas [+Nortistas]



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos,
fazemo-lo com o fim de julgar
ou chegar a uma conclusão;
quando sentimos,
é para atribuir um valor pessoal
a qualquer coisa que fazemos.

Carl Jung

O estudo da variedade linguística da língua portuguesa em contexto de fronteira demonstrou que as áreas linguísticas e sociais não seguem padrões impostos pelos limites do Estado nacional.

Nota-se, conforme os dados apresentados, que a dimensão diatópica não é suficiente para explicar a variação linguística. Posto isso, confirmamos a necessidade de levar em conta as dimensões sociais no exame da variação. Ainda, muitas vezes, precisamos recorrer às informações pessoais do informante, além do seu *background*, sobretudo com relação à mobilidade espacial e ao contato linguístico com outras línguas e variantes.

A pesquisa que deu origem a esta tese buscou descrever a língua portuguesa falada em uma região ainda pouco explorada pelas pesquisas linguísticas. Ainda, objetivou identificar a natureza de fatores que podem favorecer ou inibir a inovação e a conservação de traços linguísticos, considerando as dimensões diatópica e sociocultural dos fenômenos descritos, contrastando variantes sulistas e nortistas.

Duas hipóteses motivaram a pesquisa, das quais, com a análise dos dados, uma foi comprovada e outra refutada. Confirmamos a presença de mais variantes nortistas na fala dos informantes das localidades de Terra Roxa e San Alberto e a presença de uma quantidade maior de variantes sulistas na fala dos informantes de Missal e Santa Rosa del Monday, como havíamos pensado anteriormente. Com relação à influência das línguas espanhola e guarani na língua portuguesa falada na região, os dados foram contraditórios e insuficientes para confirmação dessa hipótese.

Quanto às perguntas de pesquisa, a análise demonstrou, em termos gerais, que:

a) A língua portuguesa falada nas localidades investigadas evidencia características da língua espanhola não pelo contato que se faz atualmente na fronteira Brasil/Paraguai, mas sim pelas variantes rio-platenses assimiladas pela língua portuguesa nas fronteiras do Sul do país, na formação do português gaúcho como comprova o trabalho de Rocha (2008).

b) Essas variantes levadas às localidades analisadas estão mais preservadas na fala da GII. Contudo, a GI se mostrou inovadora e mais receptiva a formas linguísticas diferentes das utilizadas pela GII, deste modo, sendo os jovens os representantes da mudança linguística.

c) Na fala dos informantes jovens, as variantes sulistas encontram-se em número menor de ocorrências, pois a GI apresenta uma tendência ao uso de variantes mais nortistas, dado que algumas variantes, a exemplo de **garrão**, **zorba**, **corvo**, **guampa**, **aspa**, **papagaio** e **pandorga**, já estão em processo de substituição e possível mudança nas áreas de investigação. No entanto, os jovens, muitas vezes, apenas conhecem a variante que utilizam, enquanto os mais velhos, ainda que não as utilizem, conhecem também as formas inovadoras, fato é que a GII tende a dar um maior número de respostas espontâneas.

d) A língua portuguesa falada em Terra Roxa se assemelha à falada em San Alberto, com influências nortistas, assim como a língua falada em Santa Rosa del Monday possui características muito similares à falada em Missal, com influências sulistas. A presença gaúcha está fortemente marcada nas cidades ao sul, por meio das danças gaúchas, do chimarrão ou da chimia (do alemão *chimier*). Contudo, não podemos falar em localidades puramente nortistas ou sulistas, pois os dados apontaram que existem variantes com marcas [+Nortistas] e [+Sulistas] em todas elas, devido principalmente a recente ocupação dessas localidades.

e) Tanto o português falado no Paraguai, quanto o caracterizado pelo contato com as línguas de imigração apresentam menor prestígio que a língua portuguesa de outras localidades. Esse fato se deve à falta do estudo formal da língua portuguesa no Paraguai e nas localidades sulistas pela variante de contato ser considerada

“língua de colono”. A informante MCaGI, de Santa Rosa del Monday, quando indagada por falar uma variante diferente da encontrada na localidade, afirma que optou por falar uma variedade sem características sulistas por ser estigmatizada pelo namorado que não pertence ao grupo: “ele tirava sarro do jeito que eu falava”. A respeito do uso das línguas nessas localidades o informante HCbGII de Santa Rosa del Monday pondera:

Que nem nós, nossos filhos aprenderam praticamente só o português, né, o alemão muito pouco, né, que nem a minha filha mais velha fala quase tudo em alemão, eles entende bastante de alemão, mas espanhol tudo, praticamente tudo, começaram ir pra escola, dá só o espanhol e muito em guarani também falam, bastante (HCbGII).

f) As cidades brasileiras, nas quais se desenvolveu a pesquisa, apresentam pouca influência da língua espanhola e ainda menos da língua guarani, enquanto as cidades paraguaias são intensamente influenciadas pela língua, pela música e pela televisão brasileira. Dois dos informantes paraguaios afirmaram conhecer o *sacipererê*, lenda clássica brasileira, por meio da exibição televisiva do “sítio do pica-pau amarelo”. Todos os paraguaios entrevistados, ainda que no momento da entrevista tivessem dificuldades nas respostas, conseguiam expressar-se sem maiores dificuldades na língua portuguesa; do mesmo modo, os brasileiros em língua espanhola. A língua guarani, no entanto, não é falada pelos brasileiros, ainda que alguns possam compreendê-la. Contudo, alguns vocábulos em guarani são utilizados.

g) Os paraguaios falam português e espanhol, no entanto, muitos não falam guarani. Sobre a questão, afirmam que não falam o “guarani puro”, pois utilizam a variante *jopará*, isto é, língua guarani com influências, sobretudo de vocábulos em espanhol. Já os brasileiros apresentam outra visão a esse respeito:

Ah, sim. Só que assim, vou te falar uma coisa, o guarani, ele é mais falado, pelo pessoal que tem menos cultura, sabe? O pessoal de um nível um pouco mais elevado, eles não falam guarani, eles não falam guarani. Sabe, você vai na central da universidade, não tem um que fala guarani (MCaGII de Santa Rosa del Monday).

Outro dado interessante evidenciado durante as entrevistas é o fato de muitos deles não terem consciência se um item lexical é pertencente a uma ou a

outra língua. Quando indagados se conhecem a variante em espanhol ou guarani afirmam: “é a mesma coisa”. Ressaltamos que não temos conhecimento da língua guarani para aprofundar essas questões, tampouco esse foi um objetivo desta tese.

h) Os dados não apontaram diferenças significativas na fala de homens e mulheres.

i) A escola apresenta-se como fator preponderante na distinção entre os usos das variantes. A análise dos dados aponta que os informantes mais escolarizados, em geral, apresentam maior consciência linguística, estão cientes da variação, conhecem nomes técnicos, além dos populares e ainda conseguem mudar de estilo. Já os com pouco estudo formal, em sua maioria, tendem a utilizar formas mais populares. No Paraguai não diferenciam a língua portuguesa da espanhola, além de manter as variantes do local de origem.

Os estudos prévios foram de suma importância, sobretudo, o ALERS (2011a e b), cuja abrangência diatópica foi fundamental para a identificação das variantes sulistas e nortistas.

Ressaltamos que os dados aqui apresentados poderiam ser distintos, se o questionário, a escolha dos informantes e as condições para realizar a pesquisa também o fossem. Além, desses fatores poderíamos citar a questão de tempo, espaço e recursos financeiros que puderam limitar o aprofundamento deste estudo.

O que tentamos demonstrar por meio desta tese é parte de uma quantidade de dados muito maior que poderá e deverá ser explorada futuramente. Esperamos que este estudo tenha colaborado, com todas suas limitações, para a descrição da realidade linguística de uma região, ainda pouco explorada pelos linguistas, e da língua portuguesa falada do lado de lá da fronteira.

REFERÊNCIAS

ADDU – Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. THUN, Harald & ELIZAINCÍN, Adolfo (orgs.). Fasc. A. 1. Kiel: Westensee, 2000.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas linguístico do Brasil PR: um estudo geossociolinguístico. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (org.). *Estudos em Fonética e Fonologia no Brasil*. Goiânia: GT de Fonética e Fonologia da ANPO LL, 2009, pp. 1-14.

_____; SILVA, Hélen Cristina. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorin* – Revista de Estudos Linguísticos e Literários, Rio de Janeiro, n. 8, p. 125-142, 2010.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais. A imigração brasileira no Paraguai*. Fortaleza, 2005, 265 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.

ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs.). Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.

ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs.). Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b.

ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná*. AGUILERA, Vanderci de Andrade. São Paulo: Assis, 1994.

ALPR II - *Atlas linguístico do Paraná II*. ALTINO, Fabiane Cristina. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade estadual de Londrina/UEL, 2007, 2v.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre Dialetoлогия e História. In: Mota, Jacyra & Cardoso, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

_____. Os contatos linguísticos e o seu papel na arealização do português falado no Sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008, p.129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson & MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011, p.289-315.

ALVAR, Manuel. ¿Qué es un dialecto? In: ALVAR, Manuel. (Dir.) *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 2010 [1996]. p. 5-14.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Ed. Anhambi, 1955.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London/New York: Arnold, 1992. p. 117-130.

ARAGÃO, Maria do Socorro de. *Os estudos fonético-fonológicos nos estados da Paraíba e do Ceará*. Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p. 163-184, jan./jun. 2009.

_____. Léxico e cultura no falar do Maranhão: relações diatópicas e diastráticas. In: Simpósio léxico e cultura: riqueza e diversidade étnica, 2007, Belém. *Anais da 59ª Reunião Anual da SBPC*. 2014. p. 01-08.

AZAMBUJA, Darcy. *Teoria Geral do Estado*, São Paulo: Globo, 2008.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná 2010. 2.v Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal a linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, Susana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

_____. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARLOS, Valeska Gracioso. Atitudes Linguísticas na fronteira de Guaíra - PR. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas*, 2008, Belo Horizonte. V Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2008.

_____. Atitudes Linguísticas na Fronteira Brasil-Paraguai. In: *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol - Integração de Culturas*, 2009, João Pessoa. XIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, 2009.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de História. In: SILVA, Gerson Henrique da; BUHÕES, Ronaldo; PERIS, Alfredo Fonseca (Orgs.). *Mesorregião Oeste Paranaense: diagnóstico e perspectivas*. Cascavel: Edinuoeste, 2002.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO AliB (2001) Atlas linguístico do Brasil: Questionários 2001. Londrina: EDUEL.

COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982a. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: ALFAL, 1982b.

_____. *Sincronía, diacronía e historia*. El problema del cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988 [1957].

_____. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967 [1961].

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

DALINGHAUS, Ione Vier. *Alunos brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS*. 2009, 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Vários acessos.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Vários acessos.

DIRECCIÓN GENERAL DE ENCUESTAS, ESTADÍSTICAS Y CENSOS (DGEEC). *Atlas censual del Paraguay*. Asunción: DGEEC, 2004.

DIRECCIÓN GENERAL DE ENCUESTAS, ESTADÍSTICAS Y CENSOS (DGEEC). Acessado em: <http://www.dgeec.gov.py>. Vários acessos.

ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, Carlota, CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. 2004, 299 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRG), Porto Alegre, 2014.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Dialectología y geografía lingüística. In: ALVAR, Manuel. (Dir.) *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 2010 [1996].

GREGORY, Valdir. *Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940/70)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Acessado em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Vários acessos.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). Acessado em: <http://www.ipardes.gov.br/>. Vários acessos.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. *Oeste paranaense: o 3º espaço relevante: especificidades e diversidades*. Curitiba: IPARDES, 2008.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGÜÍSTICA – IPOL. Acessado em: <http://www.ipol.org.br/>. Vários acessos.

ITAIPU BINACIONAL Acessado em: <http://www.itaipu.gov.br/>. Vários acessos.

JARA GOIRIS, Fabio Anibal. *Descubriendo la frontera: historia, sociedad y política en Pedro Juan Caballero*. Ponta Grossa-PR: Editora INPAG, 1999.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN W. P. e MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982 (p. 17- 92)

_____. *Principios del cambio lingüístico*. 4 vol. Madrid: Gredos, 2006 [1994].

_____. *Padrões Sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 2 ed. Madrid: Gredos, 1993.

MACKEY, William F. Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und Multilingualismus. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Hrsg.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik*. 2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v. 3.2.), p. 1483-1495.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MELIÀ, Bartomeu. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Asunción: CEADUC/ISEHF, 2010.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. & RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

MILLER, Leticia Martins. *Um estudo sociolingüístico da comunidade de imigrantes brasileiros em Santa Rosa del Monday-Paraguai*. 1996, 366f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília. ; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Metodología Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1990.

_____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 3ª ed., 2008.

MOTA, Jacyra Andrade e CARDOSO, Susana Alice Marcelino. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Documentos 2*. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2006.

MOTA, Jacira Andrade; SILVA, Amanda dos Reis. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das Regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres. *Documentos 3: projeto Atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NIESCIORUK, Célia; CARLOS, Valeska Gracioso. Atitudes Sociolinguísticas em cidades de fronteira: o caso de Bernardo de Irigoyen. In: *Anais do II SNELL - II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem*, 2010, Cascavel.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl, 1996.

RAMÍREZ, Arnulfo G. Dialectología y sociolingüística. In: ALVAR, M. (Dir.) *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 2010 [1996]. p. 37-48.

REIS, Regiane Coelho Pereira. *Atlas lingüístico do município de Ponta Porã, MS – AliPP: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2006. 467 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Mato Sul, Três Lagoas, MS.

_____. *Atlas Lingüístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato*. 2013. 479 f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

REOLON, Cleverson Alexander. Colonização e urbanização da mesorregião oeste do Paraná (1940-2000). *Revista R. RA´E GA*, Curitiba, n.13, 2007, p. 49-57.

RIQUELME, Marcial Antonio. Migrações Brasileiras no Paraguai. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de.(org.) *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2005. p.49-85.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais*. 2008, 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Centro de Comunicação Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANCHES, Rosely Áurea Soares. *Fotografias sociolinguísticas sob a perspectiva das atitudes linguísticas na região de fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero*. 2006, 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. *Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*. 368 f. Dissertações (Mestrado em Estudos da Linguagem). 2v. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SAPIR, Edward de *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971 [1921].

_____. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969 [1949].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 34ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SILVA-COSTA, Daniela Souza. Designações para “tangerina” no Brasil central: reflexões com base em dados do projeto ALIB. *Anais do XX Seminário do CELLIP – Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. CELLIP 25 anos*. Londrina/UEL, 25 a 27 de outubro de 2011.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

_____. (org.) *Spanish in four continents: Studies in Language Contact and Bilingualism*. Washington, DC, Georgetown University Press, 1995.

SILVA, Hélen Cristina. O /r/ retroflexo no Triângulo Mineiro: um estudo geossociolinguístico. In: Fabiane Cristina Altino. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. 1ed. Londrina: Midiograf, 2012, v. 1, p. 283-304.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª Ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1957.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias linguísticas*. 2006, 168 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8ª edição: São Paulo: Ática, 2007.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege*

der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XX e siècle. In: ENGLEBERT, Annick et al. (orgs.). *Actes do XXII e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, p. 185-227, 2000.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. *Estudos de variação linguística no Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

_____. A Geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro*. Vol. VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. Tomo II, 2009. p. 531-558.

_____. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (orgs.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin, De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. *Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste Paranaense*. 2 ed. Curitiba: Editora Vicentina, 1987.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes. 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: finding and problems*. Mouton, 1972.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Pequena História do Paraná*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

APÊNDICES

APENDICE A

Ficha do Informante – Alf-Br Py

1 – DADOS DO INFORMANTE

A – DADOS PESSOAIS

| | | |
|----------------------|------------|----------|
| Nome: | | Apelido: |
| Local de nascimento: | | Sexo: |
| Estado civil: | Profissão: | Idade: |

B – GRAU DE INSTRUÇÃO

Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior ()

C – DOMÍNIO DE LÍNGUAS

Fala () português () espanhol () guarani () outra língua, qual?

Escreve () português () espanhol () guarani () outra língua, qual?

Lê () português () espanhol () guarani () outra língua, qual?

Compreende () português () espanhol () guarani () outra língua, qual?

D - DOMICÍLIO

Endereço atual:

Outras localidades de residência:

Tempo de residência:

E - VIAGENS

F – SERVIÇO MILITAR

Prestou em: _____ no ano de: _____ Dispensado ()

F – RELIGIÃO

G – CONTATOS LINGUÍSTICOS

Você/ Sr. tem contato com pessoas que falam outra língua?

H – CONTATOS COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Programas de televisão:

Programas de rádio:

Em que língua?

I – ENTRETENIMENTO

O que se faz aqui na região para se divertir? Os jovens, os mais idosos? Há...

() Centro de tradição gaúcha

() Centro de tradição nordestina

() Centro de tradição paraguaia

E você/Sr vai? Gosta?

J – PARTICULARIDADES DE ARTICULAÇÃO**K – CAPACIDADE DE RESPOSTA****2 – DADOS DO CÔNJUGE**

Naturalidade de cônjuge:

Naturalidade do pai:

Naturalidade da avó paterna:

Naturalidade do avô paterno:

Naturalidade da mãe

Naturalidade da avó materna:

Naturalidade do avô materno:

3 – DADOS DO INQUÉRITO

Local:

Data:

Inquiridor:

4 – OUTRAS OBSERVAÇÕES**5 – DADOS DE REGISTRO**

Número da pasta:

track:

Tempo de

gravação:

Revisor:

Data:

Transcritor:

APENDICE B

Questionário fonético-fonológico - QFF

1. CASA (ALiB 1)

Qual é o tipo de moradia mais comum aqui na região?

2. GESSO

Mineral branco utilizado para revestimento e acabamento de construção, também pode ser usado para fazer esculturas....

3. GARAGEM

Como chamamos lugar onde se guarda o carro?

4. BICICLETA (ALiB 71)

... aquilo que tem duas rodas que se senta e sai pedalando?

5. ALGUÉM

Quando tocam a campainha você/ o(a) senhor(a) acha que na porta tem...

6. CHAVE

Para abrir a porta de casa precisamos de uma....

7. CAMA

O lugar onde se dorme é a...

8. TOALHA

Depois que tomamos banho, para nos secar precisamos de uma...

9. PERDIDA (ALiB 150)

Quando não se acha uma coisa, ela fica ...?

10. MENTIRA (ALiB 106)

Uma pessoa que lhe conta um fato que você/ o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você/ o(a) senhor(a) diz que é uma.... o contrário de verdade é... quem não fala verdade fala....

11. PAZ (ALERS 10)

Se não quer ser molestado, a gente diz: “Me deixa em...”

12. CORRUPTO

Quando um político rouba dinheiro público dizemos que ele é um...

13. TIO (ALiB 131)

O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

14. FILHO

O seu pai é o... o que você é do (nome do pai)

15. CORREIO

Quando queremos enviar uma carta devemos ir ao....

16. TELEVISÃO (ALiB 4)

... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas,...?

17. JOGA

O que faz o Neymar/ Messi/ Ronaldo com a bola?

18. CHEQUE

Quando se vai comprar alguma coisa, se não temos dinheiro ou cartão, perguntamos se não aceitam... (não podemos comprar fiado) Aquele pedaço de papel que temos que assinar, que vem do banco, equivale ao dinheiro é o ... (FOTO)

19. AJUDA

Quando se tem alguma dificuldade temos que pedir...

20. MISÉRIA

Quando uma pessoa não tem dinheiro, não tem comida, não tem onde morar, ela é muito, muito pobre, dizemos que ela está na.... Se uma pessoa era muito rica e perde tudo, a gente diz que ela ficou na....

21. FELICIDADE

Quando uma pessoa está feliz, ela está cheia de....

22. JOVEM

Quando a pessoa não é de idade, dizemos que ela é ...

23. MEMÓRIA

A pessoa quando está já de idade, e vai esquecendo das coisas, dizemos que ela está perdendo a...

24. VIAGEM

Quando estamos de férias, se temos dinheiro e queremos visitar nossos parentes que moram em outro lugar ou conhecer um lugar novo, normalmente fazemos se você/ o(a) senhor(a) vai de Guaíra a Assunção, você está fazendo uma....

25. CIDADE

Foz do Iguaçu é uma

26. HISTÓRIA

Aquela disciplina da escola, que estuda as coisas passadas é a

27. PRESENTE

Amanhã é futuro, ontem é passado, hoje é ...

28. SEMANA

Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira são dias da ...

29. TARDE (ALiB 62)

Qual é o contrário de cedo?

30. DIA (ALiB 56)

... o contrário da noite é o?

31. CALOR (ALiB 61)

No inverno faz frio, e no verão?

32. COZINHEIRA

Como se chama aquela pessoa que trabalha fazendo comida?

33. MEL (ALiB 45)

O que é que a abelha fabrica?

34. CEBOLA (ALiB 29)

... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?

35. LIMÃO

Qual o nome daquela fruta que a gente usa para temperar a salada? Do que é feita caipirinha...

36. CAÇA (ALiB 31)

Para comer uma banana, o que é que se tira?

37. ABÓBORA (ALiB 32)

... aquilo que dá no chão, grande (mímica), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha pra comer, pra fazer doce?

38. CAFÉ

Aquela bebida quente, de cor preta, que se toma pura ou com leite é o..

39. CHOCOLATE

Aquele doce feito de cacau e leite, pode ser branco, preto ou meio amargo....

40. **ESTRELAS**

Aquelas luzes que vemos no céu a noite são as...

41. **SOL** (ALiB 58)

Aquilo que brilha no céu, de dia?

42. **CHUVA**

A água que cai do céu é a....

43. **RIO**

A fronteira entre o Brasil e o Paraguai é dividida por um...

44. **VACA** (ALiB 42)

Aquele animal que se tira leite é a

45. **ÁRVORE** (ALiB 39)

O que é que da sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?

46. **ROSA** (ALiB 38)

...aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho? (FOTO)

47. **FOLHAS**

Depois do verão, a maioria das árvores perdem o que? Ficam somente os galhos sem as... (FOTO)

48. **CRUZ** (ALERS 26)

O que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (Mímica)

49. **TRÊS** (ALiB 63)

O que é que vem depois do dois?

50. **DEZ** (ALiB 64)

O que é que vem depois do nove?

51. **ZERO**

Ainda falando de números, o 10 tem o número 1 e um Qual é o número que vem antes do 1?

APENDICE C

Questionário Semântico-Lexical - Qsl

I – NATUREZA

1. ACIDENTES GEOGRÁFICOS

001. MONTE (ALERS 001)

Como chamam aqui uma elevação de terra bem alta? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CERRO/MONTE/ COCHILHA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

002. CÓRREGO/ RIACHO (ALiB 001)

Como chamam aqui um rio pequeno e estreito, de uns dois metros de largura? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CÓRREGO/ RIACHO/ ARROIO/ SANGA/ CORIXO/ RIBEIRÃO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

003. CACHOEIRA / CATARATA/ SALTO (ADDU 408)

Que nome vocês dão aqui para uma corrente ou torrente de água (queda d'água) que tem grande volume de água e que cai de grande altura? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CACHOEIRA/ SALTO/ CATARATA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (cascata)

004. POÇA D'ÁGUA (ALERS 019)

Como chamam aqui a água parada na estrada/na rua depois da chuva? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em POÇA D'ÁGUA/ POÇO/ ÁGUA EMPOÇADA/ ÁGUA PARADA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

005. BARRAGEM/ REPRESA (ADDU 414)

Que nome vocês dão aqui para uma grande quantidade de água retida para produzir energia elétrica? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BARRAGEM/ REPRESA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (PRESA (esp.))

| |
|--|
| 2. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS E TEMPO |
|--|

006. RELÂMPAGO (ALERS 049/ ALiB 008)

Que nome vocês dão aqui para um clarão que surge no céu em dias de chuva? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em FUZILO/RELÂMPAGO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (é a luz que a gente vê no céu)

007. RAI0 (ALERS 048/ (ALiB 009)

E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CORISCO/ FAÍSCA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (é o que cai no chão)

008. TROVÃO (ALERS 050/ ALiB 010)

Que nome vocês dão aqui para barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (*cf. item 006*)? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em TROVÃO/TROVOADA/ ESTRONDO/ RONCO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (é o barulho que a gente ouve)

009. TEMPORAL/TEMPESTADE (ALERS 051/ALiB 21)

Como se chama aqui aquela chuva violenta, com vento muito forte e de curta duração? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em TERMPORAL/ TEMPESTADE/ TORMENTA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

010. CHUVA DE PEDRA (ALERS 054/ ALiB 15)

Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GRANIZO/ GRANITO/ CHUVA DE FLOR, de ROSAS, de MILHO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

011. ARCO-ÍRIS (ALERS 056/ ALiB 17)

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em ARCO DA VELHA(O)/ DA ALIANÇA/ DA SERPENTE? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

012. GAROA (ALERS 053/ ALiB 18)

Como vocês chamam aqui uma chuva muito fina? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GAROA/CHUVISCO/CHUVISQUEIRO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

013. ORVALHO (ALERS 059/ ALiB 20)

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em ORVALHO/ SERENO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

014. NEVOEIRO/ CERRAÇÃO/ NEBLINA (ALiB 21)

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? Já ouviu falar em NEVOEIRO/ CERRAÇÃO/ NEBLINA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

3. FLORA**015. CAPIM SANTO/ERVA CIDREIRA/ CAPIM LIMÃO** (ALF-BR PY 024)

Como se chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAPIM SANTO/ERVA CIDREIRA/ CAPIM LIMÃO? São a mesma erva? Você pode descrevê-las? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

016. CAMOMILA/ MAÇANILHA (ALiB 041)

Como se chamam aquelas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para a dor de barriga de nenê/bebe e até adulto e também para acalmar? (*Mostrar*) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAMOMILA/ MAÇANILHA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

017. POMAR (ALERS 114)

Como o povo daqui chama a plantação de árvores frutíferas, geralmente perto da casa e cercada? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em POMAR? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

018. BANANAS GRUDADAS (ALF-BR PY 021/ ALiB 043)

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BANANA DUPLA/ GÊMEAS/ FELIPE/ INCONHA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

019. TANGERINA/ MEXERICA/ BERGAMOTA/PONCÃ (ALiB 039/ ALERS 126)

Como se chama aquela fruta menor que a laranja, que se descascam com a mão, e normalmente, deixa cheiro na mão? (DESCREVER **cada tipo mencionado**). Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em TANGERINA/ MEXIRICA/ BERGAMOTA? São a mesma fruta? qual a diferença entre elas? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

4. FAUNA**020. URUBU/ CORVO** (ALiB 64/ ALERS 201a)

Como vocês chamam aqui aquela ave preta que come animal morto, podre? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em URUBU/CORVO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

021. COLIBRI/ BEIJA-FLOR (ALiB 65/ 201b)

Que nome vocês dão para aquele passarinho bem pequeno que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em COLIBRI/ BEIJA-FLOR/ CUITELO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

022. JOÃO DE BARRO (ALiB 66/ ALERS 201c)

Como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores a e até nos cantos da casa? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BARREIRO/ JOÃO-BARREIRO/ FORNEIRO /AMASSA-BARRO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

023. GAMBÁ (ALiB 71/ ALERS 207)

... bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado? Você poderia descrever esse animal? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GAMBÁ? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (se aparecer *raposa*, pedir descrição)

024. CHIFRE (ALiB 77/ ALERS 208a)

... o que o boi tem na cabeça? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em ASPA/GUAMPA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

025. RABO (ALiB 81/ ALERS 208c)

... a parte com que o boi espanta as moscas? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em COLA/CAUDA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

026. MOSCA VAREJEIRA (ALiB 83/ ALERS 214)

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em MOSCA VERDE/ VAREJEIRA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

II-HOMEM**5. CORPO HUMANO****027. CABEÇA** (ALERS 227)

Como se chama isto? (mostrar) Você conhece outro nome para _____? E quando se fala brincando? Já ouviu falar em CACHOLA/ CUCA/ COCO/ CUIA? Conhece nomes para isso em Espanhol? E em Guarani?

028. ROSTO/FACE (ALF-BR PY 055/ ALERS 238)

Como se chama esta parte do corpo? (apontar) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em FACE/ CARA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

029. PÁLPEBRAS (ALERS 230)

Com se chama isto? (mostrar) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAPELA/CAPA/ PELE do olho? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

030. CÍLIOS (ALF-BR PY 059/ ALERS 232)

E estes pelos aqui? (mostrar) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PESTANA/ CABELO do olho? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

031. CALCANHAR (ALERS 266/ ALiB 119)

Com se chama isto? (mostrar) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GARRÃO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

6. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS
032. COSTELETA (ALERS 281)

... as barbas que os homens deixam crescer nos lados do rosto? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em COSTELETE/ SUÍÇA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

033. CEGO DE UM OLHO (ALERS 297/ ALiB 091)

... a pessoa que tem só um olho? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAOLHO/ TORTO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (pode sair zarolho)

034. VESGO (ALERS 299/ ALiB 92)

...a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? (*Completar com um gesto dos dedos*). Já ouviu falar em ZAROLHO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

035. CANHOTO (ALERS 314)

... a pessoa que faz as coisas com a mão esquerda? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CANHOTEIRO/ ESQUERDO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

036. PERNETA (ALERS 316/ ALiB 114)

... a pessoa que não tem uma perna? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PERNETA/ COXO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

037. MANCO (ALERS 318/ ALiB 115)

... a pessoa que tem uma perna mais curta? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em MANQUITOLA/ CAPENGA/ COXO/ RENGO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

038. CORCUNDA (ALF-BR PY 091/ ALERS 312)

E a pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CACUNDO/CARCUNDO/LOMBINHO/CALOMBO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

039. ODOR FORTE NOS PÉS (ALF-BR PY 069)

... o que tem a pessoa quando seus pés estão com mau cheiro? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CHULÉ? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

040. CHEIRO NAS AXILAS (ALiB 109/ ALERS 328)

... o mal cheiro debaixo dos braços? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em ASA/ CATINGA/ CECÊ/SOVAQUEIRA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

| |
|--------------------------|
| 7. DOENÇAS COMUNS |
|--------------------------|

041. DIARRÉIA (ALERS 341)

E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAGANEIRA/ DESARRANJO/ DOR DE BARRIGA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (DISENTERIA/ qual a diferença entre diarreia e disenteria?)

| |
|---------------------|
| 8. VESTUÁRIO |
|---------------------|

042. CUECA (ALERS 618/ ALiB 189)

... roupa íntima dos homens? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em ZORBA/ CEROULA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (CALÇÃO/ explorar as características)

043. SUTIÃ (ALERS 616/ ALiB 188)

Que peça serve para sustentar os seios? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CORPINHO/PORTA SEIOS/ SEGURA PEITO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

044. MEIA (ALERS 620)

O que se põe nos pés antes de calçar os sapatos? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CARPIM? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

045. CHUPETA (ALERS 625)

... o objeto de plástico ou de borracha que muitas crianças levam na boca? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BICO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

| |
|------------------------------|
| 9. CULTURA E CONVÍVIO |
|------------------------------|

046. PESSOA TAGARELA (ALiB 136/ ALERS 387)

... a pessoa que fala demais? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em FALADOR (FALADEIRO)/ PAPUDO/ CONVERSADOR (CONVERSADEIRO)/ LINGUARUDO/ FALANTE? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

047. PESSOA POUCO INTELIGENTE (ALiB 137/ ALERS 391)

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BURRO/ TONGO/ BOBO RUDO/ RUDE? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

048. PESSOA SOVINA (ALiB 138/ ALERS 393)

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PÃO DURO/ SEGURO/ MISERÁVEL/ MÃO FECHADA/ MÃO DE VACA/ MUNHECA/ AVARENTO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

049. MAU PAGADOR (ALiB 139/ ALERS 394)

... a pessoa que deixa suas contas penduradas? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em VELHACO/ NÓ-CEGO/ CALOTEIRO/ MAU PAGADOR? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

050. MARIDO ENGANADO (ALiB 141/ ALERS 466)

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CORNO/ GUAMPUDO/ CHIFRUDO/ TRAÍDO/ GALHUDO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

051. PROSTITUTA (ALiB 142/ ALERS 467)

... a mulher que se vende para qualquer homem? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PUTA/ BISCATE/ GALHINHA/RAPARIGA/MERETRIZ? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

052. XARÁ (ALiB 143/ ALERS 491)

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em TOCAIO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

053. BÊBADO (DESIGNAÇÕES) (ALiB 144/ ALERS 596)

... que nomes dão a uma pessoa que às vezes bebeu demais (esporadicamente)? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BEBERRÃO/ PINGUÇO/ CACHACEIRO/ PAU-D'ÁGUA/ BORRACHO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

054. BRASIGUAIO (ALF-BR PY 108)

Que nome que se dá para o paraguaio que vem morar no Brasil ou para o brasileiro que mora no Paraguai? Existem diferenças na forma de nomear essas pessoas?

10. CICLOS DA VIDA**055. FILHO MAIS MOÇO** (ALERS 438/ ALiB 131)

... o filho que nasceu por último? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CAÇULA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (NENÊ (RS))

056. MENINO (ALERS 443/ ALiB 132)

O que é uma criança de 5 a 10 anos? (sexo masculino) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GURI/ PIÁ/ GAROTO/ MOLEQUE? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

057. MENINA (ALERS 445/ ALiB 133)

O que é uma criança de 5 a 10 anos? (sexo feminino) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em GURIA/ GAROTA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

058. AMASIADO (ALERS 463)

Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em AJUNTADO/ JUNTADO/ AMIGADO/ AMONTOADO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

059. MORRER (ALERS 471/472)

O contrário de nascer é... Conhece outras denominações para morrer? Já ouviu falar em BATER AS BOTAS/ FALECER/ APAGAR/ ABOTOAR O PALETÓ/ CAPOTAR? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

| |
|-------------------------------|
| 11. RELIGIÃO E CRENÇAS |
|-------------------------------|

060. DIABO (ALF-BR PY 126/ ALERS 498/ ALiB 147)

Deus está no céu, e no inferno está o... Você conhece outros nomes para _____? Já ouviu falar em DEMÔNIO/ CAPETA/ SATANÁS/ COISA RUIM? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (apurar outras denominações)?

061. SACI-PERERÊ (ALF-BR PY 127/ ALERS 500)

Falam de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo na boca. Que nome dão a ele? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em NEGRINHO DO PASTOREIRO? É a mesma coisa que o SACI-PERERÊ? Quais são as diferenças? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

062. POMBEIRO (TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ESPÍRITO)

Falam de um homem baixo, feio, de pele morena, mão e pés peludos. No Paraguai está relacionado aos filhos fora do casamento, já que ele entra nas casas das mulheres que vivem sozinhas e se elas não lhe dão vinho ou cigarros ficam grávidas com apenas um toque no ventre. Que nome dão a ele? Já ouviu falar em POMBEIRO? Tem um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

063. ENTERRO (TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ENTERRO DE OURO) (ALF-BR PY 129)

Falam também de um tipo de espírito que aparece para pessoas pra lhes avisar de ouros escondidos debaixo da terra. É um tipo de assombração que tem a ver com a guerra do Paraguai, dizem que as pessoas ricas matavam os empregados que cavavam o lugar onde iria ficar o ouro e os seus cadáveres eram postos junto ao tesouro, como chama isso? Já ouviu falar em ENTERRO? Conhece algum outro nome para ele? Tem um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

064. DESTINO/SINA (TI / TSI) (ALF-BR PY 131/ ALERS 504)

Há pessoas que creem que Deus escolheu para cada pessoa um caminho que deverá seguir em sua vida. Como se chama isso? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em DESTINO/CAMINHO/ SINA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

12. ALIMENTAÇÃO E UTENSÍLIOS**065. GELÉIA (ALiB 177/ ALERS 608)**

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em CHIMIA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (MUSSE/ descrever)

066. PÃO FRANCÊS (ALiB 186)

...isto? (mostrar) Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PÃO FRANCÊS/ CACETINHO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

067. SOPA PARAGUAIA (ALF-BR PY 141)

E aquele bolo feito de fubá ou de um tipo de milho branco cultivado no Paraguai, com queijo ralado, cebola e óleo, que se costuma comer na Sexta-feira Santa? Já ouviu falar em SOPA PARAGUAIA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

068. PUCHEIRO (ALF-BR PY 142)

Há uma comida que é feita com bastante tempero, verduras, legumes, carne com ossos e bastante água. Leva-se ao fogo durante muito tempo e depois de bem cozido fica com um caldo bem grosso. Como se chama essa comida? Já ouviu falar em PUCHEIRO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

069. CHIPA (ALF-BR PY 143)

E o nome daquele tipo de bolinho assado, feito com polvilho, queijo ralado e gordura, enrolado como rosquinha, às vezes em forma de ferradura (meia lua)? Já ouviu falar em CHIPA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

070. BEIJÚ

... tipo de pão feito com polvilho ou farinha de mandioca com queijo e banha que se faz na frigideira? Já ouviu falar em BEIJÚ? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

071. CURAU/CANJICA

Que nome se dá a uma papa cremosa feita milho verde ralado, polvilhada com canela? Se desejar, pode por coco ralado. Pedir para descrever a forma de fazer o doce. Já ouviu falar em CURAU/CANJICA? Qual a diferença entre os dois pratos (se mencionadas as duas respostas)? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

072. CANJICA/MUNGUZÁ

Que nome se dá àquele alimento feito com grãos de milho branco seco, leite, coco e canela? Pedir para descrever a forma de fazer o doce. Já ouviu falar em CANJICA/MUNGUZÁ? Qual a diferença entre os dois pratos (se mencionadas as duas respostas)? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

073. AGUARDENTE (ALERS 604)

Como se chama aquela bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? Você conhece outros nomes para _____? Já ouviu falar em PINGA/ CACHAÇA/ CANINHA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

074. TERERÉ (ALF-BR PY 148)

Como se chama aquela bebida refrescante, feita com erva-mate e água gelada que se toma com uma bombilha? Você conhece outro nome para _____? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

075. MATE/CHIMARRÃO (ALF-BR PY 149)

E se a bebida for feita com erva-mate e água quente, e às vezes com ervas medicinais? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em MATE/CHIMARRÃO? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? E os tipos de ervas, são as mesmas para as duas bebidas? Que mais se mistura às ervas?

076. CUIA/ GUAMPA (ALF-BR PY 153)

E o recipiente feito de porongo/cabaça ou de chifre de boi, usado para tomar tereré? E para tomar mate/ chimarrão? Existe diferença entre esses recipientes? Usam o mesmo tipo para o tereré e o chimarrão? Você conhece outro nome para _____? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

| |
|------------------------|
| 13. VIDA URBANA |
|------------------------|

077. SINALEIRO (ALiB 194)

Na cidade, o que se costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em SINALEIRA/ SEMÁFORO/ FAROL/SINAL? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

078. LOMBADA (ALiB 195)

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os outros carros diminuírem a velocidade? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em QUEBRA-MOLAS? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

079. ROTATÓRIA (ALiB 198)

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em RÓTULA/ ROTUNDA/ROTATÓRIA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

080. BOLICHO/BOTECO (ALiB 202/ ALERS 605)

... um lugar pequeno e rústico, com um balcão, onde os homens costumam ir beber _____ (cf. *item 072*) e onde também se pode comprar alguma coisa? Esse lugar é mais comum em periferia. Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BOTECO/ BOLICHO / BODEGA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

081. SESTA (ALF-BR PY 151)

Como se chama aquela hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam e tiram uma soneca? Você conhece outro nome para _____? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

14. BRINQUEDOS E DIVERSÕES**082. BOLINHA DE GUDE** (ALERS 513)

Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em BOLINHA DE VIDRO/BOLITA/ BURQUINHA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (PETECA/ e como chama aquele brinquedo feito de couro com penas que se joga com a mão?)

083. CABRA-CEGA (ALiB 161)

... uma brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar outras? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em PATA-CEGA/ GATA-CEGA/ GATO-CEGO/ COBRA-CEGA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

084. PAPAGAIO DE PAPEL (ALERS 515)

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha? Você conhece

outro nome para _____? Já ouviu falar em PANDORGA/ PIPA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani?

085. AMARELINHA (ALERS 525)

E a brincadeira que as crianças fazem uma figura no chão, formada por dez quadrados numerados, com um céu e um inferno? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em MACACA/SAPATA/CARACOL? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

086. ESTILINGUE (ALF-BR PY 181/ ALERS 504)

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos? Você conhece outro nome para _____? Já ouviu falar em FUNDA/ BODOQUE/ SETRA/ATIRADEIRA/BALADEIRA? Conhece um nome para isso em Espanhol? E em Guarani? (PETECA/ e como chama aquele brinquedo feito de couro com penas que se joga com a mão?)

III - SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS E LENDAS

089. SORTE E AZAR (ALF-BR PY 182)

As pessoas costumam acreditar em coisas que dão sorte e que dão azar. O que acha que dá sorte? E azar?

090. SIMPATIAS (ALF-BR PY 183)

Quais as simpatias que conhece?

091. LENDAS E MITOS (ALF-BR PY 184)

Quais as lendas, histórias que são contadas, sobretudo pelas pessoas mais idosas, que você (o senhor) conhece?

092. APARIÇÕES E “CAUSOS” (ALF-BR PY 185)

Fale sobre aparições e causos interessantes aqui da região.

IV – NARRATIVA

1. Conte sobre o dia mais feliz da sua vida.
2. Conte sobre algum caso acontecido aqui na fronteira que o Sr. (a)/ você ouviu falar e nunca se esqueceu.

V – TEXTO PARA LEITURA**PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO**

Um homem tinha dois filhos. O mais moço disse a seu pai: Meu pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os haveres.

Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente.

Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria.

Foi pôr-se ao serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar os porcos.

Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Entrou então em si e refletiu: Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância... e eu, aqui, estou a morrer de fome!

Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados.

Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.

O filho lhe disse, então: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés. Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa.

Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado. E começaram a festa.

O filho mais velho estava no campo. Ao voltar e aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um servo e perguntou-lhe o que havia.

Ele lhe explicou: Voltou teu irmão. E teu pai mandou matar um novilho gordo, porque o reencontrou são e salvo.

Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele.

Ele, então, respondeu ao pai: Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos.

E agora, que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo!

Explicou-lhe o pai: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.

Convinha, porém, fazermos festa, pois este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado.

Parábola do Filho Pródigo. Lucas 15, 11-32.

(<http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-lucas/15/#.UVM1HReko5g>)

APENDICE D

Questionário Morfositático – Qms

I – ARTIGOS**Artigos antes de nomes próprios**

001. Tem filhos / irmãos? Como se chamam? O que eles fazem? (ALiB 001)

002. Poderia dizer o nome de alguns amigos, vizinhos? Com quem costuma falar mais? (ALiB 002)

II – ADJETIVO

003. GRANDE / PEQUENO (ALiB 021)

Estas duas casas (*mostrando o desenho de duas casas, uma grande e a outra pequena*) têm o mesmo tamanho? A primeira é como? E a segunda? Poderia comparar as duas casas em termos de tamanho?

III – PRONOMES**Pronomes Pessoais**

004. EU / MIM (ALiB 023)

Alguém pede para você / o(a) senhor(a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, você / o(a) senhor(a) diz: essa tarefa na verdade é para ____ fazer. [Vamos supor que você / o(a) senhor(a) precisa distribuir três tarefas para três pessoas. Por exemplo: a limpeza é para alguém fazer, a roupa é para outra pessoa lavar e a terceira tarefa (...) é para você / o(a) senhor(a). Como você / o(a) senhor(a) diria?]

005. TU/ VOCÊ (ALiB 024)

Quando você vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

006. TU/ VOCÊ / A GENTE indeterminado (ALiB 025)

Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]

Pronomes Possessivos

007. TEU/ SEU (relação inquiridor-informante) (ALiB 029)

De quem é isso? *Aproveitando os objetos que estejam presentes.*

008. TEU/ SEU (relação entre irmãos) (ALiB 030)

Você/ o(a) senhor(a) tem irmão/ irmã? E como diz para ele(a) que algo pertence a ele(a)?
“Oh, meu irmão, isso é ____ . [Oh, meu irmã, isso é ____ .]

Pronomes Indefinidos

009. MENOS/MENOS

Paulo tem muita força e Luis tem pouca força. Podemos dizer: “Paulo tem mais força que Luis. Luis, pelo contrário tem _____ força do que Paulo”.

APENDICE E

Questionário Atitudes Linguísticas

- 1) Qual sua opinião sobre o castelhano/espanhol falado no Paraguai?
- 2) Qual sua opinião sobre o castelhano/espanhol falado no Brasil?
- 3) Qual sua opinião sobre o guarani falado pelos paraguaios?
- 4) Qual sua opinião sobre o português falado no Paraguai?
- 5) Existem pessoas que falam diferente aqui? Quais? Poderia nos dar exemplos?
- 6) Existem diferenças entre o português falado no Brasil e no Paraguai?
- 7) Das línguas faladas na fronteira, qual você acha mais agradável de ouvir? Por quê?
- 8) Na sua opinião, existem línguas feias/desagradáveis ou piores que as outras? Poderia nos dar exemplos?
- 9) Tem dificuldade de entender os paraguaios? Em quais circunstâncias?
- 10) Tem dificuldade de entender os brasileiros? Em que situações?
- 11) É verdade que as pessoas, aqui na fronteira, misturam as línguas na comunicação diária? Conhece um nome para a mistura do espanhol com o guarani? E para a mistura de espanhol e português? **Saberia dar exemplos?**
- 12) Que língua as crianças aprendem na escola? E na família?
- 13) O que acontece na escola com as crianças que falam diferente?
- 14) Que língua falam os professores? Eles falam mais de uma língua?

15) Existe o ensino de **espanhol** (em localidade brasileira)/ **português** (em localidade paraguaia) nas escolas públicas aqui? E do guarani? Considera necessário esse tipo de ensino?

16) Como é o seu relacionamento com os moradores de _____? (dependendo da localidade da entrevista)

17) Há algum tipo de rivalidade entre os brasileiros e os paraguaios? Quais? Em que momento?

18) Tem amigos paraguaios (para brasileiros) / brasileiros (para os paraguaios)? Como considera essa amizade? É sincera?